

REVISTA DA SEMANA

ESTE NÚMERO:

- ★ REPORTAGENS
- ★ CONTOS
- ★ HUMORISMO
- ★ ATUALIDADES
- ★ HISTÓRIA
- ★ CINEMA
- ★ RADIO
- ★ TEATRO
- ★ ARTIGOS DIVERSOS

Edição especial do
**SUPLEMENTO
DA MULHER**

**MODELOS
A CÔRES**

**EDIÇÃO DE
ANIVERSÁRIO**

N.º 25 — 18-6-49

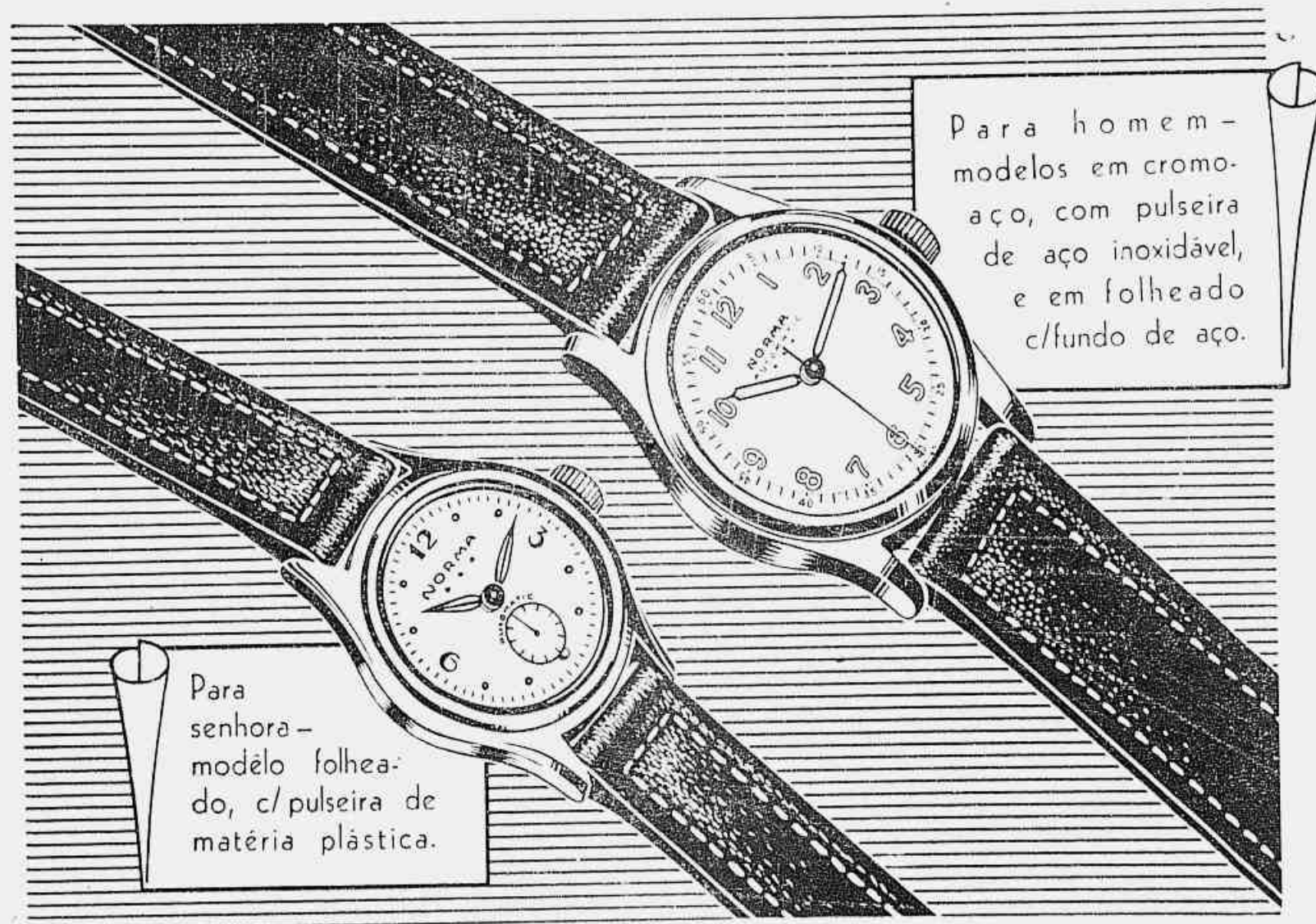
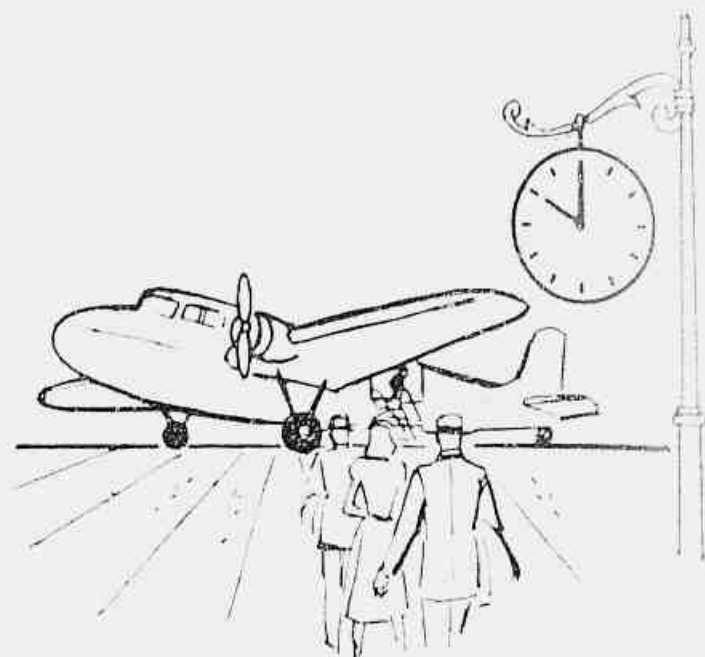
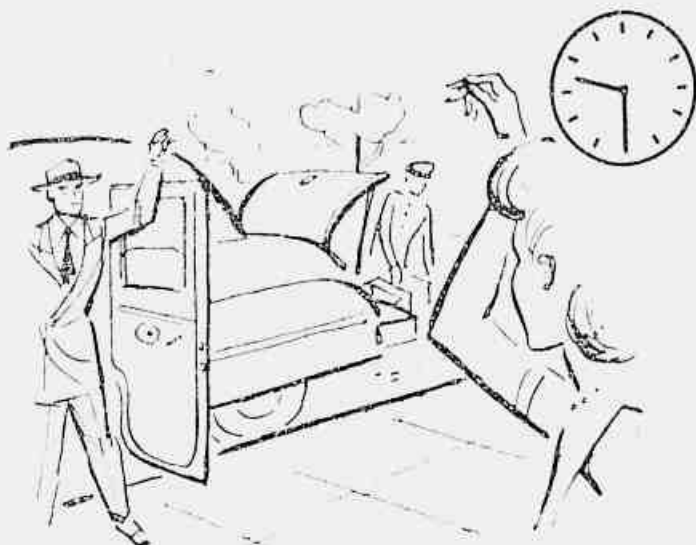
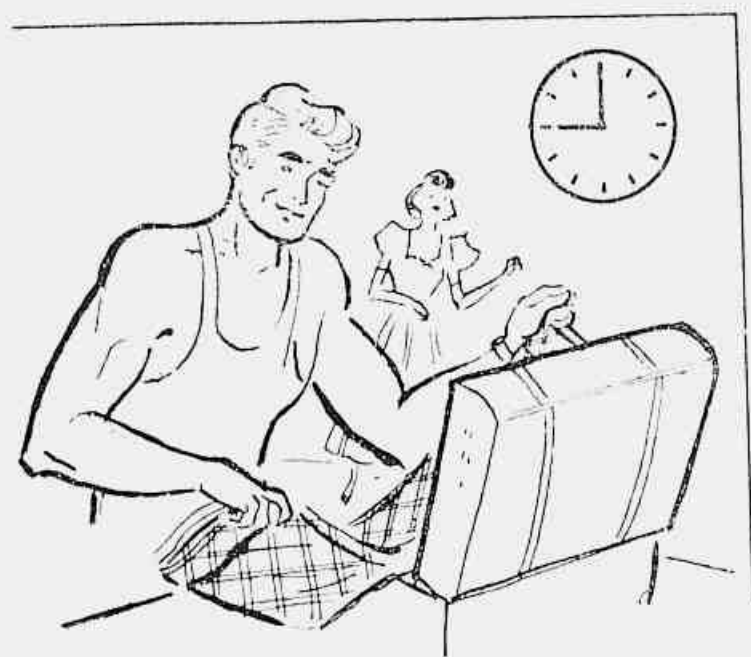
Preço
Cr\$ **5,00**
em todo o Brasil

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



Regule *AUTOMATICAMENTE* o seu tempo com

NORMA AUTOMATIC



Para homem -
modelos em cromo-
aço, com pulseira
de aço inoxidável,
e em folheado
c/fundo de aço.

Para
senhora -
modelo folhea-
do, c/pulseira de
matéria plástica.

Quase um século de prática e aperfeiçoamentos contínuos permitiu à Fábrica NORMA realizar um relógio de corda automática, pelo aperfeiçoamento de um princípio revolucionário na história da relojoaria: — "o automático circulante". Com este notável avanço técnico você regulará seu tempo automaticamente, com um relógio que além de ser automático, é ainda impermeável, contra-choque, antimagnético (balanço de berillium) e preciso — 17 rubis.

Escolha no Relojoeiro o seu

NORMA

AUTOMATIC

UM RELOGIO SUÍÇO COM AUTOMATICO CIRCULANTE

GRÁTIS - Peça ao seu relojoeiro ou à Cx. P. 1861, Rio - o útil folheto "Como dar vida longa ao seu relógio".

Nome:
Endereço:
Cidade:
Estado:

A 20 DE MAIO DE 1900...

AINDA ressoavam aos ouvidos do povo brasileiro os ecos das comemorações da passagem do século, quando, a 20 de maio de 1900, surgia o primeiro número da REVISTA DA SEMANA. Aquele tempo as luzes do famoso século XIX, o mais fecundo de quantos já rolaram sobre a Terra, indicavam à humanidade os caminhos do progresso científico, os ditames da democracia, os fulgores em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Ao Brasil havia reservado o Destino glórias imortais nos albores do século novo. Nação jovem na estrada das experiências políticas, com o barrete frígido substituindo a coroa imperial apenas com onze anos, seus maiores filhos se inscreveram entre os grandes nomes da humanidade, pelo saber, pelo patriotismo, pelo esforço na direção do progresso.

Santos Dumont, como novo Ícaro que vencida o Sol, oferecia ao século XX a conquista dos espaços; Ruy Barbosa, na mais famosa assembléia de quantas tem presenciado o mundo, vence os maiores adversários delegados das grandes potências e coloca o Brasil tão alto que, de Haia, todo o mundo o vê. Sua eloquência de novo Cícero assombra os povos, e na seara do Direito outros postulados são inscritos como norma de conduta entre as nações. O Rio de Janeiro, que até a primeira década de 1900 era cidade entregue às mais perigosas endemias, transformou-se pelo milagre destes taumaturgos brasileiros: Passos, Lauro Muller, Osvaldo Cruz, Rodrigues Alves.

E os anos rolavam...

Em 1910 assistiu o mundo inteiro ao maior drama entre dois descobridores e nautas intímatos: Scott e Amundsen. Um, inglês, navegador sem medo das traições marítimas, capitão experimentado nos embates das tormentas dos sete mares. O outro, norueguês, arrojado como um **viking**, para o qual os oceanos não tinham mais segredos.

Um dia ambos se aprestaram dispostos a esta empresa ainda não realizada, tûmulo de muitas tentativas, sorvedouro de vidas, cemitério de heróis: o descobrimento do Polo Sul.

Da Inglaterra saía Scott; da Noruega partia Amundsen. A mais impressionante maratona pelos mares e através de Saaras de gelos eternos, empolgou o mundo inteiro.

E após meses e meses de caminhada em busca do Polo Sul, Scott o descobriu... mas já lá estava desfaldada a bandeira do seu competidor! Agora, só faltava sucumbir no regresso. Prevendo sua morte, o valente capitão, desiludido de chegar ao navio da expedição, já tendo perdido vários companheiros na longa e branca trajetória a 45 graus negativos, escreveu estas últimas palavras do seu diário: "A minha esposa... Não, à minha viúva"...

Os olhos do mundo se voltaram para aquêle tûmulo de neve e gelo, onde ficara o corpo de um herói que mesmo morrendo, não foi vencido. E avançava o século XX.

Apesar de tôdas as conquistas de Haia, os canhões das esquadras, as baionetas dos exércitos voltaram a rugir em Pôrto Artur, em Tripoli nos Balcãs...

Coroas rolaram, reis caíram assassinados, tumultos político-partidários nutriam as paixões entre os homens na preparação insidiosa e fatal de grandes convulsões que voltavam a ameaçar o mundo.

E a primeira grande guerra rebentou. A França vencida em Sedan, jamais se esquecera da derrota e alimentava a esperança de "revanche". Poderosa e armada, a Alemanha que robustecia sua inclinação marcial pela escola da Prússia com as teorias de Bismarck, desafiou o mundo. A voragem da guerra total foi arrastado o Brasil. Venceram os aliados, em cuja companhia estávamos. Novo Congresso de paz. Novamente o Brasil se fez ouvir pela bôca de outro grande jurista: Epitácio Pessoa. Mas o mundo não se entendia e veio nova guerra, desta vez mais pavorosa e mais destruidora. Trinta milhões de vidas foram sacrificadas em todos os continentes.

E o mundo rolava. Na política interna tivemos várias revoltas para acertar com o melhor caminho para a nacionalidade. Choques militares, lutas políticas, pronunciamentos. E veio a Ditadura. Quinze anos de experiência. Estávamos numa encruzilhada, até que retomamos novamente a trilha semi-apagada dos princípios democráticos. E vamos novamente a cambalear, às apalpadelas como criança que aprende a dar os primeiros passos, enfêrmo exangue que se levanta do leito.

Durante êste quase meio século de nossa existência, a REVISTA DA SEMANA tem sido a espectadora de outros acontecimentos memoráveis. Um deles foi a proeza física da desintegração do átomo, episódio que desmentiu a Filologia. **Átomo**, em grego, significa corpo indivizível, que não pode ser fragmentado. O outro foi a descoberta do "Radio Detecting and Ranging", ou seja o assombroso aparelho que tomou o nome contracto de "Radar", formado daqueles quatro acima: **Ra** (de Radio), **D** (de Detecting), **a** (de and) e **R** (de Ranging). O princípio científico dessa conquista dos ingleses é êste: as ondas de rádio, encontrando qualquer obstáculo sólido, sofrem reflexão. O aparelho transmite ondas, intercepta, registra e mede as refletidas!

Leitor amigo: com êste número de mais um aniversário da REVISTA DA SEMANA, dirijamos nossos pensamentos na direção do Bem, da Fraternidade Universal, e confiemos no prêmio que o Destino jamais negou aos povos que trabalham e que pensam na imortalidade do Bem.

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES

A 20 de maio de 1900...	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9

REPORTAGENS

Porto-riquenha... mas de Nova York	4/6
Os leques, mensageiros do amor (Milton Pedrosa)	52/56
Vida de cigano na Inglaterra	58/61
Vições africanas (Pimentel Gomes)	64/67

CARICATURA

A escolha (Théo)	7
Bom humor	21
O mundo manca e a mula murcha	94

LITERATURA

Vida Literária (E. Catete Reis)	20
Um ano de literatura (Raul Lima)	22

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
-----------------------------------	-------

TEATRO

Deslumbramento (José Fomm)	19
----------------------------	----

NOVELA

Crucificada (Anita Lugo)	24
--------------------------	----

RÁDIO

Broadcast	25
-----------	----

SUPLEMENTO FEMININO

Nas bastidores femininos	26
Temporada do Municipal	28/29
Penteados modernos	31
Os problemas da mulher (M. Mercedes Santos)	32
Detalhes e novidades	33
De Hollywood	34
Meninas	35
Mães e filhos	35
Manteaux	36
Os novos tailleurs	37
O amor é assim	38
Interiores	38
Robes	72
Tarde	73
Chapéus de Paris	75
Cocktails	76
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	77

CONTOS

A voz do outro (Yolanda C. R. Lorenzato)	30
Vida de jornal (Mário L. Erbolato)	51
O professor de virtudes (Carilindo Cerqueira)	62
A enchente (José Oliveira Nunes)	71

CINEMA

Projetada na tela a vida de Joana D'Arc (Leon Eliachar)	40/46
Joana D'Arc (descrição do filme)	47/49

ARTES PLÁSTICAS

Jack Bilbo, um escultor filósofo (Angelus Ravel)	57
--	----

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	80
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	81
-----------------------------------	----

MÚSICA

Ballet Grete Wiesensthal (R. Lyra Filho)	89
--	----

FOLHETIM

Scarlet	93
---------	----

COLABORAÇÃO

Uma receita histórica (Igneiz Mariz)	10
Quatro séculos numa tarde (Pedro Calmon)	95/98

NOSSA CAPA

Detalhe do desfile histórico da Bahia nas festas do seu 4º centenário de fundação, representando uma cena de galantaria no século XVIII, teatral e faceira. O par do minueto continua a dançar a gentileza dos namoros delicados que se vêem nos painéis de azulejos.





Norma e sua mãe. Duas fisionomias felizes contemplando a cidade que se movimenta. Ambas gostaram muitíssimo do Rio e dos cariocas, não encontrando termos para expressarem sua gratidão

PORTO-RRIQUENHA, MAS DE NOVA YORK

À CARREIRA ARTÍSTICA DE NORMA CALDERON NUM LIGEIRO ESBOÇO... ★ RAZÃO DE SUA AUSÊNCIA DOS FILMES EM QUE XAVIER CUGAT PARTICIPOU ★ COMO PASSOU SEU ANIVERSÁRIO NATALÍCIO NA CIDADE MARAVILHOSA ★ ★ Reportagem de LUIS MORENO



Pausa para a meditação. Não se trata do programa de Júlio Louzada, e sim, o momento de descanso em que a querida "estrela" contempla as areias de Copacabana, já suas conhecidas através do gostoso samba que Dick Farney interpretava ao microfone da N. B. C.

A vida começou para Norma Calderon numa friorenta manhã do mês de junho de mil novecentos e vinte e nove. Hoje, embora decorridos vinte anos, seus pais recordam essa data como se fosse ontem. Nova York amanheceu envolvida pela neve. Num de seus gigantescos arranha-céus, acompanhando o tic-tac nervoso do relógio e preso à ansiedade que lhe dominava completamente o ser, o cidadão Alberto Calderon aguardava a palavra final da enfermeira, a quem cabia dizer qual a surpresa que lhe reservara a cegonha. E quando esta surgiu à porta, o nosso herói atirou-se-lhe aos braços, curioso de conhecer o sexo da criança. Fôra uma menina, disse-lhe sorridente a enfermeira.

Mas só dezessete anos depois, quando o mundo vinha de sair de uma tremenda guerra, é que começou a vida artística dessa criança. Apegada à própria inclinação do pai — músico da orquestra de Xavier Cugat — Norma Calderon sentiu despertar-lhe a vocação pela música, tudo fazendo para participar do mesmo conjunto orquestral. Isto atendendo as qualidades de que era possuidora. Dançava como poucas; cantava com bastante propriedade as melodias latino-americanas; dispunha de admirável plástica a par de excelente bom humor. Por isso, seguindo a promessa do próprio Xavier Cugat, que sabia ser pessoa acessível, instou junto a ele, convencendo-o de que era chegado o momento de ser aproveitada como "crooner" de seu famoso conjunto. O Rei do Jazz concordou. Deu-lhe a oportunidade ambicionada. Nova York em péso, através de seus diferentes centros de atração, aplaudiu a nova sensação. E' que Norma Calderon, com um jeitinho todo seu, deixou em bramas o coração dos habitués da Broadway, chamando a atenção dos críticos yankees para sua presença. Estava, portanto, vencida a primeira e difícil etapa. Restava prosseguir. Foi o que fez a graciosa filha de Alberto e Pura Calderon.

Crooner da mais endiabrada orquestra da atualidade, sua atuação despertou a cobiça dos magnatas de Hollywood. Perdê-la à frente da camera não era possível. Daí sua inclusão em "Filha de Netuno", película a ser exibida

brevemente entre nós. Cantando e dançando, Norma Calderon aparece ao lado de Esther Williams e Ricardo Montalban, duas figuras importantes da meca do cinema.

Aviso aos que estranharam sua ausência nos filmes em que Xavier Cugat e sua orquestra trabalharam: a simpática "estrelinha" tem dois anos de atividade nesse conjunto, ao passo que a mais recente produção cinematográfica em que o mesmo aparece, e que nos foi dado assistir, data de há três anos atrás.

Aparecendo pela primeira vez num celulóide da marca do Leão, Norma Calderon revela qualidades apreciáveis para a camera, motivo de Hollywood a ter escolhido para novas filmagens. Desta primeira, porém, guarda as mais gratas recordações, independente de considerarmos o acontecimento máximo de sua curta mas brilhante carreira artística. Ela sentiu-se surpresa ao ver-se diante da gigantesca maquinaria que o cinema utiliza para confeccionar suas películas, não podendo esconder a grande emoção que lhe ia na alma. Agora, porém, já se encontra familiarizada com os cameramen e não mais se assusta com a aparelhagem...

Em "Filha de Netuno" a bonita artista atrai os olhos dos espectadores interpretando e dançando o número de maior sucesso do repertório de Xavier Cugat, esse "caliente" e buliçoso "Cuanto le gusta". Trata-se de uma conga recebida com agrado geral pelo público novayorkino. Aliás, nos diversos países sul-americanos em que Norma Calderon se exibiu, "Cuanto le gusta" abafou completamente.

O pitoresco na vida de Norma Calderon está na sua própria nacionalidade. A maioria de latino-americanos considera-na portorriquenha quando, na realidade, ela é novayorkina. Acontece, porém, que, não sendo do contrário, deixa correr as coisas à vontade. Querem-na natural de Porto Rico, que lhe importa que assim o seja? No fim das contas, tanto Nova York como Porto Rico ficam no continente americano.

Bastante jovem, uma vez que acaba de completar vinte primaveras, ela é francamente da praia. Gosta de brincar



Uma saudação à REVISTA
DA SEMANA, como fim
de agradáveis momentos



tôdas as manhãs, após um sono reparador das energias gastas, Norma Calderon vai buscar nas ondas de Copacabana, novas e reconfortantes forças. Seu corpo moreno beijado pelas águas bulicosas da mais linda prala do mundo

com as areias de Copacabana, já suas conhecidas, através do delicioso samba que Dick Farney interpretava ao microfone da NBC. Quando os ensaios não a prendem, Norma Calderon mete um big maillot e vai gozar as delicias do banho de mar, na mais linda e encantadora praia da Cidade Maravilhosa. Assim aconteceu no dia de seu aniversário natalício. Preferiu ouvir o marulhar das ondas, sentindo o frescor da água salgada, a escutar o costumeiro "happy burnes".

Quando lhe pedimos impressões sobre o Rio, a crooner de Xavier Cugat disse não encontrar palavras para expressar tôda sua admiração pelo que lhe estava sendo dado apreciar. E, num castelhano arrevezado, afirmou-nos achar o povo carioca muito simpático, mostrando-se encantada pelo acolhimento recebido. Lamentou a curta permanência entre nós, tamanhos os compromissos assumidos pelo outfit a que pertence. Mas quando se lhe apresentar uma oportunidade para rever a nossa terra ela não a perderá. Ainda mais — o Rio, com sua paisagem deslumbrante e suas praias inundadas de luz. Ela pretende ficar freguesa...

★

A sorte é fator primordial na carreira de uma "estrêla". Sem esta, jamais o artista consegue transpor os umbrais da fama, permanecendo esquecido e ignorado do grande público. Daí sondarmos a inteligente crooner a êsse respeito. Tal como Xavier Cugat, ela é dotada de excelente humor, procurando fazer blague dos assuntos mais sérios. Por isso, foi sem espanto que a ouvimos garantir sua sorte no jôgo. Não há roleta que consiga levar a melhor... Tôdas as vèzes que arrisca uns cobres no pano verde é para obter lucro certo. Quanto ao setor artístico, basta computar a importância que lhe paga o band-leader catalão. Só mesmo muita sorte, embora com estas palavras não estejamos diminuindo seu mérito artístico.

Norma Calderon considera Xavier Cugat, como diretor e como amigo, uma das melhores pessoas do planeta. Sempre atencioso, pilheriando com os que compartilham de seus sucessos, ele é uma criatura rara, tais os predicados que possui. Também os componentes de seu famoso conjunto procuram atendê-lo nas menores solicitações, inclusive ela, cuja responsabilidade sobre a aceitação dêste ou daquele número muito lhe cabe. Por isso, nas horas de ensaio ela se entrega, completamente, à própria arte, deixando lá fora suas preocupações e seus compromissos.

... depois, a banheira. E' nêsse recanto que a objetiva indiscreta vai focá-la, revelando uma póse não estudada. A "crooner" de Xavier Cugat sorri... Um sorriso franco e contagiante, próprio da juventude que floresce



A esquerda: Quando ela surge no palco, pernas de fora, bamboaleando os quadris ao ritmo nervoso de uma conga, não há quem deixe de soltar um prolongado "flu... flu..." Também, com essa carinha e êsse corpo...

A ESCOLHA



★

Jeca —

Todo mundo diz que eu devo
Escoiê o sucessô

Do atuar presidente,
Mas há tantos pretendente
Que a gente fica maluca,
Com a tar das inleição!

Como é difíci escoiê!

Puxa, meu Deus, que sinuca!

Nessa história eu tô metido
Como no credo o Pilato...
De letras pouco entendido,
Tendo em vorta os candidato,
Cada quá com o seu partido,
Onde é que eu pará?!

Como é que eu vou sabê,
Entre tantos P. P. P.

Em que é que eu vou votá?!

★



JP /
strea



DENTRE os assuntos mais importantes à nossa vida de nação emancipada e em luta permanente para a conquista do progresso, estão os de natureza nitidamente econômico-financeira. Pensam erradamente aqueles que julgam não ser o povo brasileiro simpático a estudos de economia ou não acompanhar as estatísticas sobre a situação do país em relação ao seu comércio externo, sua balança de negócios, sua posição financeira perante os outros países. Já se disse e provou que as convulsões políticas se alimentam dos fatos econômicos, e no Brasil é conhecida aquela frase de João Neves em relação à vitória da Aliança Liberal graças ao "general Café".

Por uma coincidência de nomes estamos assistindo a uma ebulição de caráter sensacional e que repercutiu por todo o território brasileiro, ecoando no exterior e desta vez graças ao poder verbal de um tribuno e político brasileiro, o sr. Café Filho, um dos nomes mais destacados de nosso Legislativo Federal.

O Sr. Café Filho, lendo da tribuna da Câmara dos Deputados a carta do Sr. Ministro Correia e Castro ao Sr. Snyder Secretário do Tesouro Norte Americano, desencadeou por todo o nosso país uma borrasca de proporções extraordinárias.

De norte a sul e de leste a oeste, todo mundo comenta o discurso do parlamentar riograndense do norte e tira suas ilações.

A posição do nosso Ministro da Fazenda se colocou num ângulo muitíssimo difícil e o deputado potiguar, sem que fosse ne-



Deputado João Café Filho
(Rio G. do Norte)

cessário comentar, censurar ou atacar a atitude do Sr. Correia e Castro, apenas ao ler para a Câmara aquele documento infeliz, estava transmitindo ao seu autor a perplexidade de todo o nosso povo.

Essa literatura missivística já tem causado as maiores inquietações ao nosso país, e somente podemos respirar desafogadamente quando os seus autores vêm a público e a desmentem ou retificam. Mas, no caso atual, para nossa tristeza, o Sr. Ministro da Fazenda não teve possibilidades para atenuar a situação que criou com a citada confidência aos nossos amigos do Norte.

Toda a imprensa nacional, todo o povo, até senhoras infensas a questões desse porte, comentam o episódio.

O deputado Café Filho divulgando o documento prestou grande serviço ao nosso país, não pela censura que envolve o autor da carta, mas para fazer que a nação acorde e trabalhe, reagindo consigo mesma, salvando-se pelos seus próprios esforços. O deputado Café Filho divulgou de forma sensacional um documento que, embora já conhecido e até publicado, não tivera antes o mesmo efeito.

Foi este sem dúvida o maior fato da semana tanto que o Sr. Ministro Correia e Castro, em carta ao Presidente, insistiu por sua demissão. Irrevogavelmente, pois antes já a pedira tendo sido denegada. Diante da irrevogabilidade do pedido o Sr. General Dutra concedeu a demissão.

a SEMANA EM REVISTA

FALAR FRANCÊS

Não sei se o leitor conhece esta expressão: "Falar francês", no sentido de alguém se explicar, de uma pessoa que tem que pagar uma importância e não se explica. "Falar francês" quer dizer, enfim: "Como é? Paga ou não paga?". Mas, como tudo sucede nos Estados Unidos, a atriz francesa Denise Darcel está propondo divórcio judiciário contra seu esposo William Crosby Shaw, simplesmente pelo fato de este não compreender francês e ser um cidadão absolutamente infenso ao trabalho. Além de tudo isso, motivo bastante para a concessão legal da separação completa dos corpos e dos destinos pela arrebentação do vínculo matrimonial, o impassível William diz que não tolera o francês falado pela esposa. Língua que muito o irrita. Não sabemos se esse Mr. Shaw é parente de Bernard Shaw, o grande humorista; mas, se não for, faz honras ao nome. Mr. William é, como qualquer cidadão deste mundo, uma pessoa cujos ouvidos se irritam quando lhe entra pelos tímpanos a expressão "falar francês". E para evitar essa amolação de estar a ouvir falar francês, ele emperra como cabrito forçado a atravessar riacho e não estuda a bela língua da esposa Denise. Ela fica raivosa, estribeira, bate com o pé, grita nas bochechas de Shaw que ele é um preguiçoso, um inútil que não quer aprender o formoso idioma de Anatole, de Hugo e Lamartine. Mas ele sempre ouviu dizer que essa história de falar francês pode trazer complicações e disso até sai briga. Não se casou com ela para amofinar-se no trabalho e ainda ter de aprender francês. Casou-se com ela porque era atriz e ganhava tanto que dava para ambos. E cabia a ele perguntar-lhe: "Como é? Fala ou não fala francês, p'ra mim?"...

O DIA DOS NAMORADOS

Há nos Estados Unidos um dia no ano que se caracteriza pela jovialidade dos elementos que o comemoram. Trata-se do "Dia dos Namorados" que ali tem o engraçado nome de "Valentine's Day", ou dia do Valetino ou da Valentina. Seja como for, esse nome é simbólico para todos os namorados norte-americanos, sejam eles Mary, Robert ou John. E no Brasil? Já se pensou também em dedicar um dia aos que se amam e ainda não tiveram coragem de casar? Já, sim. Em S. Paulo, no ano passado, o doze de junho foi dedicado aos namorados e o sucesso foi empolgante. O comércio se aliou às comemorações e os namorados remexeram os bolsos para os presentes respectivos às suas divas; elas, por sua vez, também retribuíram, de forma que tudo se passou na maior alegria. E é até possível que muitas alianças tenham surgido depois daquela "valentina". Dizem que no Rio vamos comemorar o dia dos namorados, e quando esta revista estiver em circulação já o evento deverá ter sido realizado com toda a pompa e galhardia. O Amor, tudo pode, como diziam os antigos romanos naquele latínório, "Amor omnia vincit". Se assim é, nada mais fácil do que o nosso comércio imitar o dos Estados Unidos e repetir o que já se faz em S. Paulo e exibir lindas vitrinas cheias de decorações cordiais, mas que não proporcionem aos namorados fracos de coração e de bolso colapsos cardíacos. O "Dia dos Namorados" no Rio de Janeiro foi fixado em 12 de junho de cada ano, véspera de Santo Antônio, o bom e paciente santo que sabe transformar simples namoricos em sólidos e felizes "conjugos vobis" após alguns presentes simpáticos... Que se firme esse belo dia!

CORRESPONDÊNCIA COMERCIAL

O Instituto Técnico Comercial, órgão do Departamento Nacional do SENAC, está lançando por todo o País uma campanha muito oportuna e de maior utilidade. Trata-se de simplificar e racionalizar os nossos hábitos em correspondência comercial. É curioso como ainda hoje muitas casas comerciais, firmas industriais e até bancos, conservam em seu estilo de correspondência mercantil os mesmos costumes que os primeiros negociantes portugueses para cá trouxeram. Desde o tratamento cerimonioso e até ridículo, como o de V. Excia. quando a firma é de uma senhora, até ao fecho das cartas com uma série de rapapés e termos mutilados, símbolos de uma era já considerada arcaica. Há cartas que começam com ilustríssimos (lmos.) Senhores (Srs.), seguindo-se subtítulos como digníssimos (dds) e mais isto: Prezados Senhores. E' como quem vai fazer um discurso acadêmico aí por algum palco de cinema de interior e tem que saudar as autoridades, o coronel chefe político, a esposa, os filhos, etc. Esse sistema de correspondência termina também como principiou: cheio de resumos enigmáticos, abreviaturas misteriosas e indecifráveis, como estas: "ats. obs. dvs. adms." e coisas que tais. E' preciso que se saiba que estamos numa época de mais simplicidade e objetivismo comercial. Nada de saudações à século XVIII. Princípio simples e lógico, e um final também sóbrio e simples. Do contrário vemos repetidos aqueles casos muito engraçados do comerciante que comunica ao cliente que "teve o prazer" de "mandar a protesto a duplicata" e se assina "com os protestos da mais alto estima e consideração, amº atº obrº"... Que prazer, hein?...

UMA LIÇÃO DA BAHIA

Informam pessoas vindas do Salvador, confirmando notícias divulgadas pela imprensa desta capital, que a administração Mangabeira está tomando forma de memorável lição ao restante do País, especialmente ao nosso Distrito Federal, no que diz respeito ao custo da vida. Já hoje ninguém pode contestar que é mais fácil saber-se qual a situação financeira do Brasil do que o preço da batata, da carne verde, do leite e da manteiga daqui a uma semana. É inútil e causa verdadeira aflição no povo carloca a discussão infrutífera de Comissões de Preços, a imposição de tabelas máximas, etc. Sempre que se fala numa reunião de negociantes e de membros das Comissões de Preços, pode escrever que os gêneros vão subir; quando o governo determina um reajustamento de ordenados, no dia seguinte sobem as passagens, os alugéis, as pensões cobram mais caro, os hotéis elevam as diárias... Uma tragédia. De quando em quando vêm a público os dissídios coletivos. Empregados e operários que pedem aumento de salário. Grita-se que ninguém pode viver com os vencimentos atuais que já vêm aumentando de tempos a tempos. Para fazer face a tais subidas e agravamento das folhas de pagamento, os patrões recorrem à majoração da mercadoria que vendem. E continua a ciranda muito parecida com aquela figura mitológica do tonel das Danaides: quanto mais água elas lhe derramavam, mais ele se apresentava vazio. Não tinha fundo... O que devemos fazer é o que fez com a carne o governador Mangabeira: farta produção e ausência de monopólios. Da concorrência resultou baixar o preço da carne na Bahia a um nível de nos dar água na boca...

O CLERO E A POLÍTICA

Realizou-se nesta capital, há poucos dias, a primeira Congregação Sinodal Plenária, no Consistório da Igreja do Carmo, sob a presidência do cardeal D. Jaime Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro. Para orientação do leitor pouco afeito a termos canônicos, devemos esclarecer que se dá o nome de Sinodo, na religião católica, às assembleias diocesanas, convocadas e presididas em particular, às assembleias diocesanas, convocadas e presididas canonicamente pelos bispos respectivos. O Sinodo não tem, entretanto, caráter legislativo, sendo mais de natureza consultativa. No caso atual, a Congregação Sinodal do Rio de Janeiro, teve por finalidade estabelecer normas de conduta do clero diocesano por finalidade estabelecer normas de conduta do clero diocesano em questões político-partidárias como quando seus elementos estiverem em férias, passeios e diversões. O secretário do Sinodo carioca, cônego Francisco Tapajós, fez longa exposição do ante-projeto e sobre as emendas relativas aos setenta princípios do clero e mesmo dos fiéis em geral. Um dos pontos mais importantes foi aquele que condena a participação do clero na política partidária. Ali está uma providência da Igreja Católica que só poderá trazer ao seu nome o maior prestígio perante o povo. Como todos sabemos, a política nacional sempre se especializou em processos desprimorosos, não se respeitando a honra, a dignidade, o brio do adversário. Entrou na política partidária, recebeu imediatamente o diploma de "inimigo do país" se é governista, e de "despeitado" se é da oposição. Parabéns ao clero. Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, permanece inabalável.

O APÓSTOLO DO BRASIL

A nove de junho de 1597 falecia na aldeia de Reritiba, no atual Estado do Espírito Santo, aquele que se chamou José de Anchieta. Descendente de família espanhola, nascido em 1533, veio servir no Brasil como missionário jesuíta, em 1558, mais ou menos. Aquele tempo reinava a mais acesa luta entre portugueses e os índios que se aliam aos franceses. Anchieta se meteu pela selva, visitou as oceras, levando a todos os selvícolas a palavra da concórdia, do estímulo, da fé. Desde os primeiros contactos com esse apóstolo, os índios aprenderam a respeitá-lo. Julgavam-no um enviado de seu Deus, um homem mais divino do que humano. Anchieta estudou os usos, os costumes, a língua dos aborígenes. Partilhava com eles de todas as suas desgraças, consolava os enfermos, curava-lhes os males físicos e os catequisava para a civilização que surgia nesta parte do mundo. Junto aos portugueses ajudou a expulsar os franceses e colaborou na fundação do Rio de Janeiro. Alcançando a famosa paz com os tamoios, tratou de completar sua obra civilizadora, levantando escolas, igrejas e hospitais. Nossa Casa de Misericórdia aqui na praia de Santa Luzia, é obra sua; em S. Paulo, fundou educandários e aldeias para os índios, habituando-os a fixar-se no solo e viver da agricultura, acabando com o hábito do nomadismo e das guerras inúteis entre as tribos e as hostilidades prejudiciais contra os colonizadores. No decurso de seu apostolado no Brasil, Anchieta escreveu o poema sacro "A Vida de Nossa Senhora". Deixou trabalhos históricos, linguísticos e de ciências naturais muito úteis ao Brasil. Reverenciemos sua memória e pegamos ao povo que não lhe deturpe o nome: é Anchieta (som de xis) e não Anquieta, como pronunciavam erradamente.

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 25 — 18-6-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano Cr\$ 140,00 Seis meses Cr\$ 70,00

Registrada — Um ano Cr\$ 170,00 Seis meses Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano Cr\$ 270,00 Seis meses Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Rua Visconde de Maranguape, 15. Endereço telegráfico "Revista" — Rio de Janeiro. Telefones: Gerência 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade 22-9570; Fotografia 22-1013; Portaria 22-5602. Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149. Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 57, tel. 4-1569. Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, a. 217, tel. 6-8718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Interpress", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais mesmo quando não publicados. Os trabalhos são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS



Não puderam chegar a nenhum acordo os quatro ministros das Relações Exteriores da Inglaterra, Estados Unidos, França e URSS em suas reuniões a portas fechadas em Paris. Continuam sombrias as perspectivas sobre a situação de Berlim. Processa-se um expurgo político na União Soviética, sendo eliminados mais de 300 mil membros do Partido Comunista Russo. Molotov é encarregado de cuidar da política soviética em relação à China. O Comité de Relações Exteriores do Senado norte-americano aprovou o Pacto de Defesa do Atlântico Norte. Os liberais da Colômbia ganharam as eleições contra os conservadores. Estabeleceu-se em Hong-Kong uma guerra de nervos em face das vitórias comunistas no sul da China. É transmitida pela primeira vez pela televisão operações cirúrgicas, cabendo a estréia à cidade de Atlantic City, nos Estados Unidos, acrescentando-se que a experiência foi em cores naturais, o que sucede também pela primeira vez. Anunciam de Nova York que uma firma dali aperfeiçoou uma borracha fria, o que permitirá a qualquer automóvel passar oito anos com o mesmo jogo de pneus rodando 75 mil milhas. O governo chileno responsabilizou os comunistas pelos acontecimentos tumultuosos do Chile. Cogitam de mudar o padrão da libra esterlina. Causa sensação na política nacional o discurso do senador José América sobre a sucessão presidencial. Volta a agitar o Legislativo o caso das refinarias de petróleo. Cai no mar das Antilhas um avião de passageiros, morrendo 53 pessoas. Estão avançando sobre Cantão as tropas comunistas. Foram assaltados por duzentos ferroviários grevistas os escritórios da Administração Ferroviária de Berlim sob direção soviética. Houve modificações no gabinete espanhol e Franco procura aproximar-se dos Estados Unidos e da América Latina. A Grã-Bretanha rejeitou um protesto da Polónia sobre a prisão de Gerhard Eisler. Falece o cardeal Suhard, de Paris, sendo realizadas exéquias em Notre Dame. Declara-se greve entre os estivadores do porto de Liverpool. Reunem em Blackpool, Inglaterra, um congresso trabalhista, sendo debatidas questões econômicas. Cessou a greve dos mineiros bolivianos. Despedaça-se de encontro ao pico de Cambirela, perto de Florianópolis, um avião do Exército nacional, morrendo tripulantes e passageiros em número superior a vinte. É assaltado em Roma o consulado do Brasil mas os ladrões não conseguiram arrombar o cofre nem levar valores ou documentos. Chega a Buenos Aires o navio-escola brasileiro "Almirante Saldanha". Causa sensação na Câmara a série de discursos condenando uma carta do ministro da Fazenda ao secretário do Tesouro americano, Mr. Snyder. Pede demissão da pasta da Fazenda o sr. Corrêa e Castro, mas o presidente da República lhe nega. Vishinsky muda de opinião e ordena ao comandante soviético de Berlim que entre em acordo com as potências ocidentais a respeito do bloqueio da cidade em face da greve dos ferroviários. Discutem os quatro chanceleres na Conferência de Paris o problema da moeda para Berlim. Opina Bevin que o Pacto do Atlântico é como um escudo ocidental contra o Exército Vermelho. Comemora-se com pompas deslumbrantes nas ruas de Londres o 53º aniversário do rei Jorge VI. Chocam-se novamente grevistas ferroviários e a polícia russa em Berlim. O governo de Atenas anunciou que suas tropas abandonaram as posições dos montes Gramos em virtude de uma ofensiva dos guerrilheiros. Anuncia uma patente do exército nacionalista chinês que estão sendo preparados planos de defesa do ocidente daquele país ainda não dominado pelos comunistas. Agrava-se a situação no porto de Londres em face da solidariedade dos dozeiros para com os grevistas de Liverpool. Cai em Nova York o preço do casau, sendo agitada a atmosfera do mercado daquela cidade. Reina otimismo econômico em Xangai em face da política financeira dos comunistas. É expulso da Câmara Legislativa da Argentina um deputado do Partido Radical por sua conduta indigna de um representante do povo. Protestam os Estados Unidos contra o acordo de comércio anglo-argentino, causando surpresa em Londres. Reune-se no Rio de Janeiro o Primeiro Congresso Sinodal da Igreja Católica sob a presidência do cardeal Jaime Câmara para tratar de normas de conduta do clero e proibir atividades sacerdotais na política partidária. Chega ao Rio um "team" austríaco, o Rapid, e estréia com o Vasco, sendo vencido por 5x0. Anuncia-se que o ministro da Fazenda, Corrêa e Castro, dirigiu ao presidente da República novo pedido de demissão com caráter irrevogável, sendo aceito. Conclui-se em Londres um tratado comercial entre o Brasil e a Inglaterra. Movimentam-se os estudantes cariocas em favor das vítimas das enchentes de Alagoas, angariando recursos e entregando ao Centro Alagoano para o devido destino. É assinado pelo ministro da Educação o contrato para a edificação da futura Cidade Universitária do Brasil. Passa a ocupar, interinamente, a pasta da Fazenda, o sr. Guilherme da Silveira presidente do Banco do Brasil. Comemorado solenemente o 84º aniversário da Batalha do Riachuelo. Tumulto no encerramento da Convenção Trabalhista. O senador Vandenberg acha que a entrega de material atômico pelos Estados Unidos só se faça mediante autorização do exército. O Fluminense vence o Rapid por 3x2. Eleita Miss Brasil a senhora Jussara Marques, de Goiás. Cai desastrosamente em São José da Costa Rica o avião "Anjo das Crianças". Anuncia-se novo convênio comercial Brasil-Inglaterra. Anthony Eden sofre uma síncope quando discursava em Warwick. Nova prorrogação do regime da licença prévia. O governo decreta "black-out" em Buenos Aires como medida de economia de energia elétrica. Confirma-se a greve contra os russos em Berlim. Canonizada a nova Santa Giuseppa Rossello.

Adolescentes



Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gesteira* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gesteira*.

A acção que o *Regulador Gesteira* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gesteira* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

O MAIS FAMOSO FILME DE
ROBERTO ROSSELLINI
O DIRETOR PREFERIDO DE
INGRID BERGMAN!

CONSAGRADO
PELA CRÍTICA EUROPEIA!
CONSAGRADO
PELA CRÍTICA AMERICANA!

★

PREMIADO
em Veneza, Logarno e Bruxelas
CONSIDERADO O MELHOR FILME
DO ANO PELOS CRÍTICOS DE NOVA
YORK E PELO "NATIONAL BOARD
OF REVIEW OF MOTION PICTURES"

UM ESPETACULAR LANÇAMENTO DA

Europa-Sul America Filmes Ltda.

MATINE — RIO DE JANEIRO
RUA ALVARO ALVES N.º 21-A
Salas 604-605 — Tel. 32-3457

AGÊNCIA — S. PAULO
RUA DOS ANDRADAS N.º 295
Tel. 6-3054

GAR MOORE
MARIA MICHI

Cada dia, há mais Kolynos-istas*



A famosa estrela norte-americana também é Kolynos-ista porque sabe que, ao cantar, tem que mostrar lindos dentes.

Seja Kolynos-ista - Conserve seus dentes divinos Visite o dentista - Prefira Kolynos!

Kolynos utiliza um derivado de óleos vegetais, neutro e de alta ação detergente. A espuma abundante de Kolynos penetra nos espaços inter-dentais, limpando os dentes por completo. Por isso, Kolynos

limpa mais

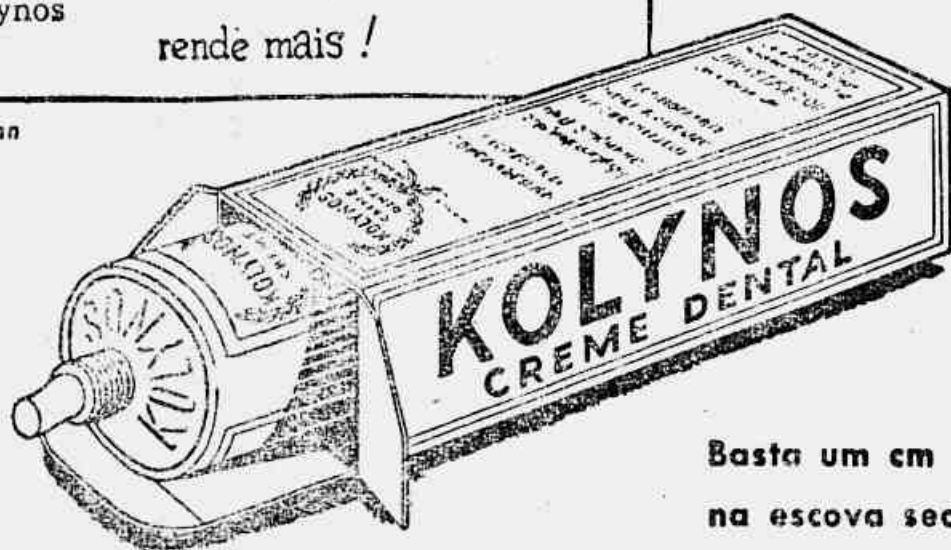


Em cada hora mais de 1.399.949 Kolynos-istas limpam os dentes com Kolynos!

E esta preferência, que aumenta de hora em hora, é tão natural! Porque Kolynos é concentrado. Por isso, o creme dental Kolynos

rende mais!

McCann



Basta um cm na escova seca.

* USE KOLYNOS. SEJA TAMBÉM KOLYNOS-ISTA!

UMA RECEITA HISTÓRICA

IGNEZ MARIZ

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

João da Mata foi um cozinheiro português que possuía restaurante em Lisboa, ali por volta de 1875. De tal maneira se dedicou à sua arte e tantos pratos gostosos inventou, que ao publicar um modesto livro de receitas culinárias, encontrou em Alberto Pimentel prefaciador entusiasta. Na "entrada" do livro este escritor diz coisas serias de mistura com outras, de um pitoresco irresistível. Por exemplo: "O sr. Mata é, incontestavelmente, um reformador, e a palavra "reforma" tem o duplo sentido de sofrer e trabalhar. O sr. Mata tem sofrido e trabalhado para ensinar a comer elegantemente os seus compatriotas, sem perigo de os estoirar. E à custa de sacrifícios, de lutas, de canseiras, conseguiu finalmente que um estrangeiro pudesse jantar em Portugal sem comer dobrada, orelheira e canja, o que faz com que todos os estrangeiros já não nos visitem receiosos do porco e do arroz, como qualquer português temeria a gordura da baleia, se visitasse os esquimós. Ele, Mata, tem feito de Lisboa a miniatura culinária de Paris."

O que nos enterece particularmente no livro de João da Mata é o entusiasmo ali demonstrado pelas nossas frutas e a gentileza do autor, publicando uma receita de sorvete de sua invenção "respeitosamente dedicada à Família Imperial do Brasil".

Trata-se de sobremesa saborosíssima. As geladeiras modernas tiram às donas de casa a metade das canseiras que no século passado teve o cozinheiro português às voltas com as sorveteiras manuais. Apesar das dificuldades, sempre conseguiu confeccionar a capricho a guloseima de sua invenção e que é a seguinte:

BOMBA DE NEVE À BRASILEIRA

"Fazem-se 250 gramas de farinha em massa folhada (receita abaixo), mas só com 60 gramas de manteiga. Junta-se a esta manteiga 60 grs. de queijo parmesão ralado, 60 grs. de queijo Gruyere ralado e 60 grs. de queijo londrino, também ralado; junta-se a farinha 60 grs. de açúcar fino, uma pitada de canela em pó e uma casca de laranja ralada; assim tudo preparado, faz-se a massa como ensinamos e em estando pronta estende-se na grossura de um dedo e corta-se toda em palitos delgados. Leva-se estes palitos num tabuleiro a forno brando, tendo cuidado para que fiquem muito direitos; depois de cozidos, mas não demais corados, tiram-se do forno e ponde-os de parte, enquanto fazemos o seguinte:

1.º preparo

"Cozei 50 vastanhas; depois de cozidas descasque-as, passe-as por um peneiro, junte ao polme que elas produziram uma mão cheia de passas corinthias, uma dita de passas de Alicante, sem grainhas, 50 grs. de cidrão picado muito fino, uma pitada de canela em pó, uma casca de laranja ralada e açúcar fino tanto quanto for necessário para este polme ficar bem doce; junte-lhe mais um copo de 3 ao quartilho de rum da Jamaica, dois copos de verdadeiro marrasquino de Zera e um copo de curacau da Holanda; ligue tudo isto muito bem e mete-o dentro de uma sorveteira.

2.º preparo

"Abacaxi, jambo, jaca e abricó, são frutos deliciosos do Brasil.

Descasque metade de um bom abacaxi (ananás) corte-o em rodas e destas faça pequenos quadradinhos; junte a estes quadradinhos alguns bocados de jaca e fruta de jambo cortada em rodas, abricó em quadradinhos, alperches, pêssegos e um bom melão, também cortados em quadradinhos e leve todos estes bocados de frutas a uma caçarola com um bocado de calda de açúcar e deixe-a ferver um minuto; depois escorrem-se por um passador e depositam-se estas frutas numa travessa. Faça uma sorveteira de neve de Moscatel e em estando bem gelada junte-lhe todas as frutas que passamos pela calda e misture-as devagarinho para que se não desarranjem, continuando, todavia, no gelo, para que a neve fique bem dura; em estando assim, tome-se uma forma de bonito feito, enche-se com esta neve, tapase e mete-se outra vez dentro do gelo para tomar o fecho da forma e ficar mais rijá.

Preparo do prato

"Desenforma-se com toda a presteza a forma que está com o gelado de frutas, e põe-se no centro de uma travessa do Japão; em seguida abrimos a sorveteira do gelado de castanhas e com uma colher própria de tirar neve se vai tirando da sorveteira colheradas regulares, e se vão colocando junto ao gelado que desenformamos, até cobrir o fundo da travessa por igual; assim preparada a travessa, colocam-se em pé, encostados à parede

que forma o gelado de castanhas, junto à borda da travessa, os palitos folheados que fizemos, mas muito unidos, e que fiquem um pouco inclinados e todos da mesma altura, mas que não excedam em altura ao gelado de castanhas; estando assim, guarnece-se tudo em volta com merengues redondos, que devem ficar pregados ao gelado de castanhas.

MASSA FOLHADA LIGEIRA

"Tome um quilo de farinha bem espcada, deite-a em monte em cima de uma mesa, faça-lhe um buraco no centro, onde lhe deitaremos 450 grs. de manteiga bem lavada em duas ou três águas, uma pitada de sal, dois ovos inteiros e alguma água (calculei a porção para que a massa não fique branda, esmagal com a mão a manteiga e os ovos, e a pouco e pouco, ide juntando e amassando a farinha; estando tudo bem ligado, faça-a em uma bola e deixe-a descansar uma hora; passado este tempo estende-a com um rôlo e dobre-a em quatro ou oito dobras, torne a estendê-la, torne a dobrá-la, e assim faças mais uma vez; depois deixe-a descansar meia hora, podendo depois deste tempo servir-vos desta para pastéis, tortas, pastelões, etc."

Esta massa é para uso geral. As medidas para a confecção de palitos devem ser as que se encontram no princípio da receita da "Bomba à Brasileira": "250 grs. de farinha, 60 de manteiga, etc."

Como o Vatel português não ensina a fazer "neve de Moscatel", procuramos esta receita noutro livro de culinária:

SORVETE DE MOSCATEL

Misture 1 colher de maizena com 660 gramas de açúcar e 2 litros de leite. Leve ao fogo, deixe ferver durante alguns minutos, depois retire e, sempre mexendo, adicione 8 gemas e torne a levar ao fogo, para cozinhar. Quando estiver completamente frio leve a congelar na sorveteira. Quase na hora de servir junte 1 garrafa de vinho Moscatel ou outro vinho doce e 8 claras batidas em neve. Bata mais um pouco e sirva. (Avaliado para 12 pessoas)."



João da Mata, o cozinheiro português que inventou uma receita de sorvete em homenagem à Família Imperial do Brasil

Experimentem a receita de "Bomba à Brasileira" em dezembro, quando o calor é intenso e existe no mercado grande abundância de castanhas portuguesas. O ritual, entretanto, não é de todo obrigatório. A dona da casa poderá fazer, com habilidade, a substituição das frutas ou dos licores empregados.

Este sorvete, confeccionado a capricho, é um prato maravilhoso. Faz boa figura em qualquer parte, como lanche ou sobremesa de verão. Os suspiros devem ser bem pequenos e tostadinhas.

Fomos aos dicionários procurar o significado de algumas expressões portuguesas:

Esponda é a farinha penetrada duas vezes; um copo de 3 ao quartilho é aquele cujo conteúdo, multiplicado por 3, é igual a um quartilho (a quarta parte da canadã).

Fizemos diversas contas até chegar à conclusão de que o copo mencionado na receita deve ter capacidade para um quarto de litro, mais ou menos.

Mas nenhum dicionário traz a explicação de que vem a ser um copo de 3 ao quartilho. Foi-lhes preciso recorrer às luzes de alguém "nascido do lado de lá"...

A
A)
o à
dos
ue
da
em
do
om
car

es-
de
en-
an-
us,
e
ue
om
co
fa-
a-
ma
om
ito
do-
rie-
do
ara

ne-
em
da
grs.

a
sta

600
eve
mi-
do,
go,
ole-
ve-
e 1
ho
ata
ara

que
ho-
sil

a à
alor
nde
O
bri-
zer,
itas

cho,
ura
so-
sor

sig-
rtu-

uas
tele
, é
arte

r à
na
um

pli-
ao
lu-
...

11

*A rainha
do Radio
e
o rei dos
Refrigerantes*

Desejos QUEIMADOS

Algumas semanas depois disse Jennifer a Jim:

— Sabe, Jim, toda moça precisa ter seus dias como aqueles.

— Aquêles, quais, minha querida?

— Como aqueles do lago, Jim, quando estivemos romanticamente um ao lado do outro, sem ter coragem de separar-nos. Oh! Jim, e que luar aquele!

Com efeito Jennifer passou no lago os mais belos e agradáveis dias de toda a sua vida. Jim estava mais afoito e lhe tomara as mãos, indo com ela passear pelas colinas e se sentaram à relva trocando palavras de muita afeição. Jennifer estava certa de que ele muito lhe queria, e ela, por sua vez, estava louca de amor pelo jovem e distinto médico. Um século ao seu lado, naquele ambiente de tanto encantamento pareceria um segundo.

Ouvindo-a falar do passeio do lago, ele se voltou para ela e lhe falou com sinceridade:

— Jennifer... você sabe muito bem o que desejo, não? Não pude manifestar-lhe meus desejos no ano passado, mas agora estou decidido a entregá-los ao seu julgamento. É este o meu caminho. Sabe você que desejo fazê-la minha esposa? Sabia disso?...

— Bem... eu... eu... não sabia, Jim...

— Respondeu a moça mentindo e gaguejando.

Jim não esperou mais. Enlaçou-a com os seus vigorosos braços e os lábios se aproximaram dos da escolhida. Beijaram-se apaixonadamente, rostos unidos a se acariciarem num enlevo de namorados que, enfim, encontram a felicidade suprema.

Súbito Jennifer começou a rir. Ele também. Pareciam duas crianças que houvessem cometido traquinagem.

— Jim! Você me está apertando muito! E seus beijos estão muito altos...

— Bem, é porque é a primeira vez que pergunto a uma jovem se quer casar-se comigo.

Muito eufórico Jim sorria e lembrava que sempre a amou e muito. Mas lhe parecia impossível chegar a merecer-lhe um "sim" tão venturoso como aquele. Ela também lhe disse que gostou dele desde o momento em que o viu. Desde aquele instante, nunca mais pudera pensar em outro homem que não fosse Jim.

Essas confidências os enchiam de contentamento. E os beijos se sucederam, os abraços se multiplicaram.

Mas resolveram nada dizer a ninguém, por ora. Para que espalhar que eram noivos e que iam casar, se ambos estavam sem os necessários recursos para realizar, sem demoras, o ato matrimonial e alugar casa, manter-se decentemente numa época de vida cara? O melhor seria ficar o compromisso em segredo.

— Além disso, Jennifer, — explicou ele muito sério — além de estarmos sem dinheiro, vejo diante de mim o fantasma da

guerra. Como sabe, sou médico e cirurgião e...

— Ora, Jim, — respondeu ela a rir — não venha com lembranças funestas nesta hora em que precisamos estar alegres.

— Sim, porém devemos ver as cousas como elas na verdade são. Com a consciência de nossa própria situação, poderemos ser fortes e enfrentar os problemas como outras pessoas também em casos idênticos estão fazendo. Com o casamento outros problemas virão.

— Quer referir-se aos filhos? Haveremos de tê-los...

Dirigiram-se para um restaurante próximo onde almoçariam no mais tranquilo e agradável ambiente. Sentaram-se a uma das mesas, e Jennifer ao colocar a mão sobre a mesma, sentiu que Jim a afaçava com delicadeza, dizendo-lhe:

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Jennifer Richie, órfã de pai e mãe, vivia em companhia de sua madrastra, Betty, num edifício de apartamentos modestos em S. Francisco. Sidney Borrows, jovem de família rica e aristocrática, apaixonou-se por Jennifer; mas, verificando a moça que ele estava apenas iludindo-a, rompeu relações com ele. Certo dia, indo a uma festa em casa de sua colega de escritório, Mollie, sucedeu que um irmão desta, Eugene Evans, ficou apaixonado por Jennifer, chegando ao ponto de propor-lhe casamento. Estava ele a conversar com ela em casa de Betty, quando, inesperadamente, entra na sala o seu ex-namorado Sidney, travando-se uma discussão entre Eugene e ele. Dias depois morre Eugene vitimado por um acidente de automóvel, pensando o pai dele e a própria Jennifer que se tratou de suicídio. Jennifer não desejou reatar mais as relações com Sidney. Uma noite, indo ela ao terraço do apartamento, notou que um cômodo no edifício vizinho, no ponto mais alto e ao mesmo nível do seu, estava ocupado por um pintor. Travando relações com ele, um homem duas vezes mais idoso do que ela, começou Jennifer a receber lições de cultura do mesmo. Numa festa íntima que ele ofereceu a amigos e artistas, veio tocar na reunião o grande violinista Stanislaus Lichtenstein, o qual ficou impressionado com Jennifer, a quem escreveu uma carta que causou indignação ao pintor Montgomery Smith. Jennifer mudou de trabalho e foi empregada-se no grande magazin "Vogelfang", ganhando muito mais e onde, contra a sua vontade, continuou a ser cortejada pelo violinista Stanislaus, que, embora casado, vivia separado da esposa. Verificando, Monty, o pintor, que Jennifer estava sendo, aos poucos seduzida pelo violinista, mostrou-se indignado, o que muito emocionou a jovem. Com a nova afeição que surgia entre Jennifer e a pequena família Flood, mudando-se bastante seus hábitos, especialmente no que dizia respeito à frequência na Igreja, a vida da jovem começou a reflorir com outras esperanças, máxime depois que observou que seu coração não era indiferente a Jim.

— Antevejo em você, Jenny uma esposa amorosa, fiel, terna e dedicada.

— Muito me alegro ao ouvir de você estas palavras, sejam verdadeiras ou não.

— Olhe, Jenny: diante de você toda mulher perde o brilho. Você predomina, ofusca. Há em você um não sei quê de generoso e belo. Sorrindo ou chorando, você será sempre divina. Trate de seus filhos ou vá ao hipódromo com Mrs. Evans; faça versos para os aniversários de suas amigas, você...

Jennifer o interrompeu naquela cascata de comparações:

— Oh! Deus Desejo apenas estar sempre ao seu lado, Jim!

— Sei que muito me ama, Jenny; mas há uma coisa que me tortura. O serviço da guerra...

— Mas a guerra não vai durar sempre. Você não pensa noutra coisa?

— Sinto-me cheio de piedade em face da situação.

— Oh! Jim... Não somos agora tão felizes?... Estou confusa, perturbada por essas suas preocupações.

Era aquele o último dia das férias de Jim. Logo mais, à noite, iria ele seguir para Los Angeles e, após alguns dias, trabalharia como interno no hospital "John Hopkins".

— Depois da guerra, disse ele a Jennifer, estarei novamente. Ou me associarei com Ehrmann ou com algum outro diretor de hospital, ou então renovarei meu contrato com o "John Hopkins" e irei buscá-la e passaremos a residir lá.

Depois dessas palavras passaram os dois de carro pelas ruas ensolaradas daquele verão suave e refrescado da Califórnia. Aos olhos de Jennifer o panorama parecia uma visão de Bagdad em todo o seu esplendor.

Ao dizer isto borbulharam lágrimas nos olhos de Jennifer.

— Desta forma, estão unidas as nossas vidas, entrelaçadas pelos nossos planos, acabe ou não a guerra, vá eu ou não vá para a frente de batalha. Está de acordo?

— De todo o coração.

— Fica também assentado de pedra e cal que não haverá irresoluções, arrependimentos e que ninguém escreverá dizendo que houve engano... Você deverá sentir-se sempre segura deste nosso compromisso.

— Eu? Escrever-lhe em tais termos?!

Disse Jennifer pálida de emoção — Deus do céu! Juro que não farei isso. Ignora você que eu o esperei durante um ano, orei por você durante todo esse tempo?

— Oh! Bem sei, Jenny que você é a pessoa mais terna, mais doce, mais encantadora deste mundo! E agora que estou na iminência de deixá-la para cumprir meus deveres profissionais e de patriota longe de você, eu vejo que você é um anjo... que isto parece um sonho, parece mesmo que eu não mereço tanto... que você merece todas as felicidades da terra! Pode esperar Jenny, certa de que seremos felizes e que eu voltarei para nossa suprema ventura!

Jim parou o carro. Olharam-se enternecidos, as mãos entrelaçadas, afagando-se.

— Bem, disse Jim. Penso que poderei fazer o seguinte: — ir a Pasadena passando ali uns três ou quatro dias antes de partir para Baltimore. Voltarei então até aqui e anunciaremos nosso noivado. Mas, seja como for, penso que deveremos morar mesmo aqui. Tratarei de firmar-me com um desses famosos cirurgiões que já possuem seus hospitais. Não acha?

Para Jennifer essa conclusão de Jim era como uma coisa definitiva, deliciosamente resolvida.

— Oh! Exatamente, Jim. Estou de acordo que vivamos sempre aqui. Precisamos morar aqui.

— Atkins, certa vez me disse em Sacramento que esperava por mim, — prosseguiu Jim. — Acho que vou ouvi-lo. Ele tem esta grande vantagem: é um cidadão já idoso, com seus setenta anos ou chegando a isso. Além do mais é diretor de um hospital. É possível mesmo que me seja dada a chance de chegar a diretor de seu estabelecimento. Você conhece alguma coisa de Sacramento, Jenny?

— Não... mas espero ainda ter oportunidade de lá ir.

— Já supus — voltou Jim olhando-a penetrantemente, e de súbito — já supus que você esteve gostando do Monty, não?

— Desejaria que você visse Monty. Careca, esguio, com seus quarenta anos... — respondeu ela sem se perturbar.

— Mas... ele esteve caído de amores por você, não é exato?

— Se tal lhe sucedeu, nunca me disse nada. É verdade que, um dia Monty de-

monstrou certa afecção por mim, antes de ausentar-se fazendo uma inesperada viagem. Suponho que ele suspeitou de que eu estivesse a gostar de um amigo seu e meu conhecido, Stanislaus Lichtenstein.

— E este outro a amava?

— Apenas por um momento. Pretendeu presentear-me com um belo casaco de peles; mas eu recusei, e Stanislaus mudou de idéia, levando-o para sua esposa.

— Oh! Ele tem uma esposa? — murmurou Jim meio consolado. — E você gostava dela?

— Eu jamais a vi. Porém, segundo informações de Monty, ela é uma senhora muito bonita.

Mas, e ele ainda está zangado com você por isso? Mantém ainda Monty a amizade com o violinista?

— Quem perdeu a cabeça, mais ou menos, foi Stan, como disse eu, há pouco. Stan perdeu o juízo "por um momento", repito. Não pensei mais nele, desde então. E espero que você não esteja com ciúmes.

— Oh! Jennifer! Muito sentiria se estivesse com ciúmes. O assunto nunca me interessou, nem eu pensei antes nisso. Espero que você jamais me dê motivos para sentir ciúmes. Seria fazer-me muito infeliz.

O tom de voz do médico era como se ele estivesse a implorar, bastante emocionado.

— Nunca, Jim... Nunca o farei infeliz. — garantiu ela encostando seu rosto ao do noivo.

Jim abraçou-a. Seus lábios se uniram e ele num transporte de felicidade dizia-lhe em voz baixa.

— Amo-a, Jenny... amo-a desesperadamente... profundamente... loucamente...

E essas palavras pareciam que eram pronunciadas pela primeira vez, pelo homem que estava amando pela primeira vez, a primeira mulher em toda a sua vida.

Jim, logo que assumiu o seu lugar no hospital, encontrou muito trabalho, o que lhe não permitia sequer visitar a cidade de Baltimore.

Somente uma vez teve essa chance, quando guiou o carro do diretor do nosocômio à cidade, demonstração de amizade que muito impressionou o seu superior.

Nas cartas de Jennifer para ele, a noiva lhe dava conselhos sobre a melhor forma de conquistar amizade, de maneira que Jim não se sentisse um estranho naquela terra tão distante da Califórnia. Que as três mil milhas que os separavam não servissem de motivo para que as palavras delas deixassem de ter efeito na boa compreensão do noivo.

E essas demonstrações de afeto ainda mais cativaram o coração de Jim.

CAPÍTULO XXV

Durante um ano e meio, não se viram Jennifer e seu noivo.

Jennifer, ansiosa, vivia a contar os dias e em suas cartas mandava-lhe sempre dizer quanto tempo já estavam separados. Por sua vez Jim lhe correspondia aquela curiosidade e começava suas cartas com este intróito: "tantos dias já se foram; faltam ainda tantos". O cálculo era baseado no contrato que firmara no hospital, e, enquanto não terminasse, ela estava imbuída de ser



Jennifer e ele achavam que cartas, apenas, não bastavam para satisfazer o amor que se devotavam reciprocamente; mas ora melhor do que nada.

Sempre que sucedia virem alguns dos elementos do hospital de Baltimore a S. Francisco, Jennifer procurava vê-los e conversar sobre Jim e seu trabalho. As cartas do noivo, porém, se tornavam menos frequentes, eram mais curtas e de fraca imaginativa. Mas em nenhuma delas ele deixou de manifestar os seus antigos sentimentos. Jennifer continuava a ocupar o centro de seu coração, como se já fosse sua verdadeira esposa.

Para não dar-lhe preocupação, ela nunca lhe escreveu, alegando que estava cansada, triste, desanimada, ou que apanhara resfriado ou que havia cortado um dedo... Sempre respondeu a todas as cartas imediatamente após o recebimento, para não deixar suspellar que ela havia esquecido ou que estava doente. E' verdade que Jennifer estava cada vez mais ocupada em seu trabalho, muito lia, e, sempre que lhe era possível dava longos passeios a pé, para conseguir que o tempo passasse mais depressa. E assim os meses se foram escoando.

Mas, muitas vezes lhe vinha ao espírito um impertinente e antipático pen-

amento. Da primeira vez ela procurou desfazer esse incômodo e torturante pensamento, expulsando-o do seu espírito. Era esse o seu dever.

Infelizmente, porém, o pensamento foi tomando corpo cada vez mais, chegando mesmo a perturbar-lhe o sono, torturando-a durante a noite como um invisível diabinho que se apossava dela impiedosamente.

Havia algo em seu passado que Jim ainda não conhecia, mas que ele tinha o direito de conhecer. Havia um homem chamado Sid Borrows neste mundo, e ali mesmo naquele seu mundo, a quem ela amara loucamente e que fôra correspondido por ela, no mesmo diapasão.

O caso de Jennifer com Sid não se enquadrava entre os mais vulgares. Não se estabelecera nenhum vínculo de compromissos sérios entre ambos. Assim, ele poderia viver sem ela, e ela poderia procurar outro destino.

Andando de casa para o emprego lá na loja, Jennifer ia sempre a pensar em tais coisas, fôsse verão, inverno, outono ou primavera. Pensava em Jim. Ele tinha direito de saber desses episódios de sua vida, de suas relações com Sid.

E ia monologando:

— Não... não devo agir assim como

uma Madalena arrependida que procura confessar-se e obter piedade. Não devo fazer tal. Sei que cometi um erro, mas paguei por ele, humilhando-me e muitas lágrimas derramei. Tinha eu então dezoito anos, mas agora estou com vinte e quatro. Já vivi muito durante todo esse tempo. Sinto-me bastante consciente de meu valor, de minha fortaleza de ânimo para ser uma boa esposa, para não praticar loucuras. Se chegar a ter uma filha e ela fizer o que eu fiz, creio que serei uma ineficiente mãe, não terei proporcionado a ela todo o valor que a vida exige. E' verdade que eu não cheguei a ter mãe, e sim uma madrastra, a Betty, que foi muito boa e gentil para comigo, Deus bem sabe; mas nunca soube ela quanto tormento, quanto sonho, quanto desapontamento senti em meu coração, quantas coisas desejei, quanta esperança em minha alma, quanta coisa esperei que me sucedesse! Ele era mais velho que eu, mais rico e sempre me disse que muito me amava e que isso era o bastante... Não quero chegar junto a Jim e abrir-lhe os braços exclamando: — Meu pobre amado, tudo está esquecido! Ele também deve ter cometido os seus enganos. Também deve

(Continua na pág. 86)



**De um bom presente
depende seu futuro!**

SCHWARTZMANN é o melhor presente que poderá proporcionar à sua família! A sonoridade perfeita e aprimorado acabamento, a fabricação sólida e esmerada com a melhor matéria prima nacional e estrangeira, fazem de SCHWARTZMANN o piano que satisfaz às mais requintadas exigências artísticas.



**DUPLA REPETIÇÃO
TECLADO COMPLETO (88 notas)
TRÊS PEDAIS - CORDAS CRUZADAS**



Lojas • Exposições:

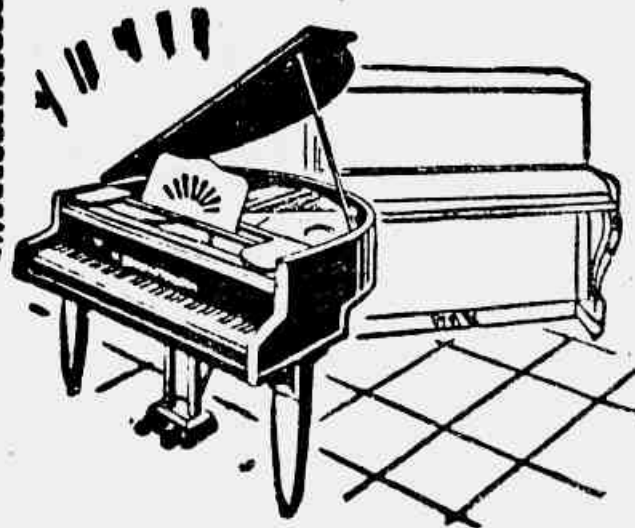
S. PAULO: Avenida Ipiranga, 714 • Fone: 4-7478 • **RIO:** Avenida Rio Branco, 257-A
R. Xavier Toledo, 272 • Fone: 4-1452 • Fone: 32-7522
Fabrica e Escritorio Central: Avenida Agua Branca, 524 • Fone: 51-6981 • **S. PAULO**

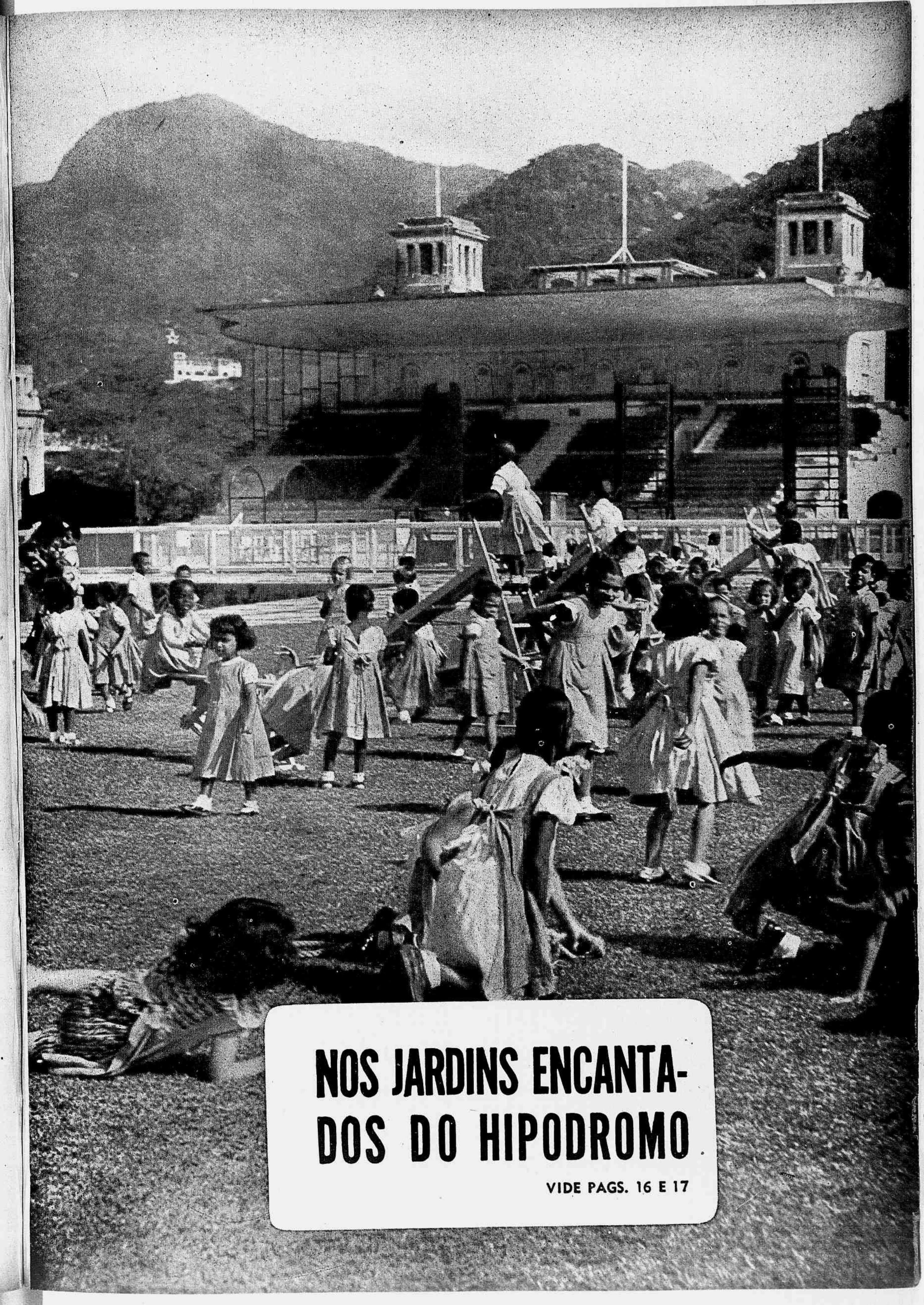
Publitéc

Scw-05

**Visite-nos ou
escreva-nos**

**para conhecer as
vantagens e as
facilidades que
SCHWARTZMANN
lhe oferece, no seu
plano de vendas.**





NOS JARDINS ENCANTA- DOS DO HIPODROMO

VIDE PAGES. 16 E 17



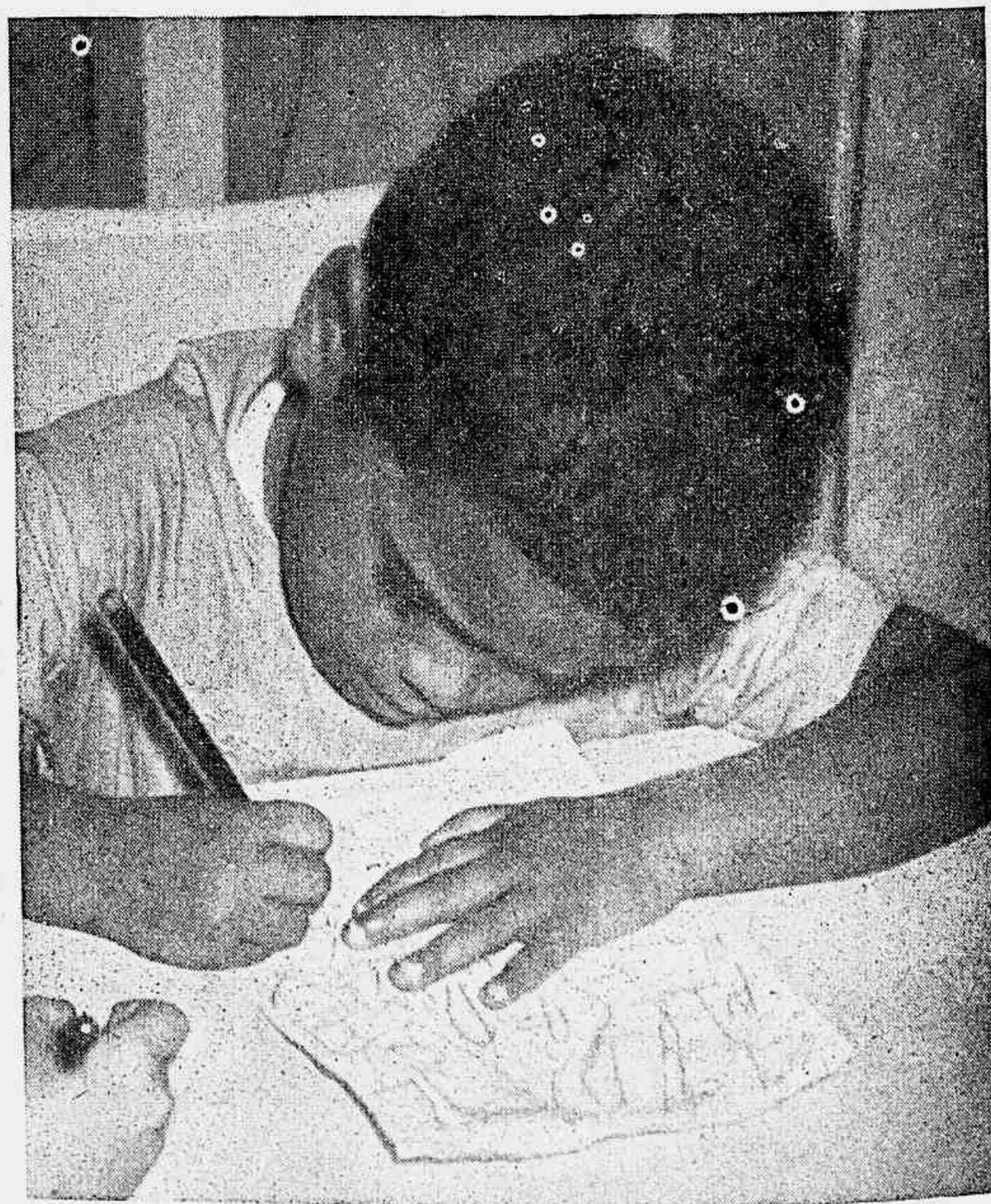
AO COMEÇAR O DIA, O HINO NACIONAL É CANTADO POR QUASI DUZENTAS CRIANCINHAS

AQUELA multidão de aficionados do turfe, que se acotovela todos os sábados e domingos nas dependências do Hipódromo da Gávea, prêsas ao fascínio das apostas e ao emocionante desenrolar das carreiras, gozando o panorama soberbo do imenso prado engastado, pode-se dizer sem receio, num dos mais lindos recantos da terra, àquela multidão não é dado apreciar o belo espetáculo que se repete, dia a dia, nos imensos jardins ensolarados do anfiteatro famoso. Quando cessa a atividade matinal dos parelheiros, e cavalos, jôqueis e cavaleiros se recolhem, começam a se povoar os jardins encantados do Hipódromo das mais lindas flores que ali vicejam. Em pouco, o tapête verde se enche de vida. E tem início, então, um outro desfile, de graça, de vivacidade, de alegria, o desfile dos robustos pupilos do Jockey Club. Perto de duzentos meninos e meninas passam seus dias nesse pequeno paraíso

terrestre que é o Jardim de Infância mais encantador do Rio. Ali, aos cuidados e aos carinhos de dedicadas preceptoras, recebem tudo o que uma criança pode desejar neste mundo: alimentação primorosa, educação, higiene, sol e ar puríssimo. O Hipódromo deserto tem, àquelas horas do dia, o irreprimível poder de êxtase que supera as emoções mais fortes das suas tardes de gala. Veja o leitor, nestas fotografias, que quadros de palpitante beleza se descortinam aos nossos olhos naquele pedaço da natureza onde o homem esculpiu um dos mais finos ornamentos da Cidade Maravilhosa. E se quiser ver melhor, vá ao Hipódromo da Gávea. Não nos momentos em que os puros-sangue se entrechocam em disputas sensacionais, mas nas horas tranquilas dos dias tranquilos, quando a alegre e descuidada garotada toma conta do prado quieto, como se aquilo fosse seu, muito seu, imensamente seu.



ALIMENTAÇÃO FARTA E SADIA



AS PRIMEIRAS LETRAS

**O PURO SANGUE
DA GAROTADA**



A imagem da graça e da beleza



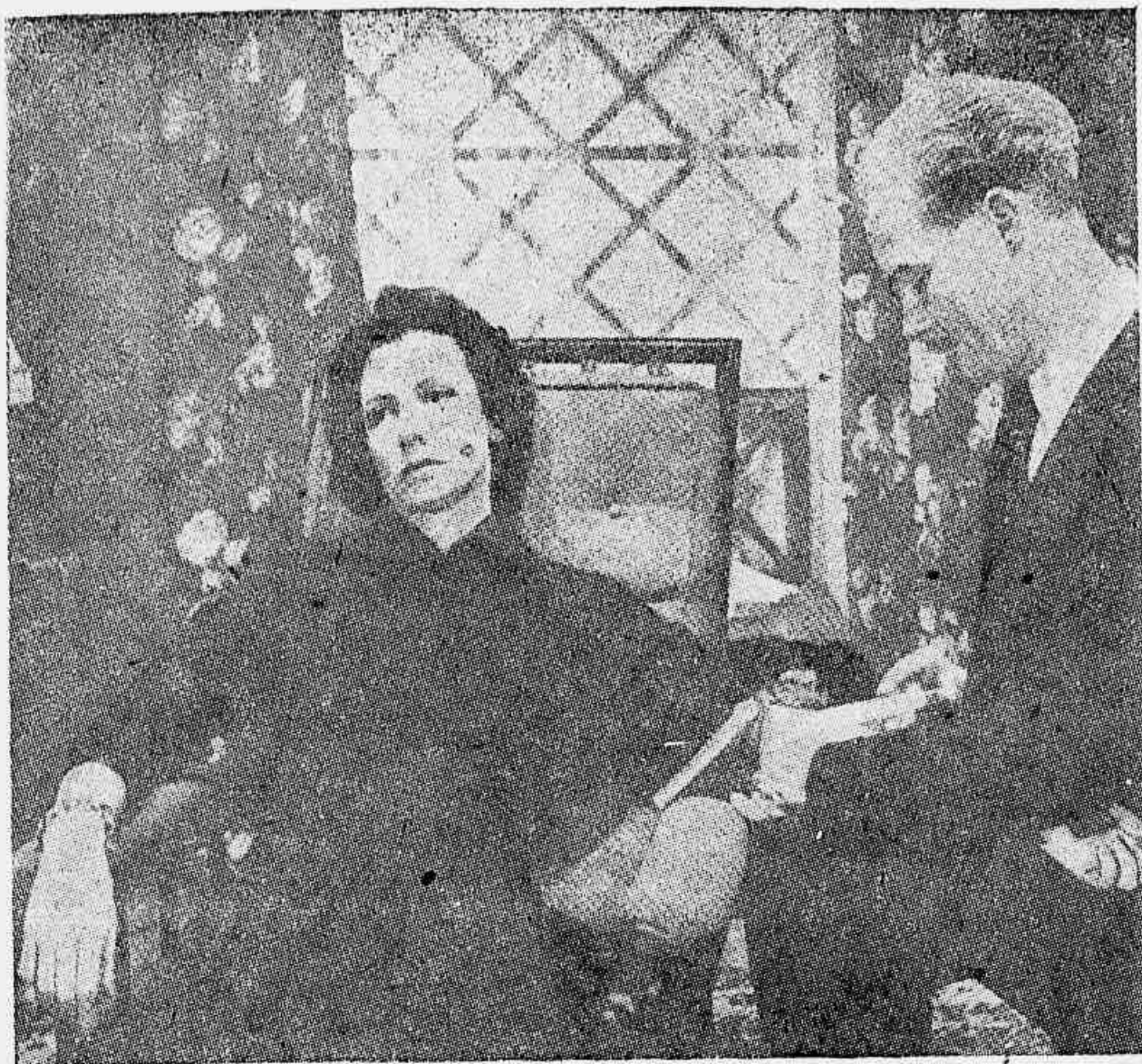
O amor que levou dois seres à mais sagrada união, deve ser mantido em todo o seu encanto, em todos os seus motivos de atração. Viver como nos tempos de noivado, eis o verdadeiro caminho para a felicidade conjugal.

Seja a eterna namorada de seu marido, aprimorando o físico e dedicando à sua epiderme um cuidado diário com LEITE DE ROSAS.

LEITE DE ROSAS, o maravilhoso embelezador da mulher, será um élo de perfume que juntará aos seus dotes morais e intelectuais, a sedução de uma pele perfeita, fresca e aveludada.

A beleza é o princípio da felicidade, mas o segredo da beleza é a eterna vigilância. Assegurando a sua beleza, Leite de Rosas vigiará a sua felicidade.





Cena de "Sourire de la Joconde", com Yves Brainville e Françoise Lugagne

DO ESTRANGEIRO

Mistinguett, a famosa "vedette" dos outros tempos, acaba de festejar 77 anos de existência, sem bolo nem velas. Fato curioso é que vai atuar na nova revista "A B C", marcando, assim, sua 211.ª revista. O papel que interpretará já foi vivido há 20 anos na opereta "Rigolboche", e suas pernas engrossaram apenas 4 centímetros nas coxas e 1 na canela. Para conservá-las, Mistinguett faz todas as manhãs uma hora de educação física e dança. A veterana atriz espera que "A B C" permaneça um ano em cartaz, pois ela é a única "vedette" em toda Paris que consegue representar para casas lotadas durante esse tempo.

Na Inglaterra, atualmente destacam-se duas grandes atrizes: Peggy Ashcroft e Celia Johnson. Infelizmente para o teatro, Celia (que na vida privada é esposa do conhecido autor e jornalista Peter Fleming), possui uma atraente casa de campo e seus deveres para com o lar proibem-na de representar com mais frequência. Peggy Ashcroft, mais dedicada ao palco, está obtendo um grande sucesso em "The Heiress", baseada na novela de Henry James "Washington Square".



Daniel Clérice, Mona Goya e Pierre Stephen, o célebre trio da peça "Voyage à trois"

Em Paris outra peça de Paul Claudel vem de ser representada. Trata-se de "Le Pain Dure", escrita em 1914 e somente agora encenada. A peça muito surpreendeu a crítica parisiense, pois o estilo empregado difere de todas as outras obras do conhecido autor. Segundo Hervé Lauwick, "Le Pain Dure" "é uma peça simples e de fácil compreensão, onde se misturam o lirismo e o cômico de uma maneira muito a gosto do escritor Jean Anouilh".

No teatro L'Oeuvre de Paris está sendo apresentada "Le sourire de la Joconde", que Dulcina apresentará após "Deslumbramento". A famosa novela de Aldous Huxley já foi filmada em Hollywood já vista no Brasil com o título de "Vingança Pérfida", tendo como principais atores Charles Boyer, Jessica Tandy e Ann Blith.

Segundo o crítico Marcel Lasseaux, "Le sourire de la Joconde" "é uma peça forte, representada num ritmo lento, possuindo certas passagens de boa dramaticidade".

No Palais-Royal, em Paris, a comédia de Jean de Létra "Voyage à trois" está sendo apresentada. O tema escolhido pelo autor é o mesmo de "La Petite Hütte", de André Roussin e "Croisière inhumaine" de Gain, ou seja, o famoso trio "ele, ela



JOSÉ FOMM

"DESLUMBRAMENTO"

Após a rápida carreira de "Nossa Querida Gilda", Dulcina apresenta "Deslumbramento", de Keith Winter, em uma boa tradução de Bandeira Duarte. O autor apresentou em "Deslumbramento" um trabalho pouco original, salvando-se algumas cenas que fogem ao comum. Nota-se, entretanto, que Winter é conhecedor da técnica teatral, pois os pequenos problemas de um autor são por ele magnificamente resolvidos, como a movimentação dos diálogos e a maneira natural e rápida com que define os caracteres dos personagens.

O tema da peça de Keith Winter é o seguinte:

Viviam em uma cidade do interior da Inglaterra, Judith, seu marido David e os dois irmãos deste, Mickey e Ana. Henrique, o outro irmão, estava há longo tempo ausente, e após conseguir uma razoável fortuna, casa-se e resolve residir na cidade onde passara sua infância. A convite de David, o jovem casal Mariela-Henrique, hospeda-se em sua casa, enquanto ultimam as obras da residência que mandara construir. A chegada do casal é o motivo, propriamente dito, do drama, pois daí resulta a paixão entre Mariela e seu cunhado David e o suicídio de Judith.

A interpretação de "Deslumbramento" deixa muito a desejar: o conjunto poderia ser muito harmonioso, pois somente seis personagens atuam na peça.

Conchita de Moraes é, sem dúvida, o melhor elemento. Encarnou "Ana", a solteirona bisbilhoteira, com muita propriedade, demonstrando em todas as cenas seu grande poder interpretativo.

Grça Melo viveu o ingênuo "Henrique" e seu trabalho, sem grande destaque satisfaz.

Suzana Negri, que há muito se firmou como uma de nossas boas atrizes, não esteve muito a vontade em "Judith", e acreditamos ser a deficiência de ensaio a principal responsável.

Dulcina, na "Mariela", permaneceu bem; entretanto, este é um dos seus mais fracos trabalhos.

Josef Guerreiro, embora meio indeciso, consegue grandes cenas.

Quanto a Odilon temos a lamentar seu desempenho. Além do grande exagero, não consegue transmitir o papel de "David"; outra falha espantosa é a péssima dicção e pouco se entende do que diz.

O cenário único, de muito bom gosto, é de autoria de Luciano Trigo, e a direção de Dulcina satisfaz.

Sintetizando, "Deslumbramento" é um original sem grande interesse e sua apresentação está muito aquém da capacidade de Dulcina e sua Companhia.

e o outro". Segundo a crítica parisiense a peça não é recomendada a puritanos, pois que o autor abusa da pimenta em "Voyage à trois", embora seja de uma maneira muito cômica, onde as coisas mais dignas de espanto são aceitas pelos personagens com uma naturalidade incrível. Nos principais papéis vemos Daniel Clérice, Mona Goya e Pierre Stephen.

Paris teve ocasião de apreciar um espetáculo inteiramente original na festa de gala da "Union". Entre outras apresentações, Jean-Louis Barrault, o maior ator francês da atualidade, dançou um movimentadíssimo "jitterburg" com Madeleine Renaud; Jeanne Moreau, Jacques Charon e Robert Hirsch todos da Comédie Française, interpretam um número cômico de danças indígenas; Edwige Feuillère, que tanto sucesso obteve em "Partage de Midi", apresentou-se como ilusionista; Jean Gabin executou um número com cavalos; Fernandel, o famoso cômico, figurou como professor em transmissões de pensamento, e muitos outros personagens famosos como Fernand Gravey, Gerard Philippe, Claude Dauphin, Sophie Desmaret, Dominique Blanchard, etc, abrilhantaram o grandioso espetáculo.

O teatro Herbertot está levando a cena pela primeira vez o famoso original de Paul Claudel, "L'Annonce faite à Marie", cuja primeira "mise-en-scène" dava-se a Louis Jouvet que estreou a peça no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A interpretação de Jouvet não foi levada a Paris e assim o drama era ignorado como representação cênica pelo público francês. "Com a obra de Claudel", acentua o crítico Saupalt, "aconteceu uma verdadeira vitória do autor público". Claudel resistiu a todos os convites para mutilar sua obra em benefício de facilitar a sua representação. Isso aconteceu com todos os



Peggy Ashcroft, que obtém grande sucesso em "The Heiress"

seus originais, os quais, entretanto, se impuseram um a um, desde "Otage" a "Partage du Midi", e agora "L'Annonce faite à Marie".

A Companhia teatral Jean Cocteau-Jean Marais está, presentemente, dando espetáculos em Istambul, depois de uma passagem triunfal pelo Cairo. Num jornal local encontramos: "Esta popularidade (referindo-se a Cocteau) tem seus inconvenientes: o estômago do poeta não pode resistir a cozinha oriental. Cocteau foi obrigado a guardar o leito por 4 dias causado pela indigestão. Jean Marais não foi menos procurado, embora nunca saia sozinho. Yvonne de Bray e sua companheira, a fim de evitar o assalto das "fans". Como são vistos sempre juntos, um jornalista do Cairo acreditou dever inocentemente advertir os leitores de que "não há nada entre os dois artistas da Companhia de Cocteau".



F. CATETE REIS

LITERATURA INFANTIL

Apenas o esboço de uma campanha no sentido de dar uma orientação mais inteligente e esclarecida à literatura infantil já pôde trazer à baila a necessidade imperiosa e inadiável de se tratar mais convenientemente esse problema de tão magna relevância.

Sem não nos perdermos em excessos jacobinescos, mas tendo em mira, simplesmente, os altos interesses em jogo, não há como aceitar-se esse amontoado de incongruências importado, nem tampouco incrementar a produção dos sucedâneos nacionais dessa sub-literatura, na maior parte traduzida em imagens e texto que só fazem envenenar os cérebros imaturos de nossa juventude.

O assunto tem sido debatido, inclusive em congressos, sem que, até agora, nenhum resultado fôsse obtido. E' lastimável. E tanto mais lastimável, quando se sabe que nada há que justifique a displicência e a desídia de quantos deveriam pugnar por essa salutar campanha.

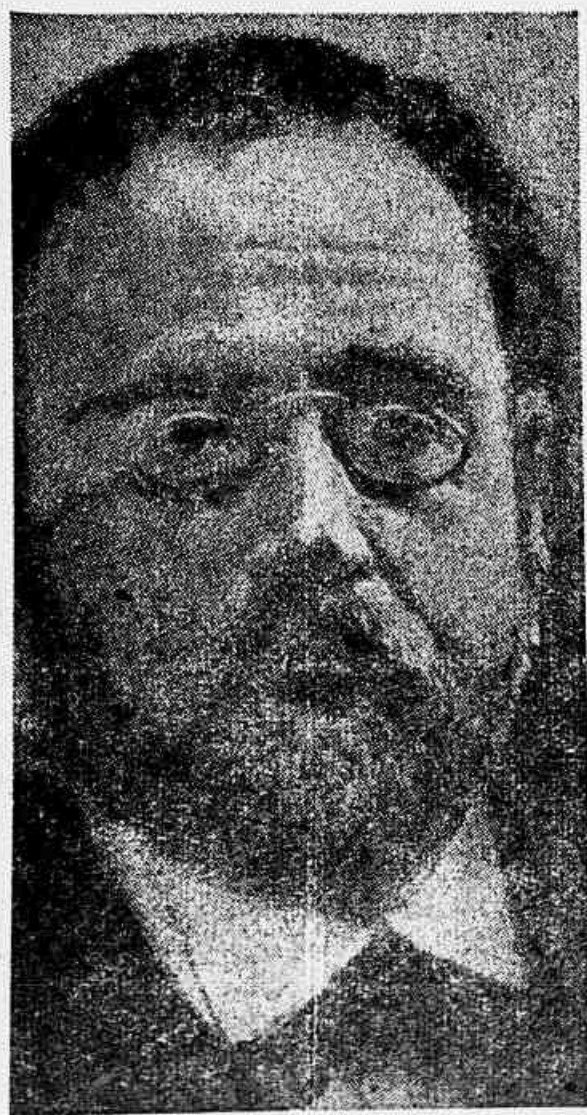
Infelizmente, a juventude brasileira também foi atingida por essa onda avassaladora de sensacionalismo obscuro e pornográfico que inunda certas publicações e também ela se vê indicada e amparada pela oportuna interferência da própria Igreja, através das recomendações com que esta iniciou, há pouco, a cruzada de regeneração dos costumes.

O fato assumiu, pelas suas repercussões, um caráter bastante sério, sem que, todavia, nenhuma providência fôsse tomada, visando à salvaguarda de um patrimônio valioso, que é justamente aquele que será formado pelos brasileiros de amanhã.

A literatura infantil e juvenil, de há muito, espera por uma diretriz. As poucas exceções, que subsistem à custa de esforços inauditos de alguns poucos, encerram uma esperança e pontificam como um exemplo de nossa capacidade para encontrarmos o rumo desejado. Por que não insistir? Por que não congregar todos os esforços em favor daqueles que nada têm com os desvarios e desmandos de seus maiores?

ZOLA TRAÇA O SEU CAMINHO

EM pleno calor de seu entusiasmo pelo naturalismo, Emílio Zola, entre numerosas afirmações que compõem a sua verdadeira "profissão de fé", escreveu: "Já me referi ao anseio de liberdade e justiça. Acredito que levaremos muito tempo para chegar a essa perfeição, mas é possível conseguirmos um estado de coisas melhor. Acima de tudo, creio num incessante avanço em direção à verdade. E' só do conhecimento da verdade que pode surgir uma melhor condição social.



EMILIO ZOLA

Meu estudo, portanto, não passa de uma análise do mundo tal qual ele é. Limitar-me-ei a expor os fatos. Será um estudo, sem qualquer pregação de moral, do homem situado no seu meio. Se meu romance tiver alguma finalidade, deverá ser a seguinte: narrar a verdade humana, patentear nosso mecanismo vital, mostrando a influência oculta da hereditariedade e o papel desempenhado pelo ambiente". (Matthew Josephson — "Zola e seu tempo").

MAUROIS ESCRIVE SOBRE O BRASIL

André Maurois encontrava-se, ainda há pouco, em Roma, consultando os arquivos da Biblioteca Nacional, a fim de reunir documentos sobre a contribuição italiana para a civilização brasileira, os quais serão utilizados no livro que, segundo se sabe, pretende o magnífico autor de "História da Inglaterra", escrever a respeito do Brasil.

COCHILOS DOS MESTRES

— O cadáver esperava, silencioso, sua condução. (Feuillet — O favorito da sorte).

— Vamo-nos! — disse Peter, procurando seu guarda-chuva para secar suas lágrimas. (Zola — Lourdes).

— A tripulação do navio tragado pelas ondas constava de vinte e cinco homens, que deixaram centenas de viúvas condenadas à miséria. (Gaston Lerroux — Dramas íntimos).

— Com um olho lia, com o outro escrevia. (Auerbach).

— Começo a ver mal! — exclamou a pobre cega. (Balzac — Beatriz).

— Esta esplêndida família que havia gozado de tanta fama no passado, está agora tão degenerada, que nela a esterilidade já se tornou hereditariedade. (Arzy Sacheff — Vaidade).

— Pobre Maria! Cada vez que percebe o ruído de um cavalo que se aproxima, acredita que seja eu. (Chateaubriand — O Duque de Montbazou).

TÍTULOS

M. Curzio Malaparte, escritor italiano e autor dramático francês, gosta, evidentemente, dos títulos alemães. Depois de Kaputt, lançará brevemente, no Teatro de Paris, Das Kapital.

Mas quando se trata de traduzir para o alemão as obras de M. Malaparte, o editor que se dispõe a publicar Kaputt, em Munich, hesita se o deve chamar de Mort.

DEFINIÇÃO

Em um grupo de amigos, Philippe Hériat assim definiu a Academia Francesa e a Academia Goncourt:

— Uma é o salão, a outra a sala de jantar.

A HONESTIDADE DE RAYMUNDO

RAYMUNDO CORRÊA
Poeta e Juiz

TORNOU-SE proverbial a honestidade de Raymundo Corrêa em todos os atos de sua vida. Dessa honestidade conta-se o seguinte episódio: Era o poeta de "Mal Secreto", juiz em Minas Gerais, quando ao abrir certos autos, encontrou uma sobrecarta com mil cruzeiros, ao tempo, um conto de réis. Chamou o escrivão.

— Foi a parte mesmo que deixou senhor doutor, em sinal de reconhecimento pela rapidez com que teve andamento o inventário. Eu também recebi um conto de réis.

— Bem — retrucou Raymundo — se é uma remuneração espontânea, cabe à sua consciência resolver sobre o caso.

E devolvendo-lhe a sobrecarta, concluiu: — Tome... Devolva o meu...

JOHN LEHMANN



Sr. John Lehmann, publicista, editor, poeta e crítico

DEPOIS de amanhã, deverá chegar à esta Capital, por via aérea, o conhecido poeta, romancista, crítico e ensaísta inglês, sr. John Lehmann, que vem ao Brasil sob os auspícios do Conselho Britânico (The British Council), numa viagem de intercâmbio cultural. O ilustre homem de letras é também o editor das publicações "Penguin New Writing", que durante a guerra saiu com o título "New Writing and Daylight".

O sr. John Lehmann tem vários livros de versos, novelas, viagens, ensaios e crítica, sendo ainda um dos editores ingleses mais progressistas, tantas e importantes têm sido suas iniciativas para a divulgação dos modernos escritores e artistas ingleses.

O sr. John Lehmann é irmão da romancista Rosamond Lehmann, e nasceu em 1907, tendo sido educado em Eton. Já viajou toda a Europa, sendo a primeira vez que vem ao Brasil. Nesta Capital, o autor de "The Sphere of Glass" pronunciará uma conferência sobre a moderna literatura inglesa.

MILTON E SUA FILOSOFIA CONJUGAL

Milton, o grande criador de "Paraiso Perdido", tinha, também, idéias muito próprias a respeito da vida conjugal.

Um dia, seu grande amigo e protetor, o duque de Buckingham, conversando com o poeta, disse o seguinte:

— És o mais feliz dos mortais, Milton, pois tens por esposa a mais bela das rosas!

— Sim — respondeu o poeta — mas, como sou cego e não posso admirar sua grande formosura, devo me contentar com os espinhos...

IMAGENS E CARICATURAS

Dona Sinhá, como enfermeira, apresentava apenas o inconveniente de conhecer maior número de remédios do que aquele que se tornava necessário para enterrar um doente. (Humberto de Campos — "Contrastes" — "A medicina em Baturité").

★

Um copo de saído, cem réis. Uma sanduíche de salame ou goiabada, cem réis. Ao que se vê, jejuava-se baratinho no Rio do começo do século. (Agrippino Grieco — "Zeros à esquerda" — Comidas).

★

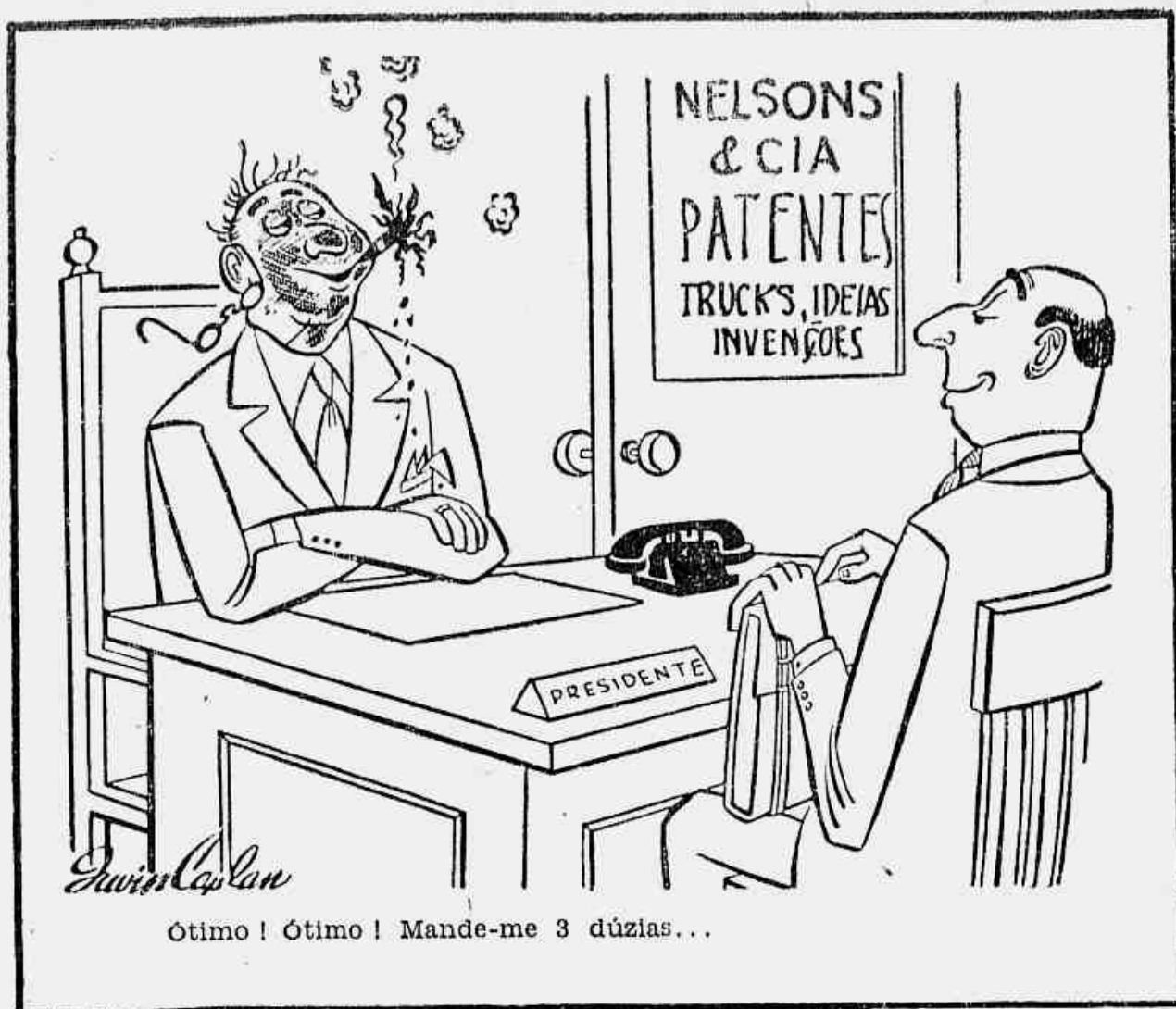
Era um homem gordo, cara de relógio atrasado, redonda, com o ponteiro do nariz parado na boca embeçada. (Paulo da Silveira — "Querem furtar o espelho de Narciso" — "Jornal do Comércio", de 26/5/49).

★

...Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos. (Machado de Assis — "Memórias Póstumas de Braz Cubas").

★

Realmente, no fundo, o que é um arenque defumado senão a múmia, sem ligaduras e sem inscrições, dum arenque que viveu? (Eça de Queiroz — "A Correspondência de Fradique Mendes").

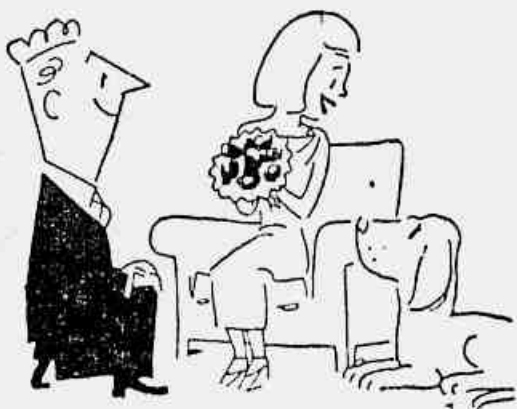


BOM HUMOR

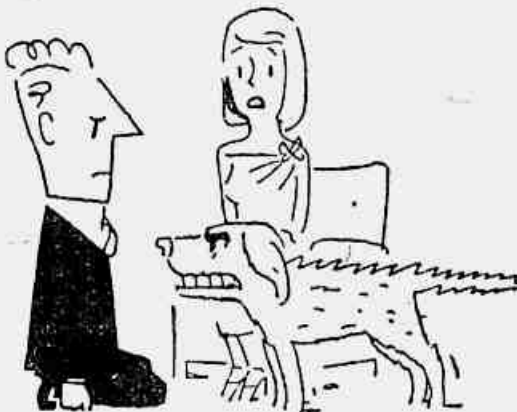
1.



2.



3.



4.



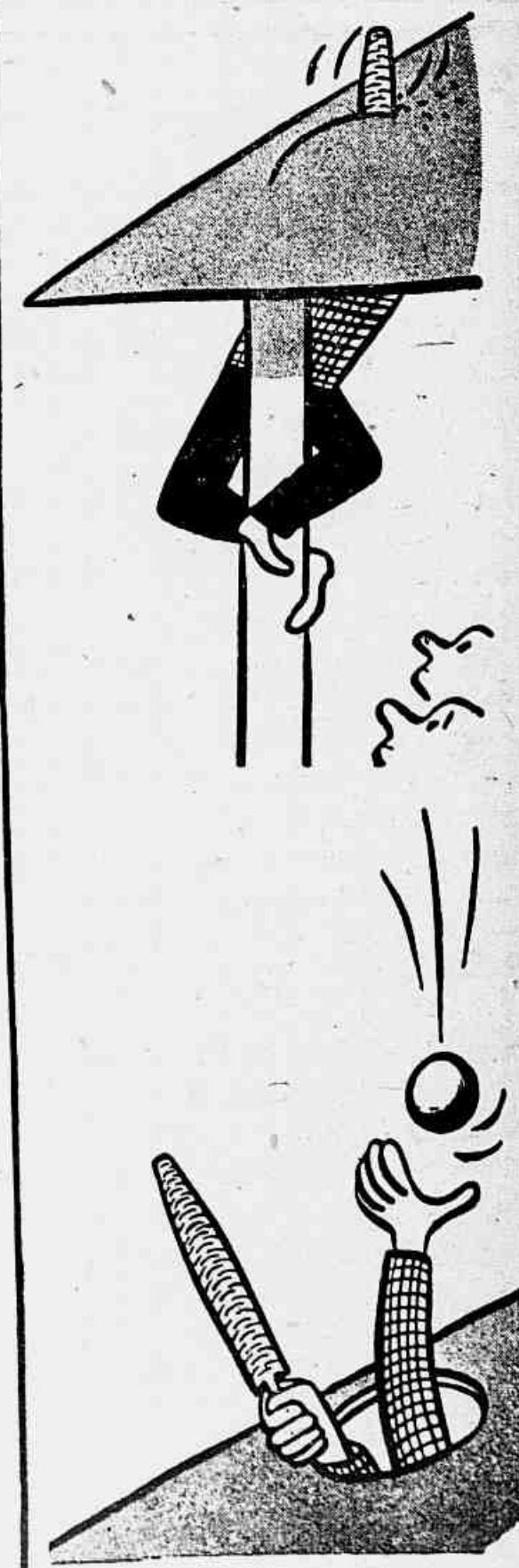
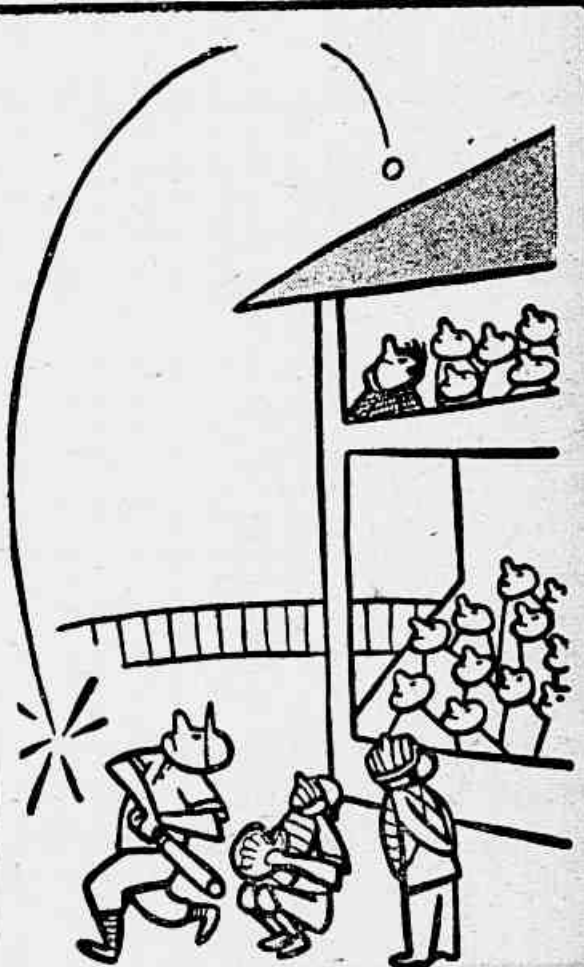
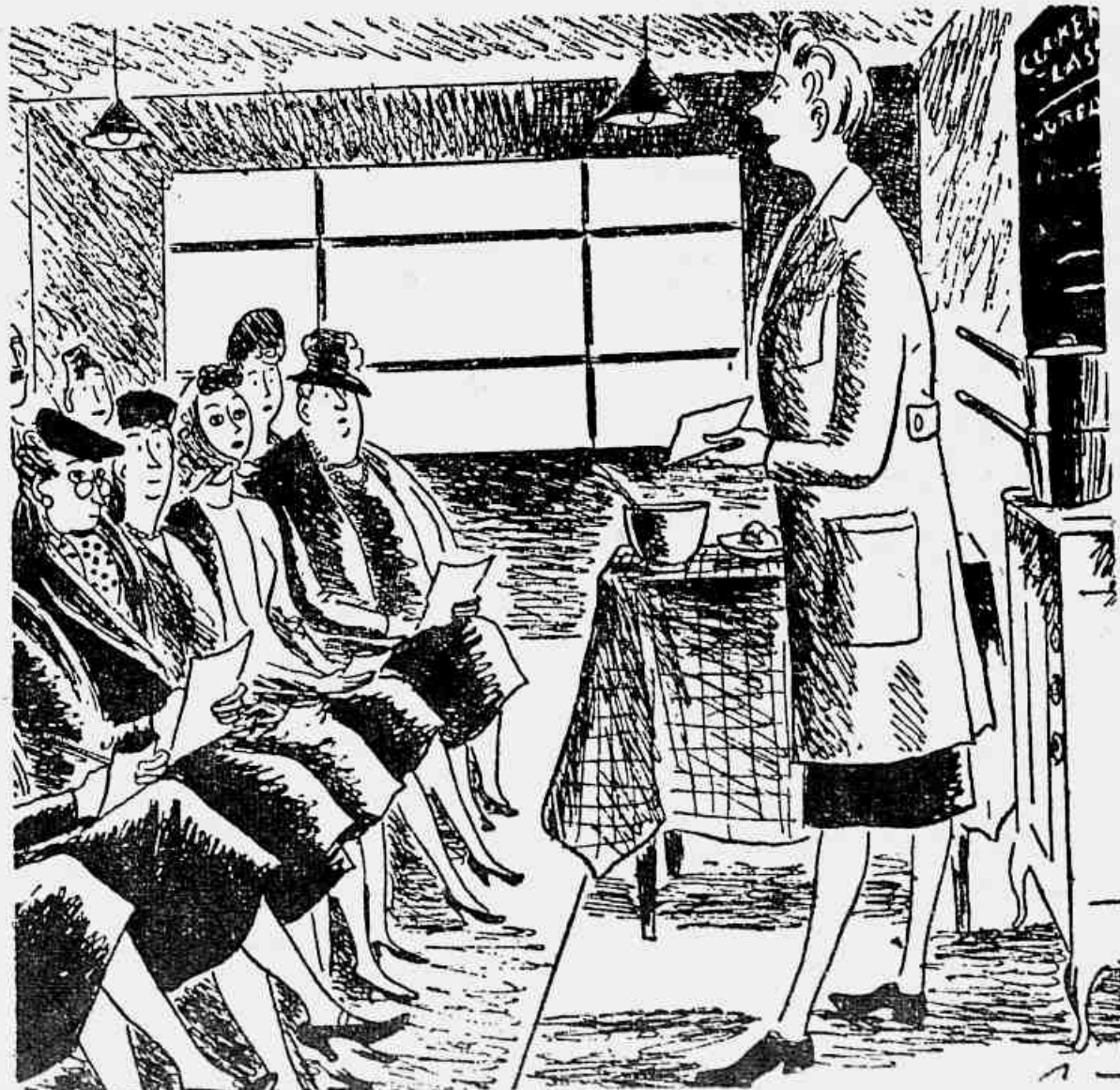
NA CABEÇA...

Um candidato ao Parlamento expunha num grupo o que haveria de fazer para concertar as coisas erradas. E discorria fluentemente sobre tudo: dava solução a grandes e pequenos problemas nacionais internacionais e domésticos.

Em dado momento um dos assistentes interrompe e pergunta se ele tinha de fato bastantes conhecimentos para falar tanto a respeito de tantos assuntos.

"Como não? — respondeu o candidato. — E que espécie de congressista seria eu se não conhecesse todos esses problemas?"

O interlocutor responde: "Como a media dêles"...



UM ANO DE LITERATURA

DE RAUL LIMA PARA REVISTA DA SEMANA



Marcel Proust

CENTENÁRIOS — O ano que passa é prodígio em comemorações centenárias de grandes valores da cultura, no Brasil e no mundo.

Estamos festejando o centenário de Joaquim Nabuco e Rui Barbosa; estamos participando do festejo internacional do segundo centenário de Goethe e do 150.^o aniversário do nascimento de Balzac (à às vésperas do centenário da morte do grande romancista).

Recordasse, aliás, que o ano de nascimento do nosso maior polígrafo e da esplêndida figura que foi Nabuco, 1849, foi o de sugestivos acontecimentos literários como o aparecimento das "Memórias de Alexandre" de Chateaubriand, "As confissões de um revolucionário", de Proudhon, obras de Lamartine e Eugène Sue, "O senhor da rainha" de Alexandre Dumas Pai.

REDESCOBERTA DE PROUST — Um dos fenômenos marcantes do último ano literário foi a redescoberta de Marcel Proust, por intelectuais de mais de trinta anos e descoberta pelos novos.

Escreve-se intensamente sobre Proust, existe um Proust-Clube, festeja-se o aparecimento, em edição brasileira, do primeiro volume de "À la recherche du temps perdu", mencionam-se livros e cursos proustianos, a Revista Brasileira é órgão oficial do proustismo.

OS MORTOS — Desde o último aniversário da REVISTA DA SEMANA, o fato que mais profundamente entristeceu a vida literária do país foi a morte, em julho do ano passado, do grande Monteiro Lobato, tão amado pelas crianças que ele divertia e instrua com os seus livros, tão admirado pelos homens de letras e pelos leitores de várias gerações.

Outra eminente figura da cultura brasileira, desaparecida nos últimos dois meses, foi o sábio jesuíta Padre Leonel Franca, que deixou obras de mais pura qualidade sociológica e filosófica.

A Academia Brasileira de Letras perdeu um de seus quarenta e o economista Roberto Simonsen, outor em sessão mesmo do Pele Truimam. Seu substituto recém-empossado, atual ministro do Supremo Tribunal, Aníbal Freire, foi uma das vozes mais brilhantes que já passaram pelo parlamento republicano.

INTERCÂMBIO CULTURAL — Durante a guerra as grandes nações aliadas empenharam-se, de modo particular, pela difusão da sua cultura entre nós visando a criação de laços mais profundos pelo conhecimento da literatura e da arte.

Atualmente, não mais parecem funcionar sequer os acordos de intercâmbio cultural com os países aliados, apenas a Polónia mantendo um serviço literário de informações aos jornalistas, intelectuais, autoridades.

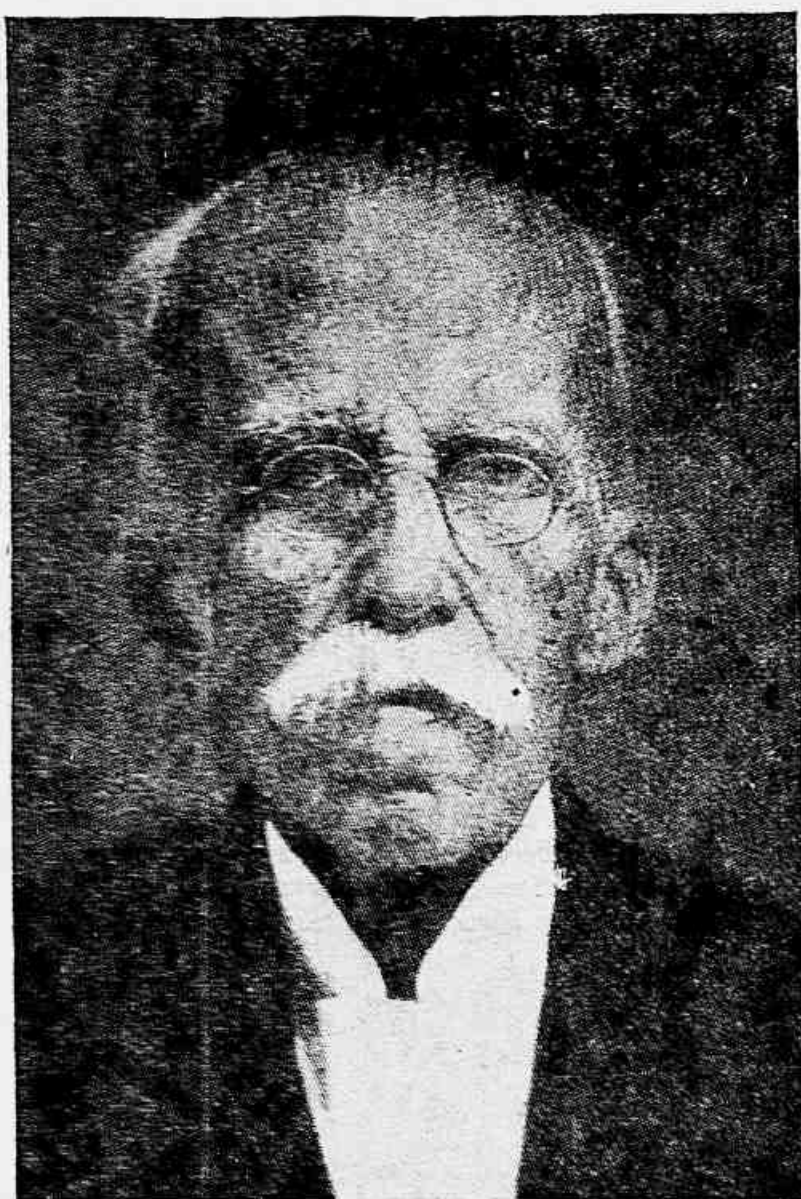
A França sempre amada possui somente uma biblioteca de consulta dos livros que apareceram nas livrarias de Paris; ela sabe que é requisitada.

Há um país, entretanto, justamente aquele que um personagem de Eça de Queiroz julgava não possuir literatura, a Inglaterra que é o único a manter um serviço intenso e sistemático de difusão da sua cultura em nosso meio. O Conselho Britânico proporciona aos nossos homens de letras, artes e ciências o conhecimento atualizado e as melhores amostras do que se realiza na Grã Bretanha no domínio cultural.

OS NOVOS — Há uma viva animação de intelectuais novos, vários deles reunindo-se em grupos, por vezes, aliás, algo mais do que irreverentes, agressivos.

O movimento floresce, aqui e nos Estados, em revistas que desafiam a inqueijice da idade. Poetas, contistas, críticos, ilustradores surgem e conquistam o seu lugar na cidade das letras.

No Rio, as revistas Branca, Orfeu e Crouos, além de Universidade e outras, de estudantes, são os órgãos dessas recentes novas da inteligência.



Ruy Barbosa

MERCADO DE LIVROS — O mercado de livros sofreu uma queda espetacular, como aconteceu em outros campos inflacionados.

Por ventura editava-se mais do que a capacidade aquisitiva normal do público permitia. Quando essa capacidade foi reduzida pelo declínio da inflação as editoras estavam em mar alto e as dificuldades se abateram.

Livrarias faliram. O número de lançamentos novos baixou a um terço, seguramente.

Contudo, os editores de maior responsabilidade não deixaram de dar boas páginas. E fórmulas novas de venda do livro começaram a aparecer.

O livro passou a ir ao encontro do freguês e lhe é oferecido a prestações.

Clubes de livros surgiram e graças a uma organização eficiente, difundem edições em escala inusitada em nosso meio penetrando profundamente o interior.

NOS ESTADOS — Além de revistas devidas a iniciativas de grupos de intelectuais jovens, em as respectivas peculiaridades, contam-se em vários Estados periódicos dedicados à cultura, destacando-se Província de S. Pedro, no Rio Grande do Sul, Nordeste, em Pernambuco, Cadernos da Bahia, na Bahia, Ode, no Ceará, Joaquim, em Santa Catarina.

Existem também em diversos dos principais jornais metropolitanos bons suplementos literários.

No momento exato em que grandes órgãos da imprensa carioca e paulista mantêm ou cancelam esse caderno especializado de suas edições dominicais, jornais dos Estados criam o seu, como fez recentemente com especial carinho, A União, da Paraíba, cujo "Café das Artes", é uma verdadeira e boa revista semanal de cultura.

O MAIOR ÊXITO DE LIVRARIA — Um ensaio como "Inglêses no Brasil", de Gilberto Freyre, de crônicas como as de Rachel de Queiroz e Rubem Braga, o sugestivo romance do cearense João Clemente Bezerra (Não há estrelas no céu) ou o de José Montello (A luz da estrela morta) conquistaram real êxito de crítica e, em parte, de livraria também.

Mas o autêntico "best-seller" nacional, no último ano, foi "Presença de Anita", de Mário Donato, do qual se esgotaram quatro edições e saiu a quinta no curso de um semestre.

Uma nova "chance" foi dada a O Amanuense Belmiro, de Otto dos Anjos, do qual foi feita uma edição de quarenta mil exemplares — excepcional para livros de ficção no Brasil.

CHURCHILL, PINTOR E CRÍTICO — Realizou-se, recentemente, em Londres, um banquete da Academia Real, sob a presidência de Sir Alfred Munnings e com a presença de personalidades como o arcebispo de Canterbury, o marechal Montgomery e Churchill que está publicando suas memórias.

Munnings, que pinta cavalos parecidos com cavalos, admiro rijamente Matisse e Picasso e critica o seguinte:

— Não há muito tempo eu passeava com Mr. Churchill. "Alfred, disse-me Mr. Churchill, se encontrássemos Picasso nesta rua, você me ajudaria a dar um enérgico pontapé em certa parte do seu corpo?" — E como ajudaria Winston! — respondi eu.

BESTSELLER — Lloyd C. Douglas ganhou com The Big Fisherman o posto de "o mais popular romancista vivo na América".

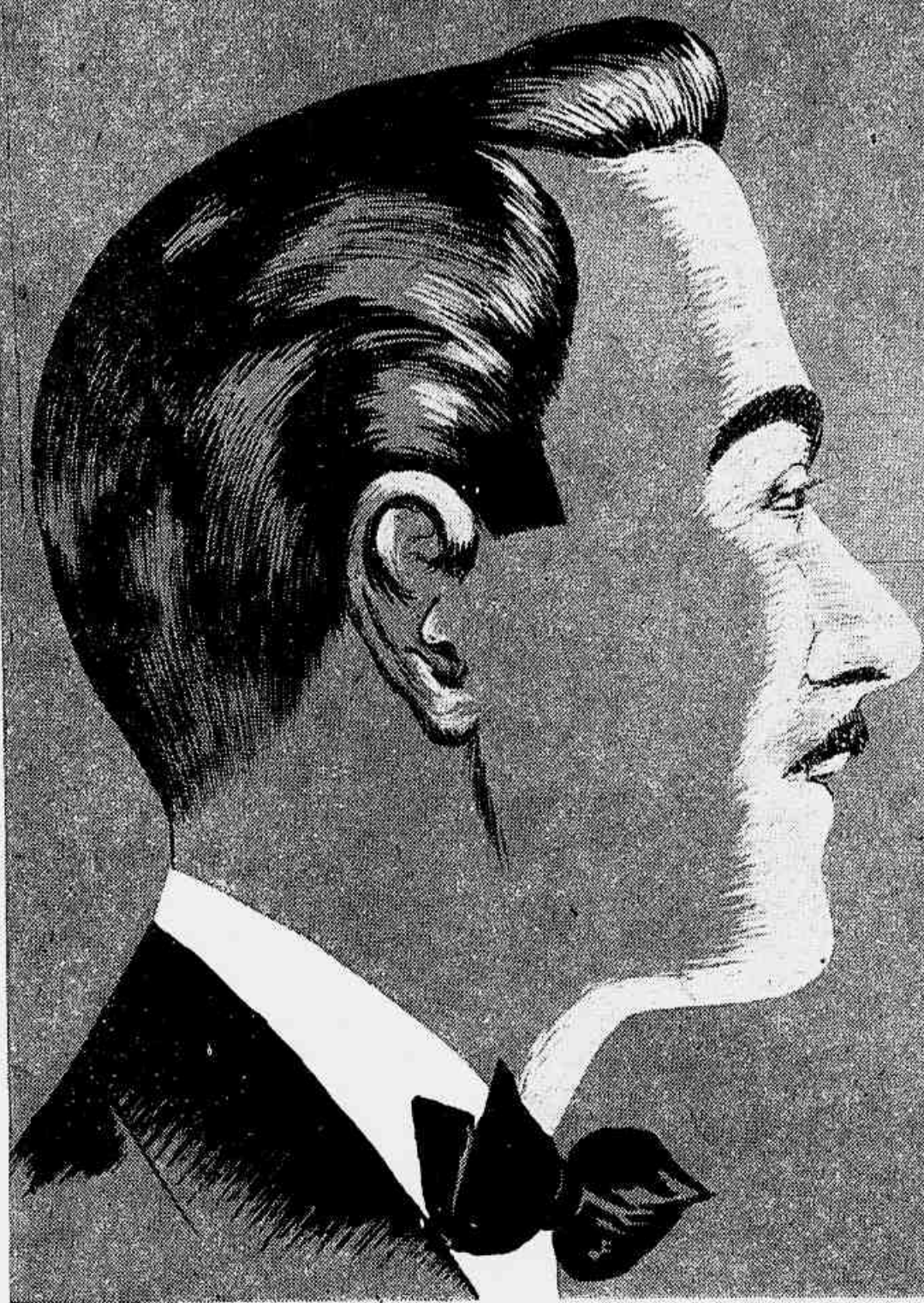
Esse seu último livro permaneceu em primeiro lugar várias semanas seguidas, entre os livros mais vendidos nos Estados Unidos.

Douglas retomou a história da presença de Cristo no mundo e realizou um livro vitorioso pela sugestiva e palpitante narração, fonte, ao mesmo tempo, de motivos de meditação e de revigoramento da alma nos tempos inquietos e conturbados que a humanidade atravessa.



Lloyd C. Douglas

Com esta garantia



CAIXA ECONOMICA FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DATA	RETIRADA	DEPÓSITO	SALDO	OPERAÇÃO
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				

Nº 362452

NÃO ENROLAR NEM DOBRAR ESTA CADERNETA
 NO LANÇAMENTO E VEJA SE O NÚMERO IMPRESSO
 É O PRÓPRIO NÚMERO DA SUA CADERNETA.

CADERNETA DE ECONOMIA

NA

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
do Rio de Janeiro

SEDE
RUA 13 DE MAIO
33-35



P OIS é isso mesmo. Eu cheguei a odiar minha própria mãe. A evocação de sua memória era como um cortiço em meu peito, que não havia de conhecer jamais o Amor.

Que me importava que minha adoração ao meu bovine adotado para que eu gozasse de um nome honrado? Eu sabia de minha origem e sofria ao sentir sobre mim a noção de ser uma bastarda. Eis o que era eu, na verdade. Filha de uma aventura, fruto de um amor ilícito.

E não infeliz filha, que, ao nascer, causara a morte de minha mãe. Minha mãe, com uma caridade amarga me criara dentro de provas de ressentimentos, com rancores, despeito e ódio. E agora, como esperar doçura numa planta nutrida pelo desamparo e desespero?

Já fizera muito com o haver me educado, a ponto de poder eu trabalhar e ganhar meu sustento no escritório do advogado Vinhel, homem reservado, sério, de grande personalidade como jurista e senhor de poderosas influências políticas.

Certa tarde quente, depois da vinda de seu único irmão, advogado como ele, Vinhel me olhou com seus olhos penetrantes e me disse:

— Senhorita Bruno, aceitará um convite de meu irmão Jorge para sair com ele?

— Não, muito agradecida... Mas não me interessam os homens.

— Sim, eu já o suspeitava; mas permita que lhe faça este convite como parte integrante de nosso trabalho no escritório.

Olhava-me significativamente e eu senti no intimo um lampejo de raiva. Para apenas um mês que eu chegara à capital do México após a morte de minha mãe, e muito me serviu o emprego que me dera Vinhel em seu gabinete. E agora meu emprego estava a serviço de caprichos seus.

— Está bem, sr. Vinhel — respondi com os lábios contritos — aceite, embora saiba que ele não pensasse em convidar-me.

— Mas se o fizer, fica combinado que você aceitará.

Seu irmão era bastante mais jovem, tinha uma curta espolhada, olhos castanhos e melancólicos e um sorriso antipático. Era uma perspectiva amedrontadora, especialmente tendo-se em conta que até aos meus vinte e três anos jamais homem algum havia penetrado em meu coração. Meu proceder desdenhoso e minha falta absoluta de coqueteria eram culpados diretos por esta ausência de inflexão. Como esquecer que minha pobre mãe havia sido vítima de um canalha que a tinha abandonado depois de vê-la às vésperas de dar-me à luz do mundo? A mim nenhum homem haveria de fazer o mesmo. Haveria de fugir deles como se fossem venenos. Pensando assim, preparei meu plano de vida: trabalhar, ganhar dinheiro e estabelecer-me por conta própria quando chegasse a uma idade mais avançada. E viajar. Nada dessa estúpida loucura de paixão, de amores...

Nos dias que se seguiram, o irmão mais jovem de meu chefe esteve a frequentar o escritório. Sempre se limitou a saudar-me friamente, até aquela tarde em que entrou a trabalhar horas extraordinárias preparando uma papéis urgentes.

Quando terminamos e entregamos toda a correspondência ao contador, ele me olhou e sorriu torpemente.

— Sinto tê-la vindo tanto tempo. Como pequena compensação, permita que a convide para ceia?

Meu primeiro impulso foi o de negar. Mas recordei o meu entendimento com o pai e acedi, fingindo uma indiferença que estava longe de sentir.

Transcorreu a ceia na mais discreta monotonia, nem mesmo salvando-se uma conversa forçada. Não obstante, quando Jorge Frederico Vinhel me deixou à porta do restaurante, disse-me amavelmente:

— Gostaria que salssemos mais alguma vez.

Sorri e acedi. Quando o deixei, não pude deixar de reconhecer que ele não era assim tão insulso. Até me pareceu simpático. Mas preferi cerrar os olhos e fechar a alma. Nada de tentações...

Passaram-se alguns dias e, uma tarde me chamou por telefone:

— Amanhã não há expediente, depois do meu dia. Gostaria de ir com você e depois deitar.

Senti uma espécie de alívio dentro de mim. Depois, em pé um belo vestido, em arranjá-lo, uma de que não estava satisfeita.

No dia seguinte, subido mandei fazer um penteado novo e moderno. As roupas apareceram destruídas e uns cachinhos elegantes caíram ao lado. Tinha um lindo modelo verde de bonita seda, da cor de meus olhos e rufes de minha maquiagem, mas sem alçaço. Alçaço, ali, está bonita.

Não ignorava que havia perdido os traços característicos e as linhas do corpo de minha mãe. Estava certa, porém, de que não perderia dela sua frequência de espírito. Por isso, podia se quisesse, simpatizar com esse jovem advogado; mas não chegara ao entranhamento de minha

filha começou a vir.

— Pois não, gostaria que meu irmão a visse agora. Foi ele que me animou a convidá-la. Saiba disso?

— Sim.

— Confiava em você. Tão pura, tão séria, tão fria...

— Confia?

— Exatamente. Saiba que em certos jornaleiros políticos se costuma atacar os homens como nós com insinuações maldosas e venenosas? Nossa amizade é uma resposta a essas distrações...

— Oh...

Senti estranha sensação de desalento. Pareceu-me isto incompreensível, pois que esse homem não me interessava absolutamente em nada. Entretanto...

Interrompeu os meus pensamentos com um sorriso amável e mantivemos uma palestra cordial.

Já ia alta a noite quando me conduziu



vontade e do meu domínio, faltas que arruinara a vida de minha mãe.

Ao ver-me, Jorge quase não me reconheceu. Fomos a um cinema de luxo, onde assistimos a uma fita dramática. Em seguida me conduziu ao mesmo restaurante de antes. Retirou o meu abrigo, colocou-o às mãos do garçon e sorriu com bondade.

— Mas... será que você é aquela mesma senhorita?

— Penso que sim.

até minha casa. Não sei por que impulso irresistível me fez dizer-lhe:

— Está entendido então que seu irmão deseja que eu seja para você uma companhia segura e...

— É muito tarde para conversarmos agora, Leonor. Demastado tarde; desde o primeiro dia em que a vi...

— O primeiro dia? Mas... se nem ao menos tinha minha presença?

— Fingi não notá-la, a fim de não incomodar o meu irmão. Mas, desde que

a conheci me senti enamorado de você, Leonor.

— Não! Por favor! Não...

Interrompeu minha última palavra com um beijo. Sabia você, Leonor, o que é um beijo para uma mulher que jamais o havia recebido em toda a sua vida? Minha mãe sempre desprezou essas demonstrações sensíveis de carinho. Nunca tive amigos nem noivos. E agora aquele homem a beijava ternamente, doce, mente e eu correspondi porque meu coração estava comovido.

Ao despedir-se, após abraçar-me apertadamente, disse:

— Nada disso diremos a meu irmão. Desde minha infância ele me considerou como de sua propriedade; mas agora quero viver minha vida. Até aqui fui muito dócil para sujeitar-me.

No dia seguinte meu chefe me perguntou se havia saído com seu irmão. Respondi-lhe que sim.

— Devo preveni-la de que não é conveniente levar a sério este... convívio. Meu irmão sofre de uma enfermidade que o prejudica em relação ao matrimônio. Espero que seja sensata. Isto não é mais do que uma certa missão que forma parte de suas tarefas aqui no escritório.

Antes de que eu pudesse responder-lhe, retirou-se da sala.

Passaram-se três meses depois do meu primeiro encontro e ceias com Jorge Vinhel e eu gostava daquela felicidade furtiva.

Uma tarde o advogado me olhou com um sorriso sarcástico e tive a intuição de que ele suspeitava de minhas ligações com o irmão.

— Faz dias que não vejo o meu irmão. Tem notícias dele, senhorita Bruno?

— Não. Também estou com dias que não o vejo.

Era a verdade o que eu dizia, e, intimamente sentia alarme em face do inexplicável silêncio de Jorge.

— Peça-lhe que deixe o serviço e me acompanhe. Mostre-lhe algo que deve interessá-la.

Entrei em seu auto e, depois de percorrer uma boa distância, parou diante de um grande edifício de apartamentos.

— Suba e toque a campainha do número seis. Eu devo ausentar-me; mas a senhorita pode ficar.

Estava atônita e lhe pedi que se explicasse. Mas nada o deteve. Voltou no carro e se sentou calmamente, deixando-me perplexa. Como uma hipnotizada, obedeci. Imprimi timidamente um botão elétrico, no apartamento seis.

— Entre! — disse-me alguém lá de dentro. Era a voz de Jorge. E prosseguiu — Entra Humberto.

Empurrei a porta e entrei no aposento, que estava com as cortinas descoladas.

— Sou eu, Leonor... Seu irmão não pôde vir — expliquei procurando vê-lo na suave penumbra da sala.

Jorge, que estava sentado de costas para a porta, ergueu-se de um salto.

— Por que veio? — perguntou com rudeza.

— Vim felicitá-lo. Foi o seu irmão que me trouxe. Soube que ganhou aquele caso dos Girard e...

— Meu irmão!

Deixou cair os braços num gesto de grande desalento e logo passou a acender as luzes. Como estava diferente de quando passeávamos! Tinha os olhos injectados e o rosto brilhante de suor.

— Quer ver-me? Pois é assim que eu festejo meus triunfos profissionais.

— Estaria ébrio? — pensei. Mas sobre a mesa não se via senão uma xícara de café. Voltei a olhá-lo e me alarmei o seu rosto muito pálido. Depois começou a trêmulo ligeiramente, acesso que se foi agravando até ficar a bater os dentes como se estivesse com frio intenso e irremediável. Por um instante me fitou patético, envergonhado, indeciso. Depois deixou-me sózinha e saiu correndo. Fiquei atônita. Deixei-me cair numa poltrona como que a esperar não sei por quê.

Finalmente, depois que se passou, para mim, uma eternidade, voltou ele ainda extenuado, mas já mais calmo.

— Já viu você a razão por que não posso casar-me. Se tenho de pagar na minha vida intima como em minha car-

(Continua na pág. 88)

BROADCAST

RADIO-FLASHES

UM GRANDE MÚSICO

ATRAVÉS DAS ONDAS...

Neusa Maria renovou contrato com a Nacional, devendo permanecer nessa estação por mais trezentos e sessenta e cinco dias. A festejada intérprete de nossas melodias populares participa, no momento das grandes atrações da PRE-8. ★ Mas-supere e Cristancho, por sua vez, retornaram ao elenco da Globo, após brilhante atuação no show de Xavier Cugat. Os dois violonistas estão executando números novos do variado repertório clássico que possuem. ★ Dilu Melo toma parte, presentemente, em "Muiraquitãs", programa transmitido às quintas-feiras pela PRA-2, e que já apresentou Mara, Valdemar Henrique, Jorge Fernandes. ★ Caci Marajó e B. Araújo vêm de lançar ao microfone da Guanabara, um programa de auditório, a que deram o título de "Galera sem rumo". Tal como seus congêneres, distribui geladeiras, rádios, máquinas de costura e outras quinquilharias... ★ Voltaram ao ataque os "Comandos Tupi". Desta vez, esse programa iniciou a campanha da "chapa branca", destinada a mostrar aos responsáveis o abuso dos carros oficiais. À frente dos "comandos" se encontra o locutor Carlos Frias, tendo a coadjuvado o repórter Edgard Carvalho. ★ O pianista polonês Eric Landerer será a próxima atração de "Grande Concertos", cariz que a Globo está transmitindo todas as segundas-feiras, diretamente da Escola Nacional de Música.

RESPONDE MAX GOLD

A propósito de nosso comentário do dia quatro, em que demos guarida a reclamação do sr. Horácio Guterre, recebemos de Max Gold, responsável pelo Departamento de Reportagens da Continental, uma carta. Nesta, o missivista esclarece sua posição na PRD-8, dizendo: "A minha surpresa foi mesmo muito grande, pois o sr. Horácio Guterre, diz que eu não estou à altura de julgar a capacidade de ninguém, como se fôsse um dos encarregados de julgar os candidatos à vaga de locutor. Em primeiro lugar, devo esclarecer que minha função dentro da Continental é de Chefe do Departamento de Notícias e Reportagens, cabendo-me o trabalho de procurar notícias para serem irradiadas e mandar executar os demais serviços do Departamento. Não tenho, nem quero ter, nenhuma interferência no trabalho de seleção dos candidatos a locutor ou a qualquer outro posto dentro da emissora. Só escolho ou seleciono os candidatos ao posto de repórter do meu Departamento."

Depois de explicar as condições impostas pela direção da PRD-8 aos candidatos a locutor, termina Max Gold: "Como vê, caro Armando, estas são as explicações que recebi do encarregado da seleção dos candidatos a locutor da Continental, porque, torno a afirmar nada ter com o peixe, tendo-me desagradado ver meu nome envolvido em casos que não me dizem respeito e com pessoas que eu não tenho a menor relação."

Após assistir um recital de Nikita Magaloff, em que páginas de sua autona foram executadas com raro brilhantismo, o famoso Ravel não pôde conter sua admiração pelo grande pianista russo, premiando-lhe com esta frase: "É você um grande músico, um músico de excepcional grandeza".

Nikita Magaloff apresentou-se à plateia carioca através de um recital levado a efeito no Teatro Municipal, além de participar do programa "Grandes Concertos", que a PRE-3 transmite todas as segundas-feiras, às vinte e uma horas.



Jair Martins está zangado pela falta de união dos verdadeiros locutores. Por isso, reclama pela exumação do clube de locutores

OPINIÃO Jair Martins, cuja atuação na linha de programas da Cruzeiro do Sul é das mais destacadas, não está muito contente com o "broadcasting" nacional, segundo deduz-se de sua opinião sobre a profissão que exerce. Falando-nos a propósito, ele afirmou: "Não compensa ser locutor, atualmente, no rádio brasileiro, pelos seguintes motivos: a) pela super-abundância de elementos que desejam ingresso nos meios radiofônicos, com ou sem capacidade para tal. Resultado: excesso de pretendentes, desinteresse dos diretores de nossas emissoras; b) pelos baixos salários pagos, atualmente, pois, a profissão de locutor, que requer conhecimentos vários, tais como línguas, principalmente o português, não é encarada em sua devida importância pelos elementos que "mandam", no ambiente. Resultado: muita mediocridade, muito trabalho e falta de união dos verdadeiros locutores."

Falta-nos tudo. Principalmente o natimorto Clube dos Locutores, para tratar de nossos problemas, que saltam aos olhos de todos.



Olivinha Carvalho é a estrela de "E" com esse que eu vou, uma produção rodada e dirigida por Badu

OLIVINHA NA TELA! —

A geração de hoje, como será fácil averiguar, está passando muita gente boa para trás. Simples observação nos diferentes setores artísticos e vamos encontrar uma porção de gente, que ontem andava de vestidinho curto, brilhando na constelação radiofônica, desacatando no teatro e colhendo louros no cinema. Este é o caso de Olivinha Carvalho, que, no momento, integra o cast da Rádio Guanabara, onde participa das audições do programa "Cliper Guanabara", além de animar outros "broadcasts". Mas, não é só. A querida Severinha, como a chamam seus companheiros de atividade, aí está em "E" com esse que eu vou, filme dirigido, rodado e financiado por Badu. Todos são unânimes em elogiar o trabalho da querida artista nessa produção.



Dilu Melo, no momento, abrilhanta as apresentações de "Muiraquitãs", programa que tem legendas de Lucília Figueiredo

MAU SINTOMA

Carece o "broadcasting" carioca de novidades. Tudo quanto se vem ouvindo ultimamente, quando não traz o rótulo "made in USA", é exumação de velhos "broadcasts". Dai, a enxurrada de programas de auditório, com a abusiva avalanche de textos comerciais e a apresentação de plásticas alucinantes para impressionar aos que aos mesmos comparecem, em prejuízo do ouvinte de casa, que não dispõe de um aparelho televisivo... Quando não, são os mesmos "medalhões" de há dez anos atrás, repetindo as mesmíssimas composições na falta absoluta de números mais modernos. Este, aliás, é o caso de Francisco Alves que, embora em grande forma, não deixa de comparecer com as melodias que lhe deram cartaz no início de sua carreira radiofônica. Também Sílvia Caldas, em sua nebulosa reaparição, raríssimas novidades apresentou, embora estivéssemos em franco período carnavalesco. E' nesse caminhar, em que os cartazes estrangeiros estão levando a melhor, que se encontra a radifonia carioca. E por que? A considerar-se a opinião dos que se intitulam verdadeiros Ziegfelds do "Broadcasting" guanabarrino, há carência de novos valores. Os que se apresentam a disputa de um lugar ao sol radiofônico, com raras exceções, não satisfazem, motivo porque os programas se repetem, os astros continuam os mesmos e o rádio zig-zagueia... Poderoso veículo de divulgação, com enorme campo a explorar, é a, segundo os velhos "profiteiros" anda qual Diógenes, procurando os que tenham competência para conduzi-lo à frente. Infelizmente, estes não aparecem. Mas, se porventura surgem, lá vem boicote. E, enquanto perdura essa situação, o ouvinte terá de contentar-se com outros tantos programas de auditório e com as costumeiras repetições de "A voz do violão"... Acontece, porém, que as repetições ou cópias, ao invés de colocarem o "broadcasting" carioca em posição de destaque, situam-no naquele provincialismo que é próprio combate. Por que não fugir, portanto, ao velho formalismo de receber os que chegam, dando-lhes oportunidade para criarem novidades? Talvez a prática desse sistema seja útil e proveitosa. Por que não experimentar? — A. MIGUEIS.



PONTO FINAL

Não me perguntes a razão
Não me atormente mais
Falo por meu coração,
Tudo acabou... nada mais...

Sinto muito, mulher, mais é tarde
Esta chama de amor já não arde...
Faça de conta que eu
Sou como alguém que morreu
Como a fumaça que passa
E se esgaça a voar,
No ar...
Uma história incolor foi aquela,
Um capítulo de novela...
Nossa comédia acabou
Sem aplausos sequer,
Quando o pano baixou...
Numa cena banal
Põe-se o ponto final.

FRIO EN EL ALMA

Acaso fué castigo de Dios
Que te fueras así, para nunca volver.

Frio en el alma
Desde que tu te fuiste
Sombras y angustia
Sobre mi corazón
Qué loco empeño
De revivir las cosas
De um pasado ya muerto
Del fantasma de ayer.

Frio en el alma
Porque no estás conmigo
Pena que llevo
Como una maldición
Le he pedido a la Virgen
Que tu vuelvas
Porque si tu no vuelves
Me matará el dolor.

BLUE VELVET

A soldier boy wrote to his sweetheart
In my fav'rite dream of you
We two are dancing together, dear,
And you are all dressed in blue;

Darling I'm coming home soon,
[you know,
And I want a promise from you;
When we go out, dear, to celebrate
Promise you'll wear only blue;

Blue Velvet and the stars in your
[eyes,
The haunting perfume of your hair;
Blue Velvet dark as midnight blue
skies,
Your eyes match the color so rare:

A candle lit table, red roses in
[bloom;
A gay dancing crowd in a beautiful
[room!
They all are there, but I see only
[you,
Wearing Blue Velvet in all my
dreams of you.






O MELHOR MEIO DO MUNDO




PARA VIAJAR

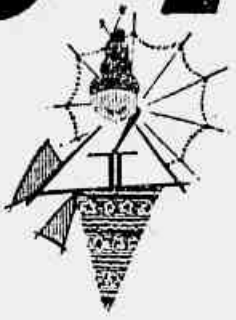




POR TODO




O MUNDO



O QUE VALE É A EXPERIÊNCIA

É um feito digno de nota manter com êxito em operação uma linha aérea por 22 anos consecutivos — sobretudo quando se transportam milhões de passageiros, milhões de quilos de carga e correspondência entre os quatro cantos da terra. A organização de uma linha aérea exige mais que um certo tempo de vida — exige homens, equipamentos e instalações — exige, sobretudo, um

fator humano que possa fundir estes três elementos. Esse fator humano pode ser expresso numa só palavra: EXPERIÊNCIA. O progresso da Pan American é o resultado de um alto padrão de serviço... tanto em terra como no ar. V. S. concordará conosco quando afirmamos: Viaje pela PAA. É o melhor meio do mundo para viajar por todo o mundo.

**PAN AMERICAN
WORLD AIRWAYS**



A Rede dos Clippers Voadores

PAA



NOS BASTIDORES FEMININOS

"DIGA-ME O QUE VESTES. . ." Se você é vaidosa ou modesta, se você é ignorante ou educada, cuidadosa ou desleixada, a sua roupa o dirá. A moça que usa chapéu e luvas para completar o seu "tailleur", tem dignidade. A moça que está sempre pedindo coisas emprestadas, é egoísta e desorganizada.

Gastar uma grande importância, talvez mesmo a única disponível, numa bolsa vermelha perfeitamente dispensável, é, ao mesmo tempo, extravagância e tolice. Porém, planejar um guarda-roupa atraente e prático é sintoma de inteligência.

É claro que as roupas devem revelar a situação social e financeira de cada pessoa, porém, dentro de cada situação pode e deve haver dignidade.

A moça que trabalha, por exemplo, pode ser tão "chic" quanto aquela que não precisa trabalhar. Basta que o seu guarda-roupa revele bom gosto e espírito prático; basta que ela não pretenda sobressair-se utilizando-se para isso do exagero e da extravagância. Um vestido complicado, cheio de rebuscados e drapeados, não é, decididamente, um vestido próprio para o trabalho como também não o são as jóias espetaculares (fantasia ou não), os grandes decotes, etc.

Seu guarda-roupa não será um guarda-roupa "masculinizado, mas o "tailleur" e os vestidos de talhe sóbrio, serão os mais indicados. No entanto, um "toque" feminino pode ser acrescentado nesses trajes, aumentando a atração do conjunto.

Ela, a moça que trabalha, deverá ter em mente que mais vale ter pouco e bom do que muito e ordinário. Com a importância que gasta em três vestidinhos baratos, que nunca lhe darão um aspecto de distinção, ela poderá fazer um só, melhor, mais bem talhado

e com o qual estará sempre bem. Às vezes, a simples mudança de acessórios dá um aspecto diferente a um vestido bom. Jóias, decotes e penteados, deverão obedecer a um plano de discrição e de finura.

Vestindo assim, ela estará preparada para qualquer imprevisto que possa surgir depois do trabalho, pois em toda a parte há lugar para a discrição e sobriedade. Deverá ainda ter em mente que o vestido deve ser um complemento da mulher e não a mulher um complemento do vestido. A sua personalidade, a sua estatura, o seu tipo físico, deverão influir na escolha dos seus modelos e, mesmo aí, quando surgir uma dúvida, o melhor caminho será sempre o da simplicidade. Deverá haver em tudo um espírito de equilíbrio, a fim de que tudo seja proporcional; uma moça baixa, por exemplo, não usará bolsas grandes nem conjuntos de duas cores, nem grandes golas, nem sapatos sem saltos ou ainda grandes brincos, colares exagerados, etc. Já a moça alta poderá sem susto fazer uso dessas coisas, evitando justamente o contrário.

Equilíbrio, espírito prático, discrição, são as qualidades principais a serem observadas quando se tem a intenção de obter bons resultados neste setor. — O. B.

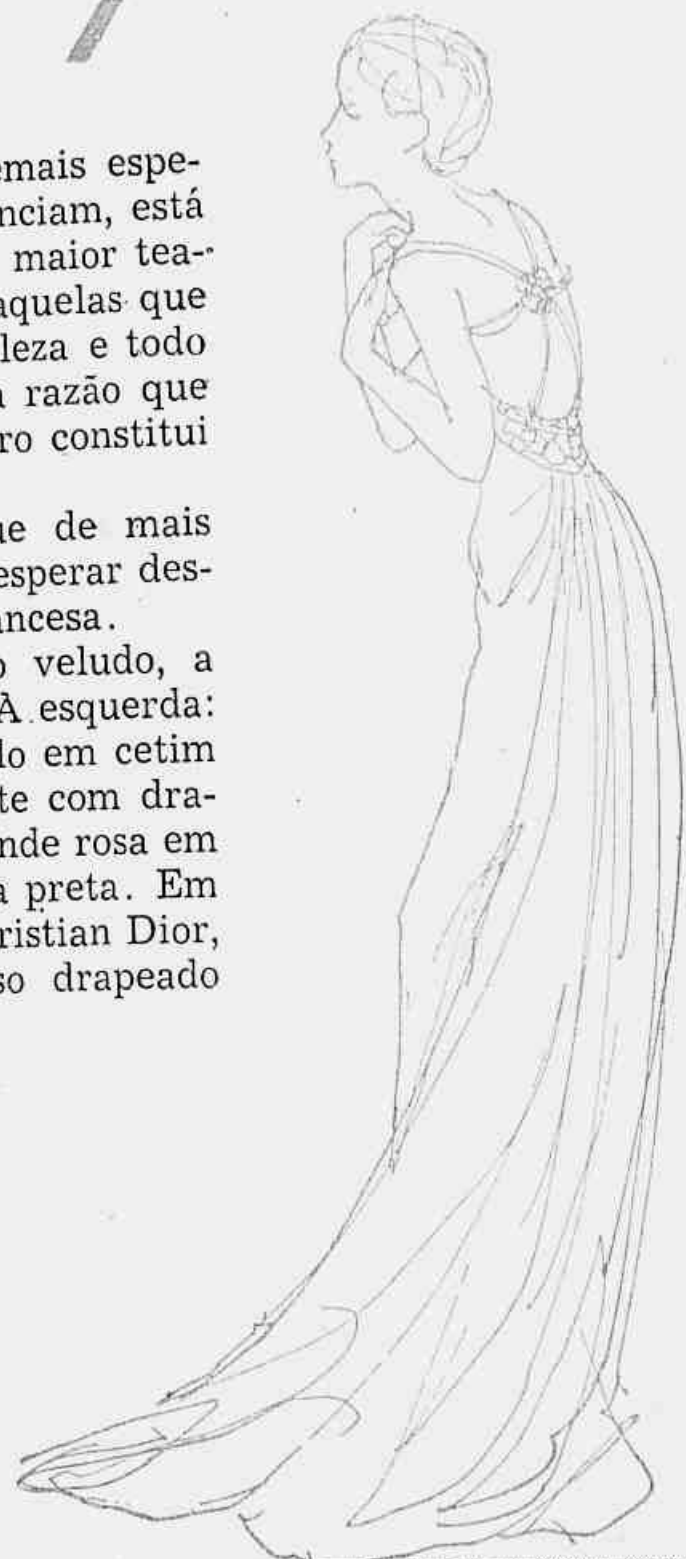
TEMPORADA DO

Municipal

COM o "ballet" e com os demais espetáculos de arte que se anunciam, está aberta a "season" do nosso maior teatro. E para isso, movimentam-se aquelas que querem fazer luzir toda a sua beleza e todo o seu esplendor. Não é por outra razão que a própria frequência daquele teatro constitui também um espetáculo de arte.

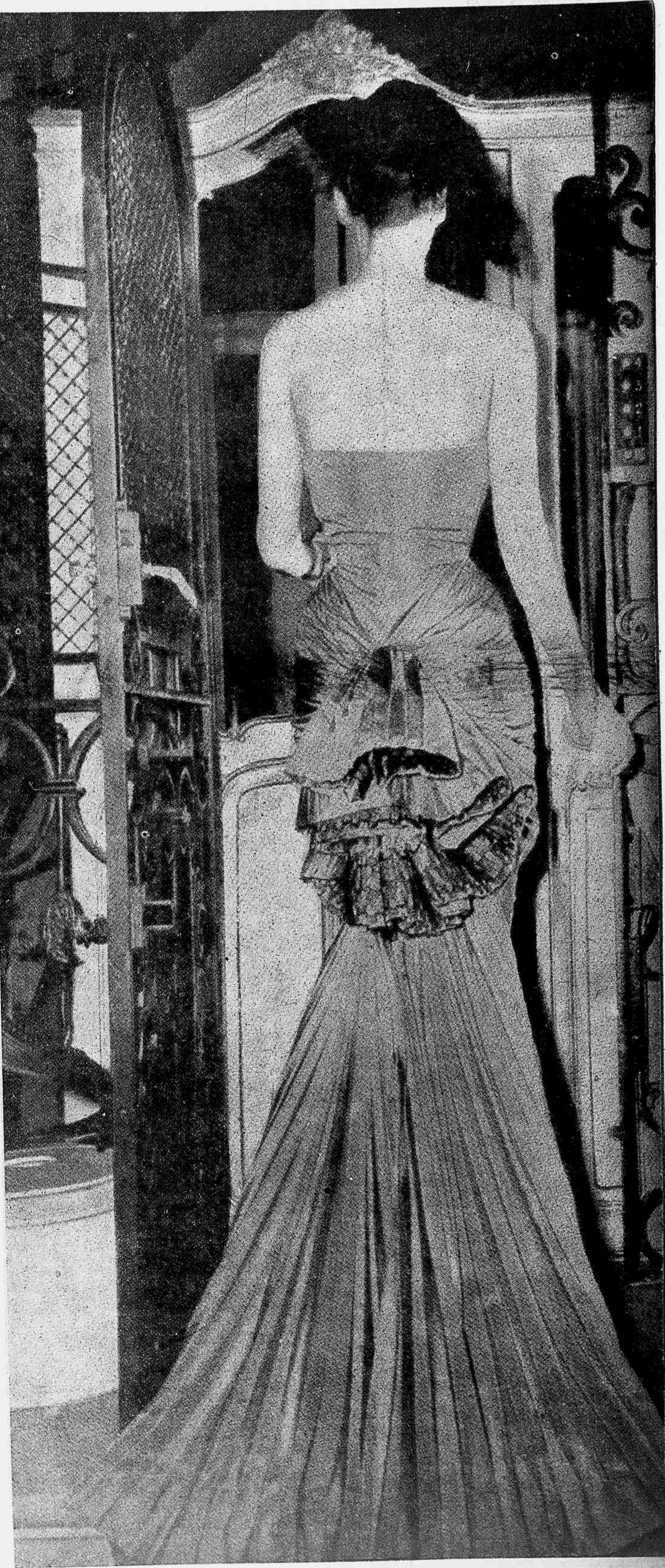
Cada modelo representa o que de mais "chic" e mais original se poderia esperar dessas grandes figuras da costura francesa.

Os tecidos mais usados são, o veludo, a mousseline, o "tulle" e o tafetá. À esquerda: Pierre Balmain sugere este modelo em cetim preto, busto drapeado, saia colante com drapeado atrás, formando cauda. Grande rosa em tafetá rosa seco. Estolas de renda preta. Em baixo: Maravilhoso modelo de Christian Dior, com saia muito ampla e curioso drapeado sobre os ombros.





Em cima, elegante capa em veludo negro, debruada de arminho; à direita, audacioso modelo em tafetá cinza, e em baixo, dois casacos próprios para noite





O telefonema com o chamado da Firma interrompeu-a. Decidida, respondeu sem pestanejar: — Pois não, sr. gerente, irei ao escritório, imediatamente, para tratarmos do assunto.

Arrependida? Ainda não o sabia. Arcara com grande responsabilidade sobre os ombros. Aceitara a missão e as comissões que dela lhe adviessem.

Agora seria tocar para diante. Bem sabia que, em toda escalada de montanha, havia tropeços. Ela não era dessas de se deixar desanimar diante do primeiro obstáculo que se lhe apresentasse. Ao contrário. Sabia persistir. Tinha a persistência de tantos outros heróis que porfiaram anos a fio, com resignação e paciência, em busca de seu ideal. Pensou na história do genial Carlito. Houve, em uma cidade da América do Norte, um concurso para premiar quem melhor imitaria o visionário de "O grande ditador". O prêmio não coube a Carlito, que obtivera o 3º lugar. Um exemplo de perseverança que superou a própria arte, em sua criação. Sim, havia obstáculos de toda espécie a sua pretensa ascensão comercial. Os de ordem material, nem era bom se falar. Urgia removê-los, ou enfrentá-los com serenidade e uma boa dose de ânimo. Maria da Graça dispunha-se a ir ao fim da jornada. O edifício Paraguaçu, recém-construído no ponto mais central da cidade, foi o visado pela nossa heroína para a instalação de seu escritório. Com requintado gosto e sobriedade de estilo, mobilou a sala que alugara no 13º andar. Conferiu e assinou as vias e faturas das encomendas dos aparelhos que lhe vieram destinados, via aérea. Tudo O.K. E foi aquela febril azáfama. Na mesinha do canto poria o audiômetro e os audiogramas destinados a medirem o grau de surdez de seus pacientes. Os aparelhos Good-Hearing, de vários tipos e recém-vindos dos Estados Unidos, disporia pelos armários. Eram rádios auriculares de inestimável valor que deveriam ser cuidadosamente guardados. Os arcos, voltímetros, "ear-tips", suportes, dissecadores, seriam distribuídos pelas gavetas que cheiravam a madeira nova. Os livros, arquivos e pa-

péis seriam examinados atenciosamente para que nada fosse omitido nos relatórios e balancetes mensais. Enfim, seu escritório estava primorosamente instalado, novinho em folha, com duas amplas janelas encortinadas, parecendo um ninho de amor. As persianas deixando filtrar o sol, davam à sala o aspecto alegre de menina saída de um banho de luz. Maria da Graça confeccionou o primeiro uniforme; todo branco, algo à semelhança de enfermeira. No bolso direito, suas iniciais, M. G. A., caprichosamente bordadas. Talvez, quem sabe? Em alguns casos difíceis de clientes cheios de complexos — como derubar-lhes do cérebro — o matagal ema-

cifras, avassaladoras ao bolso modesto, ouvia a impreterível resposta: decidirei a compra oportunamente, senhorita.

Passavam-se os dias e, com eles, a concretização de suas horas de trabalho abrangendo exaustivo período de experiências auditivas que lhe despendiam inauditas energias físicas e acuradas observações psicológicas.

Como urzes do ofício, sobrevieram-lhe a fadiga ao corpo e o desânimo ao espírito, espetando-o como farpa incômoda. Quanta vez, de regresso à pensão, pensava em abreviar o percurso do escritório ao bairro, por onde não trafegavam ônibus e lotações, dando-se o luxo de tomar um

nearando com otimismo os estranhos, gualmente parados no poste com faixa branca. Os dias iam e vinham com igual monotonia e com eles Maria da Graça ia vinha da pensão ao escritório, e vice-versa. A coisa aconteceu numa sexta-feira dia 13. (Se houvesse mais um mês no calendário, o susto a teria levado desta para melhor, ou pior, que lhe importaria?) Nesse dia, Maria da Graça chegara mais cedo ao edifício Paraguaçu. Em sua sala, virando gavetas, registrando impressões, virando no voltímetro a densidade e o volume das pilhas, enfileirando os aparelhos aptos às experiências, fôra interrompida pela prematura chegada de um senhor desconhecido. Esmeradamente cortês, trajando-se com elegância, beirava seus 50 outonos. (Alguém diria primaveras, tal a aparência juvenil do semblante.) Um retalho sem pregas.

— E' a representante do Good-Hearing Ltda? — perguntou-lhe.

— Perfeitamente — respondeu-lhe Maria da Graça. — As suas ordens.

— Sou o dr. Raul Mendes e desejo falar-lhe, senhorita.

— Muito prazer. — E indicando ao visitante um sofá estofado, Maria da Graça ocupou uma das poltronas.

— Vim aqui — começou o homem — para lhe falar de um caso particular e muito especial. Atender-me-á?

— No que for possível — disse-lhe a jovem bastante intrigada.

— "Ela" é muito nervosa, senhorita. Positivamente, eu não sei o que se passa em seu íntimo; mas dia para dia me sinto um estranho diante "dela". Sou-lhe uma espécie de Frankenstein. "Ela" me tem pavor.

— Ela quem, dr. Mendes? — indagou-lhe perplexa Maria da Graça.

— Ah! não lhe disse, senhorita? Minha senhora, a Lauritinha.

— Ah! doutor, talvez...

— Bem, não existe "talvez", senhorita. Aguar é um caso de "vida ou de morte".

— Ah doutor, lastimo-a profundamente, creia-me.

(Continua na pág. 79)

A VOZ DO OUTRO

CONTO DE YOLANDA C. R. LORENZATO

ranhado, se não houver ao seu espírito torturado uma enfermeira? Enfim, tudo a postos para as futuras experiências dos interessados. Os primeiros dias se passaram sob animadora perspectiva. Lembra-se da "ouverture oficial" de seu escritório. Atraídos pelo anúncio dos jornais, chegaram-lhe, aos bandos, os primeiros clientes. Um sucesso!

Ágil, Maria da Graça, sem que lhes parecesse a debutante forçada pelas circunstâncias (pois se nem tempo houvera para prática!), montava e desmontava os "Good-Hearing". Pelo audiograma verificava o grau de surdez de cada paciente; ouvia-lhes atentamente a odisséia de suas tragédias auditivas. Conversava, fazia-os repetir palavras, responder frases, a um passo, a dois, a três, quatro, até que o som da voz se lhes desaparecesse do alcance do ouvido. Então, dizia-lhes encantada: — Magnífico, minha senhora, eis o aparelho que convém ao tipo de sua surdez aérea: o nosso "Good-Hearing", 67, de adaptação invisível. Mas, diante das

auto? Sua consciência naquele instante, agindo como dama austera e indesejável, sacudia-a do marasmo: — você está em seu perfeito juízo, Maria da Graça? Gastar Cr\$ 20,00? E como vai se haver com as despesas da propaganda comercial, anúncios, promissórias dos móveis, aluguel do escritório, luz, pagamento da pensão? Já viu a quanto o seu capital ficou reduzido? Poupe alguns cruzeiros, menina. Tome um bonde e venha mesmo pendurada ao estribo. A menos que não deseje arranjar um noivo rico que a salve de toda complicação financeira! Noivo? Ainda por cima rico? Quanta ironia da sorte, meu Deus! Órfã de pais, ela que na inocência de suas 16 primaveras tanto amara um estudante pobre que a deixara por uma "vamp" endinheirada!

Valeu-lhe a experiência! De agora por diante, bem sabia o que lhe ofertaria a vida. Sentia-se livre como um passarinho, senhor canoro da esplendente natureza! Bendito Paul Sartre que a conduziu a seu caminho. E, meditando, seguia avenida,



Peiteados MODERNOS

O S cabelos continuam curtos ou pelo menos dando essa impressão, conforme se verifica nas ilustrações desta página. Para melhor prende-los, voltam a ser usadas as barretes, travessas, pentes, etc., que se prestam também para dar uma nota juvenil à cabeça.



PROBLEMAS DA MULHER

EM DEFESA DA MULHER...

Hoje, como não podia deixar de ser, dedico-lhe este "cantiño", Lourdes G. Silva. Aqui, não farei críticas e nem tecerei elogios sobre a sua pessoa, porque este não é absolutamente o meu objetivo. Tentarei, simplesmente, dizer algo sobre a sua seção — "A mulher que trabalha", pois a considero, sem favor, alguma coisa digna de ser comentada e lealmente divulgada. Nela, tenho observado frequentemente, e com imensa satisfação, que você, como toda mulher consciente de seu papel perante a sociedade, procura dentro do possível elevar, dignificar e orientar a própria mulher. Uma criatura que escreve, usando sem subterfúgios e mesquinhas a sua pena, numa tarefa demasiado árdua, como seja a defesa da mulher, merece, por um sentimento de justiça, ser incentivada, aplaudida e sobretudo apoiada. Só lastimo, no entanto, que esta não seja a opinião unânime de todas as mulheres que, na época atual, escrevem e algumas até muito bem! Pois quem mais pode erguer-se em defesa da mulher do que ela mesma? Quem conhecerá além da própria mulher as fraquezas e qualidades que esta possui?

Na sua seção, você tem apontado apenas as qualidades da mulher que trabalha fora do lar e insiste também em dizer que ela ainda não foi devidamente compreendida pelo homem e que este, sem razão, procura negar-lhe o que de direito deve pertencer-lhe. Entretanto, sinto confessar que você neste particular ainda está um pouco confusa. Não é absolutamente assim. Pode ficar certa que o homem tem procurado, aliás, com muita dignidade, compreender o trabalho da mulher fora do lar como uma necessidade decorrente dos tempos em que vivemos. No entanto, se existe um elemento que não concorda em ter no homem, além de um colega de trabalho, um grande colaborador, este elemento é simplesmente a própria mulher. Parece estranho, mas, infelizmente, esta é a verdade.

Entretanto, devemos convir que, se isto tem acontecido e continua a acontecer, é unicamente porque a mulher brasileira não foi devidamente preparada para tão grande responsabilidade. No entanto, acredito que somente à mulher cabe o direito de lutar para que seja elevada e compreendida pelo homem. Todavia, nesta luta ela só pode concorrer, com probabilidades de vencer, se possuir o preparo intelectual e principalmente uma boa formação moral. Infelizmente, nem todas podem dizer e provar que possuem estas duas qualidades, e por este motivo é que muitas julgam que o homem não quer dar-lhes o que de justiça deve pertencer-lhes: altos salários e melhores oportunidades. No entanto, como seria possível isto acontecer se um grande número de mulheres, que trabalham fora do lar, confiam apenas no rosto que possuem e acreditam mesmo que aquelas duas bases essenciais somente sejam necessárias àquelas a quem a natureza negou-lhes a arma da beleza?

Na sua seção, em defesa da mulher que trabalha, é lógico que você continue a enaltecer os méritos que ela possui, para incentivá-la e, acima de tudo, orientá-la. No entanto, a fraqueza, cara colega, é parte integrante de todas nós mulheres e não é justo que as mais fortes, por um sentimento de vaidade, procure escondê-la, simplesmente para que não se sintam diminuídas perante o homem. E' este particular que toda mulher que escreve em defesa de outras necessita examinar para encontrar a verdadeira solução.

Evidentemente, muito já se tem esclarecido sobre este tema; todavia, representa pouquíssimo diante do que realmente precisa saber a mulher, que tem no trabalho a razão do seu próprio sustento. Quanto às organizações que já existem no Rio para proteger a mulher que trabalha, é algo que comentarei oportunamente, pois, ao meu ver, a defesa da mulher não está entre quatro paredes e sim na formação moral de cada uma. Eduquem-se as mulheres através de campanhas moralizadoras, aponte-se-lhes os erros que cometem e a que estão sujeitas a cometer e compreenderemos que este, incontestavelmente, é o verdadeiro caminho a seguir.

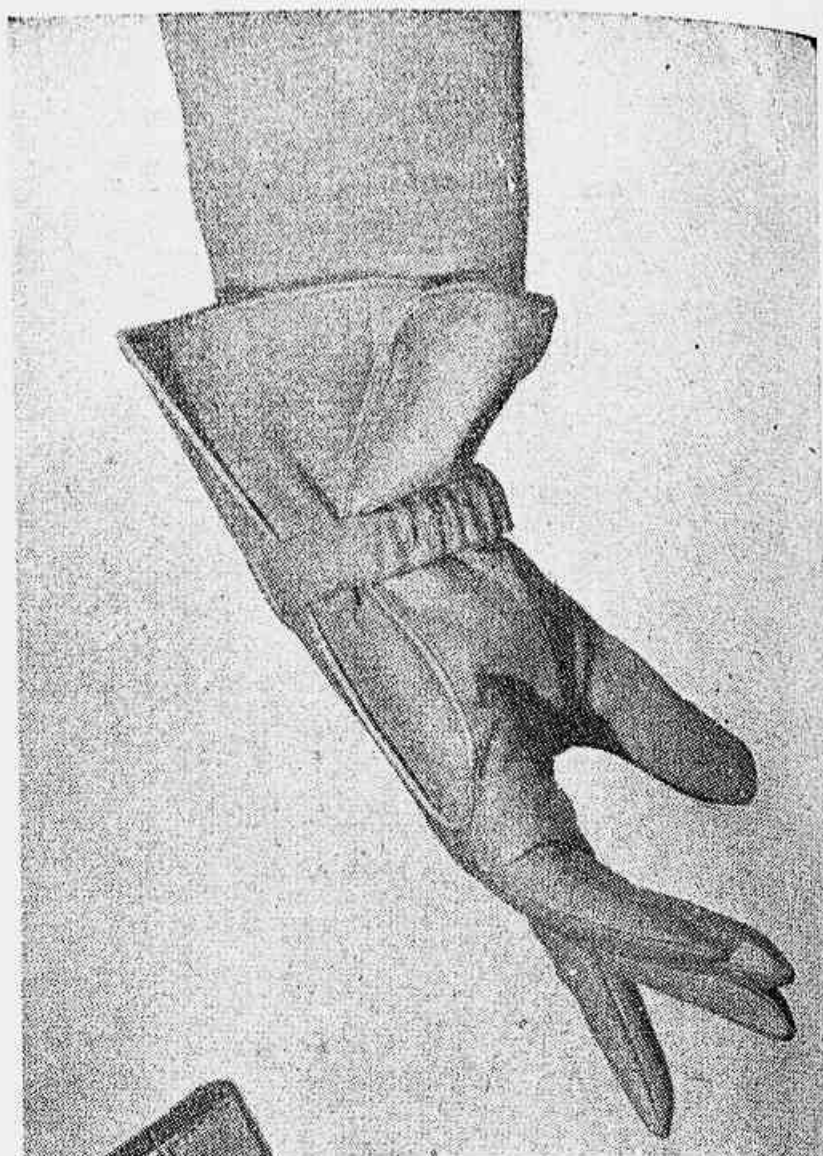
M. Mercedes Santos

Correspondência

Tania — S. Paulo, "Casei-me há oito anos, com um homem que não me amava e que ainda não me ama. Não sei porque ele se casou comigo, talvez por um simples capricho. Eu, entretanto, no tempo de namoro e noivado, não percebi isso, pois estava por demais apaixonada para perceber o seu indiferentismo. Hoje, proponho-lhe o desquite e ele negase em aceitar".

No desenrolar de sua carta, pode-se claramente compreender a grande tragédia em que está mergulhada a sua vida, em plena mocidade. Este homem, minha filha, é necessário que você compreenda: está possuído de um egoísmo doentio. E, se está relutando terminantemente, em conferir-lhe os direitos de esposa, está evidente, que ele só deseja a sua ruína física e moral. Todavia, se você, conforme diz em sua missiva, já recorreu a todos os recursos pessoais sem nenhum resultado, o que é feito então, daquilo que se chama brio? Será que você não possui amor próprio? Afaste-se deste homem o mais cedo possível, quer ele queira, quer não. Esta questão de você julgar que não pode viver longe de sua companhia, é simplesmente o receio que muitas mulheres possuem, por não se sentirem com forças suficientes de sozinhas enfrentarem a vida. Procure uma colocação honesta e veraz, se é ou não possível o total esquecimento desta criatura que não merece a sua dedicação de esposa. Essa, Tania, é a solução que posso com toda sensatez oferecer para o seu caso. Se você aceitá-la, gostaria de futuramente receber outra cartinha sua, esclarecendo-me se deu ou não resultado.

NOTA: Toda correspondência para esta seção, deve ser endereçada para: M. Mercedes Santos — Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.



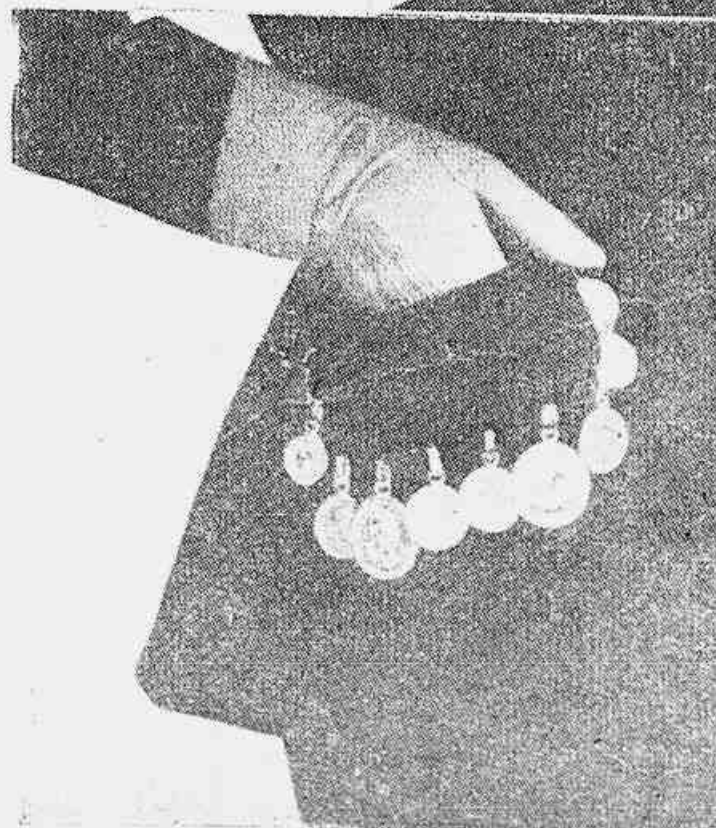
Luvas em pelica bege, para trajes esportivos, feitas originalíssimas e de grande elegância



Sapato esportivo de duas cores, salto baixo, poderá ser executado em pelica branca e couro havana



Muito elegante e juvenil é este penteado para jovens, indicado para a noite



Ao redor do bolso de um "tailleur", medalhas douradas de diversos tamanhos, dão ao mesmo um toque de grande elegância e originalidade

Uma "echarpe" terminando em nó, substitui a blusa deste elegante e confortável conjunto em fina lã, próprio para a tarde



Le Monnier lançou este chapéu de feltro de feitiço original, próprio para noite, grande pena colorida em tom vivo bem contrastante



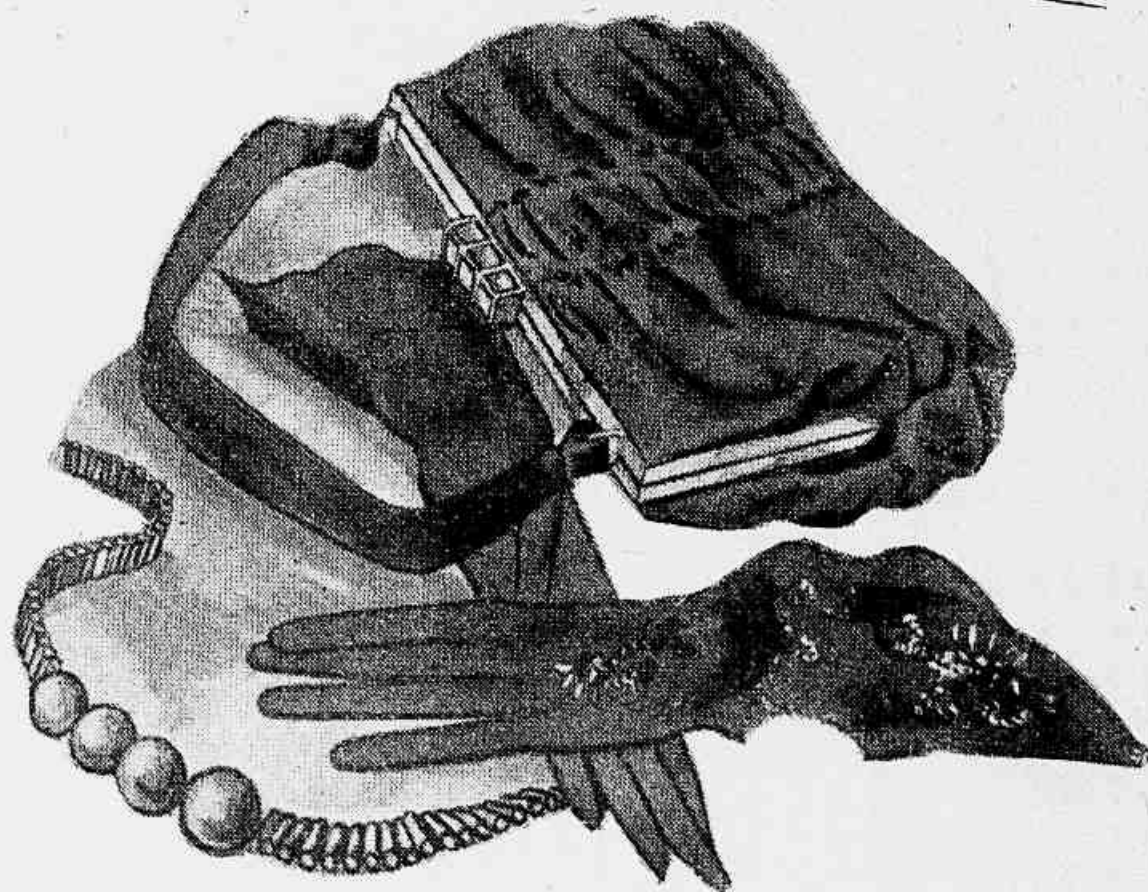
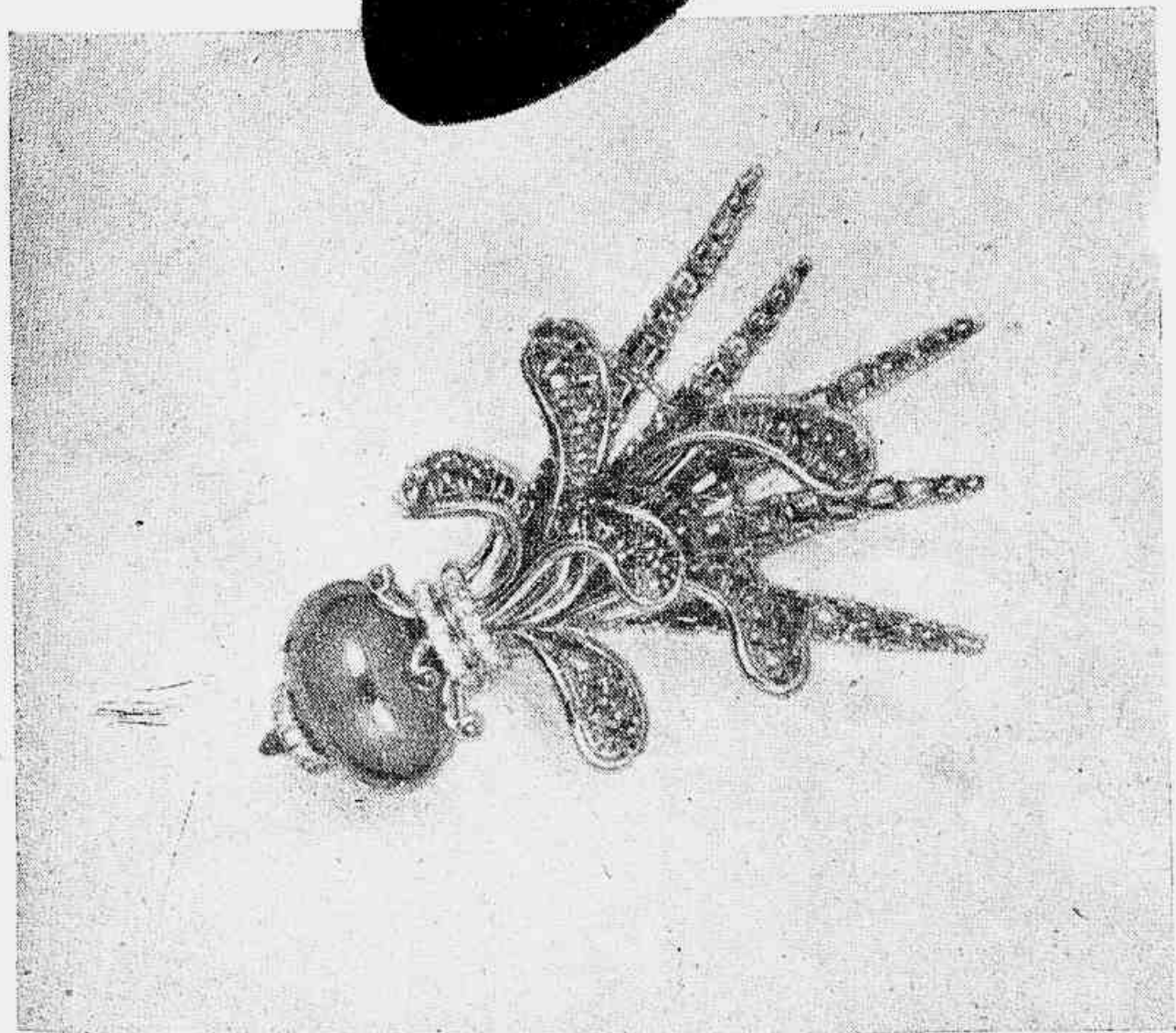
Ann Sothern, da RKO, exibe uma belíssima gola de veludo trabalhada em missangas e lantejoulas de diversas cores

Sandália para baile em cetim preto, feitiço original, prático e cómodo, abotoando em quatro alças finas



DETALHES E

Novidades



Ao alto: Para uma noite de festa, os necessários acessórios, bolsa em veludo negro, feixo dourado, luvas em camurça preta com babados a cores e colar em ouro e pérolas. A esquerda: maravilhoso "clips", criação de joalheiro francês



DE HOLLYWOOD

Aqui estão mais três encantadores modelos que Hollywood nos envia: à esquerda, Jacqueline White, da RKO, usa, com uma saia de veludo preto, uma jaqueta de veludo verde. Ao alto Charmiene, da RKO, usa, pela manhã, um "manteaux" em lã quadriculada cinza, azul e branco. Em baixo, novamente Charmiene, da RKO, com um "duas peças" muito elegante, em gabardine. Belero justo na cintura.



PARA a sua filhinha que já chegou aos seis anos e ainda não passou dos dez, você encontrará aqui graciosas sugestões para o seu guarda-roupa de inverno. Em cima, à esquerda, modelinho em fina lã azul-claro, saia plissada, corpo em babadinhos; em baixo, à esquerda, casaco amplo em lã vermelha, com recortes; à direita, casaquinho em lã verde com punho, gola e bolso em veludo havaiana; em baixo, em fina cambráia de lã, corpo recortado, saia ampla em pregas.



A noção da responsabilidade

O primeiro passo a se dar, quando se quer ensinar a uma criança a noção da responsabilidade, é mostrar-lhe que se crê e que se confia na sua responsabilidade. Todas as crianças, nos primeiros anos de vida, deveriam ter um senso de responsabilidade proporcional à sua idade, a fim de que isto fôsse se desenvolvendo normalmente com ela, evitando que mais tarde mais um irresponsável viesse a sofrer e fazer os outros sofrerem a consequência da sua irresponsabilidade. Algumas tarefas que se relacionem com o lar e com a família poderão ser dadas às crianças, não querendo isto dizer que se lhes dê trabalhos domésticos e outras responsabilidades além das suas forças e da sua idade, e, muito menos que se deva transformá-las em criados de servir. Essas tarefas a que nos referimos, deverão ser compatíveis com o lugar que ocupam na família, nunca devendo existir nelas espírito de servilismo. É uma espécie de cooperação e divisão de responsabilidades que a própria criança aceita com prazer. Tal porém não acontecerá quando se pretenda ordenar à criança a execução de pequenos serviços, dando-lhes um carácter diferente, coisa que muitas vezes já presenciamos. Existem pais que por preguiça, por ignorância ou por julgarem que os filhos lhes sejam inferiores exigem que lhes prestem favores pessoais, algumas vezes um tanto humilhantes. Alguns, ficam sentados como verdadeiros príncipes e forçam a criança a trabalhos que nada têm de edificantes. Sabemos que muitas vezes a própria criança tem prazer em proporcionar pequenos favores aos pais; é uma espécie de retribuição do carinho e ao tratamento que recebe. Aí se tor-

na diferente, pois é feito com espontaneidade e é também recebido de maneira diferente. Infelizmente, não é isso o que acontece com frequência. O resultado também é diferente. O amor e a gratidão são substituídos pela revolta e por uma resistência passiva em geral não compreendida pelos pais. Vejam como é comum, em casos assim, a criança não ouvir as ordens que lhes dão... Ela ouve bem, mas dominada pela revolta é levada a tomar essa atitude que em geral acaba provocando atritos sérios.

Fazer dos filhos pequenos servos, obrigá-los a tarefas excessivas para a sua idade e compreensão, nada têm a ver com a noção de responsabilidade que se deve incutir nos seus espíritos.



A harmonia entre dois irmãos, depende, quase que exclusivamente, da maneira pela qual os pais os tratou. A predileção por um sempre prejudicará as boas relações entre os dois, criando o despeito, a revolta, etc. (Pôse de Gigi e Gerald Perreau, da RKO).

CONSELHOS

Seu filho espera que você tenha o "trabalho" de lhe dedicar algumas das suas preciosas horas. E você poderá fazê-lo, conversando com ele, procurando se interessar pelas coisas que a ele interessam, demonstrando enfim que realmente ele merece a sua atenção.

Mesmo que você possua uma excelente ama para o seu filho, mesmo que ela seja "a melhor

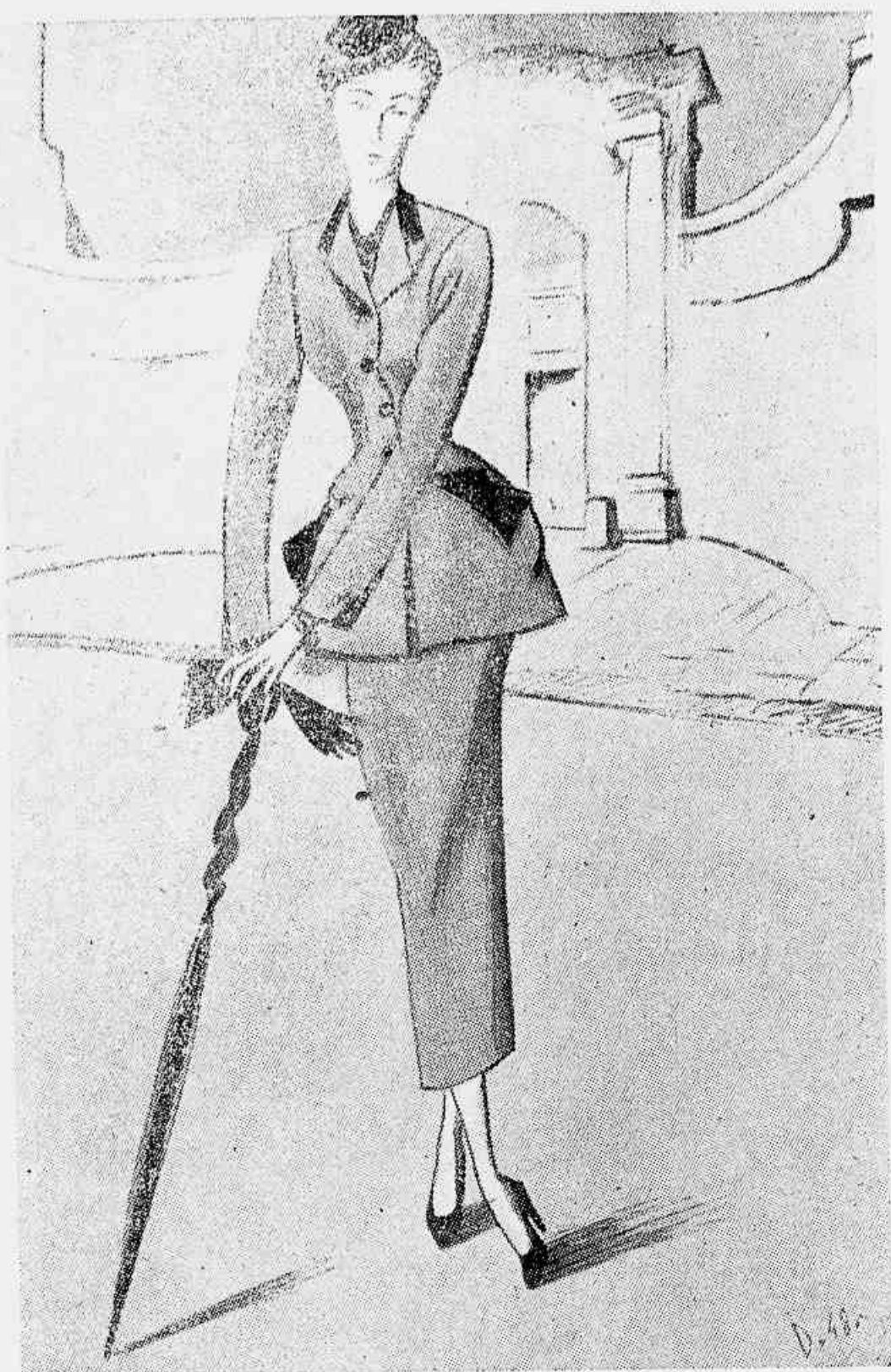
do mundo", convém, para benefício do seu próprio filho que você mesma fiscalize a sua alimentação e faça de vez em quando umas aparições de surpresa...

Difícilmente se compreende que uma pessoa de inteligência e sentimentos normais possa confiar seus filhos à criaturas ignorantes, analfabetas, sem educação e sem escrúpulos.

"Manteaux"

UMA outra peça de vestuário feminino que volta a brilhar nesta estação, é o "manteaux". Realmente, trata-se de uma peça elegante e prática quase tão útil como o próprio "tailleur". Tal é a importância que os costureiros deram ao manteaux que alguns são desenhados especialmente para determinados vestidos, conforme aqui indicamos. Usam-se os casacos amplos, os ajustados, estilo "princesa", e em lã, jersey de lã ou em seda pesada. As sugestões aqui apresentadas, são bem interessantes, havendo do casaco mais esportivo ao mais "habillé".





COM a volta ao "tailleur", readquire a mulher uma peça indispensável do seu vestuário; uma peça prática e elegante que a "revolução" desencadeada por Christian Dior, na temporada pas-



OS NOVOS

Tailleurs

sada, havia banido. Agora, mais do que nunca, êle readquire o seu antigo prestígio, assumindo ora atitudes discretas, no "tailleur" para tôda a hora, ou atitudes mais "sofisticadas" nos "tailleurs" para a tarde e para a noite. De qualquer forma, veremos êste ano, a vitória decisiva do "tailleur", o que muito deve agradar às mulheres elegantes e práticas.

O AMOR

E' ASSIM...

LUCILE D'ARLEMONT

Quando dois corações se amam verdadeiramente e firmemente, não há tempestades que se não pareçam com sereno amanhecer, preocupações que não sejam anuladas pela esperança...

Não foi sem certa desilusão que aquela mocinha dos subúrbios do Rio ouviu da boca de seu noivo aquela notícia dolorosa:

— Vou aí pelo mundo em busca de melhoras para podermos casar.

— E por quanto tempo?

— Não posso precisar. Meses... anos... Quem sabe é Deus.

Houve lágrimas, olhos languídos, soluços, lenços que se agitavam no ar como asas de borboletas brancas a procura de uma flôr.

Ela ficou muito triste, esperando pelo seu bem amado. Um dia, já estava ela amargurada pela falta de suas notícias, quando lhe chega uma carta. Datava-a de Curitiba. Empregara-se e muito bem. Paradoxal: no Rio nada pudera conseguir; no Paraná outras auras se lhe abriram na estrada da vida.

Os pais da jovem ficaram muito contentes. Ela guardou a carta, mirou e remirou a assinatura do amado. Colocou-a de encontro ao coração e de seus olhos rolaram duas lágrimas.

Imediatamente respondeu à missiva. Correu à agência postal e registrou pelo correio aéreo.

Passaram-se dias, semanas rolaram, meses a escoar-se. Nada de mais notícias de seu noivo. Teria adoecido? Ter-se-ia mudado da capital do Paraná?

Começou a moça a inquietar-se. Seus pais procuravam consolá-la. Tudo embalde. Estava apaixonada e para os corações apaixonados só um remédio existe: a satisfação do seu amor ausente.

Naquela tarde, porém, chegou nova correspondência. Ela abriu o envelope com os dedos trêmulos. Desdobrou a carta e dali tirou uma fotografia. Ficou lívida. Seus lábios tremeram, seus olhos brilharam com um fulgor estranho. Não chorou. Rilhou os dentes, cerrou o cenho, rasgou a correspondência, despedaçou a foto e trançou-se no seu quarto.

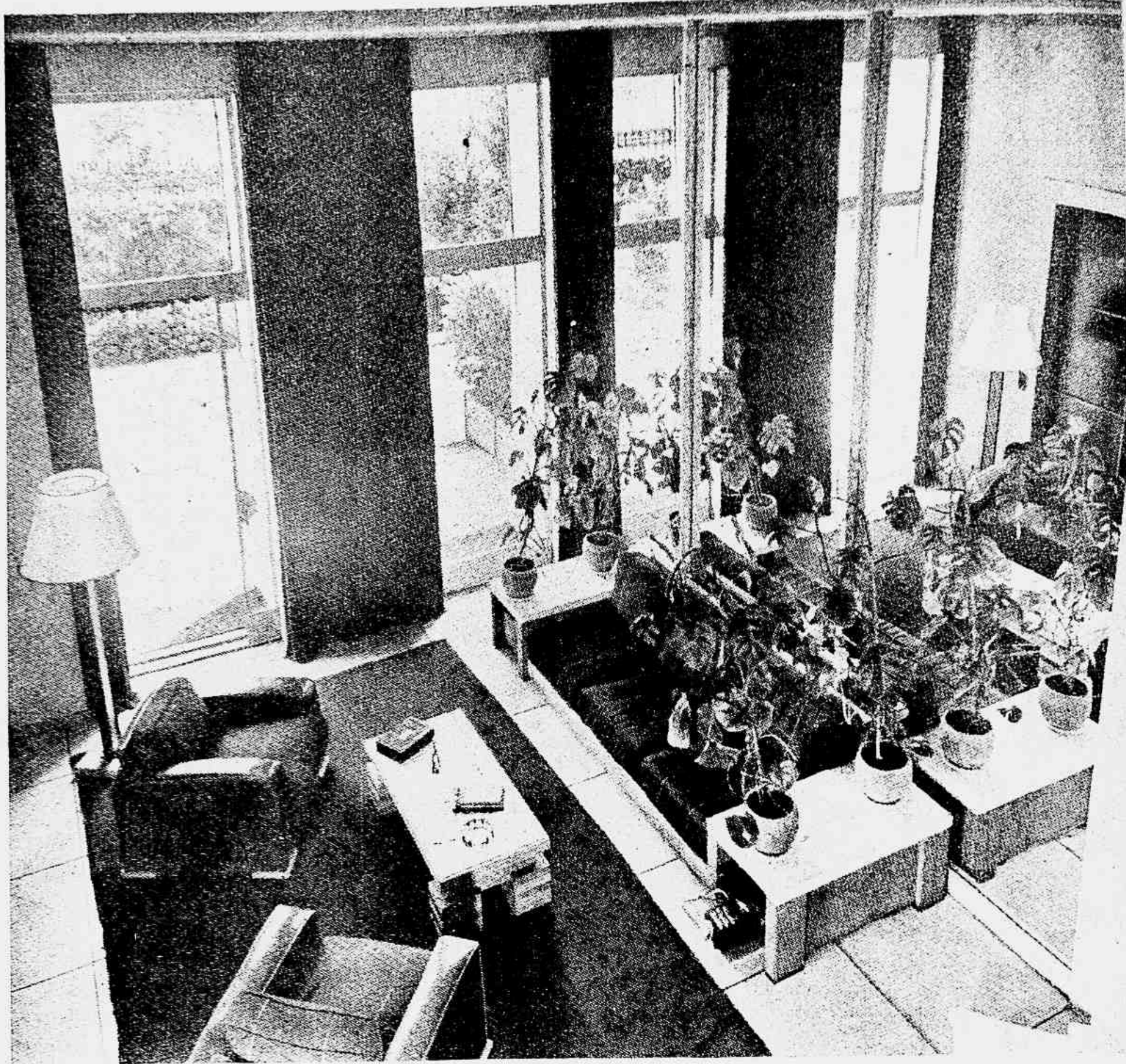
Os pais se sobressaltaram. Que teria havido? Ela não quis atendê-los. Eles recolheram os retratos, cuidadosamente reunidos sobre a mesa de jantar e começaram a adaptar os fragmentos com a paciência de jogadores de quebra-cabeças.

Depois de certa ansiedade, leram a carta. Eram poucas linhas. Anunciava o seu noivado com uma euriúbana cujo retrato mandava junto. Estavam os dois sob um pinheiro heráldico e belo nos arredores da capital na fazenda dos pais da jovem. Que a carioca tivesse paciência e considerasse desfeito o seu compromisso.

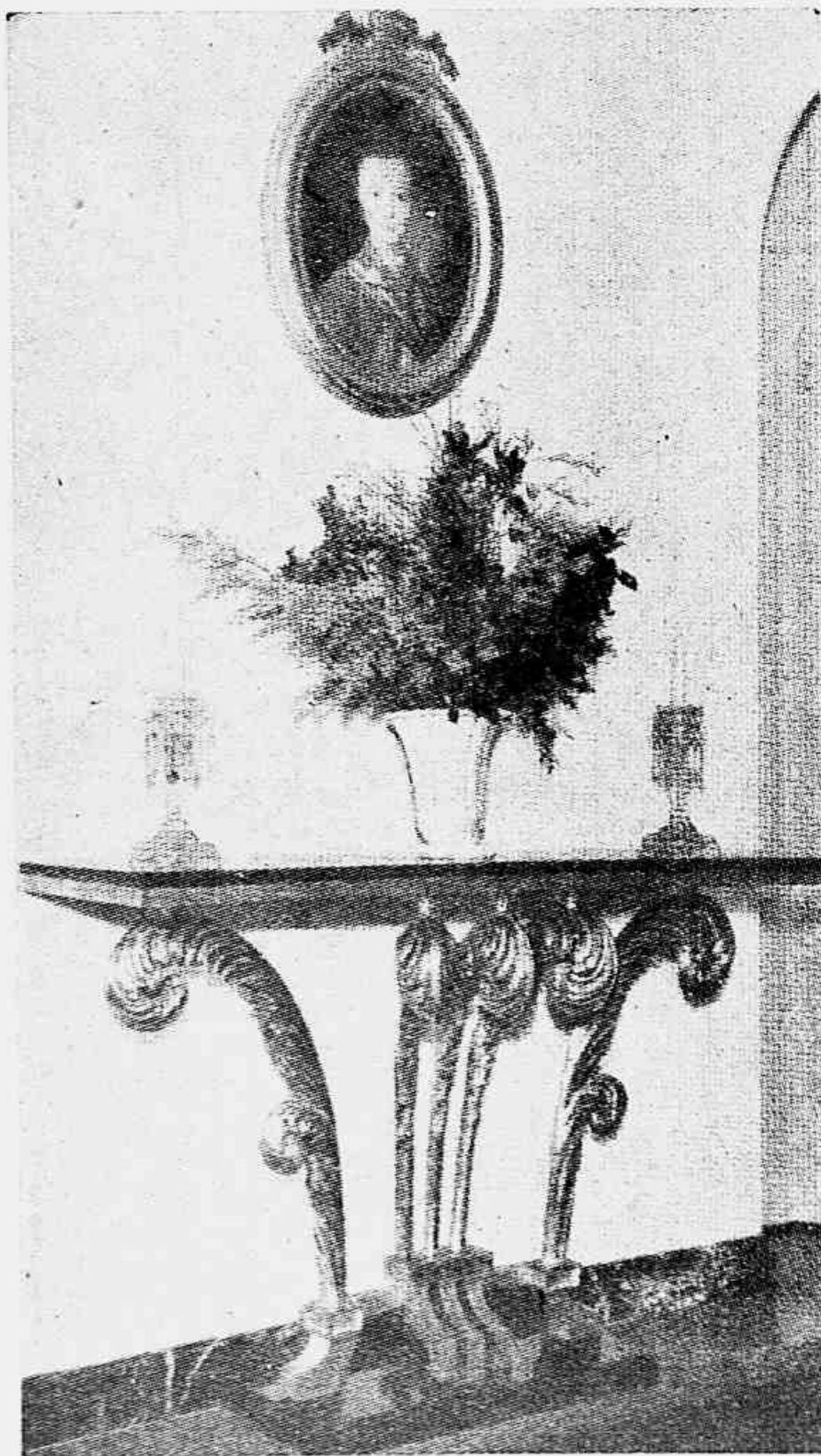
Um suspiro de dor saiu do coração dos velhos. Entrecolaram-se. Que fazer?

Dai por diante a moça se sentia doente, foi empalidecendo, triste, sem alimentar-se até que a levaram toda vestida de branco para uma sepultura. E tudo isso sucedeu porque...

Porque o amor é assim...

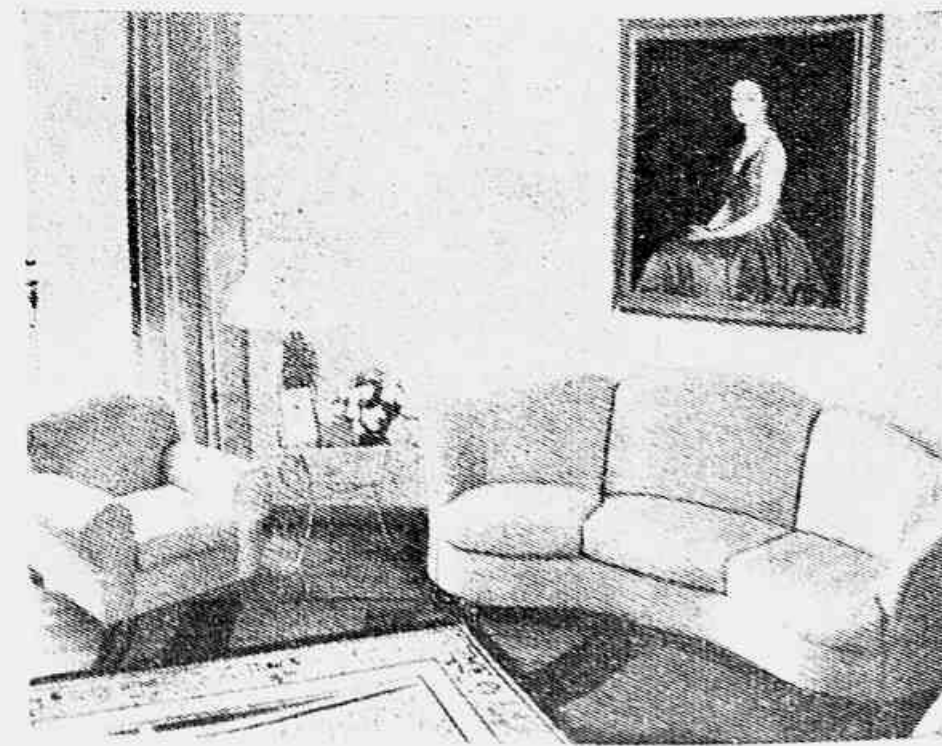


Interiores



O "living" é o lugar onde mais se vive, portanto a êle deve ser dedicado o maior e melhor espaço da casa, tornando-o um local agradável e confortável. Na primeira gravura, vemos como se torna possível obter impressão de amplitude com a utilização de um grande espelho que forma a parede na qual está encostado o divã. Duas mesas modernas o ladeiam, sobre as mesmas, vasos com plantas tropicais. O segundo é um pequeno salão, com poltronas e divã forrados em verde claro. De um lado, mesinha de ferro batido.

Finalmente, console em mármore e bronze, sobre o qual estão colocados um vaso de porcelana e lustres de cristal.



A ESPÔSA



parece inconformada com a perda do ente querido que se foi, e que lhe deixou no espírito a lembrança inapagável dos dias felizes que viveram...

Contudo, resta-lhe o conforto de saber que o futuro dos filhinhos está garantido com o seguro de vida que o esposo lhe deixou.

SEJA PREVIDENTE E HUMANO!
GARANTA O FUTURO DE SUA
FAMÍLIA SEGURANDO SUA VIDA
NUMA COMPANHIA DE RENOME
E CONCEITO

COMPANHIA DE SEGUROS
MINAS BRASIL
COM SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL

SUCURSAIS:

Minas Gerais (Belo Horizonte) — Itajubá
— Bahia — Juiz de Fora — Brasil Central — Pernambuco — Niterói — Rio de Janeiro — São Paulo — Paraná — Santa Catarina — Rio Grande do Sul.

Capital subscrito Cr\$ 10.000.000,00
Capital realizado e reservas Cr\$ 28.903.967,80
Enderêço telegráfico — BRAMINAS

AGÊNCIAS:

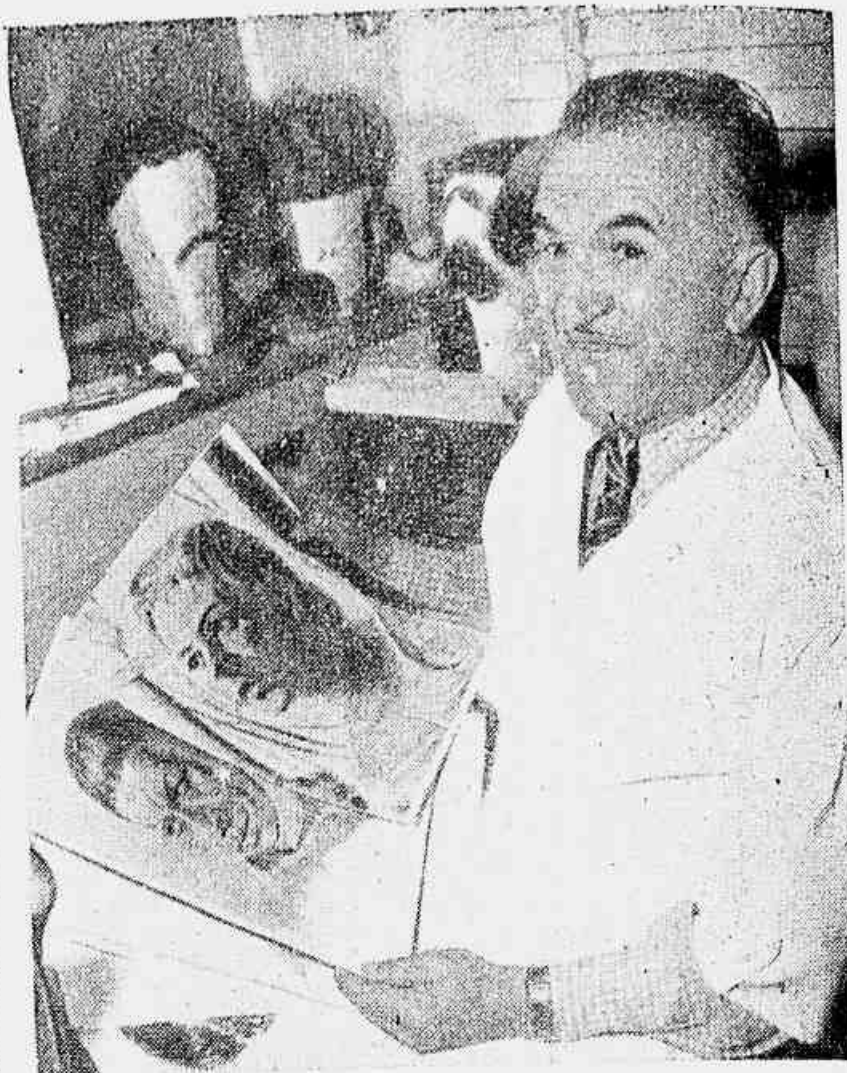
Pará — Maranhão — Piauí — Ceará
— Alagoas — Rio Grande do Norte —
Paraíba — Sergipe — Espírito Santo.



Noel Howard, técnico em armaduras, supervisionou a fabricação e a montagem de 12.000 peças de armas, que são usadas por 150 homens. Uma tonelada e um terço de magnésio e alumínio foram usados nesse trabalho.



Dorothy Jeakins, autoridade medieval em estilos, preparou mais de 400 esboços de costumes, talabartes e outras coisas usadas no filme. Em adição, ela desenhou milhares de sketches preliminares.



Jack Pierce, chefe do Departamento de Make-up, afirma que "Joana d'Arc" foi a incumbência mais pesada até hoje, pois teve de caracterizar os 78 principais personagens, sem contar as centenas de "extras".

UMA PÁGINA GLORIOSA DA HISTÓRIA

PROJETADA NA TELA

A VIDA DE JOANA D'ARC!

EM resposta ao "Henrique V" e ao "Hamlet" de Laurence Olivier, produzidos na Inglaterra, a América preparou com carinho a sua "Joana d'Arc", uma película de largas proporções, nos moldes do ultra-famoso "...E o Vento Levou", também dirigido pelo mesmo diretor, Victor Fleming. As obras de sir Laurence obtiveram êxitos surpreendentes junto à crítica e junto ao público mais elevado, não só pelas inovações técnicas como, e especialmente, pelo arrôjo da realização, pela audácia da transposição a tela de temas tão extremamente difíceis, devido ao seu sabor teatral e à sua duração na cena. Olivier enfrentou os obstáculos da redução das duas peças e criou novos efeitos cênicos, apresentando peças teatrais com sabor inteiramente ci-

porque ele se acha de tal forma ligado, atualmente, ao Hamlet de Shakespeare, que forçosamente um confronto se torna necessário. Em toda a história da cena mundial, Hamlet e Joana d'Arc sempre foram as figuras mais cobiçadas para serem representadas pelos grandes artistas, não só do teatro como, e agora principalmente, do cinema. A primeira, nascida da pena de um dramaturgo mundialmente conhecido; a segunda, saída das páginas históricas que precederam à libertação de França e à sua independência. Através dos anos, são estas, portanto, as duas personalidades mais representadas no mundo inteiro. Trazendo Joana d'Arc para o cinema, Victor Fleming teve, portanto, as mesmas dificuldades que Olivier encontrou em suas transposições:

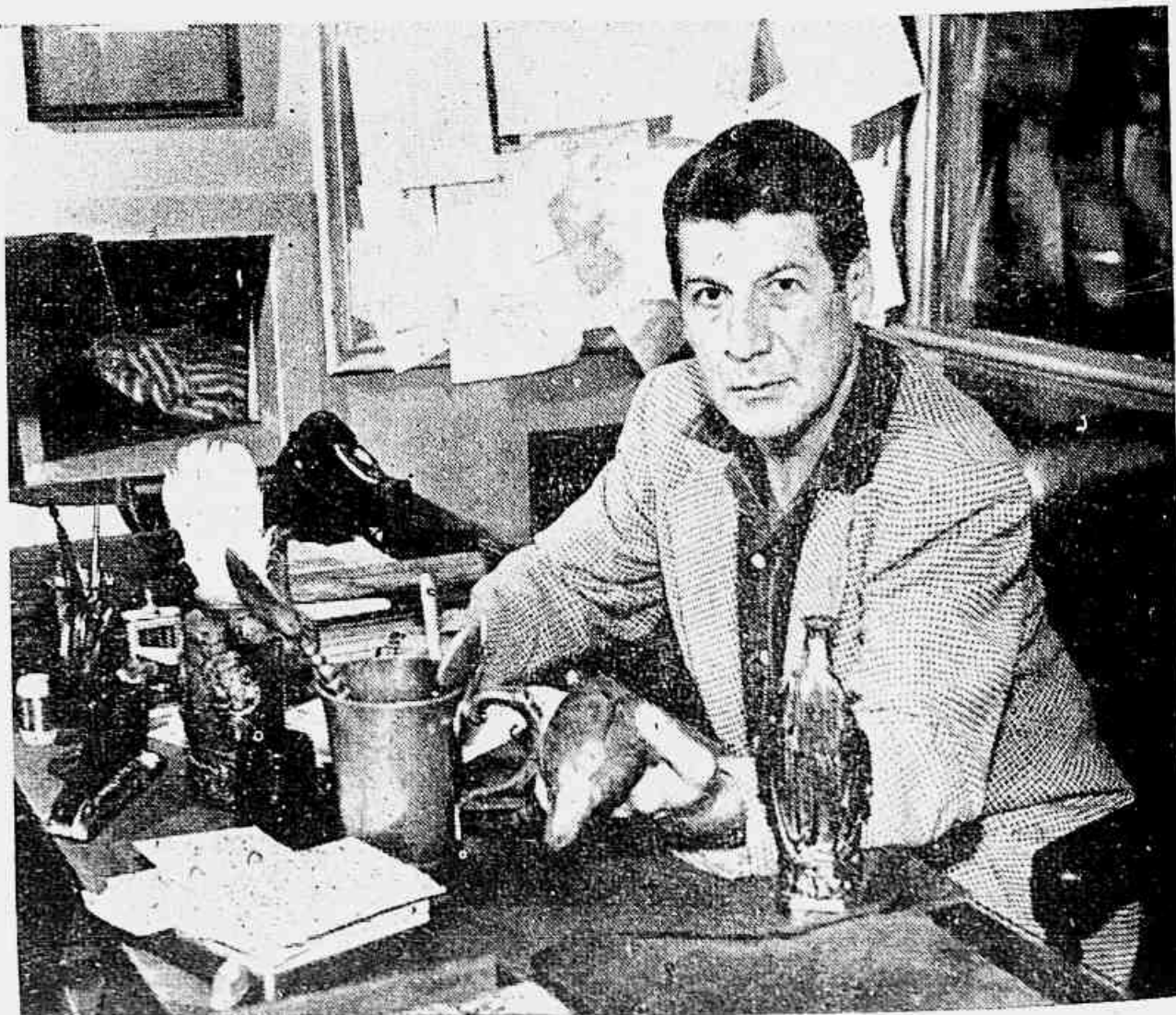
Reportagem de LEON ELIACHAR

nematográfico, em sua maior parte. Hollywood não lhe regateou os merecimentos, premiando-o, e aos seus filmes, com o "Oscar" da famosa Academia.

Se trazemos o nome de Olivier à esta reportagem é



Richard Day, diretor artístico, preparou nada menos de 500 maquetes, reproduzindo a vila de Domremy, onde nasceu Joana; a Catedral de Reims; o Castelo de Chinon, Sully e St. Denis, a prisão de Rouen, etc.



Casey Roberts, chefe de "props", e sua equipe de 19 auxiliares, enfrentaram a árdua tarefa de prover mais de 13.000 pequenos objetos que foram fabricados exatamente segundo as especificações históricas.

JOANA D'ARC

UM CAPÍTULO NA
HISTÓRIA DA FRANÇA



INGRID BERGMAN

UM CAPÍTULO NA
HISTÓRIA DO CINEMA



FRANCIS L. SULLIVAN
Pedro Cauchon, Bispo de Beauvais



SHEPPERD STRUDWICK
Padre Massieu



WARD BOND
La Hire



GENE LOCKHART
Jorge de la Tremouille



JOSÉ FERRER
O Delfim, Carlos VII



J. CARROL NAISH
João de Luxemburgo



GEORGE COULOURIS
Robert de Baudricourt



VICTOR FLEMING
Diretor da película

retratar com fidelidade toda uma época, com seus hábitos e seus costumes, com seus cenários gigantescos e seus pormenores históricos.

Longe estamos ainda de nos capacitar para um julgamento básico, para uma comparação segura entre as duas películas, pois não assistimos a nem uma nem outra. Além do mais, seria um absurdo um confronto entre temas tão diferentes, e conduzidos por objetivos diversamente opostos. Nossos informes são baseados única e exclusivamente na repercussão que ambos os filmes tiveram nos locais onde foram exibidos e sobre o farto material, escrito e ilustrado que temos em mão, procedente das fontes que originaram ambas as produções. Sabe-se, no entanto, que, se por um lado, as obras de Olivier mereceram o aplauso justo e merecido da crítica, têm, por outro lado, suscitado controvérsias por parte do público. Olivier não teve a preocupação de cercar seus trabalhos pelas concessões à bilheteria, embora não se deixasse dominar estritamente pela visão artística, que abrange, sem dúvida, quase que a totalidade de suas películas. Quanto a Fleming, suas obras são conhecidas, pois, embora seja um diretor experiente, com possibilidades artísticas, não lhe é difícil ceder ao gosto popular. Ele tem pleno domínio sobre as multoões, e seus filmes podem equiparar-se aos "best-sellers" de livreria: têm um público certo e garantido. Assim como De Mille, Fleming é um épico, porém sem a falsa pompa, sem o falso brilhantismo que revestem as obras daquele. Fleming aproxima-se mais da realidade. Embora deixando-se influenciar pelas preferências das massas, mostra sempre algum conhecimento de cinema, e procura, na medida do possível, fazer um paralelo das imagens com os fatos reais. Em 1929, dirigindo

"The Virginians", Fleming revolucionou a arte fotográfica no cinema, movimentando a câmera, dando mais ação ao desenvolvimento da película. Em 1940, assinou, sozinho, a direção de "...E o Vento Levou", que teve, entretanto, a cooperação de mais dois diretores, batendo todos os "records" de bilheteria. Entre essas duas películas, fez dez filmes com Douglas Fairbanks Sr., demonstrando ser um diretor "de ação", e alguns êxitos como "The Way of All Flesh", "Captains Courageous", "Dr. Jeckyl and Mr. Hyde", "Tortilla Flat" e "A Guy Named Joe", deram-lhe uma projeção relativa no cenário cinematográfico. Escolhendo, agora, Joana d'Arc para uma transposição à tela, o tema, por si só, é um autêntico "tiro" de bilheteria, pois, dificilmente, encontraremos em toda a História Universal, capítulo mais fascinante e comovente do que a história da Donzela de Orleans, que tem sido o foco de atenção por parte de historiadores, romancistas e teatrólogos de todos os países do mundo. Partindo daí, Fleming leva um vantajoso "handicap" sobre o seu trabalho. O assunto escolhido o favorece cem por cento, não sendo necessária qualquer espécie de deturpação histórica, pois a própria veracidade dos fatos ocorridos em 1428, são um ponto de partida para a realização de uma obra não só artística como de grande efeito de bilheteria, como vem sendo evidenciado através das sucessivas e ininterruptas representações teatrais.

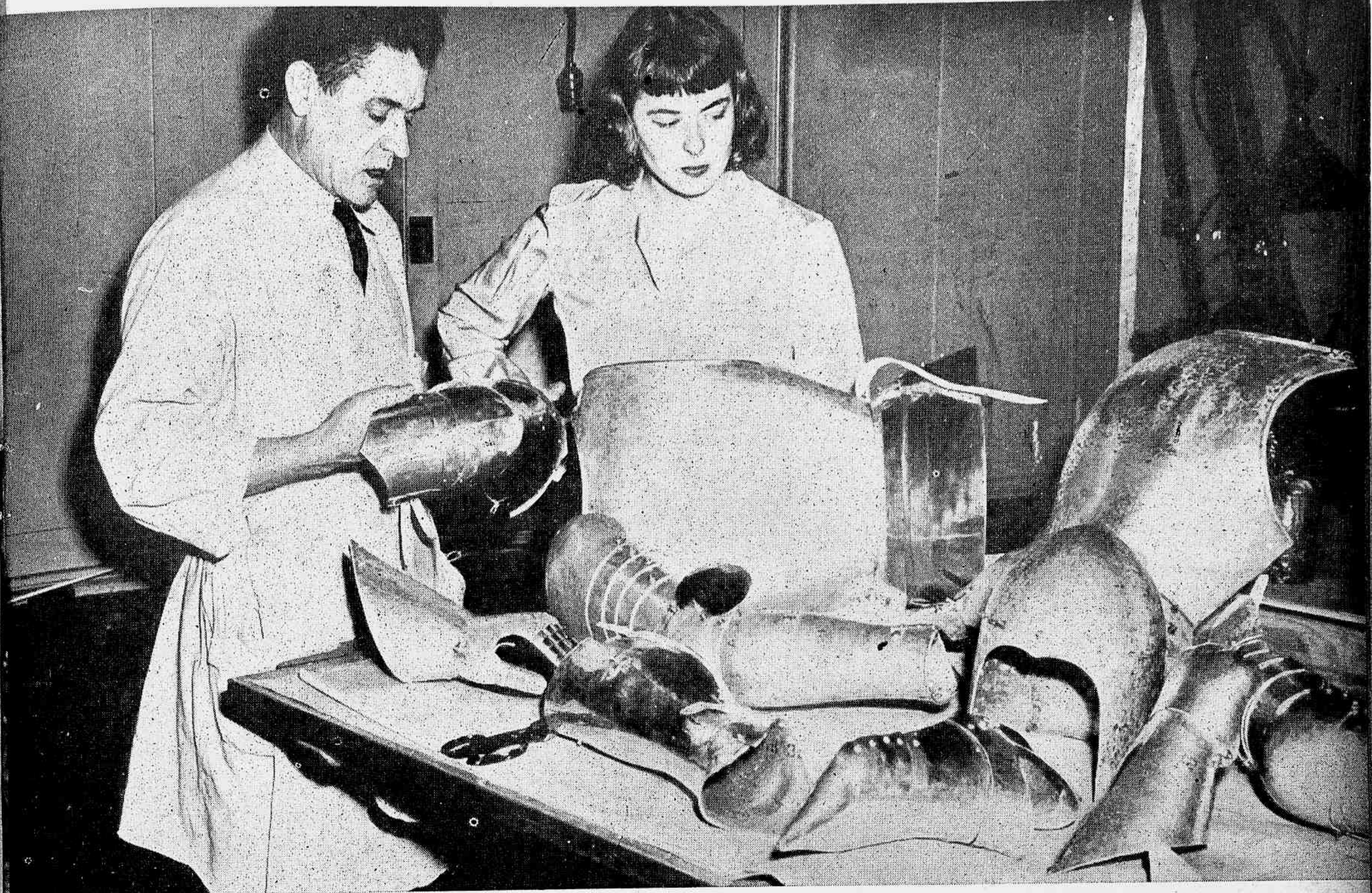
★

Os motivos da filmagem de Joana d'Arc devem-se, em parte, ao grande desejo que sempre alimentou Ingrid Bergman de representar a Mártir de França e ao grande

sucesso conquistado na Broadway, quando da representação de Maxwell Anderson no Alvin Theatre de New York. Miss Bergman, juntando-se ao produtor Walter Wanger e ao diretor Victor Fleming, formaram a sua companhia independente, a Sierra Pictures Inc. Wanger conta, entre a bagagem de suas produções, filmes como "Stagecoach", "Trail of the Lonesome Pine", "Foreign Correspondent", "The Long Voyage Home", etc. Uma vez firmados os planos de filmagem, Maxwell Anderson em pessoa foi contratado para escrever a cenarização, tomando como seu colaborador o autor húngaro, Andrew Solt, de 31 anos de idade. Durante sete meses estiveram em contacto diário com livros que lhes esclarecessem e lhes informassem sobre todos os assuntos que dissessem respeito à vida e aos atos de Joana, baseando, portanto, seus escritos dentro da mais rigorosa fonte de informações, capazes de reproduzir com fidelidade e sentimento, todos os pormenores da época, sem erros ou omissões com relação aos fatos históricos. Pela primeira vez, assim, os espectadores terão uma descrição completa de sua vida, desde o momento em que ela responde ao chamado de sua inspiração divina, até à sua execução, no mercado.

★

Seria interessante, pois, abrímos aqui um parentesis para um ligeiro retrospecto sobre as grandes performances da heroína de Domremy. A primeira atriz que interpretou, definitivamente, o papel de "Joan" foi Mlle. Rivier, a favorita dos palcos franceses, que interpretou o papel da donzela no Teatro de Vaudeville, em Paris, por volta de 1812. Sarah Bernhardt, a divina Sarah,



Em cima: Leonard Heinrich, armador do Museu Metropolitano de Arte, de New York foi o criador da armadura que Ingrid Bergman usa na película. Em baixo: Trabalho não menos dificultoso foi o de vestir a armadura, confeccionada em peças desmontáveis, feitas sob medida para Ingrid Bergman

viveu a figura da jovem pequena em 1890, quando contava 46 anos de idade, na peça "Jeanne d'Arc", de Jules Barbier. Em 1906, Julia Marlowe foi consagrada pelos críticos com sua performance na peça de Percy Mackaye. Em 1909, Maude Adams apareceu em "The Maid of Orleans", de Schiller, e Sybil Thorndike reapareceu no teatro inglês, interpretando "St. Joan", de George Bernard Shaw, em 1924. A peça de Shaw foi representada por muitas outras grandes atrizes. Winifred Lenihan representou-a no Teatro Gullid em 1923. Elizabeth Bergner conseguiu fama internacional depois de sua performance em "St. Joan", em Berlim de 1925. Louise Rainer interpretou-a em Viena, quando tinha 16 anos, e Katherine Cornell recebeu elogios da crítica pela mesma interpretação. No cinema, Falconetti, atriz francesa, fez o filme silencioso intitulado "A Paixão de Joana d'Arc", que foi somente a história de seu julgamento e da sua morte. Outra atriz francesa, Simone Gennevois, fez o mesmo papel num filme posterior, que tomou o nome de "Jeanne d'Arc". A única atriz americana que representou essa figura no cinema foi Geraldine Farrar, estrela da ópera e do cinema mudo, que fez "Joan the Woman", em 1917, para Cecil B. De Mille. Mas se nunca uma atriz condizia perfeitamente com as exigências do papel, para encarnar, realmente, a figura da Donzela de Orleans em seus momentos trágicos, eis que surge Ingrid Bergman, capaz de acrescentar à sua brilhante carreira, mais um grande triunfo, à altura de seu talento e da sua popularidade mundialmente reconhecida, conquistando, com esse trabalho, nada menos de 27 distinções, concedidas por conceituadas instituições e revistas norte-americanas.

★

A nova versão de "Joana d'Arc" nos conduz a um dia de outono de 1428 e segue até o dia 30 de maio de 1431. E', portanto, a versão mais detalhada de quantas

peças se fizeram nesse sentido, abrangendo o período mais palpitante da vida da jovem francesa de 17 anos, incluindo os seus momentos de sofrimento e de dor, de coragem, bravura e heroísmo, como poucas vezes a história tem registrado. Independente da vila de Domremy, onde a história tem seu início, a câmera nos leva à cidade de Vaucouleurs; à corte de Dauphin, em Chinon; a vários acampamentos no caminho de Orleans; ao Forte de Tourelles, onde se travou a famosa Batalha de Orleans; à Catedral de Reims; ao jardim do Castelo de Sully; aos pantanos de Compiègne; aos Castelo de Felipe Augusto, no século XI, em Rouen, e, finalmente, naquela mesma cidade, ao mercado onde Joan é queimada para a morte.

Como se ve, os decoradores Edwin Roberts e Joseph Kish encontraram inúmeras dificuldades na reprodução dos cenários, tanto interiores como exteriores, conseguindo realizar um dos mais arrojados empreendimentos cinematográficos, no que concerne precisamente à elaboração dos "sets", tarefa das mais delicadas e difíceis. E isso porque sem a fidelidade absoluta da reconstrução da época, através da decoração, o filme não alcançaria o seu objetivo, não nos daria uma impressão de realidade, e todos os gestos e palavras, todos os trajes e todos os fatos históricos soariam falsos aos nossos olhos.

★

Quando se cogita, no cinema, de produzir um filme histórico, tem-se logo a noção de imponente que o mesmo constituirá. Todavia, para que essa imponente seja conseguida, milhares e milhares de problemas vão surgindo, a cada passo, depois mesmo de se traçarem todos os planos para o desenho dos "decors", a construção dos cenários, a confecção dos trajes e milhares de pequeninas coisas aparentemente sem importância, mas que representam verdadeiramente a fide-



Depois de algumas horas, o diretor Fleming examina tudo nos mínimos detalhes e verifica se a atriz tem todos os movimentos livres, para entrar em filmagem



A grande Batalha de Orleans levou nada menos que um mês para ser filmada, pois Fleming desejou apresentá-la em todos os detalhes. Mil e um problemas surgiram nessa árdua tarefa, mas a cena foi considerada como uma vitória de seus realizadores

lidade absoluta que deve ser respeitada para a reconstrução da época. A primeira coisa que se faz é um estudo profundo do "script", que resulta numa série de conferências, como aconteceu com "Joana d'Arc", reunindo-se o produtor Wanger, o diretor Fleming e o decorador Roberts. Surge daí uma série de anotações que vão sendo imediatamente postas em prática. Começa-se então um trabalho exaustivo de pesquisas, nem sempre realizadas dentro do espaço de tempo previsto. No caso de "Joana d'Arc" havia muita coisa a pesquisar, além da construção dos "sets". Uma enorme lista foi realizada, contendo, entre outras coisas, figuras e escritos sobre os objetos religiosos, uma série interminável de datas e todas as informações militares. Cerca de 300 páginas continham nada menos de milhares de objetos

que precisavam ser conseguidos ou reproduzidos fielmente. Cada uma dessas anotações seria consultada ao produtor, diretor e atriz, antes de ser confeccionada. O trabalho durou cinco meses antes de as câmeras rodarem. Foram desenhados tronos, espadas, cadeiras, instrumentos musicais medievais, utensílios de cozinha, tudo copiado, peça por peça, do museu. Além do mais, havia um detalhe muito importante a obedecer: os objetos deveriam ser pintados de tal forma que pudessem obter um efeito especial para o technicolor. Os ornamentos para a Catedral de Reims requereram 600 jardas de veludo, 400 jardas de seda para o altar e 100 jardas de veludo para cobrirem os solos de cimento, tingidos especialmente para efeitos de colorido. Segundo Roberts, o trabalho geral foi possível de execução per-

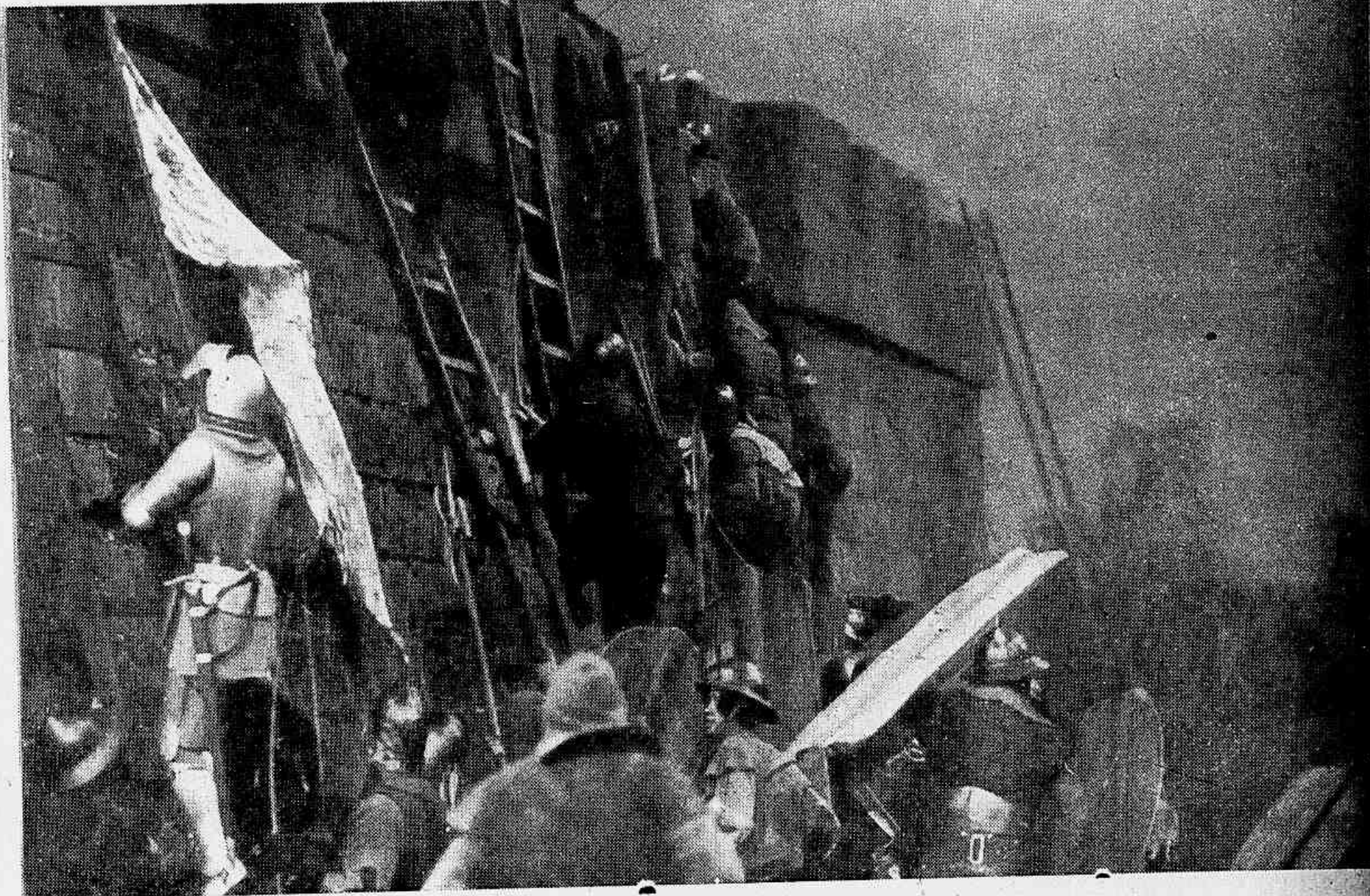
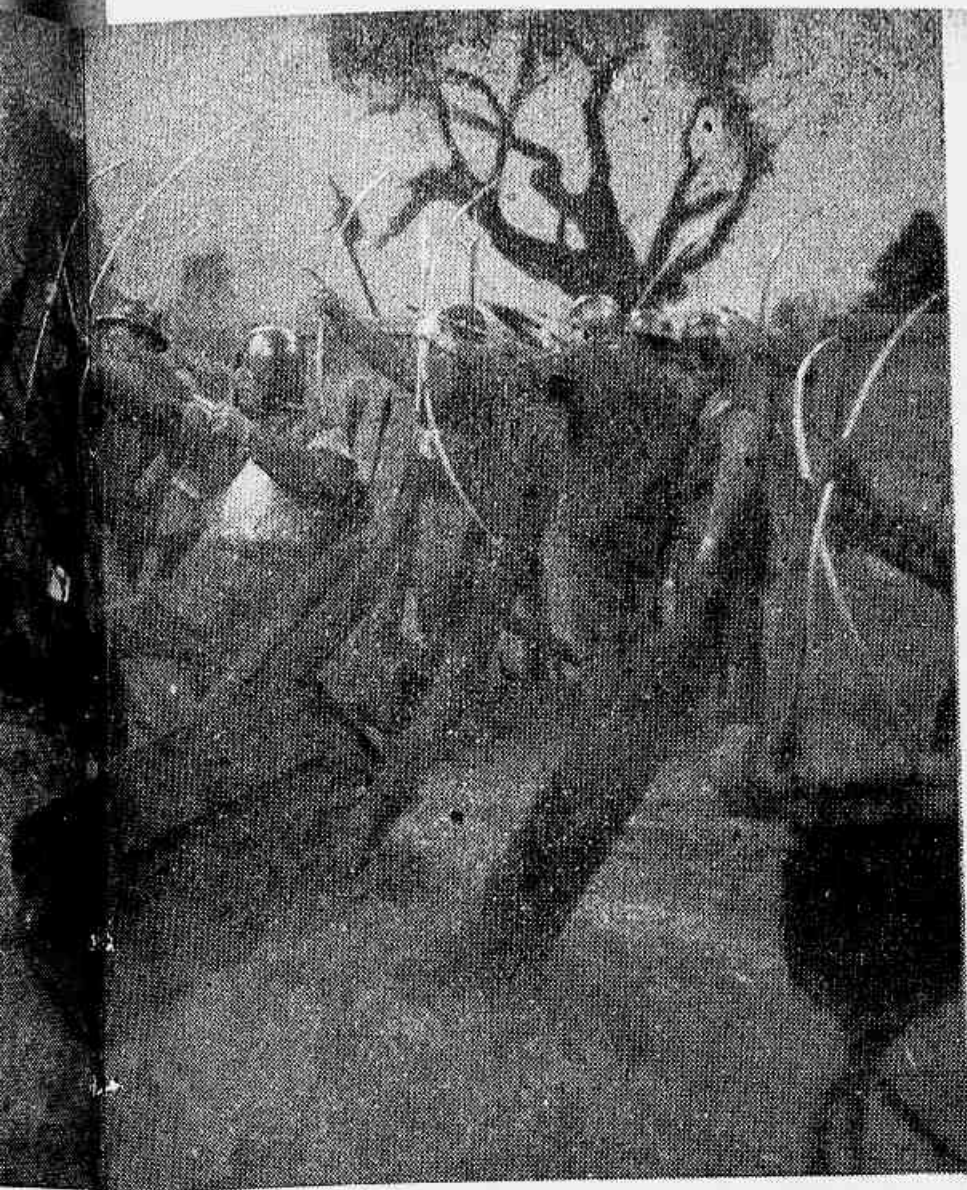
A construção dos cenários é outra coisa de muita importância, para a reprodução de um filme histórico. E o produtor Wanger não mediu sacrifícios para que tudo fosse exatamente obedecido em seus mínimos detalhes



feita, graças à solidariedade reinante dentro dos vários departamentos especializados do estúdio, e o filme reflete perfeitamente essa harmonia de trabalho conjunto. Roberts está no cinema há trinta anos e foi o decorador de "Intermezzo", o primeiro filme de Ingrid Bergman feito na América, mas esse é, de acordo com suas próprias palavras, seu mais impressionante trabalho.

★

Apesar de constituído por um elenco seguro, composto dos nomes de Ingrid Bergman, José Ferrer, Francis L. Sullivan, J. Carrol Nash, Ward Bond, Shepperd Strudwyck, Cecil Kellaway, Hurd Hatfield, Gene Lockart, John Emery, George Coulouris, John Ireland, Richard Derr, Roman Bohnen, Robert Barrat, Selena Royle, Irene Rich, e um grande número de "extras", todos perfeitamente enquadrados nos tipos representados, não foram poucas as dificuldades para filmagem total da película. Basta citarmos, como exemplo, a grandiosa cena da batalha, que teve a duração de um mês, e foi recordada nos mínimos detalhes. Comandando o maior exército jamais apresentado no cinema, em dez anos, o diretor Fleming opinou que Hollywood mostraria uma cena gigantesca, fantástica aproximada ao máximo da realidade.



Para conseguir esse resultado, nada menos de 4.000 pessoas movimentaram-se numa área de 3.000 milhas, enquanto as câmeras rodavam. Das páginas de um livro silencioso em suas palavras, para o movimento da imagem, onde a ação se espalharia por todos os cantos, travou-se uma luta extremamente fatigante. A tremenda campanha começou nos arquivos da Biblioteca Congressional. Nada menos de 300 fivros foram consultados, para que todos os detalhes fossem respeitados. Foi reproduzida a fortaleza de Tourelles, onde os franceses mantinham 71 canhões que mais pareciam bazzokas. Richard Day, com sua câmera prodigiosa, tomou ângulos excelentes, de vez que planejou parte da batalha dentro dos estúdios, e parte filmada "in location", ao ar livre, num rancho a 30 milhas ao norte de Hollywood, em San Fernando Valley. Pequena parte também foi filmada numa área de 150 acres, na praia de Balboa e as cenas de duelo, frente a frente, foram tomadas num lote cedido por Hal Roach.

Todos os "extras", certamente, necessitaram de vestimentas apropriadas, e o custo do guarda-roupa foi talvez o mais caro que o cinema já apresentou até hoje. A couraça de miss Bergman, por exemplo, foi copiada no museu, estudada e reproduzida nos mínimos detalhes, e houve muita dificuldade para deixar-lhe livres os movimentos. Após alguns estudos, os problemas iam se dissolvendo com a aplicação de óleo especial. Quanto

aos milhares de "extras", foram construídas plataformas especiais para que pudessem montar os gigantescos cavalos, sem prejudicarem as roupas. No fim de muitos dias, a cena da batalha estava terminada, e o diretor Victor Fleming conquistava mais uma vitória, enquanto a atriz Bergman resumia tudo em duas palavras: "Estou cansadíssima".

★

"Joana d'Arc" nos conta a história de uma devotada jovem que, ouvindo a voz de Deus, sente-se inspirada para conduzir o exército francês à vitória. Com o eco dessa vitória em sua alma, ela tudo faz e tudo sacrifica, inclusive a própria vida, tornando-se uma das mártires mais respeitadas da História. Tanto mais deve ser admirada essa obra, quando os autores do "script" fizeram justiça à veracidade dos fatos, reproduzindo com senso de absoluta realidade os últimos anos da vida da Santa Donzela, exaltando o seu heroísmo e a sua bravura, numa época em que nada se respeitava e em que a religião e os princípios de dignidade humana eram desdenhados (e as coisas pouco mudaram, hoje...). A capacidade de dramatização por parte dos autores do cenário, o dinamismo de ação do diretor Fleming, a produção imaginativa do produtor Wanger e o inimitável trabalho artístico de Bergman, cercada de uma

equipe de atores de primeira plana e de um grupo de técnicos cujos trabalhos anteriores comprovam sua reconhecida capacidade, dão a esse filme o colorido real de uma época, de uma vida sacrificada pela liberdade de um povo — e que é hoje um verdadeiro símbolo de heroísmo e bravura.

Elaborado em technicolor, sob a direção de Natalie Kalmus, o filme consegue quadros de verdadeiro senso artístico como pintura, especialmente nas cenas de abertura, quando Joan faz suas orações, entre as ruínas; no clamor da batalha, entre o fogo e destruição, e em muitas outras que compõem a totalidade de seu desenrolar, tão dramático quanto comovente, até o seu final, quando ela é julgada e queimada viva numa fogueira.

★

Isto é uma reportagem; não uma crítica. Não nos cabe, portanto, o direito de prognosticar aqui o valor intrínseco dessa obra. Enquanto alguns falam mal e outros exaltam a película como a melhor produção cinematográfica de todos os tempos, nós nos limitamos a aguardar a sua exibição. Mas o que não se pode negar, de antemão, é que o seu tema fascinante, sua história comovente, e sua realização metódica, só podem ter resultado num grandioso e soberbo espetáculo.

**UMA APRESENTAÇÃO DA
SIERRA PICTURES DISTRI-
BUIDA PELA R. K. O.**

Produção de Walter Wanger ★ Direção de
Victor Fleming ★ Baseada na peça teatral
de Maxwell Anderson ★ Diretor de foto-
grafia: Joseph Valentine ★ Música de Hugo
Fredhofer ★ Guarda-roupa de Karinska e
Dorothy Jeakins ★ Diretor de technicolor:
Natalie Kalmus

ELENCO

Joana D'Arc	Ingrid Bergman
O Delfim, Carlos VII .	José Ferrer
Pedro Cauchon, Bis- po de Beauvais ..	Francisco L. Sullivan
João de Luxemburgo .	J. Carrol Naish
La Hire	Ward Bond
Padre Massieu	Shepperd Strudwick
Jean LeMaistre	Cecil Kellaway
Padre Pasquerel	Hurd Hatfield
Jorge de la Tremouille	Gene Lockhart
Duque de Alencon ..	John Emery
Robert de Baudricourt	George Coulouris
St. Severe	John Ireland
João de Metz	Richard Derr
Durand Laxart	Roman Bohnen
Jacob de Arc	Robert Barrat
Isabel de Arc	Seleta Royle
Catarina Le Royer ..	Irene Rich





Joana, a jovem pequena da vila de Domremy, em Lorraine, toma a resolução de expulsar o inimigo de sua pátria. Parte ao encontro de Sir Robert de Baudricourt, governador de Vaucouleurs, para pedir uma audiência com o Delfim



O governador é cético, mas bem cedo se convence de que a pequena pode ser realmente uma enviada de Deus, quando uma de suas profecias se realiza. Assim, livre de qualquer suspeita, ele a envia a Chinon, para um encontro com o Delfim

JOANA D'ARC

NOVELIZAÇÃO

★ Cortesia da revista «Screen Stories»

Sua fé, cintilante como sua espada, iluminou o caminho da Vitória para a França!



MANHECIA, emergindo da névoa de prata da claridade, a vila de Domremy. Seus habitantes podiam ver, com olhos desolados, a coluna de fumaça que se erguia, entre línguas de fogo, das ruínas carbonizadas da igreja da vila próxima.

— Então em Frebecourt — alguém murmurou.

— Passarão eles outra vez por aqui? — perguntou alguém.

— Deus permita que não, mas é possível.

Jaques D'Arc surgiu à porta da sua choupana e disse a seus dois filhos: — Batam em todas as portas! Avisem que o inimigo está em Frebecourt!

A parte dos demais, mantinha-se Joana, sua filha. Sua face, de linhas firmes e radiantes, iluminava-se pelos primeiros raios de sol da manhã. Tinha 17 anos, cabelos castanhos, olhos doces e profundos, onde se liam coragem e dedicação. Involuntariamente voltando o rosto, para não faltar às chamas, a jovem murmurou, mais para si mesma do que para os outros: — Será preciso sempre haver fogo? — Porque Joana sempre tivera horror ao fogo.

Jaques D'Arc, vendo que os outros se armavam com armas improvisadas, lamentavelmente inadequadas para lutar contra o inimigo, sacudiu a cabeça dolorosamente: — Que poderão fazer alguns camponeses contra um exército?

— Há quanto tempo dura isso! — comentou uma velha.

Realmente. A França e a Inglaterra estavam em guerra havia já quatro anos, as fortunas variando, ora com uma, ora com outra. Tinham sido estabelecidas tréguas e renovadas as lutas várias vezes, com os casamentos havidos entre as casas reais da Inglaterra e da França. A França tinha lutado valentemente, mas naquele ano de 1442 ela era uma nação que se achava às portas da derrota, esgotada e sem recursos. Paris, ante o renovado assalto dos ingleses estava ameaçada, e Orleans, o derradeiro bastião da realeza, se achava sitiada, em Burgandy.

Era, como sempre, uma luta entre principados, de

atritos políticos e de rebeliões da nobreza. Tragicamente para a França, Felipe, o Duque de Burgandy, tinha dado a mão de sua irmã ao Duque de Bedford, estando, por isso, ao lado dos ingleses. Quanto ao Delfim, cuja própria mãe havia negado a sua paternidade real e, portanto, o seu direito legítimo de subir ao trono vacilante da França, não tinha nem a força nem a astúcia que deveria ter para se coroar, como Carlos VI. Débil, indeciso, vivia exilado em sua própria Corte, no Castelo de Chinon, cercado por vassallos indiferentes e incapazes. Eram os aventureiros — ingleses e burgandis — que dominavam a França.

A velha campônia, olhando o incêndio de Frebecourt, comentou:

— Já nem é guerra, mais... São bandos de salteadores que devastam a terra...

— Que pena — disse Joana, comovida profundamente — que o Reinado da França tenha chegado a tal ponto... — E fitou, subitamente, o céu, como se estivesse ouvindo a alguém. Um instante depois, baixando os olhos, que se enevoavam de lágrimas, Joana se afastou lentamente, em direção às ruínas da capela local.

Uma carroça parou em frente da choupana de Jaques D'Arc, o qual, vendo o homem, de meia idade que vinha à boléia, disse:

— Olá, primo Durand! Que foi que houve?

— Tinha ido ao mercado de Frebecourt — respondeu o primo de Jaques, Durant Laxart — e na volta vi o inimigo que vinha. passei a noite toda na floresta. Mas eles viraram para o leste.

— Então, passou o perigo. Venha tomar café! — disse Jaques, levando o primo para dentro de casa. — Joana! Joana!

Mas Joana estava naquele instante na capela arruinada, onde, de joelhos ante os escombros de pedra do altar, ela se sentia compungida e contrita, como se estivesse numa catedral. Sua voz era um murmúrio, acima das suas mãos postas. — Eu sei. Sei que tenho que sair de Domremy e ir ajudar o Delfim. — Seus olhos tomaram uma expressão de angústia. — Ir a Vaucouleurs. Mas como poderei ir? Como poderei falar com Monsieur Robert? E, todavia, me dizeis que eu vá...

A chamada de seu pai quebrou o silêncio das suas meditações, fazendo com que Joana voltasse para casa.

onde sua presença era reclamada, para fazer o café. Mas a jovem parecia imersa numa névoa de sonhos. — Que tem você, menina? — indagou o pai, severamente. — Você está diferente. Anda tão exqu岸ita que já não confio em você!

Com os olhos cheios de lágrimas, Joana voltou para casa. Bem sabia que seu pai não a compreenderia, que não tinha a menor idéia da decisão que ela devia tomar...

A igreja local tinha sido incendiada pelos burgandis, e Laxart declarou, ao café: — Estão traindo sua própria gente!

— Mas não são só os burgandis — replicou Jaques, com energia. — Nossos senhores lutam também entre si, e o Delfim é fraco para poder manter a ordem, é muito pobre para poder pagar as suas dívidas.

Laxart tinha falado com alguém que tinha combatido em Orleans e que lhe havia dito que os ingleses tomariam Orleans.

— A cidade está cercada, e não poderá aguentar muito! — disse Laxart.

Jaques respondeu-lhe o que toda a gente dizia: — Pois se Orleans cair, a França está perdida!

Laxart levantou-se. Tinha que fazer uma longa viagem, para a vila de Vaucouleurs. Jaques, vendo os modos vagos de Joana, reparou: — Trate de prestar atenção ao que faz, rapariga!

Isabela D'Arc, mãe de Joana, disse-lhe, com doçura, depois que Jaques tinha saído, acompanhando Laxart ao carro:

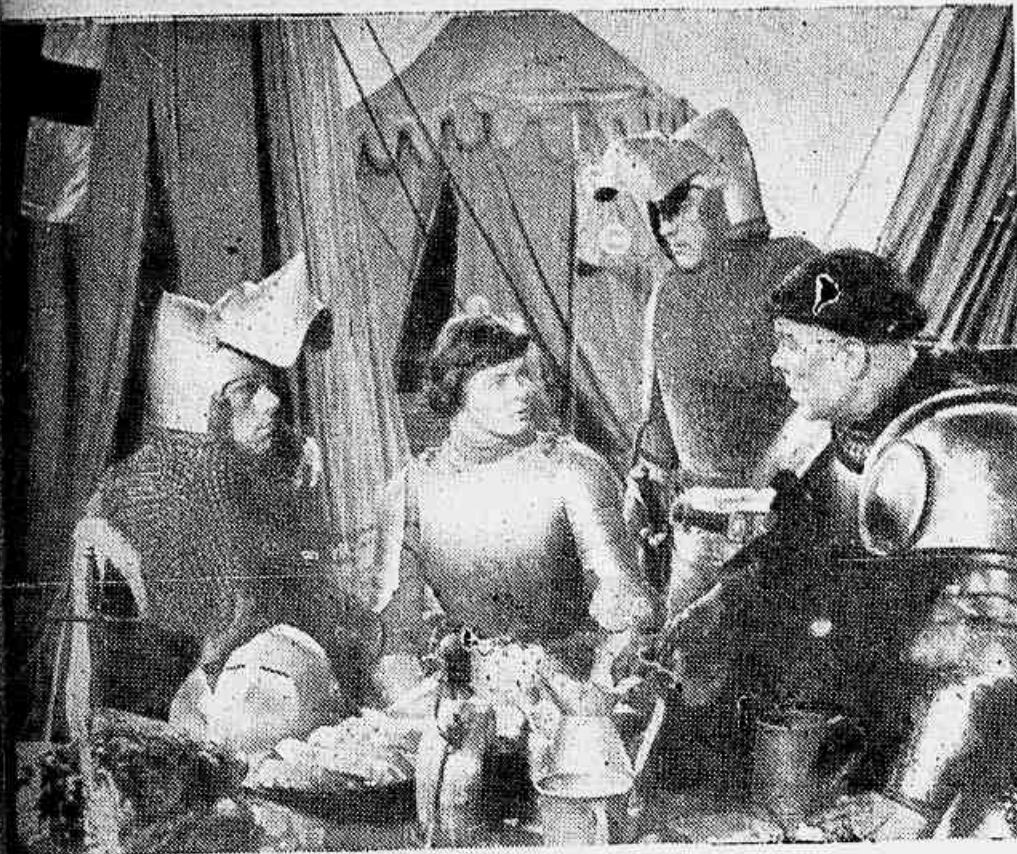
— Não se importe, Joana. Seu pai teve um mau sonho, e anda irritado. Sonhou que você tinha ido, por sua própria vontade, embora, com os soldados.

A resposta de Joana parecia um eco: — Ele teve um sonho em que eu ia com os soldados? — E foi correndo para o pai, a quem disse: — Não se zangue, bem sabe que nunca fiz nada mal...

— Vá tratar do seu trabalho, agora! — falou Jaques. E notando o mesmo olhar abstrato da filha, repetiu: — Vá!

— Vá! — ecoou Joana, uma vez mais, num murmúrio estranho. E, sem pensar em nada mais, Joana foi buscar refúgio num santuário de madeira, que havia ali, junto da floresta. E, caindo de joelhos, suplicou ao Todo Poderoso que a ajudasse.

— Ajudai-me, meu bom Deus! Os santos me dizem



O Delfim deixa-se impressionar pela história de Joana, e ajuda-a a realizar seus planos



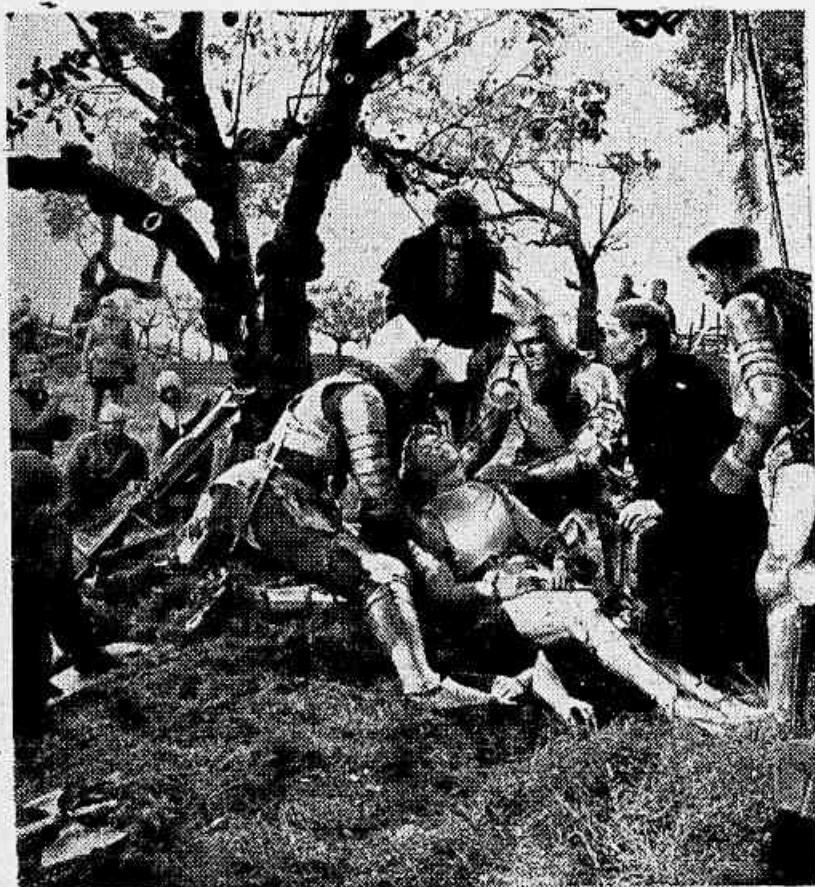
No Palácio, Joana diz ao Delfim que veio dirigir seus exércitos contra os inimigos da França



A primeira iniciativa de Joana é levantar o moral do exército que conduzirá à vitória



Joana estava disposta a tudo, e, apesar de ferida, não se deu por vencida



A violenta Batalha de Orleans traz a vitória dos franceses, sob o comando da Santa Donzela

que devo salvar a França, coroar o Delfim, conduzir suas tropas à vitória... Mas eu somente uma rapariga dos campos! Já pensei como poderia começar... mas como? Como? Em cada dia que passa é pior para a França, e eu não sei o que fazer! Uma Voz me dirá que estou perdoada? Eu tenho tentado...

A face que se ergueu, depois dessa súplica, estava banhada em lágrimas. E, quando o sussurro da folhagem chegou a seus ouvidos, Joana apenas disse: — Não, não fui perdoada... — e se sentia tomada de desespero.

Vagarosamente, Joana se levantou; vagarosamente, seu corpo se tornou rígido como uma espada, refletindo a decisão que, enfim, se apossará de seu coração cheio de fé: — Então, irei, mesmo não sabendo o que fazer! Saiando a correr, Joana interceptou o carro de Laxart, na curva do caminho. — Tenho que ir a Vaucouleurs. Leve-me! — implorou ela. — Por favor! Tenho que falar com Monsieur Robert de Baudricourt.

Laxart chegou a abrir os lábios, para se recusar. Mas havia algo que impressionava, na face de Joana — a intensidade da sua súplica.

— Estou talvez cometendo um erro. Mas venha — disse ele.

Ligeira, Joana subiu ao carro, sentando-se ao lado do tio, com a fisionomia iluminada de esperança. O consentimento de Laxart era um bom agouro. Ela se sentia no bom caminho — seguindo o ditame das Vozes que a impeliavam.

II

Sentado numa alta cadeira de carvalho, no saguão de seu castelo, em Vaucouleurs, Monsieur Robert de Baudricourt, um homem de uns quarenta anos, enrijecido nas batalhas, recebia os impostos que lhe pagavam os camponeses da redondeza. A um lado, tinha Jean de Metz, jovem emotivo e idealista, e ao outro lado tinha Bertrand de Poulengy, também jovem, aventureiro e leal.

Quando, finalmente, na linha dos lavradores, Laxart e Joana chegaram em frente ao Senhor de Vaucouleurs, Laxart declarou, humildemente: — Minha sobrinha deseja falar-vos.

Com os lábios ressequidos, Joana mal pôde articular as palavras. — Monsieur, é preciso que me enviéis ao Delfim. E' a ordem de Nosso Senhor.

— Seu Senhor sou eu — replicou Baudricourt.

— Meu Senhor — afirmou Joana, com uma dignidade tão tranquila como impressionante — é Nosso Deus Todo Poderoso. — e a sua voz mal se ouvia quando Joana disse: — Ele me ordena que eu conduza os exércitos do Delfim.

— Conduzir os exércitos do Delfim! — exclamou Baudricourt, com desdém. — Quando foi que o Delfim teve algum exército? Além disso, as mulheres não conduzem os exércitos, minha jovem. Vão atrás deles.

De Metz não riu, como os demais, olhando para o rosto de Joana, que tinha uma expressão ansiosa e perturbada. Catherine le Royer, uma camponesa de Vaucouleurs, velha conhecida de Laxart e da família Arc, contemplava Joana com olhos admirativos.

Mortalmente embaraçada, Joana dirigiu-se novamente ao Senhor de Vaucouleurs: — Tenho que salvar a França — disse ela, com voz pouco firme.

— Vá para casa, menina! — replicou Baudricourt bruscamente. — Se fosse possível salvar a França, nós mesmos o fariamos.

Os olhos de Joana encheram-se de lágrimas. — Mas a guerra mudará de rumo, quando eu for em auxílio do Delfim! — E acrescentou, cheia de fé: — Tenho que fazer com que ele seja coroado em Rheims. Tenho que ver o Delfim! Tenho que salvar a França!

Vendo que os olhos de Baudricourt revelavam impaciência, Laxart pediu-lhe desculpas pelo incômodo, e arrastou Joana para fora do local, encolerizado, murmurando entre dentes: — Você fez com que eu parecesse um idiota!

— Não tive tal intenção, mas era preciso falar com o Senhor de Vaucouleurs...

Catherine interrompeu-a. — Não falemos aqui. Vamos para minha casa.

Baudricourt saiu do castelo, acompanhado de Metz e de Poulengy, e Joana arrancou-se das mãos de Laxart, dirigindo-se outra vez a Baudricourt: — E' preciso que me mandeis à guerra! Tenho que salvar Orleans, que está em grande perigo! — Uma expressão estranha iluminou sua face: — Agora mesmo está havendo lá uma grande batalha!

— Orleans está a 200 milhas daqui — retorquiu Baudricourt, montando o seu cavalo. — Ninguém sabe o que está havendo lá, agora!

Joana apanhou o cavalo pelas rédeas. — Mas estou dizendo que está sendo travada lá uma grande batalha, hoje! E nós estamos perdendo!

— Nós todos queremos salvar a França — Baudricourt declarou com ar de bondade. — Mas não há meios para salvar a França, rapariga! Vá para casa!

Enquanto Baudricourt impelia seu cavalo, de Metz ficou a olhar Joana, por um momento. — Há uma profecia de que a França será salva por uma donzela de Lorraine. Ouviu falar?

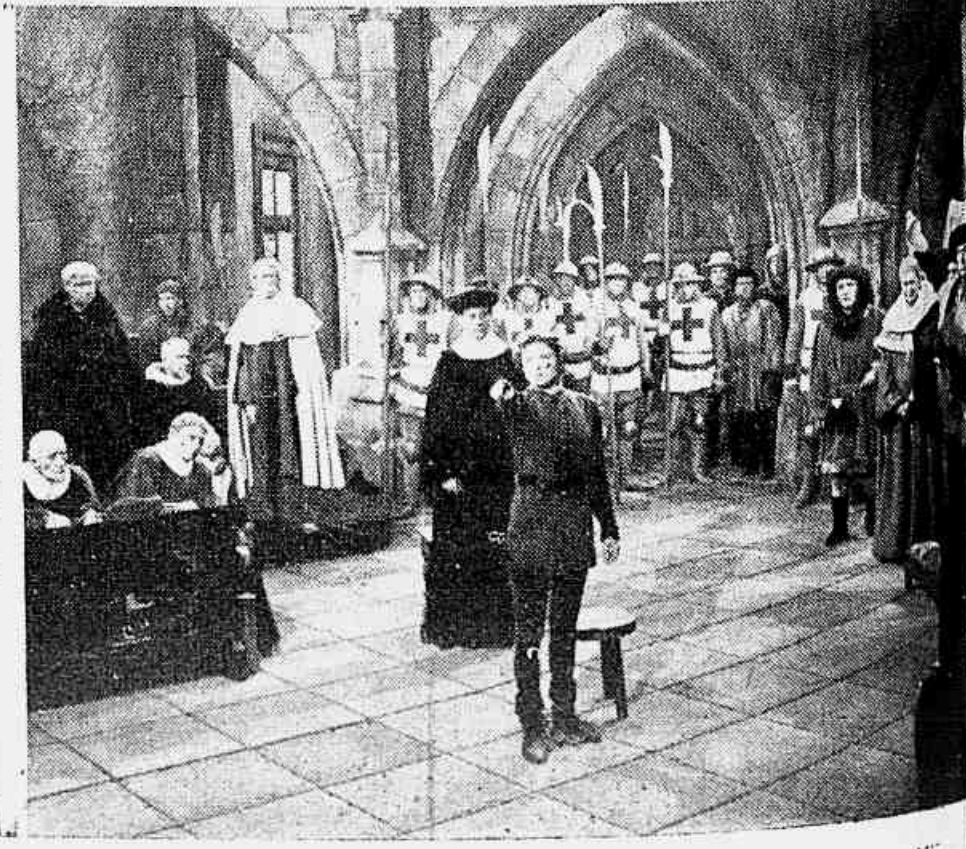
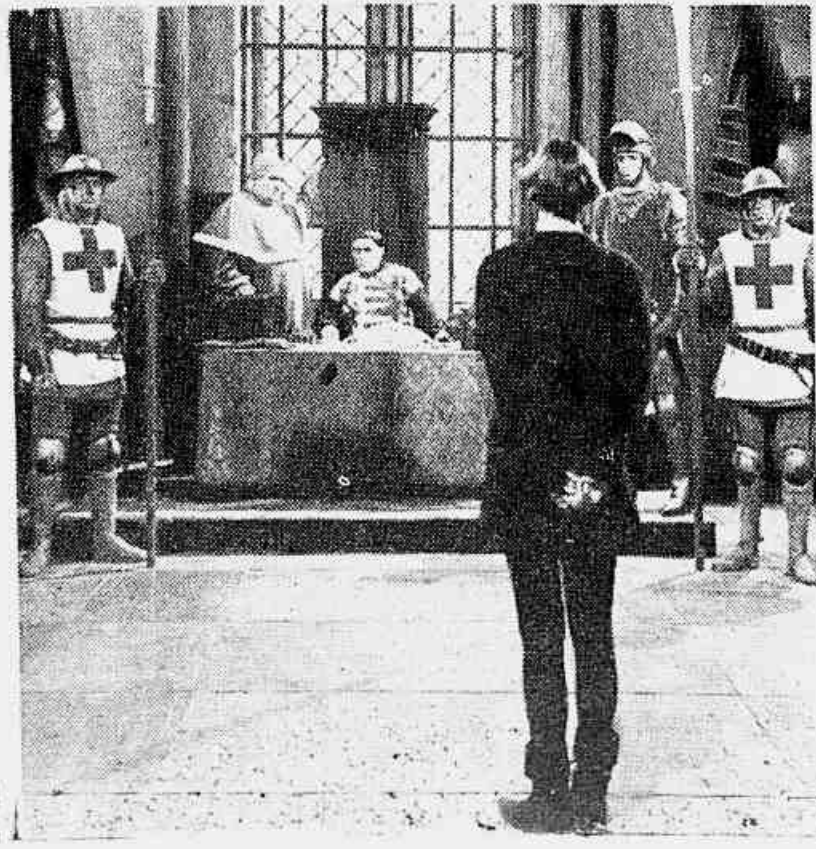
— Não conheço nenhuma profecia — replicou Joana, simplesmente.

Catherine le Royer puxou Joana pela manga. — Vamos, Joaninha.

(Continua na pág. 84)

Joana é capturada pelos ingleses e levada à cidade de Rouen, para um severo julgamento

Depois de presa durante vários meses, é julgada diante de um tribunal não eclesiástico, como era de seu desejo



Relapsed Heretic
Sorceress
Blasphemer
Idolatress Apostate



A fogueira é acesa e enquanto as labaredas envolvem seu corpo, Joana olha para o céu, murmurando, quase sem forças, suas últimas palavras: "Jesús — Jesús!"

ARTUR chegara à Capital com uma porção de sonhos que pretendia realizar se a sorte o ajudasse. Concluíra o curso secundário em um ginásio de sua terra natal e agora, com o diploma que lhe custara cinco anos de estudos, pensava em seguir carreira e tornar-se advogado.

Quando partira de casa, recebera uma série tão enorme de conselhos que até fôra obrigado a anotá-los em um velho caderno, para deles não se esquecer... A mãe, carinhosa como tôdas as mães, fizera, entre lágrimas, uma série de recomendações, pedindo-lhe não só que fugisse das más companhias, como também para que não deixasse de usar o "pull-over" e o "cache-col" nos dias de inverno...

O pai, mais prático e de tẽmpera rija, apenas lhe dissera, numa ameaça que era mais um estímulo:

— Veja lá, meu filho. Tenha juízo e estude bastante, porque se você repetir um só ano que seja, irá para o trabalho!...

★

Numa terra estranha e enorme, onde os vícios eram muitos e as tentações em maior número, Artur tratou desde logo de procurar um "bico" que lhe garantisse alguns cruzeiros a mais do que a módica pensão que chegaria pontualmente todos os meses, enviada pelo pai e envolta nas eternas saudades da mamãe.

Com algumas cartas de recomendação dos chefões políticos de seu município, foi ele até a redação de um dos nossos matutinos — "O Bom Dia" — e ali se candidatou a uma das vagas que felizmente se registraram na ocasião.

Demonstrando, apesar dos pesares, conhecer um pouco de português, Artur foi bancar o "foca" em uma das repartições policiais, sendo ali encarregado de anotar o que se passava no Pronto Socorro.

Sua vida nunca seguira uma rotina tão perfeita. Às dez da noite passava pelo ambulatório, via as principais ocorrências e, tomando o ônibus ou o bonde, ia correndo para a redação. Esperava então pacientemente que algum dos veteranos desocupasse uma das máquinas de escrever, quando poderia redigir a sua "valiosa colaboração", que no dia seguinte iria figurar em corpo seis, em meio dos anúncios classificados e ocupando nunca mais de dez ou doze centímetros, em virtude do corte implacável que o secretário da redação não deixava de fazer.

Artur sentia-se ofendido com aquilo. Ele que na sua cidade fôra o redator-chefe de "O Estímulo", quinzenário do Ginásio Estadual e que colaborava na primeira página de "A Comarca", não poderia ser humilhado daquela forma. Por acaso não sabia ele tão bem manejar a língua vernácula, tanto quanto o velhote que ocupava a secretaria do jornal divertindo-se em fazer riscos vermelhos nos originais que lhe caíam sobre a mesa?

A perseguição era de mais. Às vèzes Artur se comprometia com o enfermeiro de plantão a dar destaque a uma notícia, mas no dia seguinte nem mesmo o simples fato era registrado pelo jornal. E ele, ao voltar ao Põsto da mesma noite, ouvia as chacotas dos funcionários, que lhe dirigiam zombarias, acentuando a sua falta de prestígio.

Mas ele, não se dando por vencido, soltava logo uma das frases que constituem a eterna desculpa dos jornais de todo o mundo:

— Foi falta de espaço. Você não viu como tivemos que noticiar com destaque aquêlê crime? Mas eu vou fazer força para sair amanhã...

E no dia seguinte, como nada ainda fosse divulgado, continuava com a justificativa:

— Hoje não pudemos publicar a nota porque ela já perdeu a oportunidade. Depois, já havíamos sido "furados" pelo "Diário", de modo que se fõssemos inserir a notícia pensariam que estãvamos plagiando...

★

Era essa a vida que Artur levava, perdido entre os livros do curso de Direito e as aparas da redação do jornal.

Se em verdade recebia alguns poucos cruzeiros pelo seu trabalho (o Projeto "Café Filho" não conseguira passar...), por outro lado ainda estava formando um verdadeiro complexo de inferioridade.

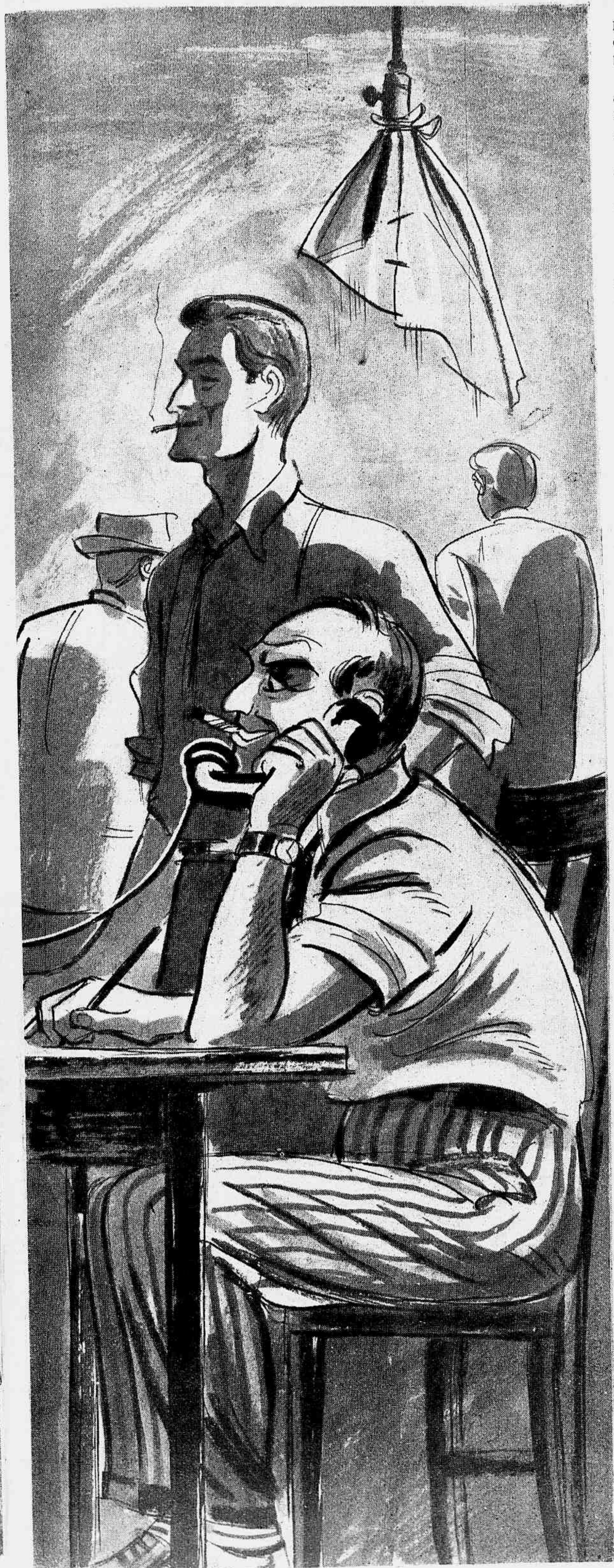
A sua diferença era o secretário do jornal, aquêlê "dromedário" que se julgava o senhor do mundo, muito embora reconhecesse que Artur estava aperfeiçoando o seu estilo, constituindo sério concorrente para muitos "profissionais" que, conquanto militassem há vinte anos na redação, mal sabiam alinhar dez linhas de noticiário sem que êste oferecesse ao menos dez erros crassos de português.

★

Certa noite, a redação em pêso deliberou pregar uma peça ao "foca" que, após apenas dois meses de trabalho, já possuía pretensões de redigir um artigo de fundo e nele oferecer sugestões ao govẽro capazes de solucionar todos os grandes problemas nacionais.

Seguindo o costume tradicional do matutino, um dos veteranos foi ao bar vizinho e de lá telefonou para "O Bom Dia", avisando que ocorrera um crime num lugar distante qualquer.





O repórter policial, desempenhando o papel que lhe cabia na comédia, desapa-
parecera da redação havia dez ou quinze minutos, de modo que ali só se
encontravam o cronista social, os redatores esportivos, o secretário e o nosso
bom amigo Artur.

A trama tão bem urdida terminou como fôra planejada e meia hora depois
sob o pretexto de que era único disponível e com prática de reportagens po-
liciais, Artur já se encontrava em um terreno baldio e escuro, onde de crime
ou de suicídio não havia a menor sombra.

— “Não é possível que eu tenha me enganado” — murmurou ele. — “He-
de descobrir este crime nem que permaneça aqui até de madrugada.”

E continuou a andar, com uma lanterna na mão, clareando capinzais, vale-
tas e aterros...

★

Já passavam das duas da manhã e a redação estava prestes a encerrar o
seu expediente, quando Artur, todo suado e com os sapatos sujos de terra,
entrou e foi sentar-se na primeira máquina de escrever que encontrou.

Arrumou uma lauda comprida, larga e, correndo os dedos celeremente pelo
teclado, foi redigindo uma nota cheia de sensação:

“Ontem, às 23 horas, a população do bairro de Vira Copos foi abalada por
uma brutal tragédia, da qual resultou a morte de Felisbino de Souza Moraes
barbaramente assassinado com vinte facadas pelo seu contendor...”

O secretário aproximou-se da máquina e pôs-se a ler a notícia com um
ar de desconfiança.

— Você vai demorar muito? Onde conseguiu essas informações?

— Um pouco na polícia e o resto lá no bairro. Faça-me o favor de discar
para o fone 55-6389, no Posto de Gasolina Excelsior, e ver se não há mais coisa.

O secretário foi até a sua mesa e de lá chamou o número indicado, depois
de certificar-se, pelo livro telefônico, de que o Posto ficava no local onde
supunha ter ocorrido o crime.

Uma voz atendeu do outro lado e não só confirmou o crime, como ofereceu
outros informes posteriores à vinda do repórter, tais como sobre o levanta-
mento do cadáver e ligeiras impressões das testemunhas.

O chefe da redação tomou notas apressadas e disse em tom de censura
para o “foca”:

— Ande depressa que a paginação está quase fechada. Acrescente mais
estas notas.

E, no seu íntimo, ficou a pensar que aquele jovem sonhador era mais uma
de suas descobertas...

— Não me demoro mais do que dez minutos — respondeu Artur. — O se-
nhor quer mandar fazer os “clichés” do criminoso e da vítima? Custou, mas
consegui as fotografias, pois precisei ir até a casa dos parentes de ambos
e por isso me demorei.

— Então, deixe-me ver logo as fotografias, para apressar o clichê.

E o secretário desceu correndo pelas escadas que levavam às oficinas, cer-
te de que Artur era mesmo um novo “estalido de Vieira”.

★

Faltavam quinze minutos para as três da madrugada, quando a notícia
revista pelo secretário e aliás alterada em mais de quarenta por cento, che-
gara até as mãos dos linotipistas, que a aguardavam impacientes. O pagi-
nador, com um charuto na boca, já reservara duas colunas na última página,
tendo ao lado alguns anúncios adiáveis e pequenos “calhaus” para fechar
os buracos.

Compor a reportagem, enviar as provas para a revisão emendá-las e coloca-
o chumbo nas ramas foi obra relâmpago.

Instantes depois a rotativa vomitava os exemplares de “O Bom Dia”, com
a sensacionalíssima reportagem, que narrava em todos os detalhes o bárbaro
acontecimento. Foi um autêntico recorde de tiragem, que ultrapassou todos
os anteriores da própria cidade.

★

A noite, quando se iniciava o expediente para a edição seguinte, dois indi-
víduos subiram pela escadaria, possesores de raiva, querendo dar em mel-
mundo e procurando “por quem mandava no jornal”.

Recebidos pelo secretário, foram eles lhe dizendo desde logo uma porção
de impropérios e ameaças, ao mesmo tempo em que reclamavam por uma
retificação.

Como é que o jornal fôra acusar a um de criminoso, e chamar o outro de
vítima de uma cena de sangue, da qual não participaram?

Ambos haviam tido suas fotografias na notícia do crime, embora fossem
os mais pacíficos e pacatos cidadãos.

Tratava-se de dois bedéis da Faculdade de Direito, onde Artur fazia o se-
curso e que haviam “presenteado” o nosso herói com as suas fotografias com
parte integrante do “trote” a que o mesmo se submetera.

Quanto ao telefonema que confirmara o crime, fôra tudo uma combina-
ção entre Artur e o dono do Posto de Gasolina próximo ao local para onde fôra
mandado.

“O Bom Dia” publicara uma “barriga”. Mas Artur vingara-se daquel-
secreário ranzinza, que acreditava ser o melhor jornalista do mundo...

ILUSTRAÇÃO DE JERONYMO RIBEIRO
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA





Na página ao lado: Leque chinês que, como tantos outros, conta uma história de impérios ou de amores. Em cima: No tempo das "peinetas", os característicos pentes es-panhóis, das damas do primeiro reinado, conhecidos como "trepa-moleques", enfeitavam lindas cabeças. Mas os da fotografia são do século XX

OS LEQUES, MENSAGEIROS DO AMOR E DA GUERRA

ESCREVER sobre leques na era da bomba atômica, num mundo dividi-
do entre homens que querem a guerra e homens que desejam a paz, não é fácil tarefa, vos asseguro. Mas esse não é um assunto essencialmente masculino. Embora no uso e abuso das conquistas de civilização moderna, com ou sem existencialismo, a mulher continua a sonhar com os tempos românticos, que lá se foram e — dura realidade! — não mais voltarão, pelo menos no sentido de um regresso aos velhos costumes.

E' verdade que hoje muitas jovens poderão perguntar sobre a importância do

Asa de Zéfiro, arrancada por Cupido para abanar a sua amada Psiché ou a bela Kan-Si no baile das Lanternas
★ Uma origem que data de mais de cinco mil anos ★
Leques famosos que pertenceram a não menos famosas damas ★ Coleções particulares e Museus guardam a lembrança de um passado romântico ★ A guerra que um abano provocou e a "Ordem do Leque" ★ Uma raridade da Marquesa de Santos, de Maria Antonieta, entre outras

Reportagem de MILTON PEDROSA ★ Fotos de ARNALDO VIEIRA
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

leque. Sim, perguntarão sobre isso, ignorando que ele foi telégrafo, quando não havia telégrafo; telefone quando não havia telefone; missiva mesmo para jovens e analfabetas casadoiras e que, por isso, desempenhou um papel muito mais sério do que se pensa; pois foi, sobretudo, uma terrível arma feminina. A lembrança desse passado que, afinal de contas, ainda não é tão longínquo assim, está nas inúmeras coleções particulares ou nos museus, não só aqui, mas nos quatro cantos do mundo. Sim, por que o leque não é de ontem, nem nasceu no mundo ocidental, mas foi importado do Oriente, de onde importamos até mesmo esses começos de civilização.



A esquerda: A jovem exibe um leque francês, de marfim e rendas, de 1830, com pintura, de uso na corte de Luiz Felipe. A direita: Um leque chinês com varetas de prata dourada, marfim, sândalo, madrepérola e tartaruga, um dos mais ricos do Museu



A esquerda: Leque francês em madrepérola, ouro e esmalte, de uma beleza realmente impressionante. A direita: Este leque pertenceu à Baronesa das Duas Barras: madre-pérola, rendas, delicada pintura dão-lhe riqueza

ASSIM FOI O LEQUE

Encontramos hoje, no Museu Histórico Nacional e em muitas coleções de damas e senhoras da sociedade, belos e artísticos leques de rendas, de seda, de lantejoulas, de palhetas de ouro, de madrepérola, de tartaruga, de penas, de plumas. Coleções diversas, de número às vezes elevado, valem para os entendidos milhares e milhares de cruzeiros. São valiosos objetos, por trás dos quais outrora mulheres cochicharam segredos, marcaram encontros misteriosos, tramaram derrubada de tronos, quedas de gabinetes, disseram-se acriminosas palavras ou finas malícias, e rivais através deles fizeram guerras. Mas nem só entre as mulheres. Entre os homens eles também causaram guerras, como a que aconteceu entre a França e a Argélia, quando o beí de Alger deu com ele um golpe no rosto do representante francês naquele país. E nem só isso. Uma ordem honorífica foi fundada pela rainha úlcrica

Eleonora, da Suécia, e chamava-se "Ordem do Leque". Também foi ele causa de um grande escândalo na época de Luís XV, em Versailles, quando a condessa de Egmont abriu seu leque e cobriu o rosto em presença dos soberanos, o que era contra a etiqueta, que proibia tal coisa se fizesse em presença da rainha, a não ser à maneira de bandeja para fazer oferta de algum presente. O escândalo foi de tal vulto que deixou humilhados o conde de Egmont e o pai da condessa, o marechal de Richelieu. Outros grandes e pequenos incidentes foram provocados pelo leque, no passado, pois que ele não foi apenas um adorno, um abano ou um confidente, mas, também, uma arma. Já vos disse, manejada pelas belas damas contra o sexo forte, principalmente.

ORIGEM ROMÂNTICA DO LEQUE

De muitas maneiras se conta a origem desse adorno, desse confidente, desse aba-

no, dessa arma. Segundo os espanhóis, o primeiro leque foi uma asa de Zéfiro, arrancada por Cupido para abanar sua amada Psichê, que dormia em seu leito de rosas. Para os chineses a lenda é outra. Kan-Si, a linda jovem filha de um poderoso mandarim, encontrava-se no baile das Lanternas, onde o calor era sufocante. Resolveu, por isso, tirar a máscara asfixiante. Mas o costume chinês proibia que uma donzela descobrisse o rosto em público. A bela Kan-Si teve, então, um expediente. Manejando habilmente a máscara, ao mesmo tempo que velava o rosto, conseguia refrescar o ambiente. As outras damas imitaram-lhe a iniciativa, e daí surgiu o abano.

Seja lá como for, o leque já era conhecido na mais remota antiguidade. Imagina-se que a sua invenção se deu na China, uns três mil anos antes de Cristo. Velhas pinturas murais no Egito, na Assíria trazem também sinais de sua existência. E os Incas e os Aztecas já conheciam o seu

uso e dele se serviam nas suas oferendas aos deuses. Seis ricos e belíssimos leques fizeram parte dos presentes oferecidos por Montezuma a Fernão Cortez. De qualquer forma, foi no Oriente que ele surgiu e daí passou ao Ocidente, onde havia de exercer enorme influência e mesmo fazer parte dessa civilização. Na França, onde chegou pelas mãos da rainha Catarina de Médicis, o leque fez época e sua indústria atingiu o apogeu aí pelo reinado de Luís XIV, de quando datam espécimes valiosos com pinturas de Watteau, Lancret, François Boucher, Gavarni e outros artistas famosos. Muitos foram os leques que ficaram célebres, como o de Maria Antonieta; o de Teodolína, rainha dos Lombardos, hoje guardado na Catedral de Monza, em Milão, cujo toque tem o poder de propiciar aos crentes bons casamentos; o da rainha Luísa de Lorena, todo em lacre e pedras preciosas, que no século XVI já era avaliado em 60 mil francos; o que Mme. de Sevigné ofereceu à sua filha e que repre-

Dois leques chineses, um de sândalo e outro de xarão, ambos com marfim, pintura em relevo. Peças mandarinescas existentes no Museu Nacional



sentava a "toilette" de Vênus com o rosto de Montespan, a favorita de Luis XIV; o de Carlota Corday, o de Mme. Tallien; os leques gramaticais de Mme. Angot, cujas letras douradas ensinavam a conjugação dos verbos.

ASSIM ERAM USADOS OS LEQUES

Mas falemos das utilidades desses leques, que nem sempre foram muito românticas. Já não nos referiremos a essa espécie de abanadores com que, no interior do Brasil, se ajuda a acender o fogo. A diferença é grande, já se vê, o que não causa espanto, pois para muita coisa serve ele. Na China, por exemplo, era usado pelos soberanos, era um distintivo de dignidade e servia para afastá-los do povo, quando eles saíam do palácio. Aí, na época da dinastia Chou, o leque do imperador era de plumas, mas nas dos Yueng e Ming já eram de penas de faisão. No Egito era distintivo dos faraós e representava grande honraria abanar-se o imperador, honra de que gozavam os príncipes reais. Os soberanos persas e assírios usavam-no também como distintivo de sua soberania. Ainda na China, era obrigatório, aos cidadãos de certas categorias sociais, usá-los em certas situações. Assim, nas visitas, chovesse, fizesse calor ou frio. Havia mesmo, para cada cidade ou distrito chineses, um leque característico. No Japão, ele adquiriu tanta importância que figuras proeminentes se dedicaram a estudar a fundo as regras da etiqueta, no que respeitava ao seu uso. Ali, um homem para cumprimentar uma dama bastava acenar-lhe com o seu leque, como se faz hoje — fazia, até ontem — com o chapéu, na nossa civilização. Mas servia também como bandeja, em que se oferecia uma esmola a alguém, como emblema nacional nas grandes solenidades ou como caderno de notas para os soldados. Ah! mas nem sempre a vida se apresenta amena e com oportunidades para cumprimentos. As vezes há moscas importunas e torna-se preciso enxotá-las, por isso existiram o "miosoba", na Grécia, e os "muscarias", em Roma, sem falar no "flabelum", com que as escravas abanavam as patricias romanas, e tantos outros: o "ripis", pequeno leque; o "psigma", leque maior; ou os "punkas", grandes leques de parede — na realidade puros ventiladores — ainda hoje usados na Índia.

Oriundo do Oriente, o leque foi também adotado pela Igreja Católica para preservar as Santas Espécies. Estes leques denominavam-se "flabelos", eram de prata dourada ou simplesmente de prata. Este uso é ainda hoje conservado em algumas cerimônias, durante a festa da Páscoa, por exemplo, quando o Papa é conduzido em sua cadeira portátil através da cidade do Vaticano. Nessa ocasião, ao seu lado caminham dois camareiros agitando "flabelos".

Outras variedades de leques ainda existiram. Entre eles os de "baralho", que eram vendidos a grandes preços e em cujas varetas era costume gravarem-se as iniciais dos noivos ou o seu brasão; os leques "abissínicos", postos em moda pelos ingleses no século passado, durante a campanha contra a Abissínia; os "violinos", de plumas de cisne e lantejoulas de ouro, assim chamados pela sua semelhança com este instrumento musical, quando fechados; de "bolso", porque cabiam em qualquer bolso; de "cabriolet", por terem, em suas folhas, representada essa viatura, ao tempo de seu aparecimento em Paris.

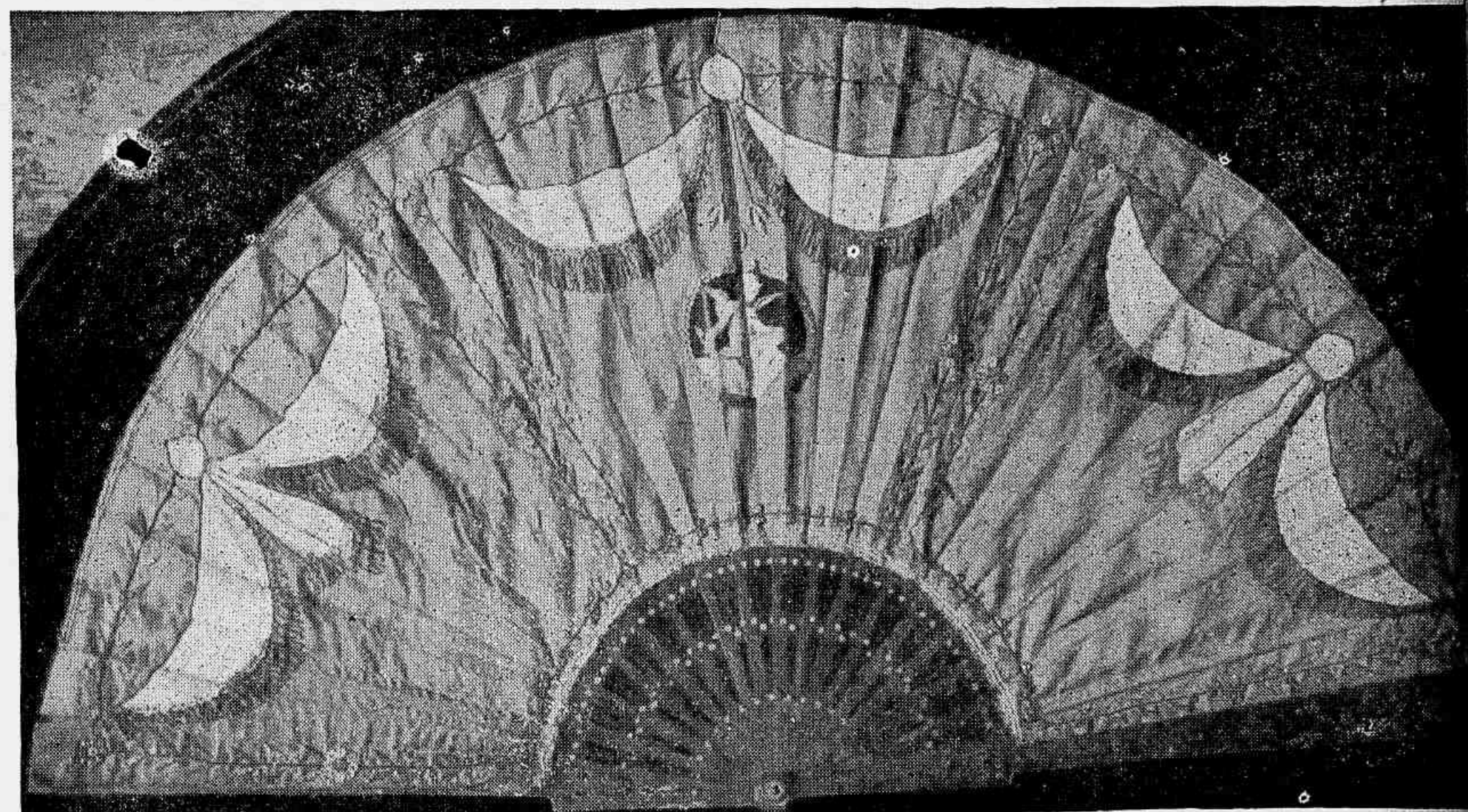
A LINGUAGEM DOS LEQUES

Em distantes épocas se perdem as origens do leque. Cerca de cinco mil anos, ao que se presume. Durante todo esse tempo, o leque tem falado uma linguagem variada e, de certo modo, universal. E essa linguagem tem provocado tragédias e amores. Tem sido arma de Cupido ou de Marte, sem falar de outros deuses menores. Essa linguagem, por vezes, chegou a exigir tipos particulares de leques. Além daqueles que se consideram sérios ou românticos, surgiram, na fase de seu domínio maior, os leques cômicos, jocosos, indiscretos, uma infinita variedade. Já se disse que ele foi telégrafo, telefone, carta, bilhete, transmitiu recados, mensagens, horas de encontro, negativas, consentimentos, aquiescências, despeitos, ódios, rancores, indiferença, perigos, amor — toda a gama dos sentimentos, das alegrias e das dores humanas.

(Continua na pág. 78)

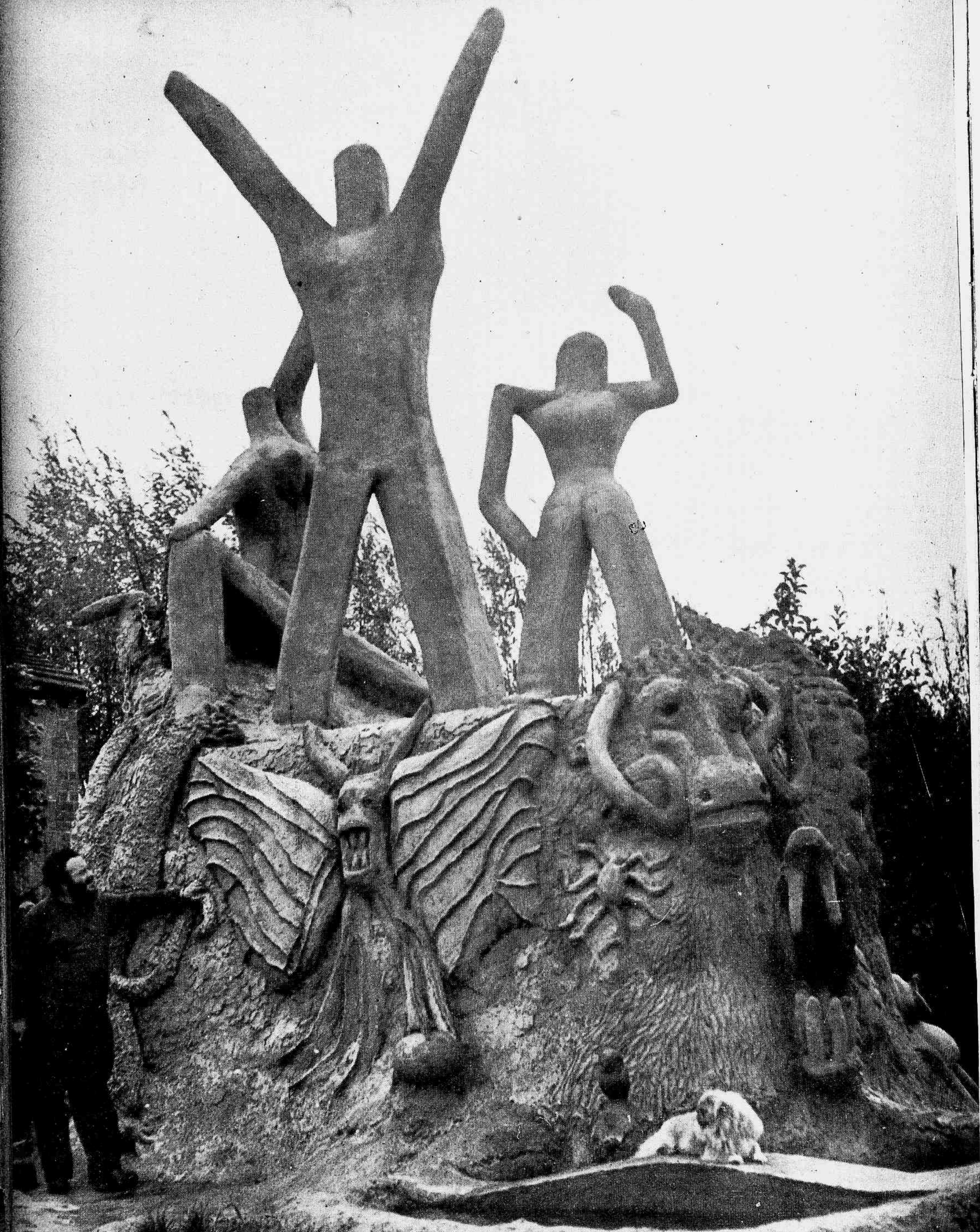


De cima para baixo: Leque Inglês de madrepérola, ornado com pergaminho e ouro. Pertenceu à Viscondessa do Rio Vermelho. Período do Brasil Reino. Raríssimo. ★ Este leque de folha de seda pintada, com aplicações de lantejoulas, varetas de tartaruga

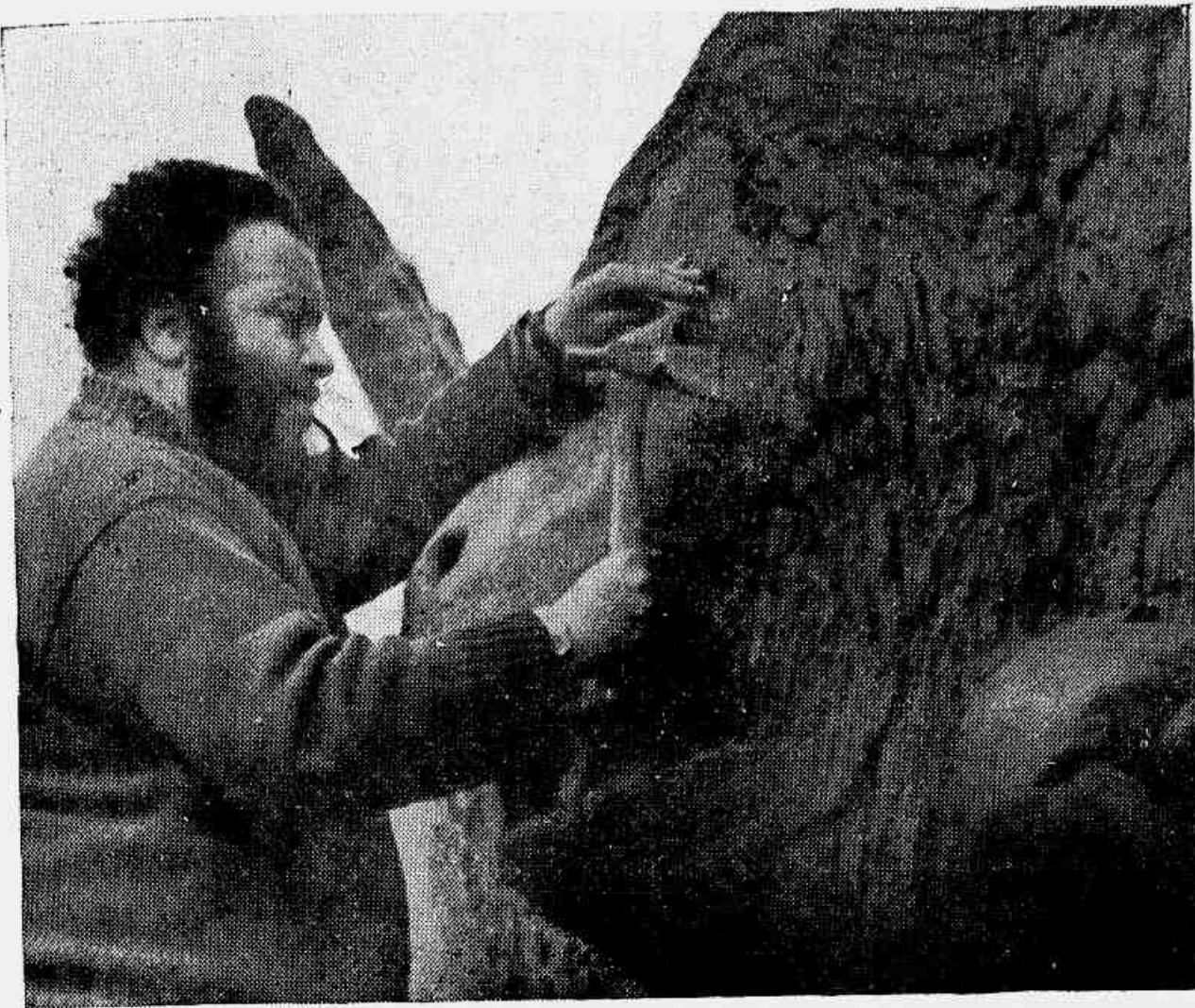


loura, pertencem à Princesa Isabel e está no Museu Nacional ★ Leque de palha de seda, pintado, vareta de tartaruga loura, oferecido pelo Comendador Antônio Gomes de Matos ao Condeheiro Christiano Ottoni e senhora, por ocasião das suas bodas de ouro, em 1887





Depois de ter ccmpletado sua obra-prima, Jach Bilbo a admira, como quem diz: "êste é o meu mundo".



À direita: Jack Bilbo, dando os seus últimos retoques na mais recente de suas obras escultóricas: "A Invencível". À esquerda: Com sua machadinha ele vai modelando a cabeça desse leão, uma das figuras selvagens de seu "Santuário"

JACK BILBO, UM ESCULTOR FILÓSOFO

A arte de Picasso tem corrido o mundo e provocado largas discussões. Os quadros de nosso Portinari também causam polêmicas sem fim. Por que tudo isto? Pelo simples fato de estarmos todos habituados a ver somente os traços, os coloridos, as perspectivas, as proporções lineares da Arte Clássica.

No dia em que os nossos olhos saem desse âmbito comum e trivial e entram em outros ângulos, ficamos chocados, perplexos, sem compreender outras manifestações de talento artístico e Arte sob novos prismas.

Texto de ANGELUS RAVEL

★ Fotos KEYSTONE

Há em Weybridge, Inglaterra, um cidadão barbudo e sozinho, que também possui sua arte quase picassiana!... É o já famoso Jack Bilbo, artista, autor, escultor, amigo da arte, filósofo, psicólogo, viajor e um modernista na luta em favor da humanidade. Tudo isto ele diz que é, e, ao que parece, é realmente.

Jack Bilbo é um cidadão de meia idade, fisicamente forte, de cabeleira crespa e negra unindo-se à barba espessa.

Parece ter origem italiana ou espanhola, pelos seus traços etnológicos e sobrenome.

Em virtude de sua saúde e força muscular, ele consegue fazer sempre o que deseja ou planeja, em pouco tempo. No ano passado ele terminou a sua maior obra de escultor, até então realizada. Era uma figura de mulher ajoelhada, despida, com 16 pés de altura, pesando 44 mil libras, a qual deu ele o nome de "Devoção".

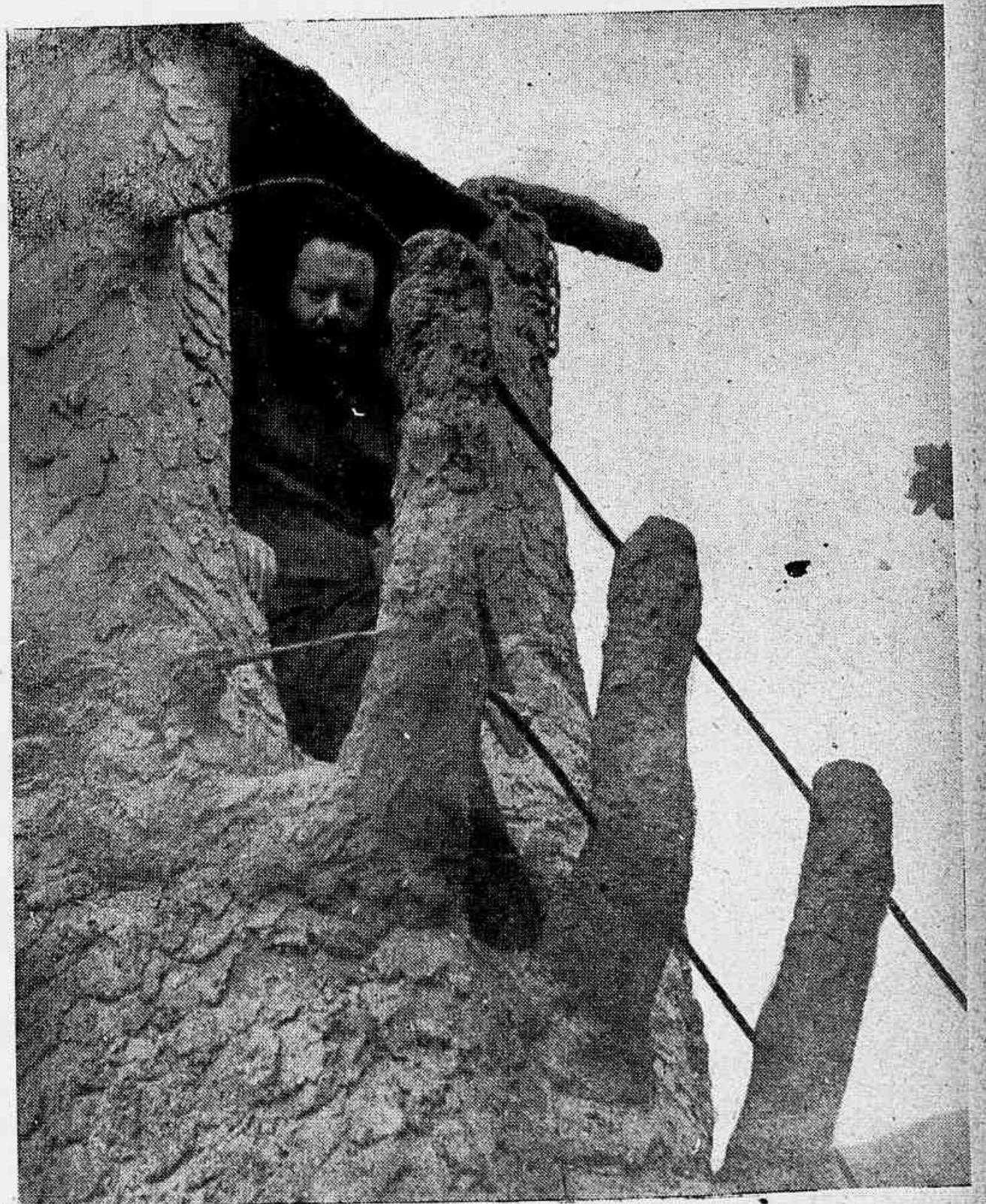
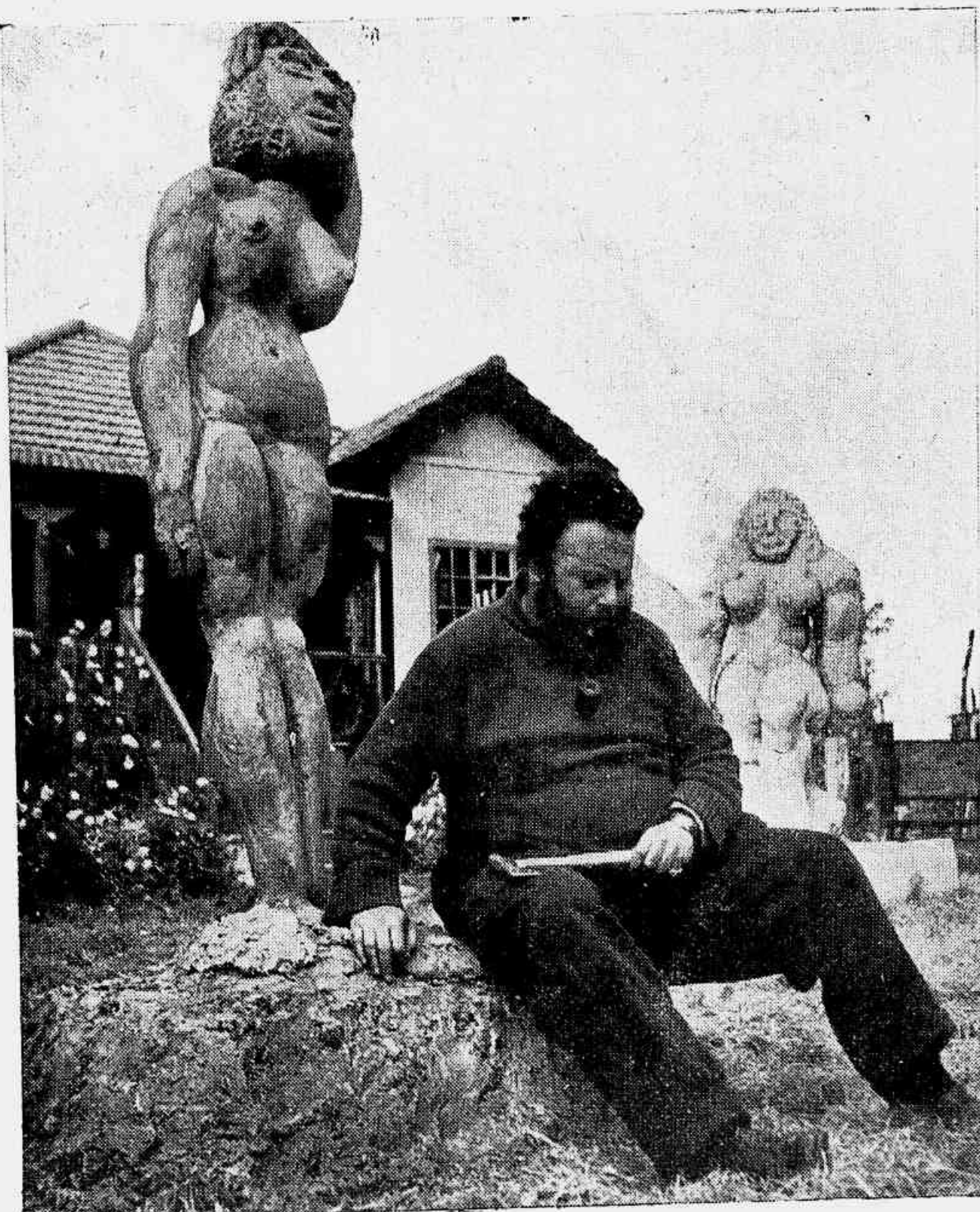
Apesar de constituir uma obra escultural

de consideráveis proporções, Jack Bilbo não ficou satisfeito e imaginou uma outra muito mais sensacional.

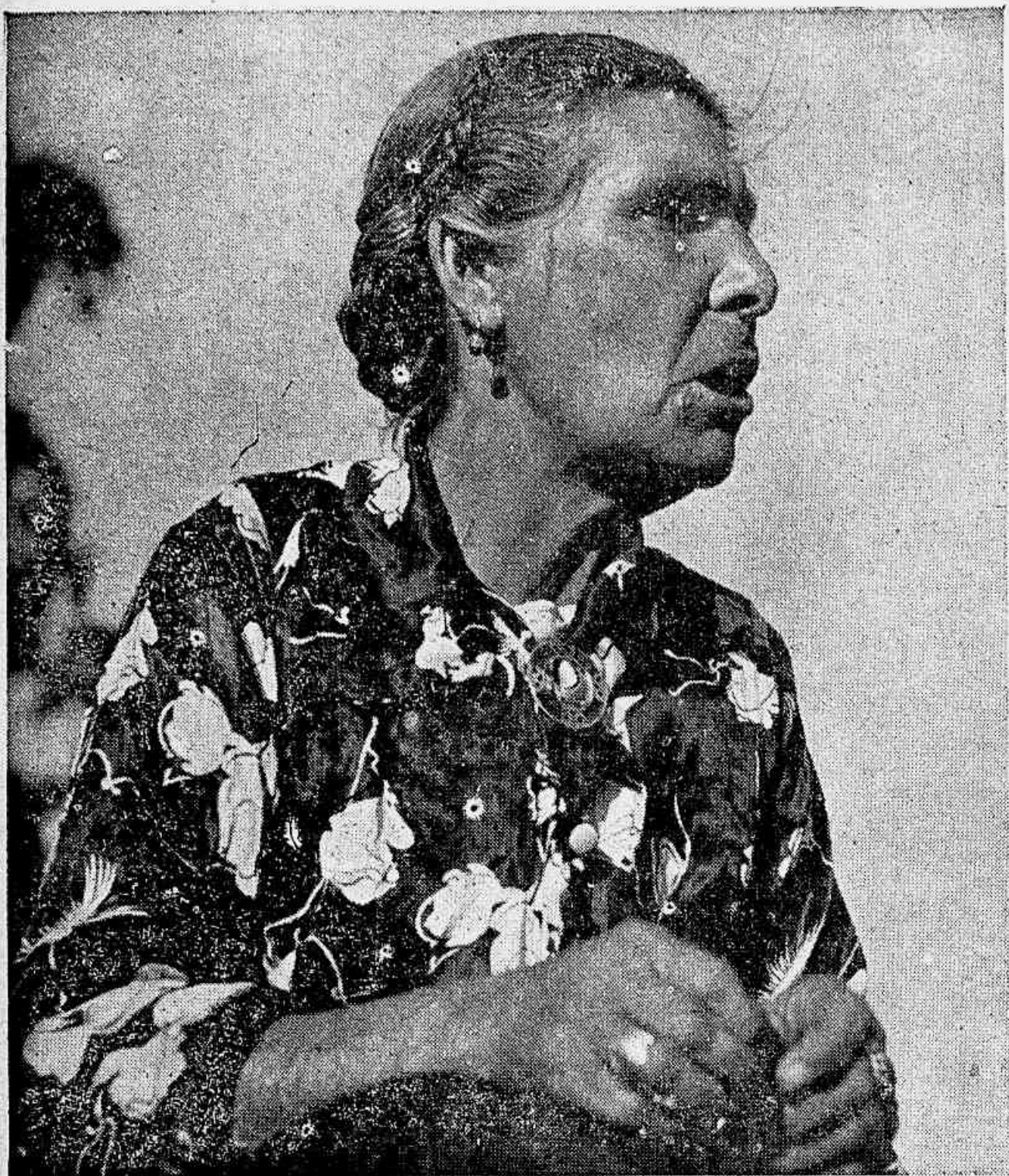
Imediatamente meteu mãos à obra. Depois de árduo e continuado trabalho, ele viu surgir da massa bruta sua obra prima, batendo o seu próprio "record" anterior de "Devoção".

"Santuário" é a nova escultura de Bilbo. Trata-se de um grupo de figuras humanas e de animais. O pedestal em que se erguem as estátuas do homem, da mulher e do menino, é composto de um animal monstruoso.

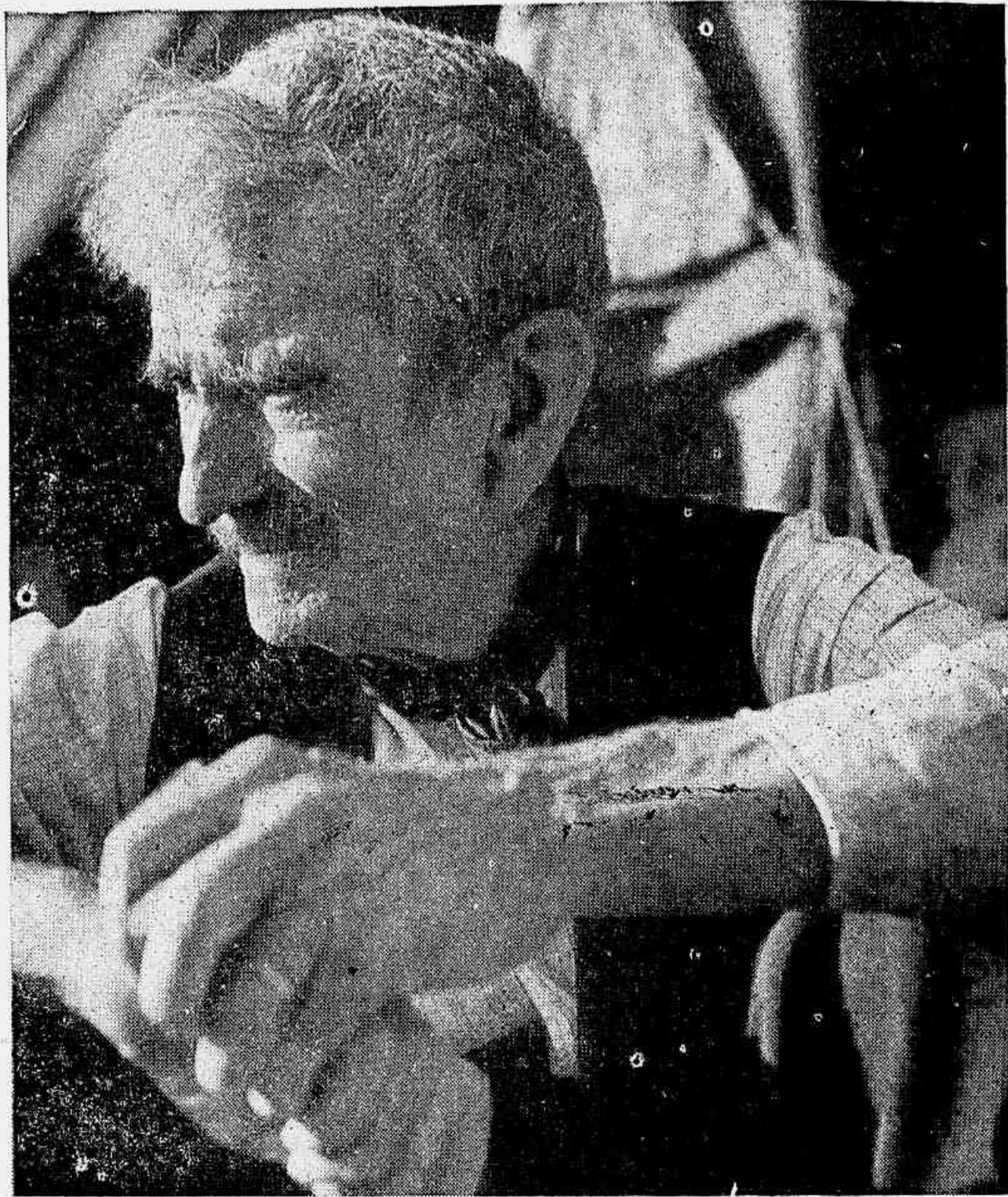
(Continua na pág. 78)



À direita: O escultor saindo do interior de sua escultura "Santuário", pela parte posterior, verdadeiro salão. À esquerda: A estátua da judia, que será oferecida a Israel, e de uma mulher inglesa, que está saindo das ruínas da guerra



Vovó Coates, mãe de Rosy, é a conselheira da família. Já não trabalha tanto, limitando-se agora a dar sua opinião sobre coisas da tribo



Apesar de seus 74 anos bem idos e vividos, o velho vovó George Marney ainda é respeitado em seu trabalho no campo, sempre bem disposto

VIDA DE CIGANO NA INGLATERRA

TEXTO DE HAROLD GREEN



FOTOS KEYSTONE

CIGANO existe em todos os recantos do mundo. Os primeiros procediam de países danubianos, alguns do Oriente Próximo, todos eles de belas feições, especialmente as jovens, com seus olhos grandes e sonhadores como os das andaluzas.

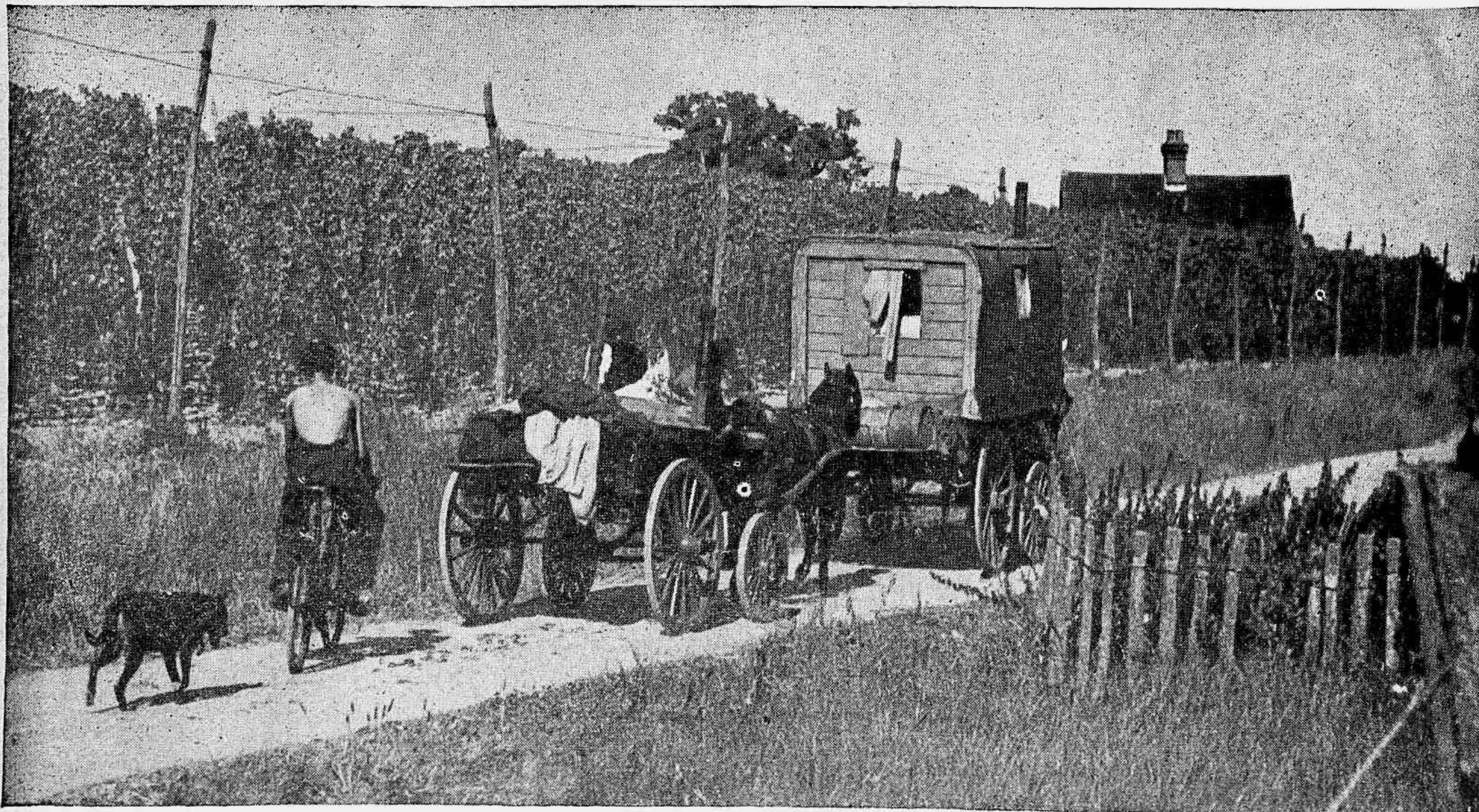
Depois, com as gerações se reproduzindo no mesmo país, e muitas vezes no mesmo Estado ou município, os ciganos foram perdendo aquele caráter misterioso e quase sobrenatural, passando a semelhar um ser humano qualquer, apenas ainda com o privilégio de ler a buena dicha.

Ninguém mais, porém, acredita nisso, pois que a chapa é a mesma de sempre: "vai receber uma carta", "há uma pessoa que tem muita inveja de você", "mas se me der cem cruzeiros eu lhe dou uma oração para fechar o seu corpo".

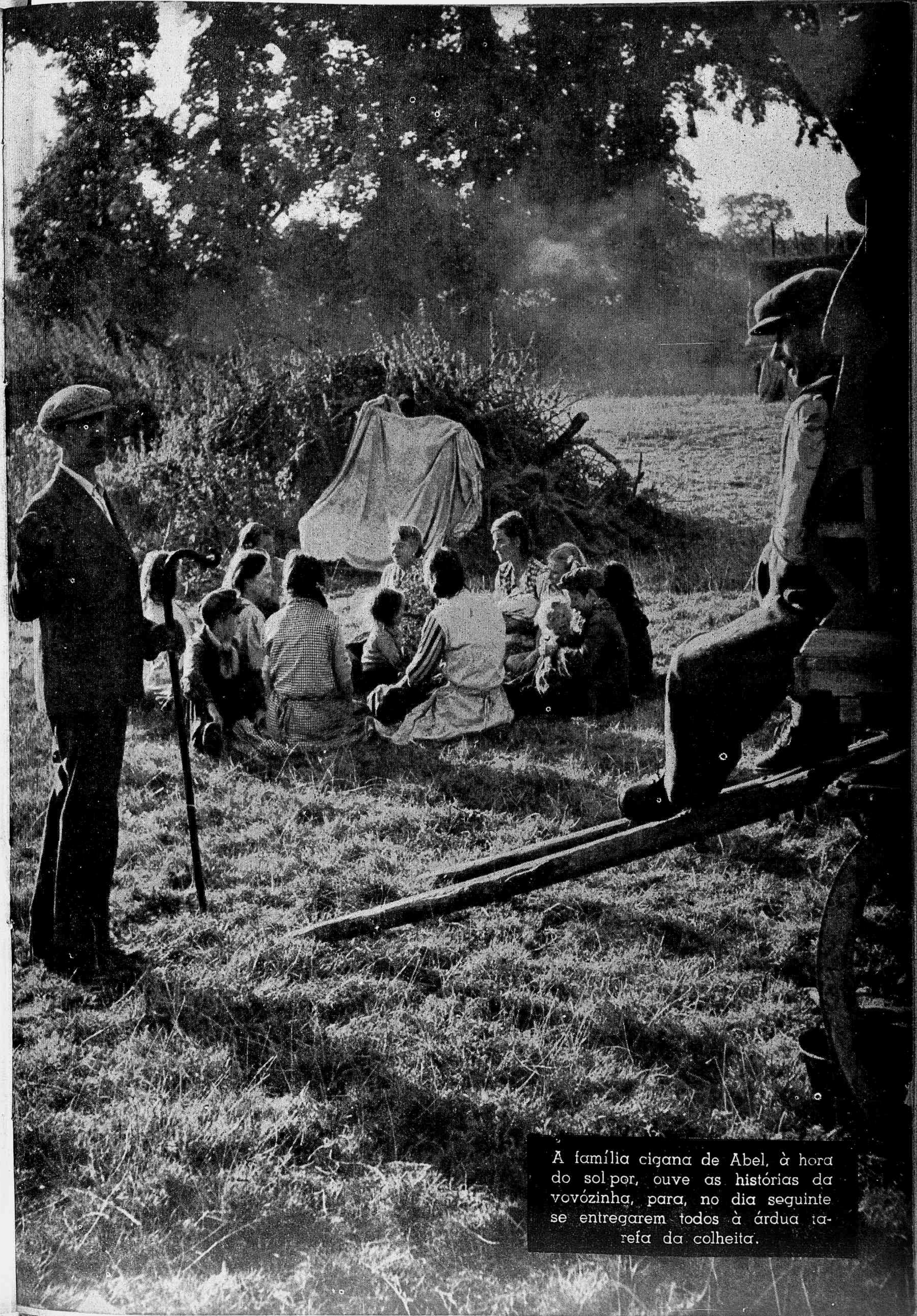
Tôda a poesia da cigana que nos lia a

mão quando ainda éramos crianças, já se foi com o rolar impiedoso do tempo.

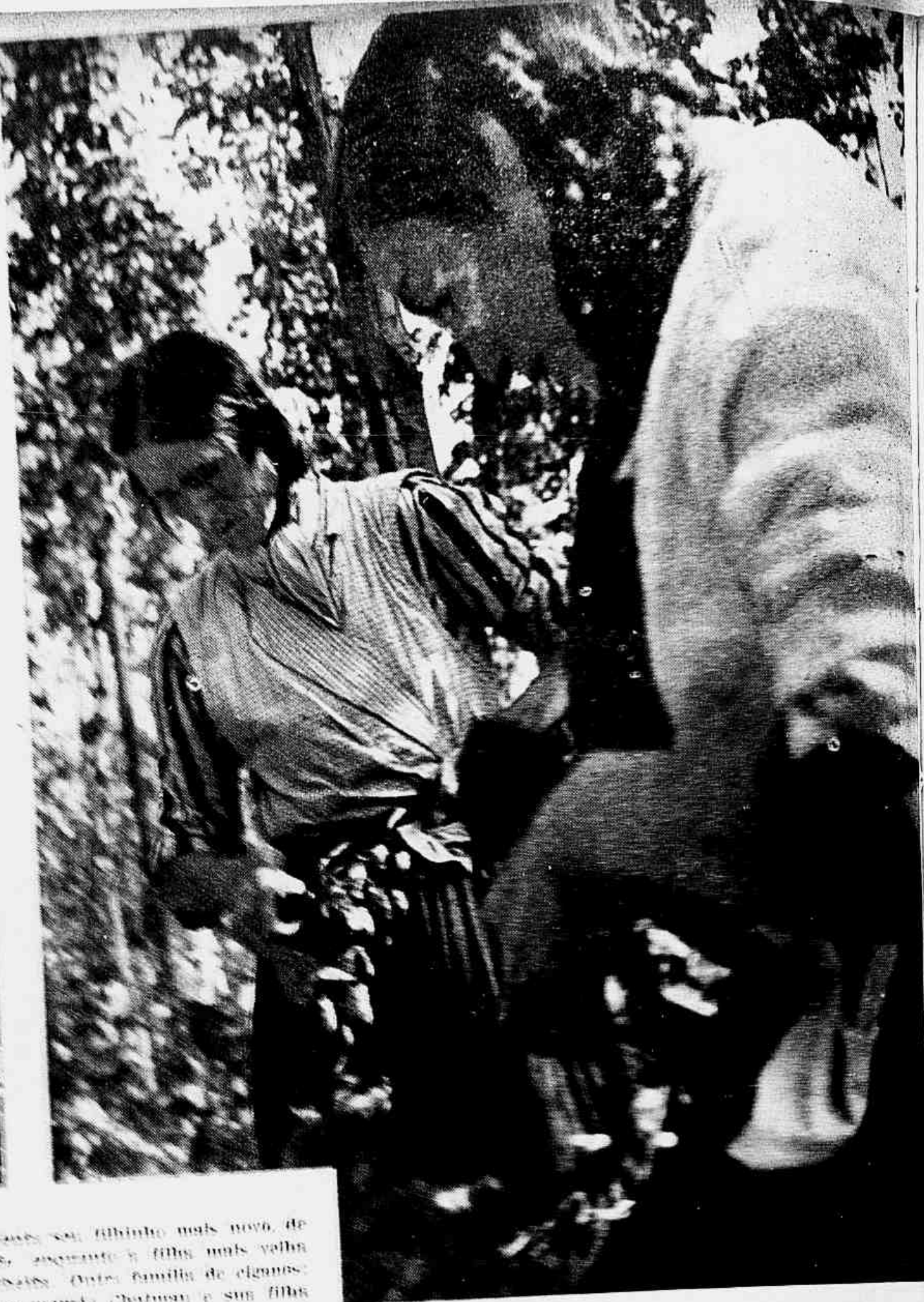
Mas a raça continua a existir, a reproduzir-se, percorrer os quatro cantos do planeta. Muitas vezes as caravanas de ciganos alvoreçam os habitantes de pequenas aldeias, povoações modestas, vilare-



No momento da colheita de lúpulo em Kent, os ciganos vão chegando para umas quatro ou cinco semanas de intenso trabalho bem remunerado



A família cigana de Abel, à hora do sol por, ouve as histórias da vovózinha, para, no dia seguinte se entregarem todos à árdua tarefa da colheita.



Agora vem o momento em que mais nos dá
o prazer de ver os filhos meus valha
deus! Os filhos da nobreza e da família de elegantes.
Os filhos da nobreza e da família de elegantes.
Os filhos da nobreza e da família de elegantes.
Os filhos da nobreza e da família de elegantes.





O velho cigano Charlie Warmie, de 73 anos, e a vovó cigana, de 66 anos, Louise Coates, acampam em Larkins, para a colheita de lúpulo

jos aí pelo interior. As mais perigosas são aquelas em que há jovens ciganas bonitas, com suas "écharpes" multicores à cabeça e os vestidos compridos de cores vivas. E quando há cantorias e música, aí então muitos corações ficam enciumados e de olho vivo nos esposos que costumam chegar tarde em casa...

Também se registram, por vezes, fugas de jovens de ambos os sexos que se aliam a caravanas de ciganos, levados pelo amor ou pelo desejo de aventuras. Mas é preciso esclarecer que uma família propriamente cigana jamais se mistura com outra de sangue diferente. Eles são endógamos e jamais exógamos, isto é, não aceitam casamentos fora do círculo de suas gerações.

Assim como há dêsses bandos errantes em todos os países da Europa e da América, também são vistos na Inglaterra.

Nesta ligeira reportagem apresentamos ao leitor a família de ciganos que acampou em Paddock Wood e Chiddingstone, em Kent, por algumas semanas, para o árduo trabalho da colheita do lúpulo.

Sempre que se avizinham as safras, eles estão a caminho dos centros produtores, esperançosos de ganhar bons salários nesse serviço agrícola, quando as safras são avultadas e compensadoras.

Conhecidos localmente por "swagglers", chegaram a Chiddingstone em suas pitorescas e rústicas caravanas, alguns em seus carros, procedentes dos campos de morangos, onde tiveram os seus recentes dias de trabalho e meio de vida honesto e laborioso.

Antes disso estiveram também nas corridas de Epsom, pois, como todo mundo sabe, os ciganos são os maiores apaixonados do hipódromo, amantes que sempre foram dos cavalos de raça, dos belos espécimes árabes.

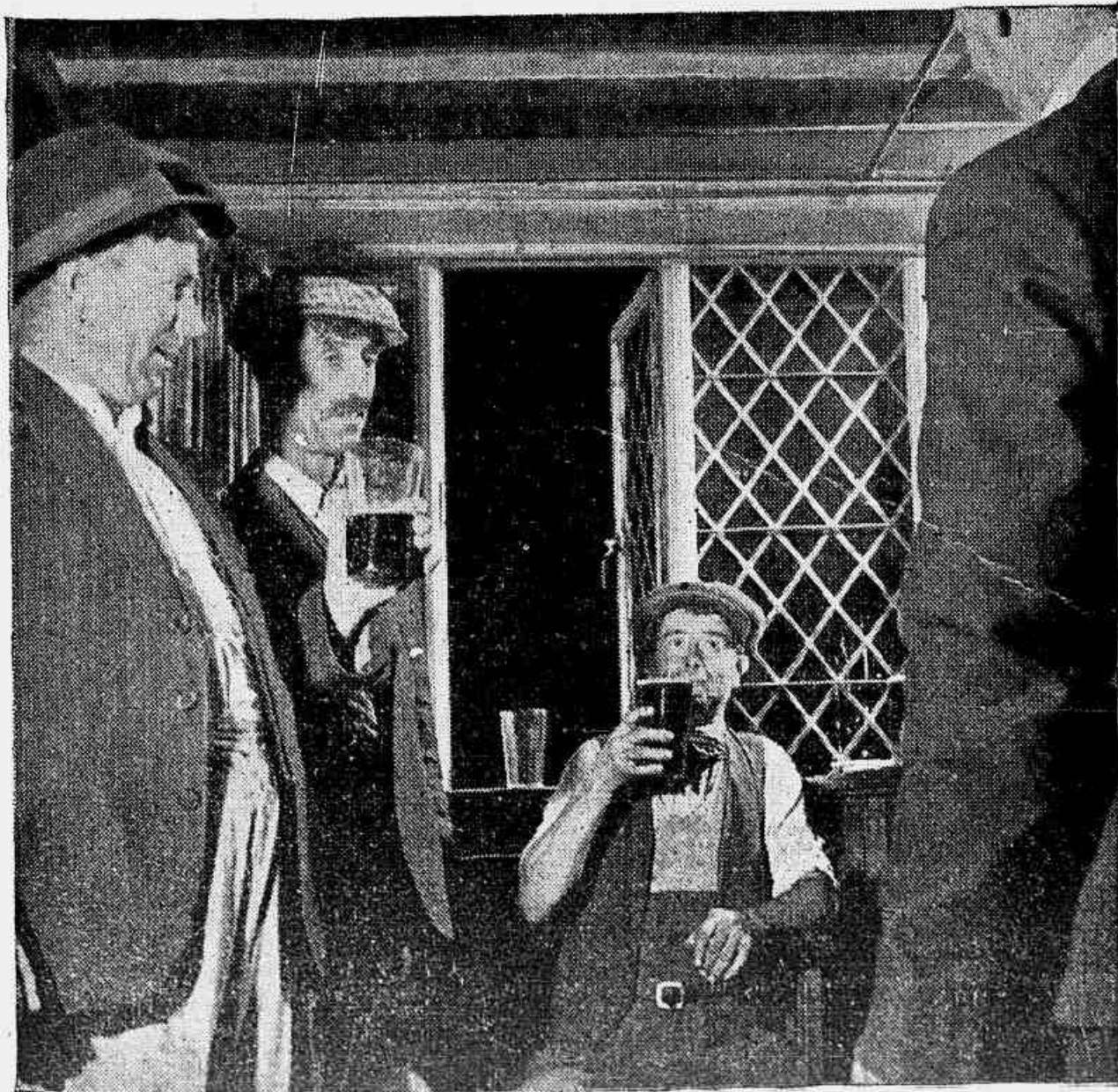
Tanto nas corridas como nos campos de morangos, eles foram muito felizes, sendo-lhes o ano sumamente auspicioso, e ei-los que chegam a Kent, para prosseguir na tarefa do trabalho nas grandes e proveitosas colheitas de lúpulo.

Antes de o inverno chegar, eles labutam durante umas quatro ou cinco semanas e, assim, se livram da neve com boas compensações através do pesado trabalho do campo.

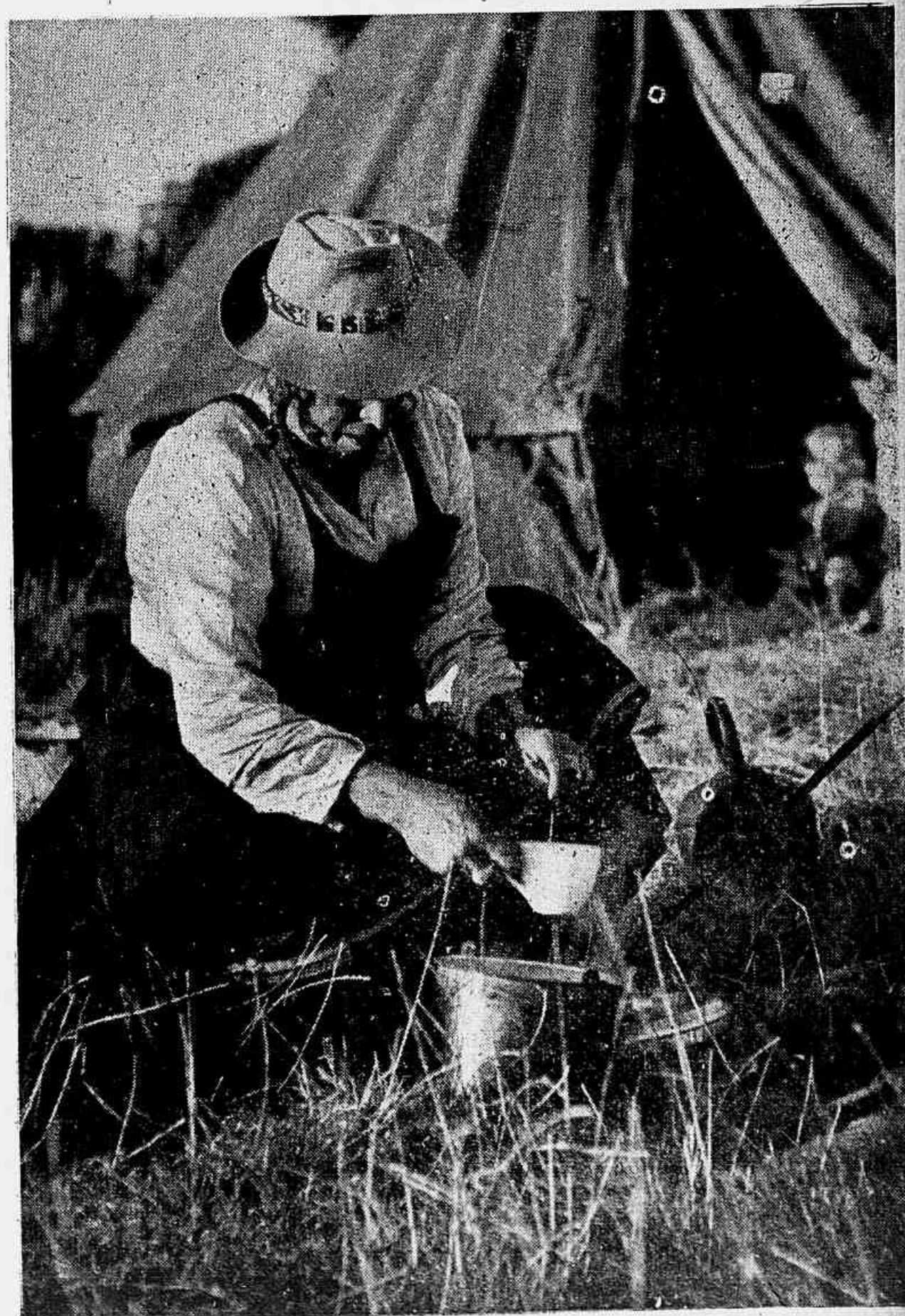
Nas vésperas da colheita de lúpulo, várias famílias ciganas chegam aos arredores de Chiddingstone e Paddock Wood, em Kent, e acampam ao lado das fazendas e propriedades agrícolas, armando suas tendas de campo sobre a relva.

(Continua na pág. 78)

Depois de um dia de rude trabalho nos campos de colheita de lúpulo, George Abel, pai da numerosa prole, saúda os amigos na "Castle Inn"



Ao alto: Este é Mr. George Abel, chefe da família de seu nome. Da entrada de seu carro ele olha os campos da Inglaterra cobertos de excelentes plantações. Em baixo: Esta é a cigana Rosy Coates, mãe de grande número de ciganinhos. Ela está na Inglaterra e, como boa inglesa, não dispensa o seu chá





"Na verdade, confesso-te que não sei nem se a virtude pode ser ensinada, nem se não pode; para dizer tudo, não sei sequer o que é a virtude!" (Platão — "Mênon")

A placa de metal reverberava à luz do sol que alcançava o zenite. Fagundes retirou do bolso do colête os óculos para correção do seu acentuado presbitismo. Limpou-os cuidadosamente e encavalou-os no apêndice nasal. Leu a custo, como soletrando, os dizeres da placa:

"JORGE PAPOULAS, Professor de virtudes — Filosofia aplicada — Método prático e fácil — Síntese das teorias de Platão, Cícero, Spinoza, Kant e outros."

— Bem, bem — resmungou — parece que é aqui mesmo...

Abriu o jornal que trazia sob o braço e, como os raios solares perturbassem a visão, chegou-se mais para o canto do passeio, procurando furtar-se à ação do agente luminoso.

— Confere — disse num suspiro — é o mesmo anúncio do jornal.

Dobrou em quatro partes o diário, procurando com os olhos a campainha de chamada. Não havia. "Esses filósofos", pensou enquanto observava a casa velha e de mau aspecto, "morar numa casa dessas". Bateu, mansamente, com os nós dos dedos na porta de entrada. Silêncio. Dispunha-se a bater pela segunda vez, quando sentiu girar a maçaneta. A porta abriu-se, em seguida, e um rosto macilento de mulher emergiu da sombra.

— Que deseja? — indagou com maus modos.

— Venho pelo anúncio... — começou, temeroso.

— Verei se Jorge pode recebê-lo — interrompeu a mulher e fechou-lhe, sem cerimônia, a porta na cara.

Voltou em pouco tempo, dizendo:

— Entre e espere um momento.

Fagundes entrou, caminhando às apalpadelas, pois a escuridão era grande para as suas pupilas dilatadas pelo excesso de luz solar.

— Sente-se — ajuntou a mulher.

O homenzinho tateou novamente, pro-

O professor de virtudes!

CONTO DE CARLINDO CERQUEIRA

curando a cadeira. Distinguiu-lhe os contornos. Suas pupilas já se acomodavam à fraca iluminação do local. Sentou-se.

Tinha a face enrugada e envelhecida. Os olhos eram baços, com grandes círculos negros. Seus movimentos denotavam cansaço. Era completamente calvo. Conservava os lábios entreabertos num esgar de sorriso que o fazia assemelhar-se a esses crânios vistos à mesa dos professores, para estudo da anatomia da cabeça.

A mulher, que voltara à sala, introduziu-o num pequeno gabinete, onde um homem de 45 anos, presumivelmente, engolfava-se em profunda meditação. Recomendou a Fagundes, antes de sair, que não perturbasse o professor...

Jorge, o professor de virtudes, estava imóvel, sentado a uma tósca mesa de pinho.

Fagundes dirigiu os olhos pelo compartimento. As paredes estavam imundas e desgarnecidas de quaisquer pinturas ou quadros. Nem um armário. Apenas a mesinha e duas cadeiras. Um cheiro de mófo penetrava-lhe pelas narinas.

O filósofo parecia hipnotizado. Fagundes atentou nele: tinha a cabeça pequena e os cabelos gordurosos penteados para trás; nariz chato e torto, dividindo o rosto balfo em duas porções assimétricas; olhinhos vivos apertados pela gordura excessiva das pálpebras.

Fagundes ficou a pensar onde já vira aquela "cara". De repente lembrou-se: fora na fazenda do sogro, dentro do chiqueiro. O filósofo lembrava-lhe os suínos. Sentiu profundo mal-estar. Deu um passo atrás, querendo retirar-se. O filósofo acordou da introspecção em que estava mergulhado.

— Como se chama? — perguntou com voz arrastada.

— Antônio Procópio Fagundes — respondeu — e venho aqui...

— Desculpe-me o alheamento — interrompeu o professor — quando medito sou como o grande Sócrates: nada vejo ou sinto.

Continuou, depois de pequena pausa, para observar o cliente:

— Diga-me porque veio aqui; seus problemas e temores... Sim, vejo que está atemorizado. Conte tudo. Lembre-se de que o grande Jorge o escuta.

Fagundes animara-se um pouco, ouvindo-o mencionar o grande mestre. Venceu a repugnância. Desfilou sua história. Contou-lhe o inferno em que vivia. Suas brigas com a mulher e o abatimento moral depois de tudo. Esgotava-se. Os nervos ameaçavam explodir. Até na repartição já era notado. O chefe chamara-lhe a atenção várias vezes nos últimos dias. Pensara em atirar-se sob as rodas de um veículo ou estourar os miolos. Mas não tinha coragem para tanto...

Foi então que o anúncio publicado no "O Tempo" caiu-lhe sob os olhos.

"E se consultasse esse professor?", pensara. Talvez que ele lhe ensinasse a ser paciente, calmo, bondoso, etc. Todas as virtudes que lhe faltavam. Sabia o valor da filosofia e o reclame mais lhe chamara a atenção porque, pouco antes, lera um diálogo de Platão no qual o "Divino" abor dava justamente esse tema, procurando provar que a virtude não é ciência e, em consequência, não poderia ser ensinada.

— Aqui estou — concluiu — para saber se a virtude existe, se posso aprendê-la e transmitir à minha esposa para que, assim, possamos viver em paz.

— Fêz muito bem, meu amigo. Platão, como a maioria dos filósofos, mergulhou por demais na metafísica, esquecendo-se

da realidade material da vida. Seu idealismo já não consegue fazer escola. Levou todos os problemas por um caminho exclusivamente transcendental e a prova do que digo está em que até hoje estuda-se Platão sem, verdadeiramente, compreendê-lo. Estudei todos os sistemas filosóficos. Hauri o que de bom e aplicável existe em cada um deles. Sintetizei o pensamento dos grandes filósofos, juntei os meus próprios e criei um sistema infalível, capaz de modificar caracteres e conduzir, sempre e sempre, para o bem. Ao contrário de Schopenhauer, que considera o mundo um mal e a vida sempre ruim, cuido que o mundo é um oceano de rosas quando se vive com sabedoria... Veja o exemplo que eu e minha mulher oferecemos. Jamais tivemos uma discussão. Há, aqui em casa, uma disciplina conscente. Acharmos solução amigável para qualquer problema e somos realmente felizes...

O professor falou quase duas horas. Abordou diversos assuntos. Mostrou a influência maléfica de Kant e Nietzsche. Estabeleceu o conceito da filosofia escolástica que, a seu ver, cheirava a telogia, quando se distanciava de Aristóteles.

Fagundes estava encantado. O professor transfigurava-se a seus olhos. Sua voz parecia, agora, quente e vigorosa. A expressão do rosto era outra... Como pudera achar naquele homem superior semelhança com porcos? Envergonhava-se das comparações.

O professor possuía, é bem verdade, o perfil de César e a eloquência de Cícero! O autoritarismo de Luís XIV e a agudeza de espírito de Montesquieu! Era maravilhoso!

Combinou o horário e o preço. "Três mil cruzeiros por vinte lições, com mil de entrada", dissera o professor. Concordeu, sem discutir, e partiu quase feliz, pois a vida já se lhe oferecia aos olhos sob outro prisma...

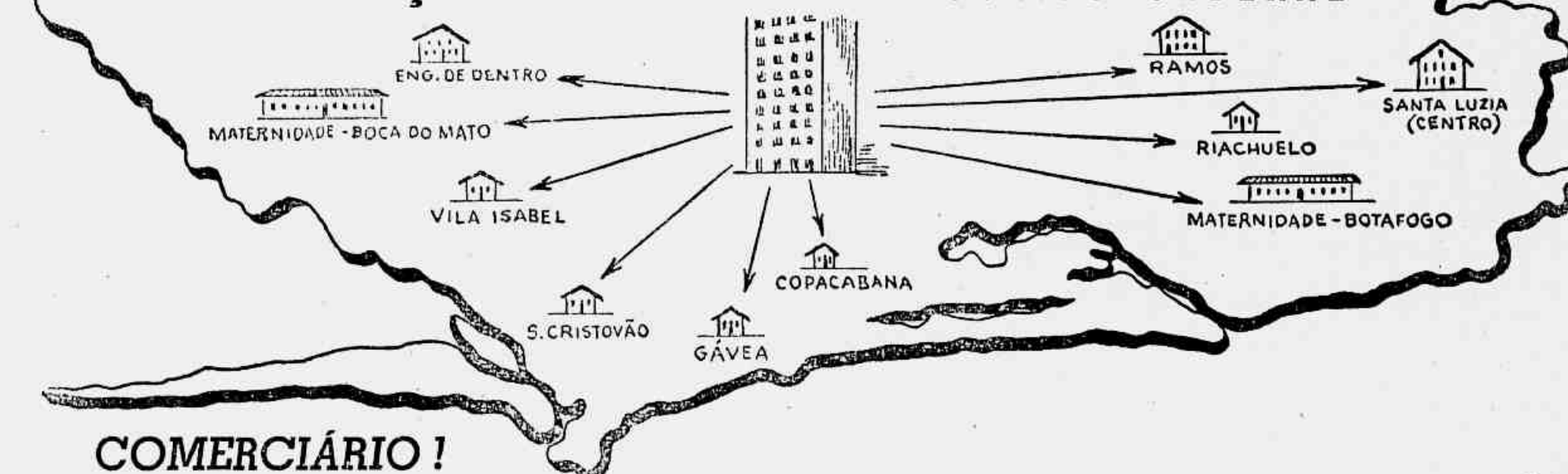
Nesse dia as cenas em casa foram piores ainda: a esposa veio como fera, querendo saber onde estivera; por que demorara tanto, etc.

(Continua na pág. 85)



SESC

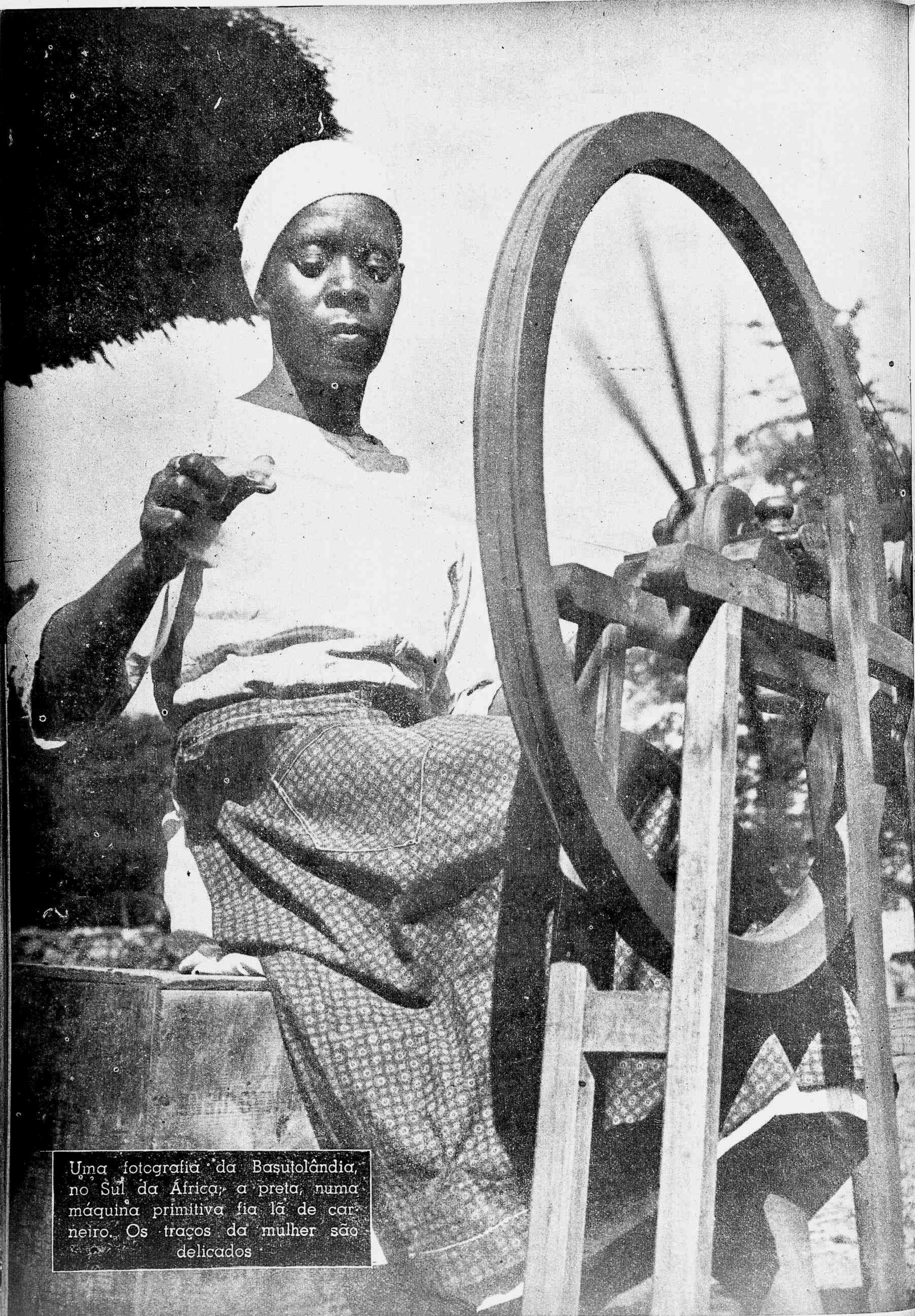
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO DISTRITO FEDERAL



COMERCIÁRIO!

Nos locais assinalados - entre outros serviços - o Sesc Carioca presta eficiente assistência à comerciária ou à esposa do comerciário durante todo o período da gravidez sob a competente orientação dos especialistas do serviço de Higiêne Pre-natal, sendo-lhes fornecidos os exames de laboratório que se fizerem necessários.

Em 1948 as consultas atingiram o total de 19.623, o que comprova, cabalmente, a aceitação e utilidade desse serviço que o SESC — instituição criada e custeada pelo teu empregador — mantém em teu benefício.



Uma fotografia da Basutolândia, no Sul da África; a preta, numa máquina primitiva fia lã de carneiro. Os traços da mulher são delicados.



A usina de descaroçar é moderna e servida por prensas de alta densidade. Os fardos são transportados para um pôrto fluvial ou para algum caminhão que segue pela estrada de rodagem até ao pôrto de embarque para a Europa

POLITICAMENTE, há a América Anglo-saxônica, a América Latina e a América colonial — quase sempre esquecida. A primeira compreende apenas dois países: os Estados Unidos, onde a língua inglesa tende a dominar inteiramente, e o Canadá, cuja população fala inglês e francês. A segunda, a América Latina, constitui-se de uma grande república falando português, — o Brasil — uma pequenina república negra, de língua francesa, — o Haiti — e de dezoito repúblicas de tamanhos muito variados, falando castelhano. A terceira, a infeliz América colonial, consta de trechos do continente, e de muitas ilhas exploradas por seus senhores ingleses, franceses e holandeses. São regiões atrasadíssimas, cujos habitantes trabalham em benefício de suas respectivas metrópoles. Uma das terras escravas adquiriu, como colônia penal, tristíssima fama no mundo inteiro, pelos horrores que lá se praticavam — a Guiana Francesa.

A geografia física admite a existência de três Américas: Setentrional, Central e Meridional.

Na África, há divisões algo semelhantes.

AS AFRICAS

A África, embora seja um continente maciço, portanto sem grandes penínsulas e sem golfos que o penetrem profundamente, também admite divisões de ordem política. Há a África Branca e a África Negra.

VISÕES AFRICANAS

A ÁFRICA BRANCA E A NEGRA ★ CIVILIZAÇÕES QUE PASSARAM ★ A PARTILHA DA ÁFRICA ★ COLÔNIAS EM EXPLORAÇÃO

De **PIMENTEL GOMES**
Especial para REVISTA DA SEMANA

A ÁFRICA BRANCA — A África Branca é povoada por povos brancos. Chamam-na, também, África Setentrional, levando-se em consideração a sua posição geográfica. Poderiam denominá-la África do Mediterrâneo, pois se in-

clina, em sua maior parte, para o Mar Mediterrâneo e participou das civilizações que por lá apareceram. Aliás, fato notável, foi na África Setentrional que surgiu a primeira civilização digna deste nome — a civilização agrícola dos egípcios.

O vale do Nilo prestava-se admiravelmente ao surgimento de um povo altamente civilizado. As terras férteis, as inundações regulares e a proteção proporcionada pelos desertos que o envolvem permitiram a fixação do homem milhares de anos antes de Cristo e o desenvolvimento de brilhante civilização. Por muitas centenas de anos os egípcios viveram quase inteiramente isolados. O rio e as caravanas bastavam aos transportes comerciais. Sua atenção se dirigia de preferência para o controle das águas de rega, a construção de diques e canais, o progresso das artes e da ciência. O Egito não teve exército durante mais de mil anos — o que demonstra quanto os desertos conseguiram isolá-lo. Mais tarde, tiveram turras com os etíopes, a propósito do Sudão, e sofreram ataques dos nômades ocidentais.

1680 anos antes de Cristo, um povo de pastores semitas — os Hiksos — chegou da Ásia, através do istmo do Suez, e conquistou o delta, onde se manteve como senhor por mais de dez séculos. Seguiu-se uma guerra de independência longa de quase cem anos.

Após a vitória, o espírito militar adquirido na guerra fez com que os egípcios atacassem os etíopes e os nômades



Tipo perfeito da mulher "bausuto", ou seja, a filha da Bausutolândia, no sul da África, ocupada no seu tear rústico a tecer peças de lã, em sua própria casa



Como se pode ver, já existe algum progresso na Bausutolândia. As mulheres se vestem como os civilizados e trabalham com os recursos de qualquer povo adiantado



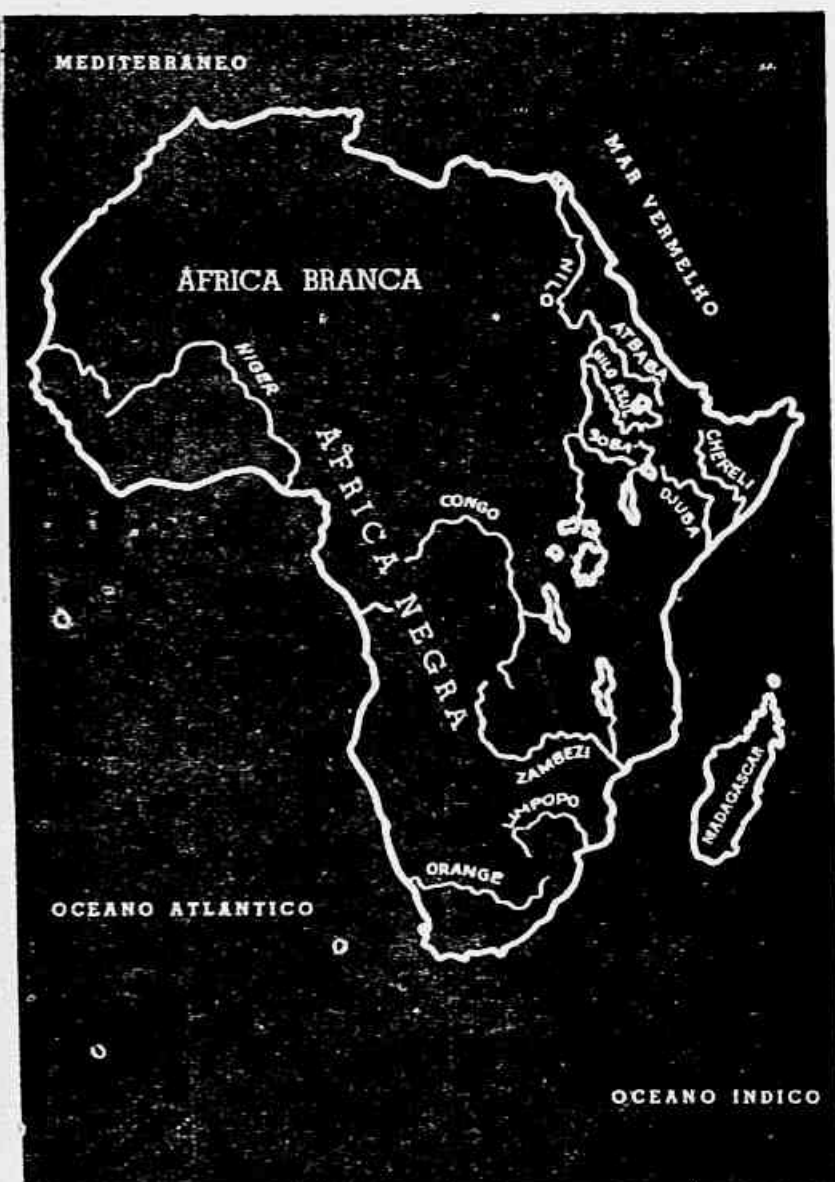
Na África do Sul o clima é temperado, o que obriga os seus habitantes a usar roupas que agasalhem bem, como se vê por esse "pull-over" e o grosso tecido em preparo



Crianças nuas, no primitivismo das tribos africanas, auxiliam no transporte do algodão nas terras cultivadas às margens do Ubangui, afluente do Congo • Nas planta-



Aqui já se nota algo de progresso. Numa aldeia da Basutolândia, no extremo Sul da África, uma preta fia lá numa máquina primitiva. A casa é mais confortável. Todos se encontram vestidos



ções rotineiras e ainda realizadas por velhos processos agrícolas de séculos, esta negrinha colhe o algodão numa roça de pequenas proporções



da Líbia, e invadiram várias vezes a Palestina, a Síria, a Fenícia e a Arábia.

Mais tarde, sofreram a influência dos gregos que, no reinado de Psammétik I, se instalaram no delta. As relações entre os dois povos se tornaram muito cordiais.

No ano 870 antes de Cristo, Asarhaddon, rei da Assíria, invadiu o Egito. Os assírios foram expulsos menos de 30 anos depois, deixando apenas ruínas.

Chegaram mais tarde, em 525 antes de Cristo, os persas, sob o comando de Cambises. Expulsaram-nos em 405. Voltaram em 342, governando sob constantes e sangrentas revoltas.

Alexandre, conquistando o Egito, depois de ter conquistado a Ásia Menor, a Síria, a Galícia e a Fenícia, liberta-o do jugo odiado dos persas e procura adquirir a confiança e a amizade do povo vencido. Seguiram-se os Ptolomeus que, embora vivendo em Alexandria e helenizando o Egito, tiveram o título de faraó, restauraram os templos, fundaram o Museu e a Biblioteca, atraíram sábios, filósofos, poetas e viajantes. Renasceu, assim, o Egito, por uns três séculos.

Uns doze séculos antes de Cristo, os fenícios instalaram-se na Berbéria, em terras hoje pertencentes à Tunísia, e fundaram Cartago. A princípio era uma pequena feitoria comercial que pagava, pela terra ocupada, uma renda aos povos da região. Cresceu aos pulos, tornou-se guerreira, recrutou mercenários entre os indígenas que a cercavam, aliou-se aos chefes de tribo. Adquiriu grandes

áreas cultiváveis, reunindo, assim, os lucros da agricultura aos que tirava de um comércio intensíssimo.

Mais tarde, em seu apogeu, dominou as 300 cidades fenícias fundadas nas costas da Berbéria, e estendeu sua autoridade às costas meridionais da Espanha, às Baleares, à Sardenha e à Sicília, e levou suas frotas até a Grã-Bretanha e às plagas equatoriais da África.

Foi uma república de mercadores, cuja organização industrial, sistema bancário, exploração agrícola e companhias de navegação muito se assemelham ao que existe em nossos dias.

Na Itália, porém, Roma, 270 anos antes de Cristo, assenhoreava-se da península. Destruiu Cartago 146 anos antes de Cristo, depois de uma guerra intermitente que durou um século. Venceu Jugurta, na Numídia, depois de quatorze anos de guerras sangrentas, em que o prestígio romano foi, vez por outra, profundamente abalado. Anexou o Egito, vencida a famosa Cleopatra.

A África Branca foi dividida em províncias do Império Romano. Atacaram os seus grandes problemas desde a irrigação até o transporte. A lavoura se desenvolveu, e a África Setentrional se tornou o celeiro da Itália. Construíram cidades como Duga, Tingad, Volubilis, Zerhun e muitas outras, com templos, teatros, arcos de triunfo, basilicas, termas, aquedutos, estátuas, bibliotecas.

Os vândalos, no ano 429, invadiram a Berbéria e conquistaram-na, chefiados por Genserico. Os seus fracos e corrompidos sucessores foram vencidos pelas tropas de

(Continua na pág. 82)

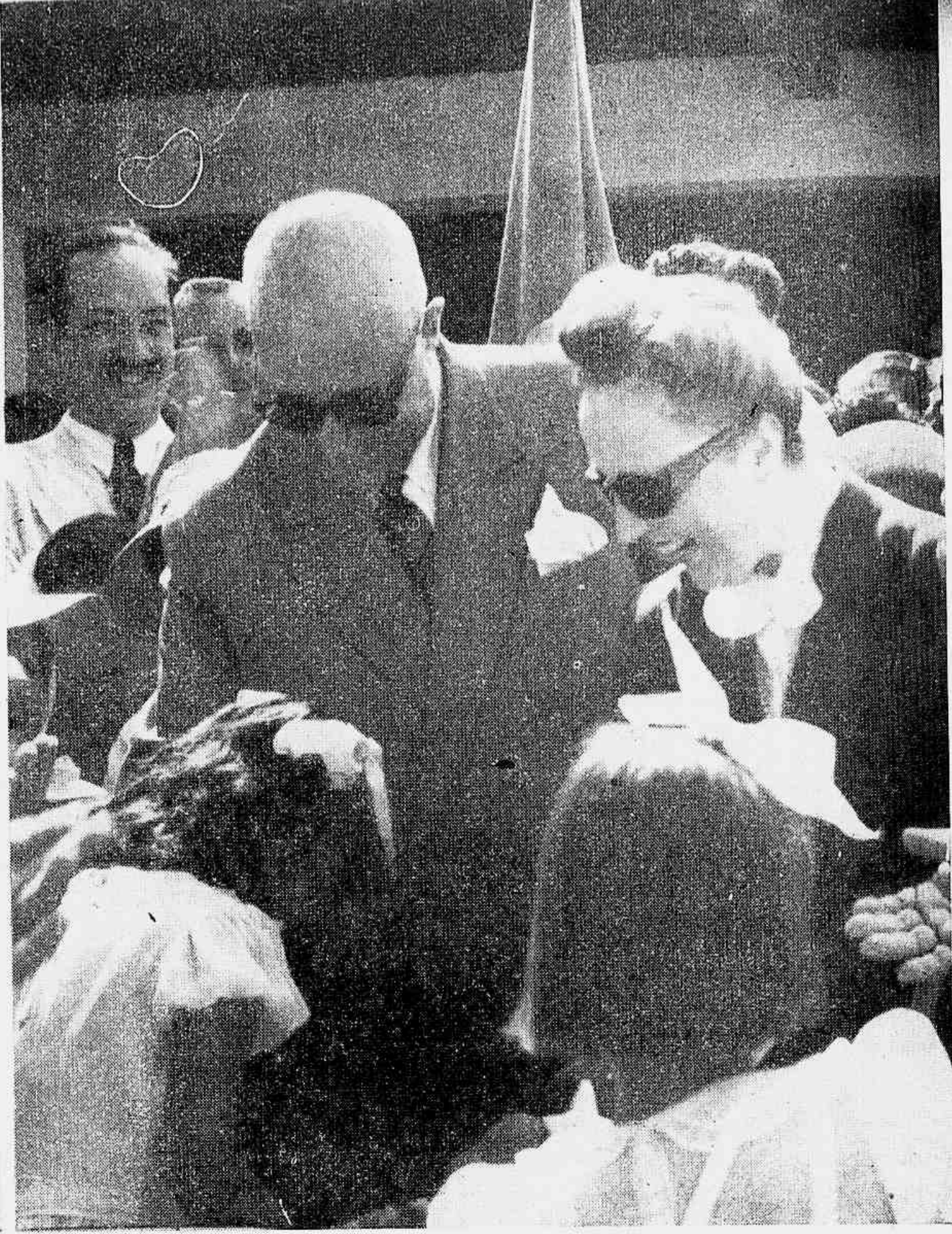


O algodão está secando em cestos dispostos sobre giraus. Enquanto seca, as mulheres da aldeia trituram em pilões o milho que constitui a base de sua alimentação. As cabanas, do tipo mais primitivo, ainda não foram modificadas pela civilização européia



Em cima: Colhido e sêco, o algodão é transportado, em cestos de taquara, pelas mulheres desnudas, que levam, ao mesmo tempo, os filhinhos. O algodão é assim carregado até à mais próxima usina de beneficiar, ou até o caminhão. Em baixo: A usina de descarocar está longe. As pretas entregam o produto ao caminhão, que fará o último trecho da viagem





A esquerda: Inauguração da Escola Rural "29 de Outubro". O prefeito do Distrito Federal leia o Pavilhão Nacional. À direita: O casal Mendes de Moraes é homenageado pelos alunos da Escola Rural "Deborah Mendes de Moraes"

Esplêndida inovação no nosso ensino primário

Há pouco mais de um ano entrava em funcionamento na Capital da República a primeira escola rural, denominada "Alberto Torres", em homenagem ao pioneiro dessa modalidade de ensino, somente agora, na administração Mendes de Moraes, tornada uma realidade. Com rapidez pouco usual nos nossos empreendimentos públicos, foram depois surgindo novas escolas do gênero, desenvolvendo-se em ritmo seguro o plano traçado pela Prefeitura, e já agora têm-las funcionando em número de quinze, e mais onze se acham em construção ou em vias disso. Dentro em breve teremos um total de vinte e seis escolas rurais espalhadas pelas diferentes regiões do sertão carioca. Um programa, como se vê, elaborado em pouco mais de um ano e quase concluído, sem dúvida destinado a trazer enormes benefícios à população infantil dos campos, propiciando-lhe, além da alfabetização, elementares ensinamentos de trabalho, despertando-lhe o amor à terra e

o entusiasmo pelas atividades próprias do meio em que vivem.

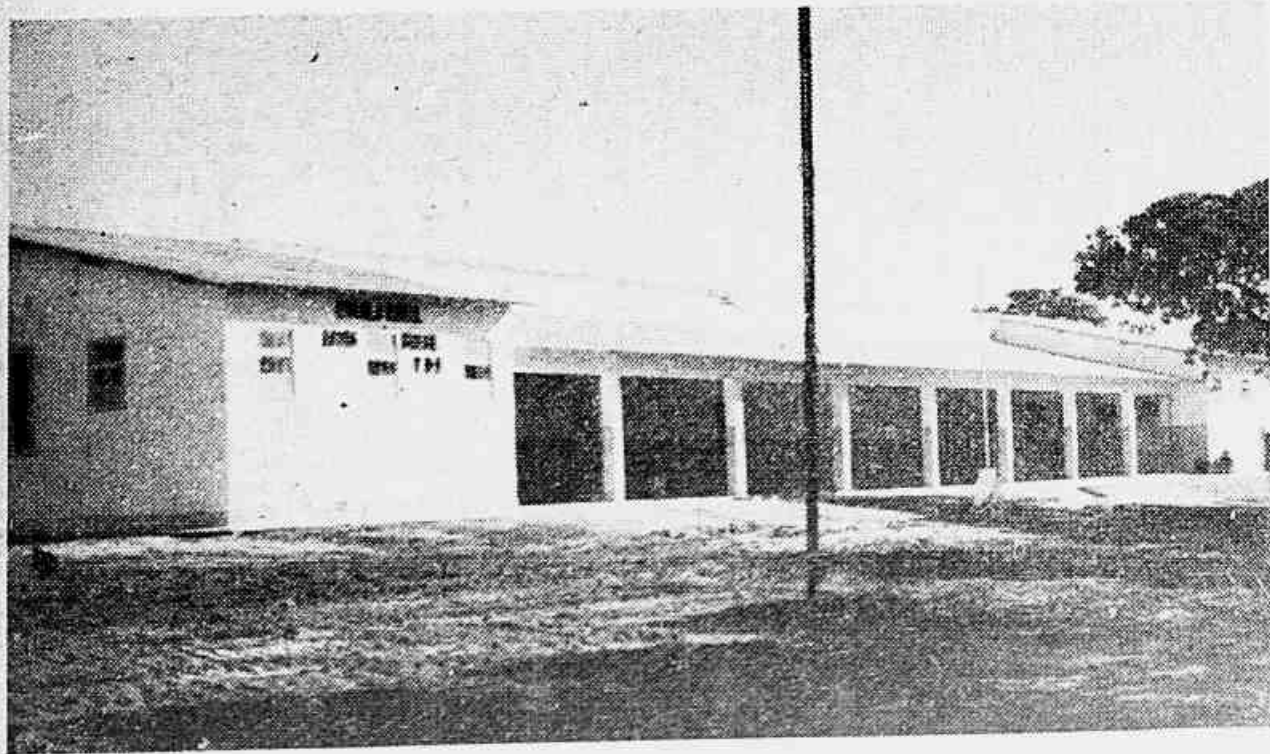
Compreende-se, assim, que tenham sido de festas para os habitantes daquelas regiões os primeiros dias de maio último, quando foram inauguradas dez novas casas de ensino rural, de cujas solenidades algumas passagens estão aqui reproduzidas pela ilustração fotográfica. Mas as alegrias que andaram agitando as zonas campestres do Distrito, naqueles dias festivos do mês de Maria, não se limitaram ao nosso meio rural: a cidade toda sentiu o contentamento que nos deixou essa meritória realização da Prefeitura, a ninguém escapando o extraordinário alcance da esplêndida inovação introduzida no nosso ensino primário, que tendo em Alberto Torres um esclarecido precursor, ficou, no entanto, até ontem no lamentável esquecimento dos nossos administradores — até ontem, porque hoje é uma magnífica realidade.

Louvando essa obra de envergadura, fa-

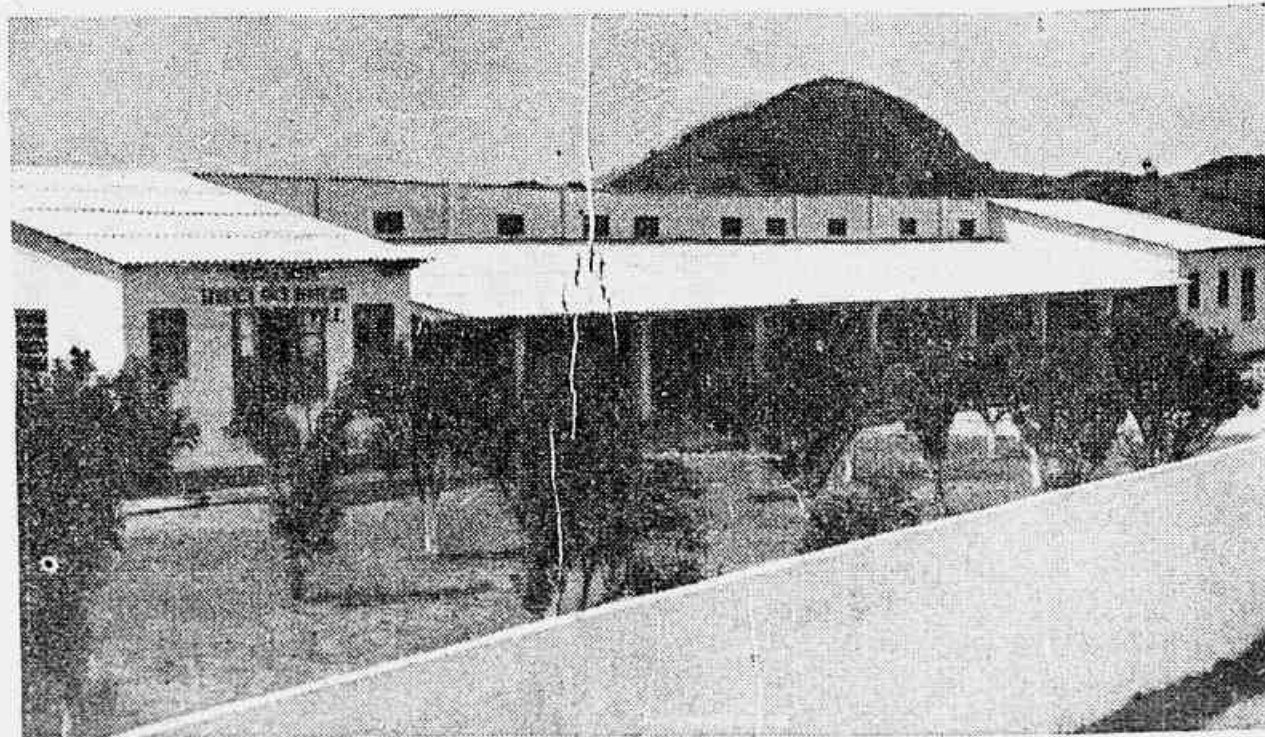
da a exercer decisiva influência na formação do habitante rural do Distrito, não podemos omitir o aplauso merecido aos seus edificadores, o prefeito Angelo Mendes de Moraes e o seu secretário de Educação, prof. Clóvis Monteiro, bem como aos funcionários municipais encarregados da sua execução e do seu funcionamento, que têm causado à apreciação geral a mais lisonjeira impressão. Realizações dessa natureza de conteúdo claro e valor indiscutível, quebram a descrença do povo nos nossos homens públicos — em alguns, pelo menos — apontando os que trabalham pelo bem geral, o que é uma obrigação, não se discute, mas não é um hábito. Esse o caso das escolas rurais em função nos arredores da Capital da República, enriquecendo o nosso sistema educacional, prestando à criança do campo instrução compatível com a sua condição de vida e familiarizando-a no trato da terra que lhe foi berço.

E' hoje um espetáculo dos mais belos e confortadores apreciar a meninada das escolas rurais, alegre e prazenteira, plantando aqui, colhendo acolá, cuidando das avezitas com carinhoso enlevo, acompanhando a evolução do pintinho trôpego a rei do terreiro ou a inatigável poedeira; revolvendo os canteiros com a sensação infantil de que amanhã dali surgirá uma surpresa, o fruto colhido com orgulho e alvoroço de o haver plantado, de ter colaborado na ação fecunda da terra "boa e graciosa", velando dia a dia pelo crescimento do pequenino arbusto até o ansiado instante da colheita farta e generosa.

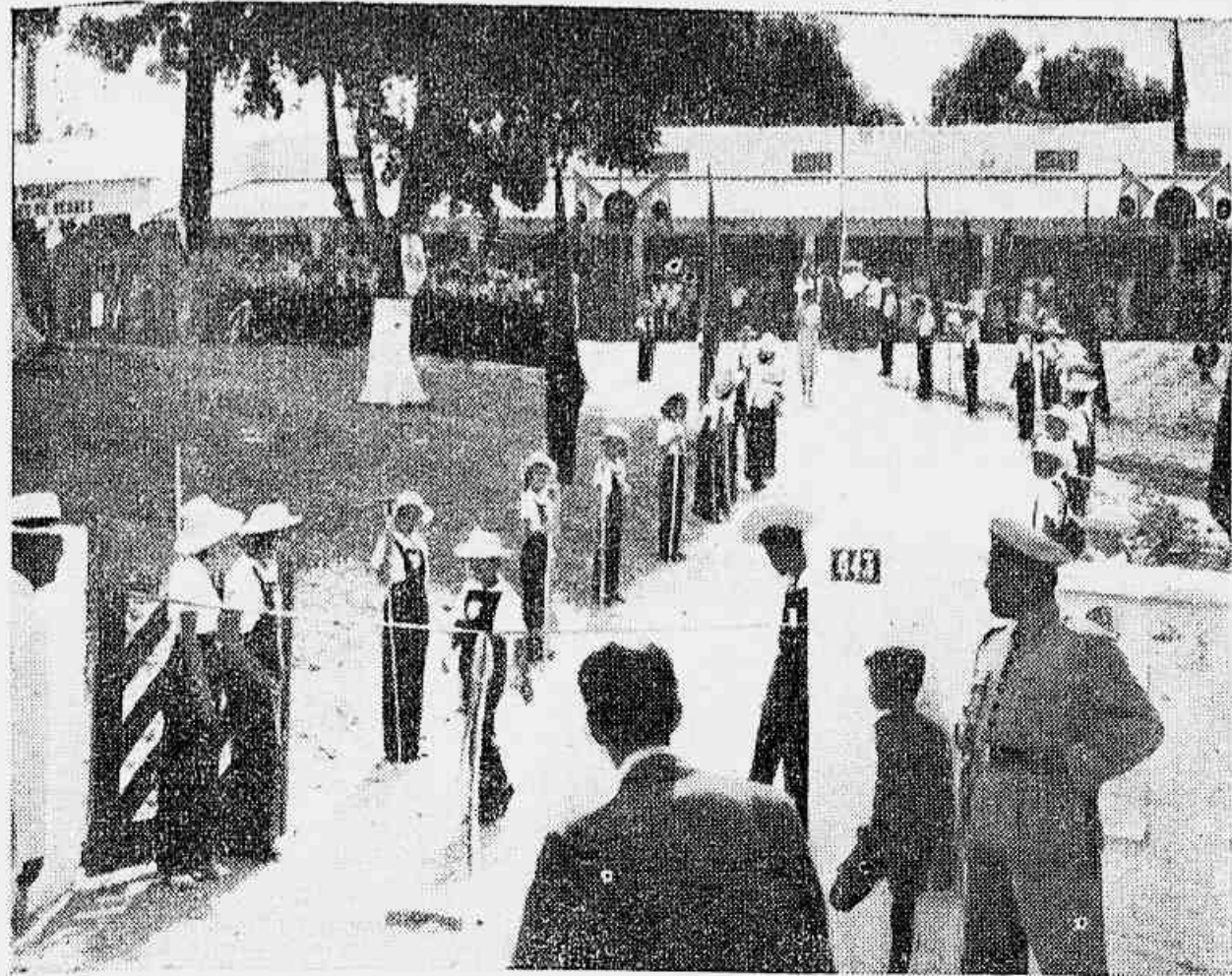
E' esse um bom exemplo, digno de ser seguido por aí a fora. Ensinando a criança a ler, a amar a terra e cultivá-la com dedicação e interesse, dotaremos o nosso homem do campo de uma mentalidade nova, capaz de trabalhar com sucesso em prol da maioridade econômica de que tanto necessitamos.



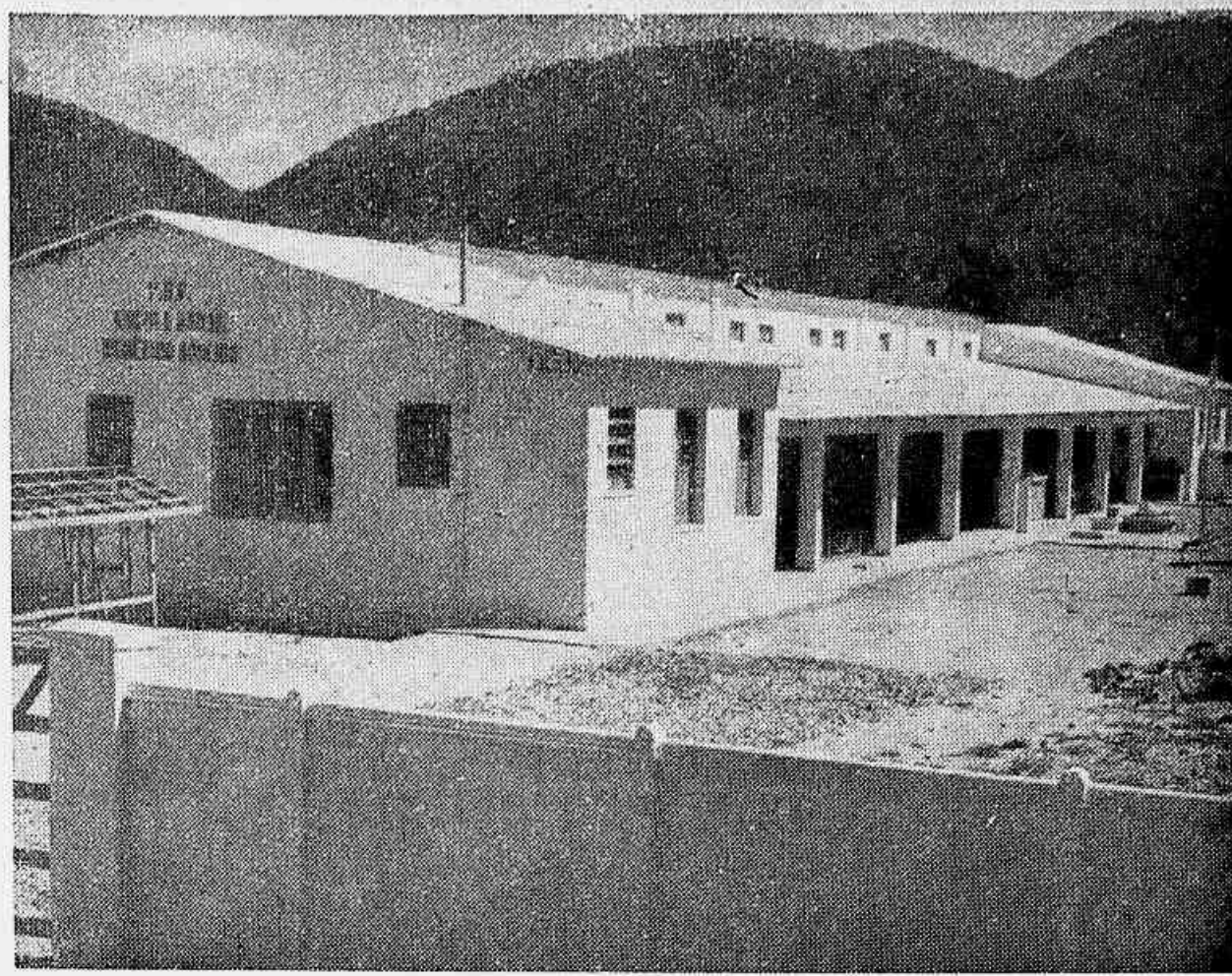
Vista externa da Escola Rural "Assis Brasil", localizada à Estrada de Itacolomi, na Ilha do Governador



Vista externa da Escola Rural "Tenente Góis Monteiro", localizada à Estrada dos Sete Riachos, em Santíssimo



Flagrante tomado antes da inauguração da Escola Rural "Assis Brasil", vendo-se os colegiais em seus uniformes de campo



Aspecto externo da Escola Rural "Demétrio Ribeiro", situada à Estrada de Guaratiba, em Vargem Grande, Jacarepaguá



Após a inauguração da Escola Rural "Assis Brasil", trocam saudações presidente Eurico Dutra e o prefeito do Distrito



O Presidente da República içando o Pavilhão Nacional na Escola Rural "Assis Brasil", inaugurada pessoalmente por S. Excia.



A senhora Conceição Góis Monteiro corta a fita simbólica, inaugurando a Escola Rural "Tenente Góis Monteiro"



Tôdas as escolas rurais são do mesmo tipo e instalações idênticas. A foto mostra o gabinete médico de uma delas

METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS



SEDE PRÓPRIA DA «METRÓPOLE»
RUA DA ASSEMBLÉIA, 51 - 10.^o e 11.^o

OPERA NAS SEGUINTE CARTEIRAS:

VIDA, INCÊNDIO,
TRANSPORTES
(MARÍTIMOS E
TERRESTRES),
AUTOMÓVEIS,
ACIDENTES
PESSOAIS E
ACIDENTES DO
TRABALHO



FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS
OS ESTADOS DA UNIÃO

RUA DA ASSEMBLÉIA, 51 - 10.^o e 11.^o and.

(SEDE PRÓPRIA)

FILIAL DO DISTRITO FEDERAL

AVENIDA RIO BRANCO, 110 1.^o

A ENCHENTE

CONTO DE JOSÉ DE OLIVEIRA NUNES

AS águas chegaram... Vieram vindo cando, furiosas, destruindo tudo! de longe, das bandas do morro, ron- Era mês de janeiro. O céu escuro profetizava chuva. Andava pelos campos uma atmosfera carregada, que punha a gente preguiçosa, sem coragem de erguer uma palha. O rio, indiferente a rezas e promessas, aumentava... aumentava... A chuva descia, descia sempre, numa queda sem fim.

Matias vagou a tarde inteira pelos campos ensooados.

Caminhava taciturno, os olhos cinzentos como o céu, retratando-lhe a alma angustiada.

Foi examinar o rio. Estava crescendo, mesmo. Cheio de lodo e galharada. A água vinha do morro. Não demoraria a chegar.

Pensou na horta. Que pena! Tão lindos estavam os canteiros! Tão vistosos! Verdura dava dinheiro. Os tomates subiram de preço.

Chegara a formular planos de vida melhor: arrumar as telhas do casebre, melhorar a "bóia" (bagre com pimenta, cheiro verde e aguardente), um vestido para Rita...

Rita andava se queixando que não tinha roupa.

— Quarké dia tô pelada.

Coitada! Precisava de vestido novo para a festa de São Benedito.

Vestido côr de abóbora, como o de Clarisse do Zé Pança.

Zé Pança era pobre, assim que nem ele. Vivia se embebedando no buteco do Ju- vêncio, metido com mulheres da vida, dizendo porcarias.

De repente, arranjou um dinheirinho. Plantou. Vendeu caro.

Agora é dono da chácara Santa Isabel, tem Clarisse, vive contente.

Poderia enriquecer, também. A terra era boa, ele plantava...

Mas vinha janeiro trazendo chuva e enchente e, com elas, tudo morria!...

Rita andava se queixando que não tinha bém. Cidinha estava ficando grande, com corpo de moça. O vestido de Cidinha era curto e ralo.

Quando ela sentava no barranco com o Bilonga, a saia subia de mais e as coxas apareciam. O pessoal do terreiro reparou e andava batendo língua. Nico já disse coisa feia p'ra Cidinha. Teve vontade de matar o negro. Mas Rita falou, e depois ficou com medo da cadeia.

O rio estava subindo!...

Matias sentiu necessidade de gritar, dar expansão àquela angústia que o maltratava. Lembrou-se da igreja. Iria à igreja. Pedir à Nossa Senhora que o ajudasse. Prometeria cem velas. Prometeria subir de joelhos a ladeira pedregosa.

★

Matias não conseguia pregar os olhos. Era noite alta. A mulher, a filha, a sogra, o gato Bilonga, todos dormiam.

Revirava-se na esteira, pensando nas águas. Fechou os olhos. Pediu, outra vez, a Nossa Senhora que lhe poupasse a horta e o casebre.

Pediu, cheio de fé, convicto de que nada aconteceria.

Revirou-se, por mais algum tempo. Dormiu. Dormiu e sonhou com uma horta enorme. Ele, macacão, chapéu de palha, passeando por entre alfices, repolhos, couves, tomates vermelhos. O casebre transformara-se numa casinha bonita, com varanda e trepadeiras. Plantações de milho cobriam a várzea e, ainda, trepavam pelo morro. O céu voltara a ser azul, com um sol bem grande iluminando tudo. Rita lidava com as galinhas. Estava forte, corada e risonha, avental branco, jogando milho. Milho! Milho que virava dinheiro! Cidinha, na varanda, acariciava o Bilonga.

Foi sonhando, descuidado, confiante em Nossa Senhora. Mas Nossa Senhora estava distraída com os anjinhos e não ouvira o pedido.

Por isso as águas continuavam descendo do céu e do morro...

...e a enchente chegou!

Matias levantou-se de um pulo. Saiu pro terreiro. Chovia o que Deus dava! O rio, transbordando, cobrira as amoreiras da margem e vinha vindo ameaçador.

Chamou o pessoal:

— Rita! Rita! A enchente tá!

Rita esbugalhou os olhos.

— Deus do céu! Cidinha! Mãe! As água!

E tudo virou desordem.

Na ladeira o povo gritava.

Gente com trouxas e cestas.

Homens dando ordens.

Galinhas cacarejavam e lá se iam arastadas pela correnteza...

Rita, Cidinha e a velha subiram correndo pelo barranco.

Matias lutava para salvar alguma coisa. Era inútil. As águas haviam transposto a cerca e circundavam o casebre. Mal teve tempo de se atirar pelo terreiro e ganhar a ladeira, em poucos passos. Aquêlê mar de água doce cobrira o terreiro todo.

As casinhas esparsas iam desaparecendo, pouco a pouco.

Nhá Maria praguejava:

— Num sei prá que tem santo no céu.

Nhá Maria perdera tudo, tudo! As roupas, o dinheiro que estava no baú, os dois quilos de açúcar que com tanto carinho guardara para a festa de São Benedito...

Crianças, magras e encardidas, choravam, agarradas à saia das mães. Gente do prefeito andava, p'ra cá e p'ra lá.

De repente, uma coisa passou rolando. Bilonga! Na correria, esqueceram o gato de Cidinha. Rita gritou: — Bilonga!

Matias tapou-lhe a boca, mas era tarde. O grito havia saído e Cidinha chorava, desconsolada.

Olhou a filha. Magra, suja de lama, descalça, cabelos escorridos, vestido desbotado mostrando-lhe as coxas que se iam tornando moças.

Abraçou-a com ternura, pela primeira vez.

— Num chora, Cidinha. O pai compra outro gato.

Mas as lágrimas não cessavam de brotar, grandes, imensas, nos olhos da pequena.

Sentiu vontade de chorar, também. O gatinho morrera! Era tudo para Cidinha! Mal acordava e tomava a caneca de leite com farinha, lá se ia pro campo, com Bilonga.

Um dia, chegou a fazer maivadeza: apanhou uma rolinha, na arapuca, e deu-a, viva, para o gato comer. Levou uma surra que foi preciso pôr salmoura. Depois foi, muito sem graça, confessar com padre Rodrigo, pedir perdão para ela e para Bilonga.

Cidinha continuava chorando. Depois começou a gritar que deviam salvar o Bilonga, que ele teria ficado prêso nos galhos do suinã, que era preciso ir buscá-lo... Súbito, desprendendo-se-lhe dos braços, desceu o barranco, feito louca.

— Cidinha!... Cidinha!...

Deus do céu!

Matias correu. Correu e viu o corpo da menina mergulhar na água e ir embora, rodando...

O pessoal do prefeito impediu-lhe a descida.

— Que loucura, homem!

Fôra tudo rápido. Estava dormindo, sonhando com a horta e o milho...

Velo a enchente, todo mundo correu, ficou sem nada e Cidinha afundou na água, para sempre.

Nem teve tempo de refletir direito. Cidinha morrera? Ainda há pouco estava chorando em seus braços!

Olhou a mulher. Branca como cera! Nhá Maria, a sogra, os homens do prefeito, todos com a mesma cara, mudos. Mas, de repente, nasceu uma porção de soluços. Não, não estava sonhando. Cidinha morrera, mesmo.

Os homens, habituados àquêlê espetáculo e àquelas emoções, recomeçaram as ordens.

— Vamos indo pro mercado. Na chuva vocês não podem ficar.

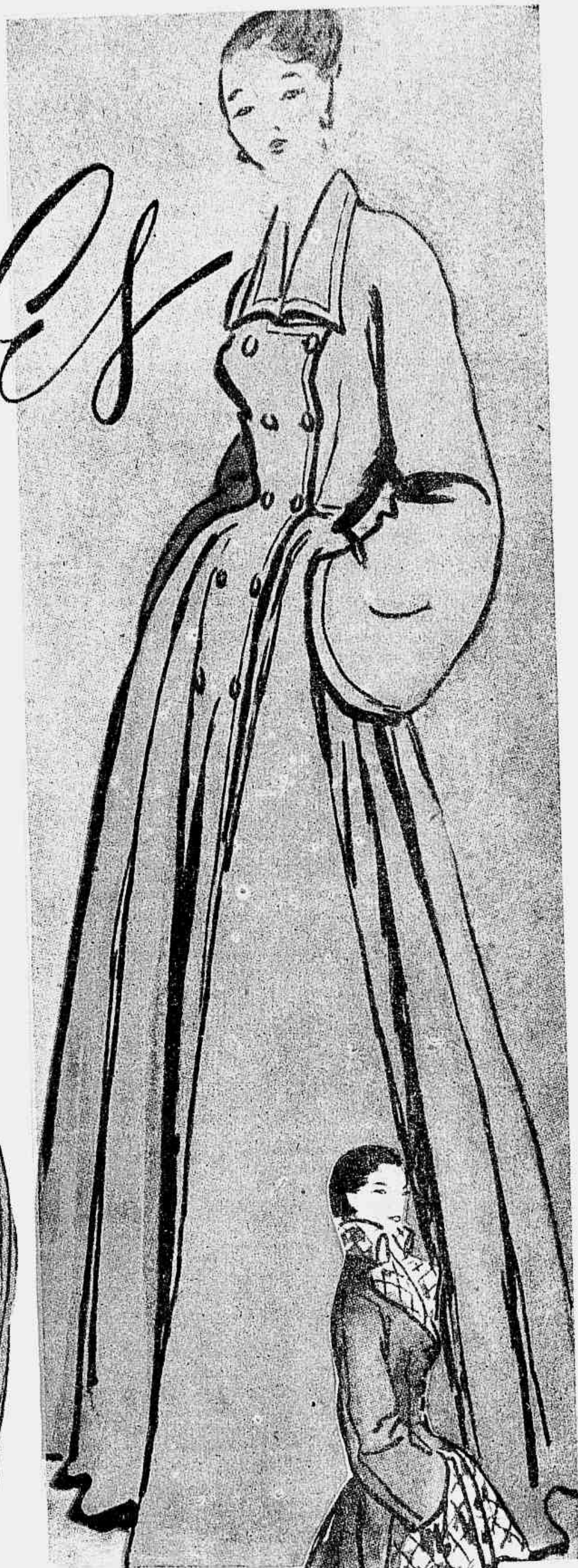
Violentos:

— E' ordem do prefeito. Querem morrer, também? (Continua na pág. 74)



PACHECO

ILUSTRAÇÃO DE A. PACHECO
SELECIONADO PELA REVISTA DA SEMANA



R

O inverno, também a nossa roupa de "estar em casa", sofre modificação. Aos "robes" leves de algodão, ou "surah", surgem os de tafetá, lã, cetim, etc. Os que aqui apresentamos, são quase todos, executados em lã, com exceção de um em tafetá e outro em jersey de seda. São modelos, sem dúvida alguma graciosos que por certo irão agradar ao bom gosto das nossas leitoras.



PARA sua elegância nas tardes frias, aqui estão algumas notáveis sugestões recém-chegadas de Paris. São três modelos originais, criados por três nomes famosos da costura francesa, Bruyère, Jacques Griffe e Creek. Escolha, pois, o modelo que mais lhe agrade.

Tarde



PELES



O detalhe mais suntuoso do inverno está, sem dúvida, nas peles. E' inegável que elas dão à mulher um certo "ar" de distinção e beleza, quer se trate de uma capa maravilhosa de arminho, de uma estola em "vison", de um bolero de "astrakan" ou de uma capa de raposa. O essencial é que elas se adaptem ao momento e à "toilette" que na ocasião se usa. Existem modelos muito "habillés" como existem também modelos mais esportivos como aqui se vêem, nestas deslumbrantes criações dos peleteiros de Paris.



CHAPÉUS DE PARIS

O veludo, a fita, as flôres, os "paradis" continuam sendo os ornamentos preferidos pelos chapeleiros de Paris, como aqui vemos nas criações de Janette Colombier, Le Monnier, etc., estas são as últimas sugestões que Paris nos apresenta, para os próximos dias frios do inverno.



FIGADO À MILANESA

Parta 1 quilo de figado em bifes finos e deixe repousar com sal e gotas de limão. Depois passe em farinha, em ovos batidos, em pó de pão torrado e frite em banha quente sem deixar escurecer. Deite em papel pardo para desengordurar. Arrume de um lado do prato, e do outro deite um pirão de batatas bem leve. Sirva à parte, molho de manteiga.

OVOS REAIS

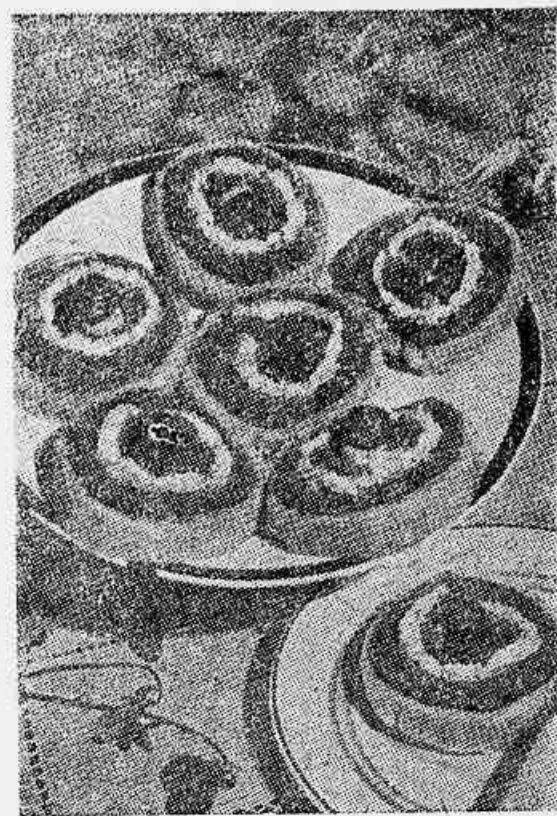
Deite em 12 forminhas untadas, 12 gemas cruas e polvilhe com sal. Bata as claras em neve, junte 1 pitada de Royal para cada clara e deite, como um suspiro, bem alto, sobre as gemas. Polvilhe de parmezão e leve ao forno apenas para tostar. Desenforme com cuidado e use como guarnição para assados, bifes ou legumes.

SOPA DE PÃO

Parta 150 g. de pão dormido sem casca e cortado em cubos de 2 cm. e deite a embeber num pouco de leite adocicado. Tome 4 xícaras de leite, 4 gemas, 200 gs. de açúcar e leve numa panela ao fogo até que ver levantar fervura. Despeje quente sobre o pão embebido. Deixe esfriar bem e sirva polvilhado com canela.

PAVÊ

Derreta em banho-maria 5 paus de chocolate ralado ou



Enroladinhos com chocolate, crème e cereja

uma xícara de chocolate em pó. Bata como para gemada, 5 gemas com 300 gs. de açúcar, junte 250 gramas de manteiga sem sal, o chocolate e bata até ficar bem liso. Arrume em forma quadrada forrada com papel impermeável, as camadas de biscoito palito e da pasta; enfeite com pedacinhos de fruta seca e nozes picada, ou lâminas de castanhas do Pará e guarde na geladeira ou em lugar fresco.

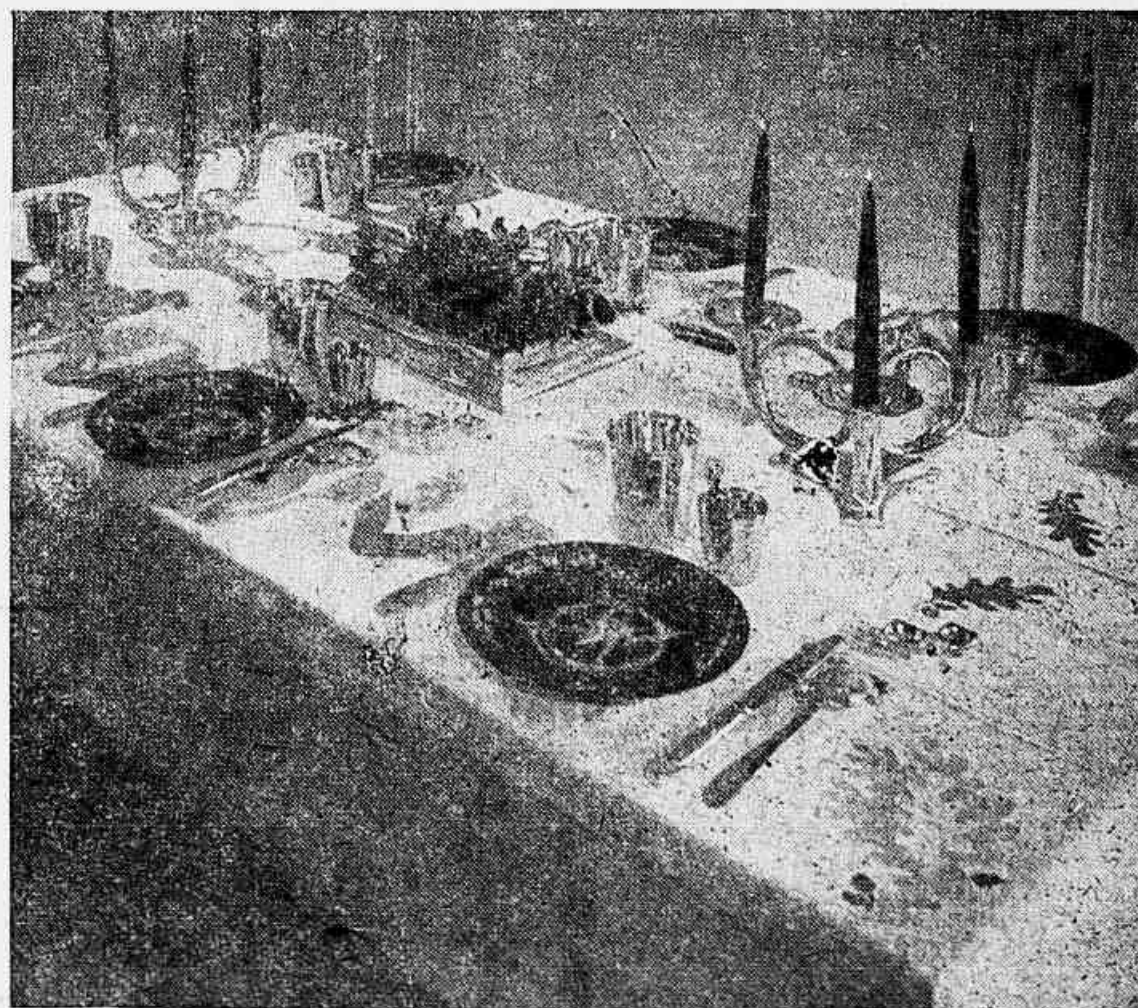
PUDIM DE MAIZENA

Dissolva 100 g. de maizena em 6 xícaras de leite; junte 1 pitada de sal, 6 gemas, açúcar à vontade e baunilha. Leve tudo a ferver, deixe esfriar, incorpore claras em neve e leve ao forno em forma untada.

CULINÁRIA

★ Quando a carne estiver muito dura, enrole-as em folhas de mamoeiro bem batidas com as costas da faca. Na hora de preparar, retire as folhas e tempere.

★ Quando a manteiga estiver um pouco rançosa, cubra-a com água fresca, junte 1 colher de chá de bicarbonato de sódio e deixe repousar uns 15 minutos. Depois lave em duas águas.



Mesa para jantar de cerimônia, louça em porcelana azul, com desenhos a ouro e a cores

JEANNE LAFAURIE

MAGGY ROUFF



JEANNE LAFAURIE

MAGGY Rouff e Jeanne Lafaurie, são os criadores destes elegantíssimos modelos para "cock-tail". Os de Maggy Rouff, são em crepe de seda cinza e seda estampada. O primeiro tem uma faixa larga terminando em franjas. Finalmente os modelos de Jeanne Lafaurie são em tafetá. Ambos com interessante "movimento" sobre os quadris, estas são as últimas novidades que Paris sugere para os elegantes "cock-tails".

Em s
forma
Em s
nervu
com p
"sura
alta.

BLUSAS



Asaúde do BÉBÊ

DR. SABOIA RIBEIRO

REGIMEN ACIMA DE 1 ANO

Findo o primeiro ano, a criança deve ir, cada vez mais, deixando de lado a alimentação preponderantemente látea. Então, leite apenas 2 vezes ao dia; e já almoçará, e faz seu lanche, e jantará.

Nunca é demais insistir que somente até o 6.º mês da criança, o leite pôde ser considerado alimento completo, e que, puro e sem farinhas, somente o materno deverá ser dado à criança. O de vaca, porém, esse exige sempre o acréscimo de farinhas, e açúcar, qualquer que seja a idade da criança.

Os leites em pó não fogem a esse padrão, pois em última análise, não são mais do que um bom leite de vaca higienicamente industrializado — e aliás cumpre não confundir, como tal, não poucas marcas, cujo uso indiscriminado pôde, como de resto não raro sucede, não ajustar-se às necessidades ou às próprias condições constitucionais ou orgânicas da criança.

Outro ponto a insistir sempre é que, acima de 6.º mês, já se terá instituído as sopinhas, e aos 8 comida de sal em caldo de carne, legumes etc.

Mas é, ao entrar o 2.º ano que a criança trocará, verdadeiramente, a maneira pela "xicara" e o "prato", a comida fluída pela comida de garfo e colher. Enfim, tomará seu café, almoçará e jantará; lanchará.

Com isso de comida de garfo e colher queremos apenas aludir, é claro, ao prato mais ou menos espesso, de cortar, mas em que as substâncias alimentares preparadas devam apresentar-se, sempre, sob uma forma de fácil digestão — o arroz bem cozido, a carne reduzida à extrema divisão etc. e, além disso, obedecendo a um preparo competível com a capacidade de aparelho gastro-intestinal da criança; em particular as gorduras, devem ser de boa qualidade (manteiga, óleos vegetais). Nada de comidas fermentadas, ou condimentares picantes; comida de grãos, legumes, sempre passados na peneira (feijão, cenoura alpim etc.) depois de bem cozidos e passados em peneira para separar os resíduos celulósicos impermeáveis ao processo digestivos (aproveitamos para lembrar que a água dos legumes, sicas de substâncias minerais, não deve ser desprezada após a fervura dos mesmos, mas engrossada com os próprios legumes, manteiga, farinhas (arroz, semolina, aveia, sal etc.).

Há um alimento que já pôde ser dado à criança, nesta idade, mas é preciso o fazê-lo com certos cuidados; é o ovo.

Duas condições são necessárias no emprego do ovo:

- 1.º — que seja perfeitamente fresco;
- 2.º — que seja cozido.

Quanto ao primeiro ponto, está provado que a intolerância pelo ovo sempre desaparece quando o indivíduo passa a comer ovos de suas galinhas (experiência de Surmont).

Com relação ao segundo ponto, também está provado que a cocção facilita a digestão do ovo, sobretudo da albumina da clara. "A clara destinada à criança deve ser sempre cozida". Além disso, a cocção também reduz a toxicidade do produto — gema e clara — quando não de todo fresco.

De acordo com estes princípios gerais podemos organizar o seguinte modelo de cardápio para a criança dos 12 aos 30 meses:

1.ª refeição (7 hs.) — Leite à satisfação, biscoitos, pão e manteiga etc. (ao leite se poderá pingar o café — fraco — 50 gramas para 150 de leite, entrado o 2.º ano). Também, em vez de pão, alpim, batata doce, inhame, fruta pão, reduzidos a papa ou amolecidos.

2.ª refeição — 11 horas — Aqui o regime da criança irá cada vez mais aproximando-se do adulto; evitar as frituras (e mais ainda nos primeiros meses, entrado o 2.º ano), e qualquer excesso de temperos ou excitantes de paladar (que poderiam viciar o paladar da criança). Esboçaremos alguns tipos de refeição:

a) Aos 13-14 meses: Feijão passado em peneira com arroz bem cozido, ou purê de ervilha ou alpim com carne de galinha ou peixe (este vai muito bem com pirão de farinha cessada e nova).

b) Carne cozida e moida, ou bife mal assado e raspado. Também frango desfiado e picado com acompanhamento de arroz ou macarrão; peixe com sopa de tomate e azeite, e arroz ou outro.

c) Ótimo, ainda, as vísceras (fígado, timo, miolos). Ricos de nucleínas que gozam de propriedades imunizantes diante das infecções; dá-los de mistura ou com pirão de mandicá, cará, legumes e macarrão, arroz ou outro. O fígado, em particular, goza de poder anti-anêmico notável (boa fonte de amino-ácidos e vitamina B), mórmente se preparado sob uma forma mais ou menos cru; por isso haverá propiciá-lo à criança, em média. Crianças de tenra idade costumam aceitar o fígado nessas condições com perfeito agrado.

Eis um modo de prepará-lo com vistas à anemia: Passar na máquina, 2 vezes, 250 gramas de fígado cru, fresco. Em caldo de carne juntar metade do fígado, podendo-se acrescentar molho de tomate para melhorar o paladar. Servir com algum arroz, por exemplo, e um pico de sal ou manteiga. Deve-se previamente retirar do fígado a respectiva capsula envolvente (por impermeável à digestão).

Outro modo de preparo: Juntar ao fígado (150 gramas), 20 gramas de manteiga e afogar. Preparar, à parte, 20 gramas de manteiga, 20 de farinha, 200 de água; cozer 5 minutos. Acrescentar então o fígado, cozer rapidamente, pôr sal.

A segunda refeição, muito útil pela idade dos 18 - 20 meses, como complemento do prato principal, uma salada de tomate com azeite e caldo de limão, vez por outra. O pirão de espinafre vai muito bem, também, com as vísceras, pela mesma idade, dada sua notável riqueza em ferro e vitaminas.

Insistimos em dizer que sempre se atenderá à variedade e boa adaptação digestiva da criança, com o tempo e forma de apresentação dos "pratos".

De modo que as frituras — na manteiga, no óleo — já poderão ser ensaiadas entrado o terceiro ano, com as devidas cautelas, já se vê; frutos de chupar, etc.

d) E mais, dos 12 aos 30 meses: Pirão de legumes (abóbora, cenoura), xuxu na manteiga com acompanhamento de arroz ou outro e ½ ou 1 ovo cozido, e volta e meia pirão de espinafre só com arroz ou outro.

Carne passada na máquina, com caldo de feijão e arroz, mais póipa de tomate, etc., almôndegas, pudins, panquecas (banana frita na manteiga, açúcar, canela). Como sobremesa, mamão, peras, cruas, pedaço de marmelada, doce de abóbora ou outro.

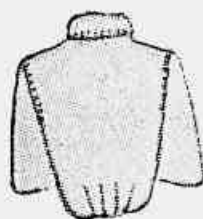
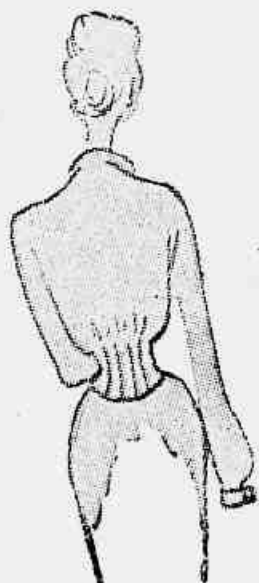
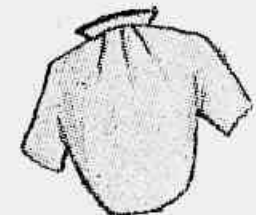
3.ª refeição — 15 horas — (lanche): Frutos feito papinha (maçã crua ou ralada, banana amassada — prata ou maçã — salada de frutas (exclusão das cascas!), creme de abacate, compotas e queijo e pão torrado; mungunzá, arroz doce, chocolate e biscoitos, etc.

4.ª refeição — às 19 horas — Sopa de cereais ou estrelinhas, acrescida de uma colher grande de carne cozida ou bife mal assado passado na máquina; ou macarrão ao molho ou talharim, arroz e miolos; vísceras com arroz e caldo de feijão, ou canja de galinha ou de arroz e rim com algum legume (chuchu, cenoura); ravioli ou nhoques com acompanhamento de arroz, cenouras, pirão de chuchu.

5.ª refeição: Desde os 12-13 meses se terá suprimido essa refeição.

Por aí se vê que a criança não é hoje mais ou menos escravo do leite até ir para a escola aos 8 anos. Antigamente falar em dar a sopinha salgada aos 7 meses era um verdadeiro escândalo. Hoje a criança, segundo o bom modelo da puericultura, deve aos 12 meses ir tendo seu lugar à mesa e comer de tudo. Apenas, saber o que lhe dão...

Em seda, "plastron" e gola formando uma só peça. ★ Em seda, com recortes e nervuras. ★ Blusa de lã com ponto de "casa". ★ Em "surah" com "pois". Gola alta.



VIDA DE CIGANO

(Continuação da pág. 61)

Nosso fotógrafo se aproximou do acampamento e obteve estes flagrantes que documentam o pitoresco viver de uma dessas famílias nômades no interior da Inglaterra.

As fotos atestam felizes e movimentadas cenas. Os ciganos são uma gente alegre, a despeito de certas animosidades que, às vezes, se notam em alguns lugares. Esses sentimentos de animosidades são registrados em todos os recantos do mundo onde surgem essas caravanas de andarrilhos. Por vezes o noticiário policial registra choques; mas, sabendo-se tratar com os ciganos e lhes sendo oferecido trabalho, tudo se processará na melhor paz, na mais edificante harmonia.

A vida familiar entre os ciganos é muito bem conjugada e íntima, sendo fortes os laços de inter-entendimento. Muitas vezes os elementos permanecem em convívio durante duas e três gerações, e todos os casais unidos pelo matrimônio aumentam a família com muitos filhos. Não é muito fácil saber-se quando os ciganos nos consideram amigos; mas são sinceros em suas amizades, quando têm confiança nas pessoas de outras raças.

ZACK BILBO

(Continuação da pág. 57)

truoso com cabeça de carneiro. Per dentro é oco, com uma fonte a deixar sair água pelos olhos de um animal.

Essa nova obra escultural mede 22 pés e três polegadas de altura, 21 pés e três polegadas de comprimento, dez pés de largura, pesando 132 mil libras.

O grupo formado pela família humana composta de três pessoas e pelos animais selvagens, de forma estranha que estão aos lados, corresponde a uma alegoria. Segundo ele explica, os seres humanos estão procurando atingir o império da liberdade, todos protegidos pelos animais selvagens.

Em torno do homem há a sociedade egoística, há a estupidez humana. Tudo isso desaparecerá com a interpretação de Bilbo.

Ele prepara o material e o esculpe no pátio de sua casa, hoje uma residência fabulosa, situada em "Bilbo Day", W. y. bridge.

Logo que terminou a alegoria de "Santuário", ele esculpiu uma estátua de aspectos curiosos e estranha concepção. Trata-se de "Invencível", figura que representa uma jovem judia olhando para o futuro, e que Bilbo vai oferecer ao governo de Israel.

É interessante salientar que esse Picasso inglês não faz nada disso para vender. Falando a repórteres e a amigos sobre sua maior obra, "Santuário", complexa e cheia de surpresas para quem a examina por dentro e por fora, ele declarou que "Santuário" é um presente que oferece ao povo da Inglaterra. Depois disso, embarcará em um barco que está construindo, para uma "tourné" à volta do mundo...

Não nos admiremos se esse solitário filósofo e escultor surgir por todos os quatro cantos deste planeta e, quando regressar à Inglaterra, venha como Ulisses, cheio de experiência, de cabelos brancos e uma enorme bagagem artística.

Bilbo quer apenas matéria plástica, madeira ou mármore para trabalhar os seus bonecos, bichos ou entes humanos. Ele dá a todos, os contornos de uma existência viva, com atitudes de quem luta e deseja viver.

É possível que os críticos de artes plásticas achem que Bilbo não seja um Phidias, um Praxiteles, um Miguel Ângelo; mas haverá quem interprete a sua arte, questão de gosto, de mentalidade, de orientação.

OS LEQUES

(Continuação da pág. 55)

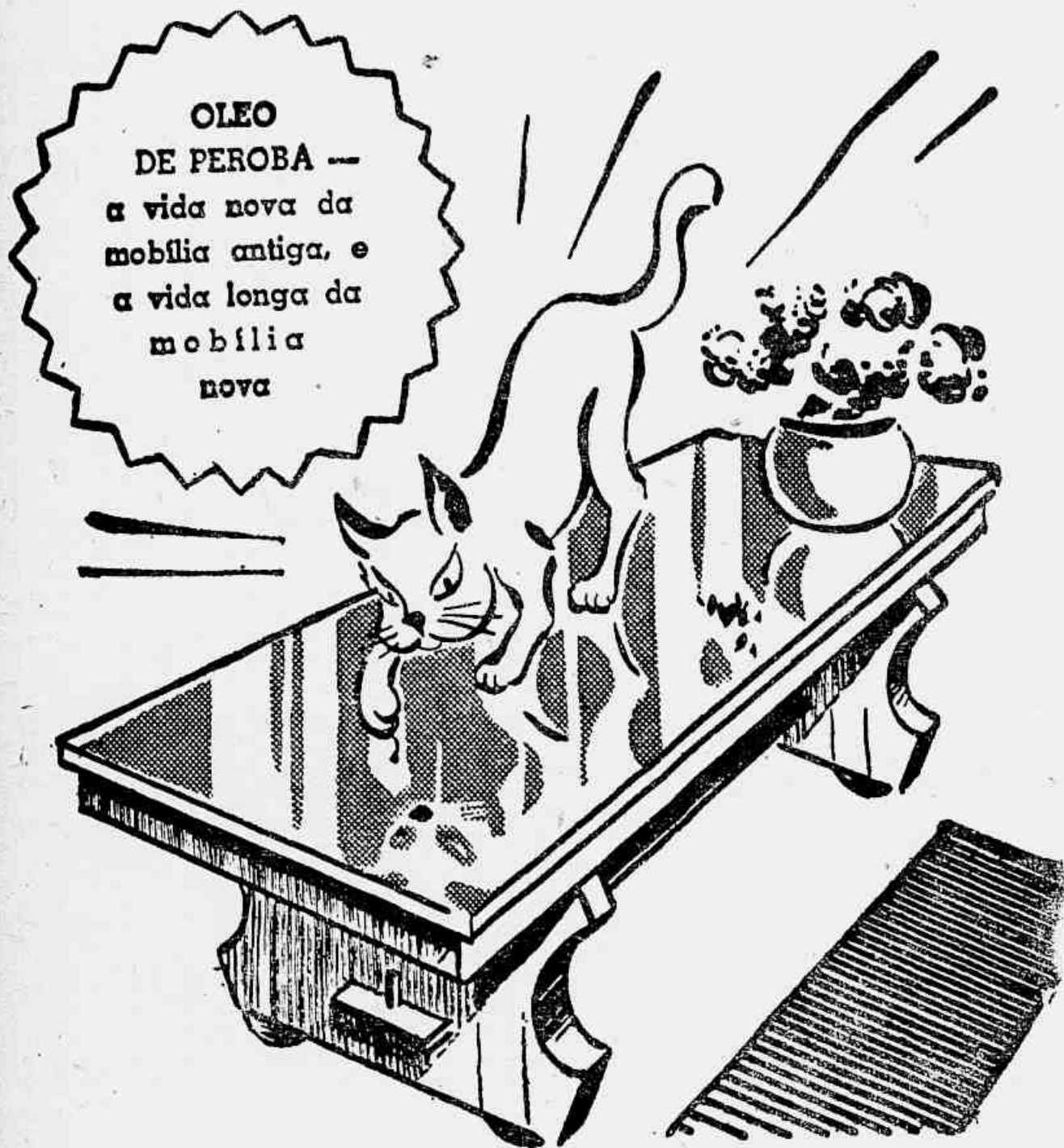
Entre os namorados de valçora, o leque era o instrumento de todo um código secreto. Através de seu manuseio, frases completas eram transmitidas a distância, ou frente aos pais, sem que eles os compreendessem. "Teremos que falar" — dizia a jovem, passando o dedo indicador pelas varietas do leque. "Não me esqueças", dizia-se, então, tocando-se com ele os cabelos. "Sairei logo" — prometia a donzela, ao dirigir-se, abandonando-se, para a varanda. "Não sairei hoje" — a frase era dita com a jovem entrando na sala, enquanto fechava o leque. Outras mensagens eram transmitidas, colocando-se o leque na vertical, na horizontal, inclinado para a frente, para a esquerda, para a direita, sobre o peito. Falava-se por ele, segurando-o com a mão fechada, com um dedo estendido, dois dedos estendidos ou com a mão aberta.

Não só quanto às coisas de amor, o leque possui uma linguagem. Possui também uma linguagem histórica, linguagem que se desenvolveu com os leques comemorativos de fatos notáveis do tempo em que eram usados. Entre esses leques, muitos dos quais podem ser encontrados hoje nos museus, citamos os comemorativos da ascensão dos Balões Montgolfier, na França; e da organização do Império Brasileiro, hoje no Museu Histórico Nacional; o comemorativo da maioridade de D. Pedro II; outro comemorativo do casamento de D. Pedro II com d. Teresa Cristina, ambos no Museu Imperial, para só falar em alguns.

LEQUES BRASILEIROS FAMOSOS

Os leques comemorativos de fatos históricos brasileiros foram sempre, coisa curiosa, confeccionados na China. Entre tais leques, registremos o que se refere à chegada de D. João VI ao Brasil, bem como o consagrado ao ato de sua aclamação, o primeiro parte de uma coleção particular, e o segundo patrimônio do Museu Imperial. Dêsse Museu é também um leque pintado pela princesa Isabel e oferecido à condessa de Lagos, apresentando, em cada varietas, o retrato de um dos membros da família da princesa e do conde D'Eu. Muitos desses leques fizeram parte de uma exposição brasileira em 1944. Entretanto, outros adereços famosos existem e merecem referência, como o da marquesa de Santos, o da marquesa de Itamarati, o da viscondessa de Santa Justa, o da condessa de Paranáguá, e tantos outros como aquele oferecido pelo comendador Antônio Gomes de Matos ao casal Cristiano Ottoni, na passagem de suas bodas de ouro. Nos museus e nas coleções particulares estão eles procurando resistir, ao tempo, que passa sobre eles com sua ação destruidora. São, agora, coisas do passado, mas ninguém poderá dizer o que acontecerá no futuro. O calor e o frio não desaparecerão da face da terra e, enquanto o sol aquecer os homens e as mulheres, haverá sempre necessidade de um abano. É verdade que o ar condicionado é um grande inimigo do leque, mas nem em toda parte é possível a sua utilização. Enfim, isso são especulações fora dessa reportagem. O que pretendíamos mostrar era a influência de um objeto, romântico na sua essência. Sim, principalmente isso, pois o leque é principalmente do tempo em que na velha Grécia era uma grande amostra de atenção o recém-casado abanar a esposa durante o sono. Como vê-mos, os tempos mudam. Hoje disso se encarregam as máquinas, os ventiladores, os aparelhos de ar condicionado...

Oh! perdoai-me, leitores, se vos afirmo isso. Mas se trata de constatação daquilo que obtivestes com as conquistas de novos direitos. Ou talvez não seja bem isso e eu esteja enganado. Afinal, apesar do que vos disse, pouco entendo de leques e de suas gentis portadoras. Infelizmente, isso é uma verdade, e o pouco que vos disse aqui foi bebido em trabalhos de técnicos



BREVEMENTE



A ESQUINA DA SORTE

Às quartas e sábados a sorte lhe espera na Esquina

SIM, AMIGO — Brevemente a ESQUINA DA SORTE terá sua nova sede modernamente instalada à RUA DO OUVIDOR, esquina da RUA DO CARMO.

OUVIDOR ESQUINA DE 1º DE MARÇO

RIO ELEGANTE

ALFAIATARIA

SOUZA & CHAPETA LTDA.

Exímio contra-mestre

H. W. CHAPETA

CORTE LONDRINO

AVENIDA RIO BRANCO, 111 — 2.º ANDAR — SALA 202 — TELEFONE 43.3231

em museus e em visitas ao Museu Histórico Nacional. O certo é que nem tudo foi dito sobre o leque, o que é pena e de que vos peço desculpas. Depois disso, nada mais tendo a acrescentar sobre o assunto, despeço-me cordialmente e, de certa maneira, descontente, por lá se terem ido aqueles tempos em que ninguém interferia nas linhas e a conversa era feita diretamente pelo leque através dos sinais emitidos pelas lindas damas.

Belos tempos? Não sei. Talvez... talvez... Mas é preciso pensar.

A ENCHENTE

(Continuação da pág. 71)

O pessoal, automaticamente, foi-se reunindo. E aquela mesma procissão de todos os anos, lamentosa e triste, começou a se movimentar.

— Vamo, Matia.

Estava imóvel, olhando as águas.

Rita repetiu:

— Vamo!

— Vai tu com a vóia. Eu fico, por um pouco.

— Tu tá com besteira na cabeça, Matia.

— Não... Eu já vô.

Rita calou-se. Depois, numa voz sumida:

— Num pense que eu num liguei prá Cidinha. Mas eu tô com medo de ficar aqui. Matias não respondeu, nem olhou para a mulher que tremia de frio e pavor. Ficou parado, mudo e imóvel, indiferente à chuva e às águas.

Cidinha morrera! Fôra embora na correnteza, junto de Bilonga.

Agora que ela sumiu, que nunca mais a poderá ver, sente uma vontade louca de apertá-la, beijá-la, acariciá-la.

Olha, no terreiro, as águas barulhentas. Surge-lhe o corpo da filha, girando, girando... que nem pião! Desaparece na sepultura líquida.

Os casebres somem, cada vez mais. A horta!... Onde estaria a horta? Coberta por aquele mundão de água!... "As alfices de seu Matias". Era famoso aquele pedaço de terra. Os japoneses, que vinham da Pedreira, olhavam, cheios de inveja, os canteiros bem tratados.

Fôro tudo embora!... Filha, verduras, casa...

Teriam que dormir no mercado, amontoados, escutando criança chorar, mulher gemer...

Nossa Senhora não o atendera! Pedira com tanta fé!

"Enchente não vem. Nossa Senhora da Aparecida é milagrosa!"

Mas a enchente veio, alagou tudo, matou tudo, carregou tudo!

Uma tristeza imensa, maior que o mundo, inundou-lhe o coração.

A chuva caía, ainda, pesada e fria.

A igreja de São Benedito erguia-se, rodeada de palmeiras.

Teve-lhe ódio: "Num sei prá que tem santo no céu".

Cidinha morreu. A horta morreu. Bilonga morreu. A casa morreu.

Morreu!... Morreu!... Morreu!...

— Tá louco, companheiro? Num vê que pode cair?

Um homem do prefeito segurava-lhe o braço.

— Vamo pro mercado.

Não insistiu. Deixou-se conduzir pelo mulato.

Foi descendo a ladeira, cabisbaixo, abatido, amassando o barro vermelho.

O mulato procurou puxar conversa.

— Eu sei o que é isso, companheiro. Perde uma fia...

O mulato foi falando sozinho.

Matias não respondeu.

Matias estava chorando!

A VOZ DO OUTRO

(Continuação da pág. 30)

— Obrigado, e não há exagero no que lhe digo.

— Nesse caso, talvez, um médico fosse solução aconselhável à salvação de sua esposa.

— Absolutamente; a senhorita é quem poderá sanar o mal, retirando-a do abismo em que voluntariamente se atirou.

— Eu, doutor? Mas como?

— Lauritinha é surda!

— Ah, compreendo; sua senhora deseja comprar um dos nossos aparelhos "Good-Hearing".

— Absolutamente. Ela já o possui. Usa-o do amanhecer ao anoitecer, como peça de roupa imprescindível.

— Ressente-se o seu "Good-Hearing" de algum defeito?

— Está em perfeitíssimo estado, senhorita.

— Então?

— Então, não compreendo a causa de seu nervosismo, desejava que a senhorita fosse à minha casa, sem que ela soubesse de minha visita à Firma para...

— Para...

— Arrancar-lhe do ouvido o maldito rádio e...

— Mas doutor, como é possível? — interrompeu-lhe, aflitivamente, Maria da Graça.

— E descobrir-lhe o complexo que a faz revoltar-se contra o pacífico e quase santo maridinho. Combinado?

— Combinado, doutor — respondeu-lhe automaticamente Maria da Graça. — Irei amanhã, às 15 horas.

— Obrigado, senhorita. Boa tarde. — Lépidio, tal colegial em férias, depositou um beijo nas mãos de Maria da Graça.

Caramba! E se for louca? — indagou para si a jovem, assustadíssima, ante o imprevisto da cena.

Por dever de profissão, no dia seguinte, à hora aprazada, lá estava no belo palacete a representante do Good-Hearing. Além da carta de representação da Firma, das baterias, do voltímetro e de um novo tipo de aparelho, Maria da Graça teve a precaução de introduzir em sua bolsa um vidrinho de água de Milissia (lembrara-se das palavras da dona da pensão: "no meu tempo, menina, com essa santa meizinha, ninguém passava desta para outra) e um revólver com cinco balas no tambor (caso de legítima defesa). Treinara à tarde dando tiros ao ar, apavorando e intrigando os hóspedes da "Girassol".

Rezando à Nossa Senhora das Graças, implorando a proteção do padre Pinto, a jovem pernambucana fechou os olhos e, zás, premiu a campainha. A criada fê-la entrar para o salão nobre, e a nossa heroína, transfigurada pelo medo, pôde balbuciar apenas: "Maria da Graça de Aguiar, representante dos Aparelhos Good-Hearing Ltda.".

Blin, pan! Blin, pan! Pun! Pun! Uma barulhada infernal soa lá de dentro. Um, dois, três violentos baques são ouvidos distintamente; depois estilhaços de vidros partidos ao chão. Uns passos miúdos! Gritos! Um pandemônio!

— Nossa Senhora das Graças, valei-me! Lá vem ela, a louca! — E, rapidamente, Maria da Graça enfiou a mão por dentro da bolsa. O aço frio do revólver produziu-lhe um mal-estar incrível. E se os tiros falhassem? Nossa Senhora!

Um frio passou-lhe pela espinha. Tremia dos pés à cabeça. Estava estareçada. Os dentes batiam-lhe uns contra os outros, como matraca em tempo de quaresma. Tudo se esvaneceu, rodando, ela suando, sentindo o braço em caimbras. Desmaiaria? Oh, Deus! Na certa isso lhe sucederia.

Para que se fôra meter em camisa de onze varas? Se sáisse com vida dessa, adeus, representações do Good-Hearing. Mas que líquido era aquele que estava a se esparramar pelo tapete? Chi! Meu Deus! O vidrinho de água de milissia! E a porta se abre, dando passagem a interessante vulto de mulher. Uma morena balzaqueana, elegantemente vestida, primorosamente penteada, transbordante de "charme". Uma Crawford lá dos pampas. Amável, apertou efusivamente as mãos frias da "morta".

— Desculpe-me, senhorita, assustou-se com os meus lúlus, não foi? São terríveis! Mas tão lindos e peludinhos! Deram-me agora prejuízo incalculável! Meus cristais!

— Ah! — suspirou aliviada Maria da Graça. E, refazendo-se do susto, conseguiu explicar-se. — Trouxe-lhe uma carta da Firma com a indicação de seu nome, madame, para interessá-la na aquisição de

(Continua na pág. 85)

Símbolo de Pureza e Suavidade

O preferido para a delicada cutis da criança, e também para a sua, Senhora...

A suavidade única e a pureza excepcional do Sabonete de Reuter, o fazem o mais indicado para o banho da criança. No seu uso, exclusivo, V., Senhora, também encontrará um verdadeiro aliado da sua beleza e juventude.

SABONETE DE REUTER






TÔNICO ORIENTAL

Dá a Cabeleira Brilho e Suavidade

AGUA DE FLÓRIDA de MURRAY & LANMAN

Nova York
A legítima
Água de Flórida.
Cuidado com as
Imitações!



TRICÓFERO de BARRY




V., Senhorita, sabe que o cabelo é como as plantas, que quanto mais são cuidadas, tanto mais correspondem em termos de louçania e de beleza. Cuide da sua cabeleira com o tratamento

TRICÓFERO DE BARRY

Lave a cabeça com regularidade; faça uma fricção do perícrânio diariamente; fricção todos os dias o couro cabeludo com o

TRICÓFERO DE BARRY

e logo escóve bem o cabelo. Comece a praticar o tratamento **TRICÓFERO DE BARRY** para o cabelo, e veja os resultados.

Tricófero de **BARRY**



MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO
TACOS DE 1.ª QUALIDADE. COLOCAÇÃO ESMERADA
ALBINO MESQUITA & CIA.

RUA D. MANOEL, 22 e 26 — Tel.: 42-1427 — RIO DE JANEIRO

BANCO DO COMÉRCIO, S. A.

Capital e Reservas Cr\$ 93.034.235,60

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

Fundado em 1875

MATRIZ — Rua do Ouvidor, 93-95



Fone: 43-8966

AGÊNCIAS

DISTRITO FEDERAL

COPACABANA

Av. N. S. Copacabana, 1155
MEIER
Vinte e Quatro de Maio, 1355
S. CRISTÓVÃO
Rua São Luis Gonzaga, 45
TIJUCA
Praça Saenz Peña, 9
URUGUAIANA
Rua Uruguiana
Rua 7 de Setembro, 58

E. DO RIO DE JANEIRO

NITERÓI

BARRETO (Niterói)

NOVA FRIBURGO

E. DE MINAS GERAIS

ELOY MENDES

ITAJUBA

PEDRALVA

POUSO ALEGRE

SILVIANÓPOLIS

E. DE S. PAULO

SÃO PAULO

ARAÇATUBA

FARTURA

GUARARAPES

PIRAJÓ

S. J. RIO PRETO

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio. Correspon-
dentes nas principais praças do País. Seções especializadas
para guarda de títulos e valores

ADRIANO RAMOS PINTO & IRMÃO LTDA. | VILA NOVA DE GAIA
VALENTE COSTA & CIA. LTDA. |
BRANDÃO & CIA. LTDA. — MATOZINHOS
JOSE MARIA DA FONSECA SUERS. LTDA. — LISBOA
M. BARBEITO DE VASCONCELOS — FUNCHAL

A. S. Macedo & Cia. Ltda.

REPRESENTAÇÕES — COMISSÕES

RUA DO MERCADO, 14-1º

END. TELEGRÁFICO "RENATO"

TEL. 23-3637

RIO DE JANEIRO

COMPANHIA T. JANÉR, COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Distribuidora exclusiva para o Brasil de:

MATERIAL CIRÚRGICO STILLE — AÇO INOXIDÁVEL SUECO — APA-
RELHOS DE RAIOS X G. SCHONANDER, SUÉCIA — LINHA COM-
PLETA DE APARELHOS DIAGNÓSTICOS E ACESSÓRIOS EM GERAL

EXPOSIÇÃO E VENDAS:

Av. Rio Branco, 85, 12º andar — Fone 23-5931 — Rio de Janeiro

FILIAIS:

S. Paulo — Curitiba — Porto Alegre — Belo Horizonte — Recife



DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

Os aliados bombardearam bastante Nápoles durante a guerra e nas imediações do porto ainda há ruínas. Os alemães, na retirada, também fizeram muitos estragos, mas o povo, trabalhador, já começou a obra de reconstrução. Nápoles tem mais de um milhão de habitantes, e possui diversas largas avenidas bastante movimentadas. Mas o que lhe dá uma graça toda especial e encanta o turista é a enorme quantidade de becos animadíssimos que vão subindo pelas encostas do morro e ladeando aos poucos. Esses becos são antiquíssimos, com construções de 4 e 5 andares em ambos os lados. Assim o sol só banha as calçadas ao meio-dia. Esses becos não possuem sargetas ou ruas próprias, mas, nem por isso, os pequenos autos e patinetes a motor deixam de confundir os viandantes que enchem as ruazinhas de Nápoles.

Nas lojinhas escuras e mal arranjadas há uma grande variedade: cigarros, bars, cafés, jóias, sapatos, móveis, concertadores de calçados, tinturarias, marcenarias, ferreiros e barbeiros.

No meio da atividade comercial há também residências. Famílias inteiras residindo numa sala, cozinhando, trabalhando e dormindo no mesmo lugar, além de criar uma prole bastante numerosa.

Há crianças aqui em quantidade e bem saudáveis. Aliás, o napolitano de hoje é um homem forte e geralmente de boa estatura, muito bem claro com cabelos castanhos e até louros. Não há muitos bem morenos como na Sicília e na Calábria.

Boa é a aparência geral dos napolitanos, e para nós, digamos francamente, foi uma surpresa agradável.

Mesmo agora no inverno, durante o dia faz calor. O povo sai para as praças e ruas mais largas, levando cadeiras ou banquinhos e ali tomam sol num "dolce far niente" da cançoneta...

Ao lado da torre muito antiga, que hoje é uma seção da Prefeitura, há uma grande esplanada beirando o mar. Nesse lugar durante o dia centenas de mulheres fazem crochê com um olho na petizada deitada pela grama ou brincando nos chafarizes espalhados pelo jardim. Tanto em Nápoles como em Roma há chafarizes sem torneiras, jorrando dia e noite.

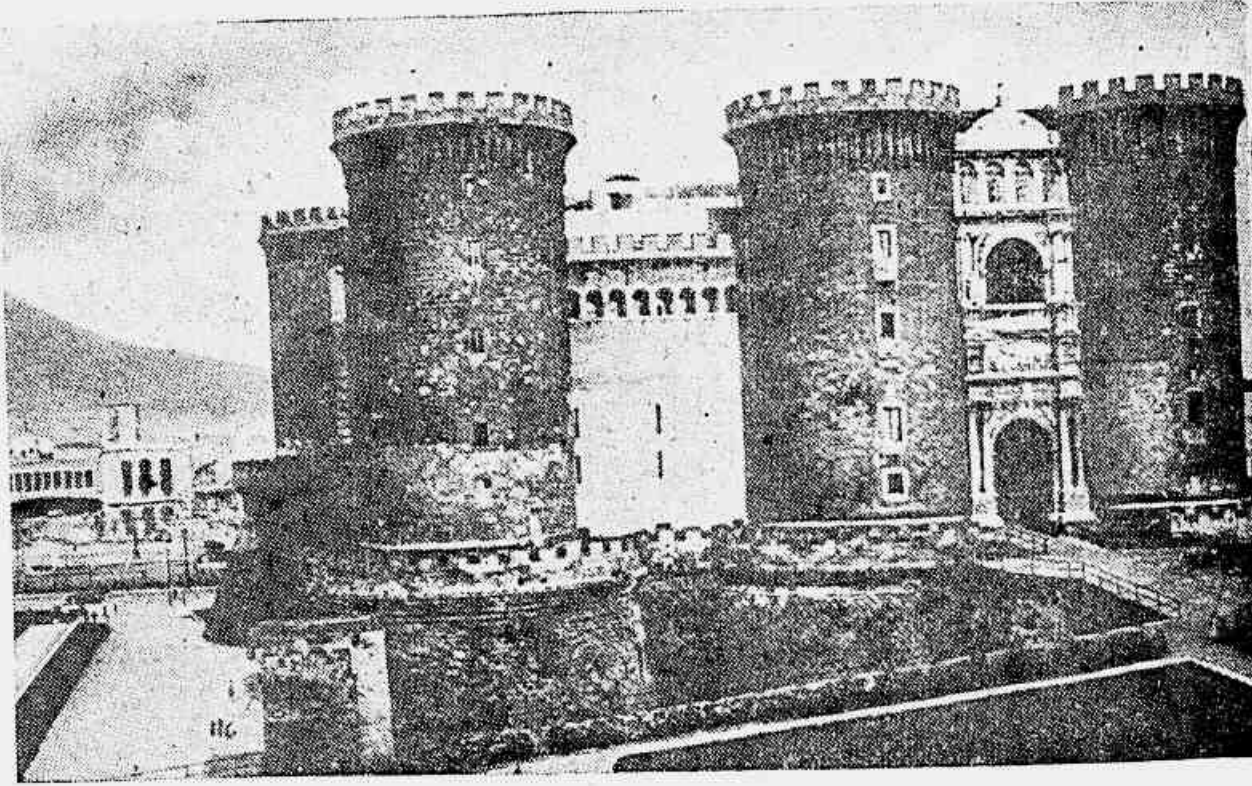
Uma longa e larga avenida com belas construções acompanha a orla do mar, com uma bonita vista da baía e das montanhas ao lado do Vesúvio, que não fuma desde 1944, ano em que destruiu toda a vila de São Sebastião, tendo causado mortes.

O serviço especial do observatório ao lado do monte (1.300 metros de altura) é bem organizado e geralmente sabe com antecedência de 15 dias quando haverá erupção, mas não pode precisar a direção da lava. A população permanece em suas casas ou no trabalho, esperando sempre que os estragos sejam "para o outro lado", mas como há vários lados, um deles sempre recebe o perigo cara a cara.

Como as terras vulcânicas são fertilíssimas as encostas e a vizinhança do Vesúvio é muito habitada e cultivada. Dá muito bem hortaliças, maçãs, peras, uvas, laranjas, limão, flores, etc.

O vinho feito com as uvas do Vesúvio é bastante bom, tanto o branco como o tinto. Há um excelente serviço de trens elétricos que vai ao Vesúvio e Pompéia (bitola reduzida) com serviço frequente para ambas as partes.

Fomos a Pompéia e passamos hoje quase o dia no meio das ruínas e escavações.



Castelo Angioino, em Nápoles. Ao longe vê-se o Vesúvio com a sua eterna nuvem de cinzas

Parece incrível que uma cidade fundada seis séculos antes da era cristã e coberta pelas cinzas do Vesúvio no ano 79, tivesse, já naquela época, tantos melhoramentos moderníssimos que muitas cidades ainda não possuem, como, por exemplo, água encanada, esgoto, calçamento, teatro, palácio de justiça, fóro, mercado, banhos públicos com água quente e fria e vapor (banho turco), além de bares e casas de negócios como farmácias, padarias, moinhos e outras coisas.

Visitamos casas de antigas famílias abastadas — em ótimo estado de conservação — e pudemos observar o alto gosto e refinamento da vida naquela época tão distante.

Salas de visitas, piscina, aquário, banhos, cofres para jóias, santuários onde veneravam os deuses daquele tempo, portaria belas estatuas e decorações artísticas pelos muros e paredes internas, sem falar no belo chão ou pavimentação de mosaicos, ainda hoje perfeitos.

Uma grande vida social e artística era o que passava a aristocracia pompeiana. Muitas casas estão quase intactas e se recolocassem ali os utensílios e móveis recolhidos em parte aos museus de Pompéia mesmo, e de Nápoles, poderíamos habitá-las hoje.

Pompéia possuía uns 30 mil habitantes, sem contar os escravos que vinham trabalhar durante o dia, mas que, à noite, se retiravam para seus lugares extra-muros.

Aliás, as entradas ou portas da cidade estão perfeitas e hoje servem para proteger as preciosidades ali guardadas em 1949 como serviam até o ano de 79.

O teatro é uma obra de arte extraordinária, grande e ótimamente conservada. Logo na entrada lá está o nome do proprietário, escrito em letra legível: "M. Claudio E. R. Marcello, Patrono".

Assim mesmo como quem escrevesse "Francisco Serrador" ou "Pascoal Segreto". Os lugares eram vendidos por assinatura. Assim, em cada temporada entregavam uma ficha ao assinante, a qual dava direito a entrada às várias divisões, conforme a indicação nela contida. Uma água, por exemplo, indicava plateia, uma pomba a galeria, a harpa um camarote, e assim por diante. A ficha servia de bilhete de entrada. A cada que, já naquele tempo, não pagava entrada, recebia uma chapa com o desenho de uma caveira.

E' daí que vem a expressão inglesa de "dead head" para as pessoas que entram no teatro ou divertimentos sem pagar.

Os bares, bem montados, nas esquinas de maior movimento, vê-se que possuem excelentes potes on áforas grandes, onde eram guardados os bons vinhos da época.

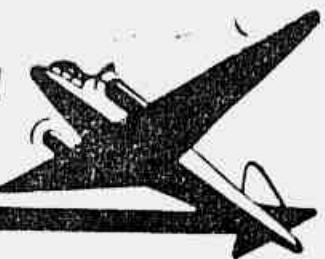
Fomos visitar a casa de um banqueiro na qual encontraram papíros de contabilidade mostrando que a taxa de juros era de apenas 12% ao ano, sem comissão e sem estampilhas por fora!

Na casa dos Irmãos Vietti que, sem dúvida, eram os mais abastados da cidade, encontra-se logo no saguão da entrada duas grandes caixas-fortes, onde encontraram enorme quantidade de jóias de ouro — hoje melhor protegidas no Museu de Nápoles. Quase todas as casas de pessoas abastadas possuíam esses cofres e deles foram retiradas moedas e belos objetos de adorno em ouro maciço. Usavam moedas bem cunhadas em prata e metais diversos.

Grande como é a cidade já exposta, depois de muitos séculos, a curiosidade do mundo, existe ainda uma metade por escavar. Vão indo aos poucos, labutando nesse trabalho de paciência e de perseverança. Talvez, agora, com novos aparelhos científicos, seja possível se fazer em um século apenas o que levaram três.

(Continua na pág. 88)

PELAS estradas do CÉU

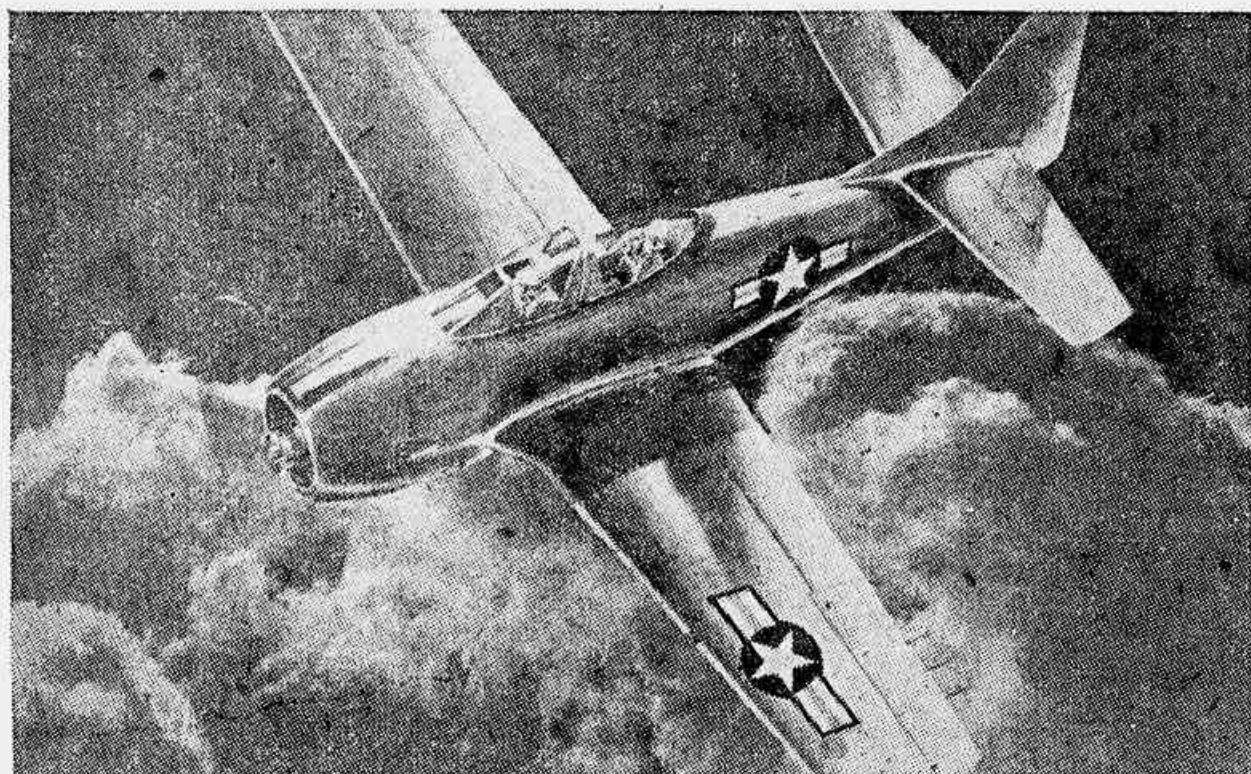


ANDRÉ MAX

DIZ-NOS Robert Armstrong, da USIS, que uma das coisas mais importantes para os primeiros vôos de instrução de um cadete do ar é o aparelho em que ele pratica. Um avião que ofereça segurança e seja de fácil manêjo e, além disso, apresente as feições avançadas das modernas construções aeronáuticas será de grande vantagem para inspirar confiança no jovem piloto que se prepara para dirigir os aparelhos a jato do futuro.

Agora, um novo avião de treinamento das Forças Aéreas dos Estados Unidos, com dois lugares, está sendo construído pela North American Aviation e servirá na preparação de pilotos para os ultra-rápidos aviões a jato. O novo modelo será usado tanto nos vôos primários como nos de instrução básica e será muito parecido com os tipos comuns, exceto no trem de aterrissagem que terá três rodas. É o primeiro modelo de treinamento primário e básico com essa espécie de trem de aterrissagem, nos Estados Unidos. Equipado com um motor Wright R-1300 e com uma força potente de 800 HP, o T-28 pode desenvolver uma velocidade de 366 quilômetros por hora e atingir um teto de 9.500 metros. Um importante detalhe do novo aparelho é sua facilidade de conservação o que reduz as necessidades de pessoal e de tempo para manter o avião em condições de vôo.

Todos esses esforços de inteligência, coragem e técnica dispendidos na aviação militar têm imediatos ou mediatos resultados na aplicação da aeronáutica civil e comercial, pois, grande parte dos progressos nos caminhos do espaço é a resultante das experiências da guerra nos ares.



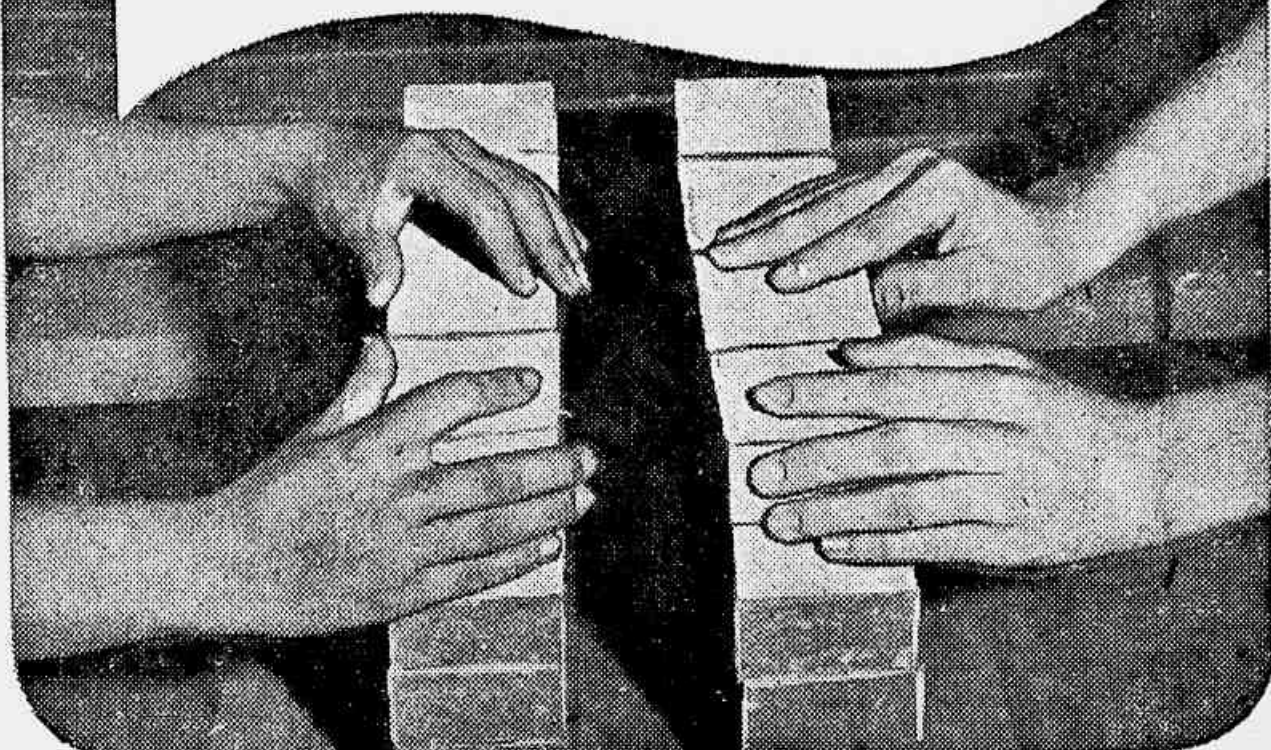
Está é uma concepção do novo T-28, avião de treinamento com dois lugares, que está sendo construído para as Forças Aéreas dos EE. UU. pela North American Aviation

Das dedicações militares nos têm vindo muita coisa útil e até revolucionária. Veja-se aquele caso do Capitão William Odum. Depois que conseguiu sua viagem record de 8 mil quilômetros sem escala, provavelmente devido à refrigeração da gasolina com gelo seco, pôde surgir um movimento no sentido de se comprar gasolina de aviação às libras e não aos galões. Refrigerando sua gasolina nas ilhas de Havai, o Capitão Odum pôde levar doze galões extra em seus tanques. Quando aterrissou em Teterboro (é ainda de uma reportagem de Armstrong), em Nova Jersey, tinha justamente 13 galões de sobra! Sem aqueles doze galões extra seria duvidoso o sucesso na última etapa de seu vôo. Seus amigos são de opinião que, com apenas três galões restantes ainda a cerca de 81 quilômetros de seu objetivo, ele não teria alcançado o ponto desejado.

Muitas empresas de aviação comercial estão agora consultando representantes da indústria do petróleo sobre a possibilidade de negociar a gasolina em libras em vez de galões. Ressalta-se que isso economizaria muito tempo, visto que as cargas de combustível precisam agora ser reduzidas de galões a libras antes da decolagem, quando os tripulantes calculam o peso bruto do avião. Além disso, ter-se-ia maior aproveitamento da carga de combustível independentemente da temperatura. No tempo muito quente, a gasolina, sofrendo expansão, passa a pesar menos. Ao contrário, no frio ela ganha peso. E no peso está o valor da força da gasolina.

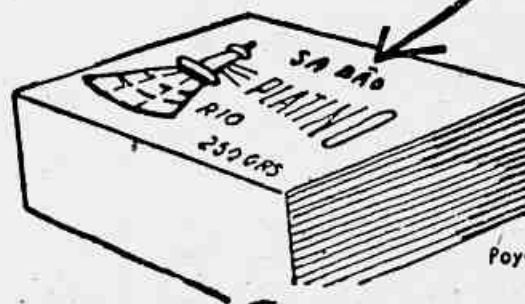
Ao que parece, os testes finais serão feitos brevemente numa reunião de funcionários de empresas de aviação, em Tucson, Arizona. Informantes autorizados dizem que os motoristas de automóveis perdem muitos galões de gasolina nos meses quentes, devido ao fato de que um tanque cheio no verão leva menos gasolina do que no inverno.

Passe em nossa fábrica
das 7 às 16 horas e verifique
com seus próprios olhos



Estas mãos de pele perfeita, sem unheiros e rachaduras encaixotam mensalmente 320 quilômetros de sabão Platino, mais de quatro vezes a distância do Rio a Petrópolis. Com 30 quilômetros de outro sabão comum essas mãos ficariam irreconhecíveis. Isto porque o sabão Platino é o único que possui o "SISTEMA DE ALCALINIDADE COMPENSADA".

Esta é mais uma razão entre muitas para que a senhora ao comprar sabão PLATINO verifique a marca PLATINO estampada assim no tablete



CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUÍMICAS S/A
RUA GUARAPUAVA, 31 - BENFICA - RIO

ORLANDO ANTONIO DE AZEVEDO

COMISSÕES — CONSIGNAÇÕES
REPRESENTAÇÕES — CONTA PRÓPRIA



CIA. GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO
(CIA. VELHA — PÔRTO) — M. SALDANHA & CIA. LTDA.
(LISBOA) — H. M. BORGES, SUCRS. LTDA. (FUNCHAL)
ALBINO FILIPE BARBOSA (PÔRTO)



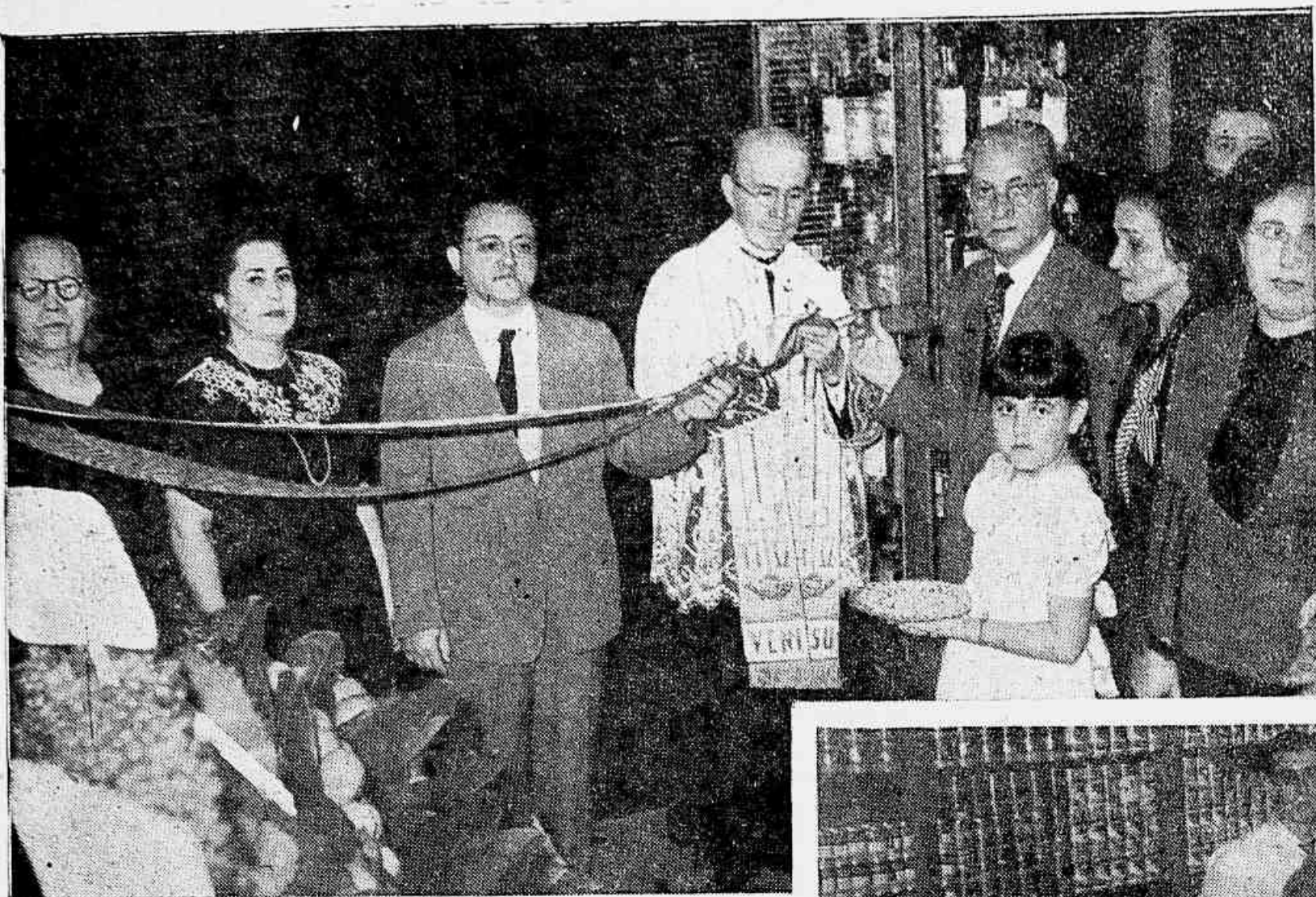
Travessa do Comércio, 26 - 1º and.
(Esq. da Rua do Ouvidor)

Telefone 23-0691
Rio de Janeiro

5 embalagens diferentes e ainda você encontrará nos barbeiros e cabeleireiros de 1a. Ao alcance de todos, BRYLCREEM assenta sem emplatar, dá brilho, torna os cabelos sadios e juvenis, perfuma suavemente; fixa mas permite repenteir.

BRYLCREEM

O mais perfeito fixador do cabelo



Flagrante apanhado na ocasião em que o padre Antonio Pithon cortava a fita simbólica, tendo à sua esquerda o Sr. Augusto Pinho da Silva, e à direita o Sr. Joaquim Valadares, ambos proprietários de "O Ganho Pouco"

Constituiu acontecimento marcante na vida comercial da cidade a inauguração de "O Ganha Pouco, Frutas, Conservas, Ltda.", instalada no Largo da Lapa, 53, cujo lema é o de bem servir à população carioca.

O ato inaugural, que teve lugar no dia 1.º deste mês, às 16,30 horas, reuniu grande número de pessoas de destaque do mundo comercial e industrial desta capital e jornalistas, tendo o padre Antonio Pithon, após a bênção, cortado a fita simbólica juntamente com a Sra. Cléia Pinho da Silva, esposa do Sr. Augusto Pinho da Silva.

Ac Champagne foram os proprietários do novo estabelecimento saudados por um dos representantes da Imprensa presente ao ato, o qual, em curta mas vibrante oração, evidenciou-lhes as qualidades invulgaes de dinamismo, empreendimento, e, sobretudo, honestidade no serviço ao povo.

O estabelecimento recém-inaugurado, de propriedade dos Srs. Joaquim Valadares e Augusto Pinho da Silva, encontra-se mo-

do ao Champagne, a nossa objetiva colheu este flagrante, quando o Padre Antonio Pithon e os Srs. Joaquim Valadares e Augusto Pinho da Silva e os demais presentes trocavam brindes em regozijo ao acontecimento



MODERNIZA-SE O COMÉRCIO DA LAPA

A INAUGURAÇÃO DE "O GANHA POUCO, FRUTAS, CONSERVAS, LTDA."

modernamente instalado, com todos os requisitos higiênicos que lhe recomendam a preferência do povo e dedica-se ao gênero de conservas, frutas, vinhos nacionais e estrangeiros. As instalações de "O Ganha Pouco", verdadeiro trabalho de arte e estética, foram executadas pela firma "Marcenaria e Carpintaria José Rodrigues Lobo", que se acha localizada à rua Senhor dos Passos, 221.

Estão, portanto, de parabéns os cariocas, e muito particularmente os da Lapa, com a inauguração desse estabelecimento, que rivaliza, sem dúvida alguma, com as principais casas do gênero que funcionam atualmente no centro e nos bairros residenciais desta capital.

JOANA D'ARC

(Continuação da pág. 48)

Na casa de Catherine, Joana falou a esta e a Laxart o que as Vozes lhe haviam dito. Não, seus pais não sabiam de nada.

Eles não teriam consentido que ela saísse de casa. — Mas eu tenho que salvar a França... Tenho que ficar aqui até que Monsieur Baudricourt me dê ouvidos.

Catherine le Royer, vendo o ar de desespero de Laxart, disse-lhe: — Não se incomode, que eu me encarrego dela, Durand.

III

Mas as duas semanas que se seguiram foram de inútil ansiedade para Joana. Baudricourt parecia tão inacessível como se ela tivesse ficado em Domremy. Todos os dias ela ia ao castelo, mas as suas portas permaneciam cerradas, intransponíveis.

Então, foi para Joana extraordinária a aparição, em frente da casa de Laxart, de Monsieur Baudricourt, com de Metz e Poulengy e um sacerdote.

Baudricourt falou sem rodeios: — Faz duas semanas — disse ele — quando você veio falar comigo, mencionou uma batalha. Hoje, chegou um correio, com mensagens. De fato, houve uma batalha naquele dia, e grandes perdas para o Delfim. — Os olhos de Monsieur fitaram-na intensamente. — Como soube? — e, voltando-se para o sacerdote: — Padre Fournier, quer interrogá-la? É feiticeira?

Com reverência, Joana caiu de joelhos ante o sacerdote. — Peço a vossa bênção, Padre. Tire de minha alma as tentações, deixe-me somente a fé.

— Ela não é feiticeira, Monsieur — asseverou o sacerdote, gravemente.

Baudricourt observou Joana, de perto. — Ainda quer ir falar com o Delfim?

— Assim meu Senhor me ordenou — replicou Joana. Como se desse seu consentimento a contragosto, Baudricourt indicou os seus lugares-tenentes, De Metz e Poulengy: — Esses cavaleiros me pedem que a mande ao Delfim, como deseja. Acho uma loucura. Mas eles acham que poderá trazer benefícios à França. Não quero criar obstáculos, desde que possa haver uma possibilidade. Eles a acompanharão.

— Quando partimos? — perguntou Poulengy com interesse.

— Será melhor hoje do que amanhã. Amanhã melhor do que depois de amanhã. — Sem receio, Joana foi advertida de que a jornada, em pleno inverno e em território ocupado pelo inimigo, até Chinon, seria árdua. Vendo que seus novos amigos contemplavam seus cabelos longos, disse-lhes: — Cortarei os cabelos, e irei vestida como um homem.

A viagem para Chinon foi uma cavalcada de fé. Joana, com cabelos curtos, vestida de homem e com a espada do próprio Baudricourt na cintura, parecia um guapo rapaz. Ao iniciar a jornada, com a face iluminada de fé, disse: — Hei de ver o Delfim!

IV

Miríades de tochas iluminavam o vasto salão de festas do Delfim, no seu castelo de Chinon, dando encanto aos ornamentos. A um lado do salão, um grupo de acrobatas dava um espetáculo sem graça alguma...

Charles, o Delfim, achava-se sentado numa cadeira alta, em cima de um tablado ricamente adornado. Mas sua aparência pouco ou nada tinha de realza. As dissipações tinham deixado marcas em sua face, jovem ainda. Sua expressão era a de aborrecimento. Um homem, de fisionomia maliciosa e astuta, aproximou-se, e o Delfim logo se tornou interessado. "Trouxe o dinheiro, meu caro Tremouille?", indagou o príncipe.

Em sua maneira de responder, Tremouille foi quase insolente. Não, ele não havia trazido o dinheiro. O Delfim já lhe devia muito, e tinha sido informado de que o príncipe estava planejando fugir para o estrangeiro, e não pagaria o que estivesse devendo.

Charles tinha pedido três mil coroas, em moedas inglesas, mas estava agora disposto a conseguir somente mil coroas.

— "Preciso primeiro da sua assinatura", exigiu Tremouille.

A voz de Charles se elevou um pouco. "Antes de me emprestar dinheiro, ele pede a minha assinatura numa página em branco! E assim vende alguma das minhas propriedades aos burgandis, e depois me empresta o dinheiro!"

— "O bispo de Rheims comentou: 'Talvez ele seja perdoado pelo fato de que Vossa Alteza talvez não suba ao trono. Nesse caso, ele nunca poderá ser pago'."

— "Está também com a idéia de se passar para os ingleses, senhor bispo?", observou Charles, enquanto, hesitante, assinava uma folha de papel em branco para Tremouille.

— "Você também me está saindo mal, Chartier", disse o Delfim a um dos seus cortejãos. "Veja só que divertimento você me arranja — acrobatas!"

— "Vossa Alteza me perdoará, quando vir o número seguinte!", replicou Chartier. Vossa Alteza se recorda da donzela de Lorraine, que Baudricourt recomendou? Pois ela está aqui, agora. Se Vossa Alteza me emprestar o trono por um momento, verá como se diverte!"

Ante a perspectiva de uma diversão, a face de Charles se iluminou. Vendo que o Duque de Alençon entrava, saudou-o, acrescentando: "Bemvindo seja, meu primo. Venha divertir-se conosco!" Mas a bela face do Duque se mantinha grave, enquanto ele olhava à volta. "Alegria! Frivolidade! Dispersão! A algumas léguas daqui, Orleans está em agonia! E ouvi falar que Vossa Alteza planeja abandonar a França! Que nos restará, então?"

— Que significa a França para mim? — retorquiu Charles. Seu tom era de amargura. "Meu pai vendeu os meus direitos por um tratado. Minha mãe diz que sou filho ilegítimo!"

Nesse momento, o cortejão Chartier dirigiu-se aos presentes.

— Agora, Alteza e convidados, vamos a um novo número! Trata-se de uma profetiza, vinda de Lorraine, que promete salvar a França e fazer coroar o Delfim. Sabeis o que vamos fazer?...

Chartier fez uma pausa, para despertar o interesse dos espectadores. E depois explicou que outro membro da corte, o Conde de Clermont, faria as véses do Delfim, e seria mais do que cômico o espetáculo da profetiza prometendo coisas impossíveis a um impostor!

A risada foi geral, quando Clermont, com o barrete real de Charles, subiu ao trono, dizendo peremptoriamente: "Deixai-a entrar!"

As portas se abriram, de par em par, e Joana se deteve no limiar. "Aproximai-vos!", ordenou Clermont, magistrosamente.

Joana contemplou o suposto Delfim, ao chegar junto do trono. O ruído evaporou-se. Clermont disse a Joana:

— Eis-me aqui, esperando pela coroa que me prometestes, Donzela de Lorraine.

Mas Joana voltou-lhe as costas e começou a procurar pela sala o verdadeiro Delfim. Ao passar por Alençon, deteve-se um momento, atraída pela nobreza de sua face. Depois, sem hesitar, foi direita ao lugar onde o Delfim estava. E ajoelhou-se diante dele. "Vossa Alteza

(Continua na pág. 87)

colas, unificou o sistema de pesos e medidas, atraiu caravanas que trocavam em Gao e Tombutu produtos europeus por ouro em pó e escravos. Voltou de Meca com o título de califa do Sudão.

Muitos outros reinos houve na África Negra. Citemos o de Alade, no Daomei, e os reinos bantus de Loango, Manilongo e Anzico. Entre o Zambeze e o Limpopo, prosperou um grande reino negro que deixou em Zimbábue ruínas importantes.

A PARTILHA DA AFRICA NEGRA

Chegaram os europeus, destruíram os reinos negros e partilharam a África Negra. São hoje independentes a Libéria — república negra fundada pelos norte-americanos no século passado — e a Etiópia, que se desvencilhou das garras fascistas. A União Sul-Africana, o mais culto, o mais próspero recanto africano, é um domínio britânico praticamente independente, tendendo a tornar-se uma república, dentro de poucos meses. Dois milhões e duzentos mil brancos dominam nove milhões de negros. As outras terras são colônias inglesas, francesas, portuguesas e espanholas. A Eritréia e a Somália, antigas colônias italianas, não têm ainda destino certo. Talvez a Somália volte à Itália, e a Eritréia seja incorporada à Etiópia.

COLÔNIAS DE EXPLORAÇÃO

Até à segunda Guerra Mundial, os europeus queriam a África Negra, que lhes pertencia, para colônias de exploração. Construíam portos e estradas de ferro e de rodagem. Impunham sobre os pretos um imposto per capita, obrigando-os, assim, a trabalhar por conta própria e em empresas particulares, para que pudessem pagá-lo. Havia uma semi-escravidão, que permitia até uma colônia exportar trabalhadores negros para outras.

Os métodos de lavoura eram, empresas européias à parte, os mais atrasados. Os negros plantavam o milho, o amendoim e o algodão destinados, em grande parte, à exportação. Para a alimentação, além do milho, a mandioca, o arroz, a banana. Grandes empresas cultivavam o cacaueteiro e a cana de açúcar, e exploravam as minas de ouro, cobre, diamantes, etc.

As nossas fotografias mostram os quadros mais comuns da África Negra dos nossos dias. Numa lavoura super-primitiva, uma negra semi-desnuda colhe algodão. O algodão depois de seco é posto em cestos de taquara, cujo transporte é feito por mulheres e crianças inteiramente nuas. As vezes o caminhão ou barco está longe e as

Para qualquer parte do Brasil ser-lhe-á remetido, pelo Correio, este lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes

PERFUMES EXÓTICA



PELO REEMBOLSO POSTAL
Não remetemos por via aérea
Cr\$ 55,00

Sem qualquer outra despesa
Faça seu pedido à

PERFUMARIA EXÓTICA

RUA CAMPOS DA PAZ, 165 — RIO
Enviamos catálogos a quem solicitar



"Absoluta..."

... e confiante em si mesma,

porque ODO-RO-NO detém a transpiração
das axilas durante muito tempo!

Na praia, nas festas ou no trabalho, não
deixe que o desagradável odor das
axilas anule o seu encanto pessoal. Proteja-se
com ODO-RO-NO, cuja acção a manterá tranquila
por três dias. ODO-RO-NO não irrita a pele e não
se resseca no pó. Sua aplicação é muito simples,
prática e rápida. Sob a proteção de
ODO-RO-NO V. será sempre irresistível... "absoluta..."



Protegendo-a, ODO-RO-NO
protege também os seus vesti-
dos, evitando o odor das axilas.



Veja e compare! Cada pote
de ODO-RO-NO contém muito
mais creme que qualquer
outra marca.

A MARCA DE MAIOR
VENDA MUNDIAL

negras semi-escravizadas — as mulas de carga das colônias africanas — percorrem longas distâncias a pé, transportando ao mesmo tempo o filhinho e o algodão. Nos portos, o algodão é beneficiado e embarcado para a Europa, onde vai concorrer com produto de países de padrão de vida muito mais elevado. De maneira semelhante, fazem-se extensas lavouras de amendoim no Senegal, que se tornou um dos grandes produtores de óleo vegetal, de milho e de café, cujas safras têm aumentado nos últimos anos. Exploram-se algumas riquezas minerais, como o cobre, no Congo Belga e na Rodésia; o diamante, na União Sul-Africana, em Angola e noutras colônias; o carvão de pedra, na União Sul-Africana e na Rodésia.

A instrução entre os indígenas é quase nula, pois faltam quase totalmente as escolas primárias e os raros ginásios não se destinam aos pretos.

Aproveitando o braço abundante, baratíssimo, semi-escravizado, os europeus estão iniciando um amplo esforço para o desenvolvimento das riquezas vegetais, animais e minerais da África, agora, porém, utilizando as técnicas e as maquinarias mais modernas e mais eficientes. Um

grande perigo ameaça, assim, as Américas, onde queremos viver sob um padrão de vida muito mais elevado do que o atual. A mecanização de nossa lavoura, um aumento considerável na produção de quilovátios, a nossa rápida e integral industrialização permitir-nos-ão, porém, vencer a concorrência africana e atingir o nosso desejo de uma vida mais feliz num regime de plena democracia.

Publicidade para a REVISTA DA SEMANA

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO
Rua Brigadeiro Tobias, 613, 2.º andar
— Sala 217 — Fone: 6-6718

PARA A PERFEITA Conservação de AUTOMOVEIS



Produtos
No 7

MARCA
DU PONT
REGISTRADA

- 1 PRO-TEK - Creme protetor para as mãos.
- 2 WATERPROOF DRESSING - Para impermeabilizar e conservar tecidos.
- 3 SPEEDY-WAX - Para a limpeza e polimento de carros novos.
- 4 DRY-CLEAN - Para remover manchas de gorduras, óleos, pintura fresca, etc.
- 5 CEMENT - Para colagem rápida e segura de toda a espécie de objetos.
- 6 DUCO-WAX - Para polir e conservar toda a espécie de pintura.
- 7 DUCO-CLEANER - Para limpar e polir pinturas embaçadas pela ação do tempo.
- 8 CHROME-POLISH - Para polir e limpar metais cromados e niquelados.
- 9 COOLING SYSTEM CLEANSER - Detergente para limpar e desobstruir radiadores.
- 10 TOUCH-UP - Tinta preta brilhante para retocar para-lama, carroceria, etc.
- 11 POLISH AND CLEANER - Para limpar e polir pinturas em mau estado de conservação.
- 12 MOTOR-MEND - Para vedar fugas em radiadores, tampas de cilindros, camisas e blocos do motor.

PEÇAM CATALOGOS

DISTRIBUIDORES

MESBLA

A venda nas boas casas do ramo

VISÕES AFRICANAS

(Continuação da pág. 67)

Justiniano, imperador de Bizâncio, criando-se uma administração semelhante à romana.

Em 646, chegaram ao Egito os exércitos árabes. Em 667, estavam na Tripolitânia. Em 705, quase toda a Berbéria lhes pertencia. No século onze, chegaram ondas sucessivas de árabes — mais de um milhão — assegurando o domínio de uma terra que começava a escapar-lhes. Fundaram-se impérios árabes que atingiram elevado grau de civilização. Vieram mais tarde os turcos, substituindo os árabes, no domínio. No século XIX, os europeus partilharam a África Branca. Antes da segunda Grande Guerra o Egito era um protetorado inglês; a Líbia, uma colônia francesa; Marrocos era dominado por franceses e espanhóis, tocando aos primeiros a maior parte.

Hoje, o Egito tornou-se independente. Discute-se a sorte da Líbia. O que parece mais certo é a Cirenaica passar à Grã-Bretanha, numa situação de semi-independência; a Tripolitânia voltar à Itália; o Fez — o interior

da Líbia, onde há alguns oásis perdidos nas solidões do Saara — seria incorporado às colônias francesas.

Na Tunísia, Argélia e Marrocos há agitações e desejos de independência total.

A AFRICA NEGRA — Depois do Saara, mais ou menos ao sul do rio Senegal, começa a África habitada quase exclusivamente por pretos — a África Negra, que os romanos não conheceram e que só nos últimos séculos está sofrendo a ação dos europeus.

Destaca-se aí um país constituído há séculos e que durante séculos tem conseguido manter sua independência, apenas com um interregno de poucos anos. É a Etiópia, região de montanhas íngremes, de planaltos elevados, de rios caudalosos e encachoeirados. De um grande lago — o Tana — sai o Nilo Azul, o principal responsável pelas cheias do Nilo. Outros rios, como o Sobá e o Atbara — atingem o rio Nilo. Para o Oceano Índico, descem o Djuba e o Chebeli; para o Mar Vermelho, o Barca; para o lago Rodolfo, que não tem escoamento, o Omo. Outros perdem-se nos desertos que parcialmente a envolvem. A Etiópia é uma caixa d'água.

O povo etíope é uma amálgama de povos negros e brancos.

Dominada durante alguns poucos anos pelos fascistas, a Etiópia libertou-se e entrou em plena época de prosperidade, graças ao seu nêgu Hailé Selassié, que é um homem culto, viajado, experimentado. Contratou técnicos provenientes de pequenos países e está dando um grande impulso ao progresso do país.

No restante da África Negra, os europeus destruíram impérios negros que prosperaram durante séculos, alguns dos quais atingiram certo grau de civilização.

O Império de Gana deve ter sido fundado no Século IV, nas margens ocidentais do rio Niger. Na cidade real, havia o palácio do rei e alguns edifícios mais importantes construídos de pedras. As habitações eram, porém, em sua maioria, de barro ou de madeira. Em torno, bosques sagrados, as prisões e os túmulos dos soberanos.

Vivia do comércio. Em troca de ouro, recebia das margens do Mediterrâneo, trazidas por caravanas, mercadorias como tecidos, jóias, objetos de cobre, tâmaras e figos. Do Saara, importava a mercadoria mais preciosa — o sal. Os árabes destruíram-no no século XI.

A partir do século XIV, Tombatu, uma dependência do Império Mali, tornou-se um centro intelectual e religioso. Sob Gongo-Mussa (1307-1332) o império alargou-se entre os vales do Faleme e do Bani, os oásis do sul da Argélia e a floresta equatorial. As caravanas traziam-lhe tecidos, sal, objetos de vidro, em troca de ouro em pó. Jurisconsultos e comentadores do Corão foram atraídos do Marrocos e do Egito. Voltando de Meca, onde fôra em peregrinação, Gongo-Mussa entregou a um arquiteto andaluz a tarefa de construir uma mesquita de pedra, com um minarete piramidal, e vários palácios.

No século XV, o Império Mali declinou sob os golpes repetidos dos tuaregues — povos nômades do Saara — dos mossis e sobretudo dos songóis. Os songóis tinham-se convertido ao maometismo e fizeram de Gao, sua capital, uma cidade grande e próspera. Sob o governo de Ali, conquistaram Tombatu e Dienê. No começo do século XVI, Mamadu Turê criou um novo império que se estendia até o baixo Senegal a oeste, o Air e os confins do Bornu a leste, uma parte do Saara ao norte, e ao sul o Segou.

Bom administrador, Mamadu Turê dividiu o seu império — o Império Songói — em quatro vice-reinados e muitas províncias. Criou um sistema regular de impostos; um exército profissional, com tropas destacadas em todo o império, uma polícia e uma flotilha no rio Niger. Procurou canalizar o médio Niger, organizou empresas agrícolas. (Continua na pág. 83)

TRATE CIENTIFICAMENTE OS SEUS CABELOS!

Por que V. S.
deve usar o
OLEO MAC BIR



O OLEO MAC BIR devolve aos cabelos brancos ou grisalhos a sua cor natural, sendo completamente inofensivo. NAO CONTEM ENXOFRE NEM SAIS DE PRATA. Elimina a caspa e detém a queda dos cabelos. Não é tintura. Preço no Rio: Cr\$ 20,00.

A VENDA NAS BOAS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS

Atendemos pelo Reembolso Postal
Um vidro Cr\$ 30,00 — 3 vidros Cr\$ 80,00 — 6 vidros Cr\$ 110,00

Pedidos à
Caixa Postal 4.272 - Rio - D.F.



Oswaldo B. Marchetti (Rio) — Seu conto "A Passionata" foi aprovado. Há um engano de observação. Médico, como outro qualquer diplomado em escola superior, não vai para xadrez comum.

A. M. (?) — Está curtíssima a sua história "Numa noite de São João".

R. S. (S. Paulo) — Seu trabalho "Um momento de amor", para o qual o amigo ainda sugere mais dois nomes, não pôde ser aproveitado. Contém muita coisa estranha, a começar por este trecho: "Isso foi há muito, muito tempo. Há seis meses..." E estude mais nossa ortografia.

H. O. (Rio) — "A Viagem" não pode sair. Escreva contos e não simples relato.

Enoyela (Rio) — Ficou prejudicado o seu "Por que não de mandar vocês?". O enredo dos contos não deve conter episódios vulgares e amorais.

E. Froes (?) — O seu "Reviver" está curtinho.

B. de S. (S. Paulo) — "Retalho do Brasil" não chega a ser um conto. Prestar-se-ia para reportagem se viesse acompanhado de fotos daquelas zonas.

H. A. (Itapetininga, S. Paulo) — Impossível publicar a "Tristeza de Nhá Rita". O estilo roceiro não ajudou nossa boa vontade.

Tancredo F. Pinheiro (Rio) — Vai sair o seu "Obediência".

D. G. (Porto Alegre) — "Uma Maria Diferente", não foi possível.

O. L. S. (Mogi das Cruzes) — Muito curto e escrito dos lados do papel, não pudemos aproveitar "Um lírio antecipado".

Carlos Grillo (Rio) — No momento não há oportunidade.

C. B. P. (Belo Horizonte) — Queira dizer se podemos publicar seu conto "A Surra" com o seu nome real, ou nos mande outro pseudônimo, pois aquele não pode ser.

Yole Marl (Rio) — Muito apreciamos sua carta. De acordo. Pode mandar-nos outro conto, mas não gaste seu talento com excessos líricos, com lugares comuns. Compreenda que, lirismo e romantismo são como o sal no bolo: de mais, aborrece...

José C. Machado (Santos Dumont, Minas) — Não é possível aceitar a seção que nos sugere.

USEM
PAPEL
COUCHÉ
NACIONAL
KLABIN

A VOZ DO OUTRO

(Continuação da pág. 79)

pilhas relativas a seu Good-Hearing, 77.

— Perfeitamente, senhorita, é muita gentileza sua ter vindo ver-me. Desejo, porém, conservar meu aparelho como está e jamais necessitarei substituir minhas baterias.

— Não é possível, minha senhora, as pilhas têm necessidade de serem substituídas. Gastam-se de acordo com o uso pessoal durante o emprego das mesmas.

— Do emprego, dizia-me?

— Sim — repetiu-lhe Maria da Graça. — Durante o emprego das mesmas. Desejava examinar seu aparelho.

— Sinto-o muito, prezada senhorita, mas dele não prescindirei.

— Por um minuto apenas?

— Nem um segundo, senhorita. Seu coração poderá parar.

— Meu coração? — pergunta-lhe, aturdida, Maria da Graça.

— Não, minha filha, o dele.

— Dele? Mas eu me refiro ao seu aparelho, minha senhora. Está me ouvindo? Esse mesmo que está colocado em seu ouvido direito e que lhe transmite minhas palavras através do receptor ósseo.

— Ah! minha filha, ouço-a perfeitamente. Mas espere um pouco, eu lhe explicarei.

— E, levantando-se, fechou cautelosamente a porta. — Ele é meu Cláudio.

— Seu Cláudio? — perguntou-lhe, admiradíssima, Maria da Graça.

— Sim, o aparelho. Então não sabe?

— Não, minha senhora, confesso-lhe que nada entendo.

— Ah! — e desatando num copioso pranto. — Ouço-lhe a voz. A voz de meu saudoso esposo. De meu finado e querido Cláudio. — Soluçando e aproximando-se do ouvido da moça: — A voz... do outro!

Positivamente, pensou consigo Maria da Graça, há um complexo que não está em minhas mãos fazer com que dele ela se livre!

O PROFESSOR DE...

(Continuação da pág. 62)

— Na certa gastaste o dinheiro todo em bebidas — disse a certa altura.

Fagundes não se alterou. Contou-lhe tudo. De agora em diante a vida ia mudar para eles... Seriam felizes... O professor garantira.

A mulher exasperou-se. Não queria saber de filosofia. Dinheiro sim, é que ela precisava. Travou da vassoura e desancou-lhe em cima. O marido não reagiu, preferindo refugiar-se no quarto. Foi uma noite infernal. A esposa não cessou um instante de maldizer a sorte. Começavam mal as lições de virtudes...

Entretanto, Fagundes não se deu por vencido. Compareceu às aulas, regularmente. O professor, como sempre, fazia-lhe longas preleções, citando o magnífico exemplo que ele próprio e a esposa ofereciam. Que não desanimasse pois breve seus esforços seriam coroados de êxito.

— Meu amigo, a mulher é, geralmente, inferior ao homem e sua capacidade de percepção quase nula — dissera certo dia — as palavras perdem-se, na maioria das vezes, no calor da discussão. Escreva os ensinamentos recebidos e deixe-os no quarto de sua mulher. Ela há de interessar-se e irá, então, pedir-lhe explicações...

BOLOS BISCOITOS e MINGAUS de CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito limitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoitos

A MERENDA IDEAL PARA CRIANÇAS

FABRICAÇÃO DO "MOINHO DA LUZ"
Exija pela marca "LUX" nas casas de primeira ordem



Desperte seus atributos femininos usando em seu maquilage social o super-creme "O SEGREDO DA SULTANA", dando à tez um precioso e sedutor aspecto, dissimulando os defeitos e beneficiando a pele.

Líquido, sólido e em bastões para barba



Há ainda para higiene, saúde e beleza da mulher:
Água de Colônia 107
Sabonete 107
Sabão Russo, líquido, vidro de 270 grs.
vidro de 630 grs.
vidro de 1.000 grs.
A VENDA EM TODA PARTE



Laboratório do SABÃO RUSSO

FUNDADO EM 1830

MANOEL LUIZ GARCIA

Rua D. Maria, 107 — RIO DE JANEIRO

Indispensáveis em todos os lares

UMA OFERTA EXCEPCIONAL PELO REEMBOLSO POSTAL

★
MODELO
GILDA



Em couro amarelo e verniz preto —
Saltos 5½ e 3½ — Preço Cr\$ 90,00

As remessas pelo REEMBOLSO são acrescidas das despesas do Correio. Os que enviarem vales postais não pagarão as despesas de porte. Os vales postais devem ser emitidos a favor da **FABRICA DE CALÇADOS NILO LTDA.** — Belo Horizonte, e remetidos à **CAIXA POSTAL 5.273** — Rio de Janeiro.
No Rio: pedidos pelo telefone 38-2375

A ÚLTIMA PALAVRA EM CONFORTO E ELEGÂNCIA

METAIS MADUREIRA LTDA.

METAIS EM GERAL

METAIS NÃO FERROSOS — CANOS DE CHUMBO — BOBINAS DE COBRE — CHAPAS DE COBRE, LATÃO, ZINCO, ALUMÍNIO, ETC.

RUA FIGUEIRA DE MELO, 256-A
São Cristóvão — Fone 48-6344 — Rio



A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ...

NOME Nº
RUA
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

Publicidade para A CENA
MUDA em São Paulo: —
Rua Álvares Penteado, 180,
Sala 502 — Telef.: 3-2649

Falou por duas horas. Fagundes saiu encantado, passando, antes, às mãos do professor mais quinhentos cruzeiros...

— Como não houvera pensado nisto? — monologava o infeliz.

A esposa não o queria ouvir; porém le a obrigaria, com os seus escritos, a estudar e aprender as virtudes...

Foi ao bar do Joaquim. Pediu papel e tinta. Escreveu o resumo das lições, lendo-o cuidadosamente. Entrou sorridente em casa. Deixou o papel sobre o encadernador de Marta e saiu novamente.

Vagou pela cidade. Cerca das vinte e duas horas, regressou. As luzes estavam apagadas. Reinava completo silêncio.

"Creio que as lições já começaram a surtir efeito", pensou Fagundes. Foi entrando mansa e temerosamente. Ainda bem não dera dez passos e caiu-lhe em cima verdadeira chuva de vassouradas e imprecações.

A mulher verberava-lhe o procedimento: "Um desavergonhado, sem brio é que éle era. Melhor que procurasse dar-lhe mais conforto ao invés de gastar o dinheiro com bobagens... Queria filosofia? Pois bem, aquela era a sua metafísica: a vassoura."

O pobre homem saiu às tontas. Correu à casa do professor. Chegou arquejante. Entrou sem bater, apesar do adiantado da hora, sem reparar na estranheza do fato de encontrar a porta aberta. Havia ruído no "consultório": espécie de gemidos e lamentos. Torceu a maçaneta e olhou para o interior...

Fagundes viu, então, que o seu mal não tinha remédio: Jorge Papoulas, o professor de virtudes, o homem que vivia exemplarmente com a esposa, o sintetizador das teorias filosóficas, havia derrubado a mulher, e iracundo, tendo nos olhos de suíno uma expressão de maldade e nas mãos um grosso cinto, batia-lhe, sem dó nem piedade, na carne já lacerada, enquanto a pobre gemia, implorando compaixão!

DEDOS QUEIMADOS

(Continuação da pág. 13)

ter feito das suas e oferecido sua própria vida como reparação do erro. Não quero que me fale em nada do que fez anteriormente. Porém quero que me ouça, pois que sei que Jim é um homem que está agindo honestamente, e que vai formar comigo um casamento legal, com dignidade e será abençoado por Deus. Estou certa de que ele deve saber do que se passou comigo. Talvez não queira; mas eu devo confessar, para que não venha a saber pela boca dos estranhos. Não quero manter receios em meu coração. Não devo permitir que ele saiba por intermédio de outras pessoas. E se Jim vier a saber de tudo antes de eu revelar-lhe? Talvez seja provável que, até agora, só eu e Sid saibamos desse segredo. É possível mesmo que Sid o tenha esquecido. Talvez Sid nem se interesse em recordar o fato como estou a fazer. Se assim fosse, poderia manter-me também em silêncio. Porém, ali havia elevadores, cabineiros, garçons e, além disso eu confessei tudo ao pai de Eugene, antes de este bom amigo morrer, pois precisava que compreendesse minha situação.

Jennifer se deteve em meio às suas murmurações íntimas e parou na caminhada.

Depois falou emocionada, para si mesma: — Meu Deus! Antes nunca houvesse sucedido nada! Nunca tais coisas houvessem sucedido!

As vezes, entretanto, ela se libertava daquele pensamento aflitivo e torturante e passava a julgar-se feliz. Porém, isso durava pouco e o tal pensamento retornava a martilizá-la.

Ela então se imaginava através dos anos a fora como a esposa de um médico. Seu esposo a crescer de reputação na sociedade, seu afeto a ela, à família, confiando-lhe toda a sua vida e encontrando nela um amparo nos dias de fadiga e de cansaço, os filhos a brincar em casa, gozando ela do bom nome dos Lippincotts.

Viu-se em companhia do esposo e dos parentes a passar férias naquela região dos lagos. Tudo em derredor parecia então feliz, e Jennifer sentia-se orgulhosa de si mesma, do esposo, dos filhos e da família a que se juntara naquele casamento venturoso.

Mas Jennifer voltando a si verificou que tudo aquilo não passava de divagações. Jim estava a três mil milhas de distância e ainda faltava muito para o casamento.

— Oh! Pelo amor de Deus! — resmungou, como se acordasse de um sonho — vamos parar com isto... Mas, quando ele voltar, eu hei de contar-lhe tudo e verei como vai ouvir-me. Devo dizer-lhe a verdade.

E decidida a encarar a vida com firmeza e dignidade, entrou na loja para mais um dia de trabalho.

(Continua)

CRUCIFICADA

(Continuação da pág. 24)

reira, se tenho que tremer ao escolher uma casa, se tenho de tremer diante de meus filhos...

Já fazia três meses que eu era noiva de Jorge. Estávamos na primavera e um suave calor parecia que se filtrava em minhas veias.

— Não imagina, Jorge, como me dói ouvir-lhe dizer isso. Amo-o sempre, enfermo ou de boa saúde. Creio que é um mal que deve ter remédio e...

A chegada de seu irmão nos interrompeu.

— Agora, senhorita Bruno, recuperará sua sensatez. Não julgue que me escaparam as relações entre vocês. Deve a senhorita estar convencida de legitimidade de meus motivos. E você, Jorge, precisa descansar. Os mimos ridículos não devem melhorar a situação, pois bem sabemos que o seu mal é incurável. Para que enganar? Desiluda a senhorita Bruno. Seu caso não requer enfermeiras sentimentais.

Jorge voltava a tremer novamente e sua testa começava a cobrir-se de suor.

— Vê? Retorna o acesso. Melhor será que me retire e que você, senhorita Bruno não se demore. Até logo!

Meu chefe saiu. Voltamos a ficar sós. Quando o segundo acesso passou, algo estranho começou a surgir em mim. Era como um oceano que nos envolvia e eu sentia desejos de mostrar-lhe todo o meu sincero amor, toda a minha ternura.

Houve um momento em que quis voltar à razão, fitando-nos profundamente, porém o nosso impulso era mais forte e,

(Continua na pág. 90)

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante **VINHO CHICO MINEIRO**, que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA
E PERSONALIDADE, USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use **LEITE DE ARROZ** pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio **LEITE DE ARROZ**. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, pontos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGREDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E

CABELOS BRANCOS
ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERA

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 26-2.
S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

PRODUTOS SUÊCOS

DE ALTA QUALIDADE

FAMOSOS EM TODO O MUNDO

exijam estas marcas

A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO



JOANA D'ARC

(Continuação da pág. 82)

é que eu procuro. E' a vontade de Deus que eu ajude Vossa Alteza a se coroar Rei da França".

O silêncio era, então, absoluto. Charles estava assombrado.

— Como... como soube que era eu o Delfim?

— Só poderel dizer quando estivermos sós — respondeu Joana.

Impressionado, Charles, dirigiu-se a Tremouille e ao Bispo de Rheims. — Quem pensais?

— A rapariga é perigosa! — exclamou Tremouille, duramente. — Alguém está dizendo como deve ela fazer as coisas.

O bispo de Rheims enrugou o cenho. Sou capaz de jurar que é enviada dos nossos inimigos!

— Alteza — disse Joana, com voz impressionante, eu vos asseguro que a guerra mudará de feição, daqui em diante, vossa vida também mudará.

Alencon pronunciou-se, com energia. — Dai-lhe atenção, Alteza!

Joana olhou para Alencon, agradecida. — Por um momento, pensei que éreis o Delfim.

— Sou o Duque de Alencon, primo do Delfim.

— Alegro-me de que estejais aqui, bom Duque — disse Joana, — porque quanto mais sangue nobre tivermos, mais forte será a nossa causa!

Tremouille interveio outra vez. Não vos fiéis dela, Alteza!

— Estou procurando não confiar nela, replicou Charles, vagarosamente. Mas quando a contemplo nos olhos, vejo que diz a verdade!

— Alteza — interpôs Joana — se vos disser coisas que só vós e Deus sabeis, acreditareis em mim?

Por um longo momento, o Delfim não disse nada. Enfim, decidiu-se: — Venha comigo, Joana.

v

O que quer que Joana lhe revelou a sós, na capela para onde foram, Charles nunca divulgou. Mas a notícia de que ela havia miraculosamente reconhecido o Delfim, e que o Delfim tinha decidido aceitar o seu auxílio tinha pôsto novas esperanças no coração do povo. Dinheiro, que dantes era impossível conseguir, começou a encher as arcas do Delfim, para financiar a guerra, e os voluntários começaram a se apresentar, emgrossando o exército precário de Charles.

Apesar disso, e dos rogos de Alencon, Charles não se decidiu a dar ordem de ataque a Orleans. O Delfim esperou que Joana fôsse examinada por inúmeros altos dignatários da Igreja, que a acharam de coração puro e cheio de fé. Mas Carlos vacilava entre Joana e as insinuações de Tremouille, e ao ser solicitado por Joana, para que desse a ordem, o Delfim replicou que sempre havia tempo.

— Não! Não há tempo, meu Príncipe! Já vos disse que durarei apenas um ano, ou pouco mais! Vamos! A Orleans!

Outra vez, o Delfim vacilava. Não me peça coisas dêsse jaez. Não me peça para conduzir um exército!

Tremouille motejava Joana. Se a vontade de Deus é que você salve Orleans, para que quer um exército?

— Os soldados lutarão — respondeu Joana — e a vitória será deles. E voltando-se para o Delfim: Oh, meu Príncipe, não tenhais dúvidas! Marchemos para Orleans!

O Delfim, subjugado pela fé que transparecia na voz de Joana, deu então a ordem: Pois bem. A Orleans!

vi

Em sua brilhante armadura branca, montado um magnífico cavalo negro, que lhe dera o Duque de Alencon, e empunhando um pavilhão em que estava bordada a ouro a inscrição Jesus Maria, Joana D'Arc galopou à frente das tropas do Delfim, de Chinon para a frente de luta. Foi também à frente das tropas exultantes que Joana D'Arc voltou para Rheims, para assistir à coroação de Charles. A grande batalha, em que Orleans foi libertada, tinha sido uma coisa horrorosa para Joana, mas, mesmo quando foi ferida, ela ficou com as tropas, incentivando-as com sua fé invencível.

Em Rheims, Joana escreveu uma carta, ou, melhor, ditou-a, ao Duque de Burgandy, implorando-lhe que fosse assistir à coroação de Charles, como prova de amizade e paz futura, bem como demonstração de seu desligamento dos ingleses... A carta foi assunto de uma séria discussão entre o Duque de Burgandy, o Duque de Bedford, inglês, o Bispo de Beauvais, Pierre Cauchon, e João de Luxemburgo. Bedford exclamou: "A poderosa Inglaterra e o Ducado de Burgandy derrotados por uma simples campônia!"

Cauchon cerrou o cenho. "Se ela decidir avançar contra Paris, como certamente fará, Paris estará perdida. Philip, Duque de Burgandy, contemplou abstratamente a missiva. — E' um grande momento para a história de Burgandy. E da Inglaterra.

A face do bispo escureceu. E da Igreja também. Em minha opinião, essa camponesa não passa de uma hereje.

— Compreendo o seu rancor — Disse Luxemburgo, friamente. Se essa Donzela de Lorraine me expulsasse do meu castelo, eu teria outros nomes com que chamá-la, ademais de "hereje".

— Ela vai cometer o seu primeiro engano, comentou Bedford. Amanhã, ela fará com que Charles seja coroado. Mas ele é um idiota, um louco! já transigiu antes,

conosco, por dinheiro. E, depois de uma pausa. "Ele poderá se vender, outra vez".

— Seríeis capaz de lhe oferecer dinheiro? — indagou o Duque de Burgandy.

— Eu, não, retrucou Bedford. Vós, para uma trégua. E, como Luxemburgo observasse que a França estava ganhando pela primeira vez, desde há um século, e que Charles não se venderia por uma trégua, Bedford acrescentou: "Mostrai-lhe ouro, e vereis. Além disso, lá está Tremouille, que é capaz de vender tudo. O duque levantou-se. Desde que essa é a nossa única oportunidade, vamos pôr mãos à obra. Mandemos um mensageiro a Rheims. E se conseguirmos a trégua, poderemos fortificar Paris.

(Continua na pág. 92)



A SAUDE DA MULHER

QUANTAS vezes um sorriso feminino se transforma num rictus de dor! O doloroso soffrimento, resultante do funcionamento irregular do organismo, e que tanta belleza e mocidade rouba á mulher, desaparece, no entretanto, com o uso de A SAUDE DA MULHER. A SAUDE DA MULHER é o remedio que traz no nome o resumo de suas virtudes.

CONFEITARIA COLOMBO

FILIAL DE COPACABANA

SERVIÇO IMPECAVEL DE
ALMOÇOS, LANCHES E JANTARES
O MESMO ESMERO E OS MESMOS PREÇOS
BAZOAVEIS DA CASA MATRIZ

ARMAZÉM DE COMESTIVEIS
E BEBIDAS FINAS

AV. COPACABANA, 890, esqu. Rua Barão de Ipanema



COTTO BLANC

UM BRANCO ALVO
PARA SAPATOS!

Aplicação fácil e econômica.
Secagem rápida. 2 tamanhos

Um produto
COTOMAR

Seção de Vendas:

Av. Venezuela, 27 - S. 303 - Rio - Tel. 23-1093

UMA COMPANHIA BRASILEIRA CONQUISTA A SUPREMACIA MUNDIAL! SULACAP EM 1948

Pagamentos aos portadores de títulos, por
Sorteios, Resgates e Distribuição de Lucros

em 1948	desde 1929
143.901.368,70	714.999.279,30
Distribuição de Lucros aos Portadores de Títulos	
em 1948	desde 1939
11.550.985,00	70.278.309,40

Reservas Matemáticas até 31 de dezembro de 1948

1.076.102.712,40

ATIVO

Em 1948 — Cr\$ 1.145.741.783,20

A SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO S/A

Recomenda ao público seus novos títulos de economia
PERÍODO MÁXIMO DE PAGAMENTO: 16 ANOS

Sede social — Rua da Alfândega, 41
RIO DE JANEIRO

DR. MOISÉS FISCH

ESPECIALISTA — Vias urinárias — Doenças de senhores — Distúrbios sexuais — Esteri-
lidade — Ondas curtas — Cirurgia. — Assembléia, 98, 7º andar. S. 73-74 — Diariamente
das 10 às 13 e das 15 às 18 horas — Telefone 22-1549

BANCO DO BRASIL S.A.

1808-1949

Sede — Rua 1º de Março nº 66, Rio de Janeiro (DF)

TAXAS DE DEPOSITOS

Depósitos sem limite	2% a.a.
Depósitos populares	
Limite de Cr\$ 10.000,00	4½% "
Depósitos limitados	
Limite de Cr\$ 50.000,00	4% "
Limite de Cr\$ 100.000,00	3% "
Depósitos a prazo fixo:	
Por 6 meses	4% "
Por 12 meses	5% "
Com retirada mensal de juros:	
Por 6 meses	3½% "
Por 12 meses	4½% "
Depósitos de aviso prévio:	
30 dias	3½% "
60 dias	4% "
90 dias	4½% "
Letras a prêmio (selo proporcional)	
Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.	

O Banco faz todas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc., e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, na Rua 1º de Março nº 66, mais as seguintes:
Bandeira, Rua Mariz e Barros nº 44; Botafogo, Rua Voluntários da Pátria nº 449;
Campo Grande, Rua Campo Grande nº 100; Copacabana, Avenida Nossa Senhora de Copacabana nº 1.292; Glória, Rua do Catete nº 238-A; Madureira, Rua Carvalho de Souza nº 299; Méier, Avenida Amaro Cavalcanti nº 95; Ramos, Rua Leopoldina de Souza nº 78; São Cristóvão, Rua Figueira de Melo nº 360 (esquina da Rua S. Cristóvão); Saúde, Rua do Livramento nº 63; Tijuca, Rua General Roça nº 661; Tiradentes, Rua Visconde do Rio Branco nº 52.
Além das operações normais, a Agência Metropolitana da Glória está habilitada a receber depósitos fora das horas de expediente, quer durante o dia, quer à noite, utilizando-se do Receptor Automático instalado na referida Agência. E a Metropolitana de Copacabana oferece, mediante módico aluguel mensal, cofres de vários tipos para guarda de valores (títulos, jóias, etc.) em casa forte dotada de moderno equipamento.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

EDITORA PAULO DE AZEVEDO, LTDA.

LIVREIROS E EDITORES

Artigos de Papelaria e Material Escolar

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

292, Rua Libero Badaró

BELO HORIZONTE

Rua Rio de Janeiro, 655

JOANA D'ARC

(Continuação da pág. 92)

Cauchon observou, passando por Joana: — Esteja preparada, amanhã cedo. Iremos vê-la na prisão.

O Conde de Warwick, inglês, aproximou-se de Cauchon. — Deixaste que ela escapasse! — exclamou, colérico. — Recuso-me a aceitar o veredito!

— Não se preocupe, meu Lord — replicou o Bispo de Beauvais, brandamente. — Nós ainda a apanharemos.

X

Joana estava morta de sono. Mas na manhã seguinte ela ainda estava desperta, de joelhos, orando. Seus guardas eram os mesmos — e lá tinham ficado, apesar das promessas de que seriam retirados, para que pudesse mudar as roupas. Mas o vestido que lhe deram estava intacto, dobrado sobre o catre.

— Senhor meu Deus, foi erro o que fiz, para salvar a França?

Tapou o rosto com as mãos. — Como poderei esperar que me respondas, se te neguei em público?

Subitamente, porém, Joana ergueu a cabeça, a face iluminada: — Falaste-me uma vez mais! Então não te ofendi?

Por um momento, a Donzela ouvia, intensamente. — Tratarei de ser fiel a ti, meu Senhor! Serei firme, porque a minha vitória está nos céus.

Foi o padre Messieu o primeiro a chegar. Ficou horrorizado ao ver que Joana não havia mudado de roupas, como devia ter feito.

— Não mudou de roupas, Joana?

— Os guardas estiveram aqui a noite toda — disse ela.

Tinha sido aquele o plano de Cauchon, contando com o pudor da jovem. Padre Messieu mandou que os guardas se reti-

rassem, imediatamente, e suplicou a Joana que se vestisse com a roupa que devia pôr, antes que Cauchon e os outros chegassem. Não havia perdão para os herejes que, tendo se arrependido, tornavam a cair em falta. — Não foi direito o que fizeram, deixar os guardas aqui... — Ouviram-se então passos no corredor. — Já é tarde. Ai vêm eles — acrescentou, desesperado.

— Como eu esperava! — declarou Cauchon, triunfante. — Não cumpriu o que prometeu. — Ignorando a observação de Padre Messieu, sobre a presença dos guardas, Cauchon disse: — Ela está vestida de homem, e quebrou a sua promessa de abjurar.

Quando o Inquisidor, falando particularmente com Cauchon, advertiu ao Bispo que se Joana morresse ela se tornaria um símbolo e que a Inglaterra perderia a França para sempre, Cauchon decidiu permitir que a Donzela se vestisse de mulher, finalmente.

Mas Joana falou com serenidade, já com sua perturbada consciência apaziguada: — Ouvi as Vozes outra vez. Não porei estas roupas. Creio nas Vozes, mesmo que isso seja a minha morte.

O olhar de Joana, ao dizer tais coisas, era algo sobre-humano. Foi o mesmo olhar com que subiu à fogueira, murmurando aos seus carrascos: — Eu o faria novamente. Seguiria a minha fé novamente até a fogueira.

A lenha começou a arder. Pouco a pouco as chamas foram crescendo, e Joana desapareceu sob um véu trêmulo de fumo. Do meio das flamas, a voz de Joana clamava por Jesus, por quem estava dando a vida.

Outra voz se fez ouvir também, como um eco — a do carrasco, que, abraçado aos joelhos de Padre Messieu, soluçava: — "Dai-me a vossa bênção, Padre, que estou queimando uma santa!"

BILHETES DO MEIO DO MUNDO

(Continuação da pág. 80)

O trabalho consiste, em linhas gerais, na remoção do entulho de cinzas que cobre a velha cidade, pois ao passo que outras foram completamente destruídas pela lava demolidora e implacável, Pompéia foi simplesmente soterrada pelas cinzas. Durante os três dias de erupção muitos habitantes conseguiram salvar suas vidas pelo mar, que fica a um quilômetro de distância, tomando os barcos que Plínio trouxe e em socorro das vítimas da erupção.

Plínio, felizmente, estava com sua frota nas vizinhanças de Nápoles e quando observou a catástrofe rumou para aqueles lados e ali morreu asfixiado pelos gases, quando em serviço de salvamento.

Um irmão de Plínio foi quem escreveu contando os acontecimentos, pois, como se sabe, além de Pompéia e Herculano, houve mais vítimas da fúria do Vesúvio.

Desde aqueles dias até 1944 o Vesúvio teve 57 erupções. Chegou a passar 300 anos quietinho, sem incomodar pessoa alguma, mas já aconteceu em menos de 10 anos fumar duas vezes. A palavra fumar é dada pelos napolitanos às erupções do vulcão.

Pompéia recebeu uma camada de cinza de mais de um centímetro de espessura, na última das fumaradas em 1944. Quando terminarem o serviço de desentulho total, sem dúvida os curadores de Pompéia farão instalações de serviço de aspiradores de pó pela cidade para evitar acumulação de cinzas das novas erupções.

Um tesouro de tal importância merece o maior carinho por parte dos que aqui vivem, pois Pompéia será sempre uma das sete maravilhas do Universo.

Essa grandiosa obra é tanto dos italianos quanto de todos nós.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

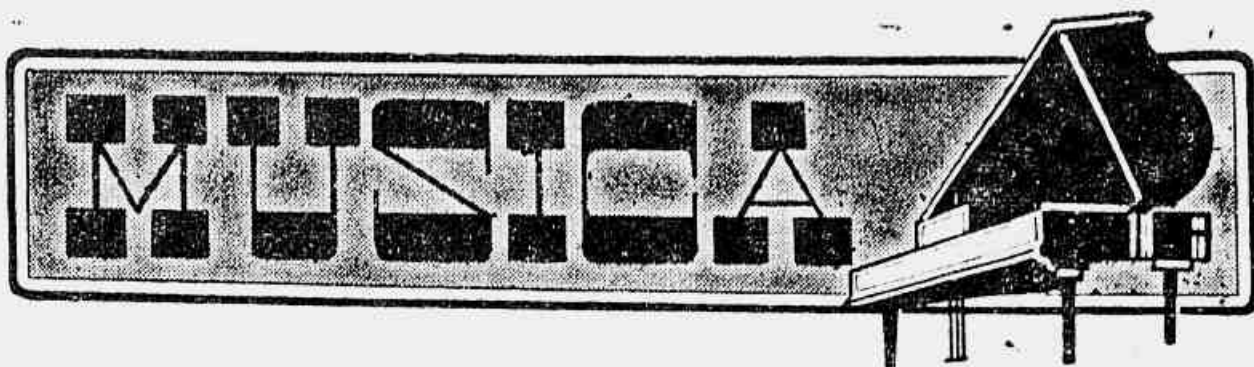
2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a REVISTA DA SEMANA.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



EXPOSIÇÃO DE MÚSICA ERUDITA E FOLCLÓRICA ★ BALLET GRETE WIESENTHAL ★ AINDA CHOPIN

De ROBERTO LYRA FILHO ★

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Visitando a exposição de música erudita e folclórica, promovida pela Escola Nacional de Música, por sugestão da diretora daquele estabelecimento, lembrei-me das palavras de Adolfo Salazar O pintor, observa ele, comunica a sua visão artística concretizando-a na tela. O escultor exprime a sua concepção, fixando-a na estátua. Mas o compositor, depois de captar, na pauta, o resultado da inspiração, ainda fica à mercê do intérprete, que comunicará ao público a sua obra.

Por isso, a meu ver, o aspecto mais importante da realização da Escola Nacional de Música é a oportunidade oferecida a artistas nacionais que, assim, puderam promover audições de sua música, em combinação com os diretores da exposição.

PROFESSOR ANTENOR COSTA

Médico e jurista, o prof. Antenor Costa, catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Direito de Niterói, catedrático de Higiene do Instituto de Educação e ex-Diretor do Instituto Médico Legal encontrou na música não somente um passatempo, mas, verdadeiramente, um campo novo, no qual pôde dar expressão sugestiva à sua sensibilidade e ao seu talento. Basta ler o programa do concerto, que ofereceu, para se calcular a variedade de sua produção musical. Dividiu-o o compositor em duas partes: trechos característicos (Canto de Natal; Canto de Caça; Canção do Marinheiro; Cantiga da Roça; Dança da Roça; Canto Elegíaco; Canção Pastoral) e Gavota, Minueto, Romance e Tarantela.

Na música, o prof. Antenor Costa encontrou repouso e refúgio para a imaginação desligada das exigências de serena e imparcial objetividade da obra científica, criando música, no jogo livre da fantasia, de acordo com o impulso da inspiração.

LAURA DE FIGUEIREDO

Laura de Figueiredo também organizou um concerto de obras suas, programado em combinação com a exposição de Música Erudita e Folclórica. Aproveitou a oportunidade para comentar o poema coreográfico dessa compositora, que me foi gentilmente enviado. Estudando as lendas amazônicas, os costumes dos índios, recorrendo a grande número de autoridades no assunto, Laura de Figueiredo conseguiu dar ao seu trabalho uma exatidão e uma autenticidade, atestadas pelas constantes remissões às fontes onde encontrou as informações de que se valeu. Essa preocupação, entretanto não prejudicou a estilização artística do assunto, que revela fina sensibilidade. O arrôjo da concepção e o vigor dramático do poema prendem o interesse. Infelizmente desconhecendo a música, a impressão não pode ser completa. De qualquer forma, porém, trata-se de uma realização digna de especial louvor.

GRETE WIESENTHAL

O Ballet Grete Wiesenenthal estreou apresentando um programa dedicado ao cinquentenário da morte de Johann Strauss. A obra deste popularíssimo compositor constitui a especialidade do conjunto. E' interpretando as valsas de Strauss que ele nos deixa uma impressão de leveza e equilíbrio. Vindo logo depois do Ballet des Champs Elysées, o grupo Grete Wiesenenthal, contudo, se situa num gênero completamente diferente. Gênero ligeiro, agradável, despretensioso. O ritmo, a melodia fácil, a dança harmônica, o entusiasmo e a vivacidade das cinco bailarinas agradam bastante. A delicada pureza da música de Mozart não é o veículo ideal para o conjunto. Uma Pequena Música Noturna revela que os recursos principais das cinco intérpretes encontram aplicação mais proveitosa na dança exuberante e viva do que na simplicidade clássica do Mozart, que exige um outro estilo de coreografia. Mas nas Rosas de Sul, de Strauss, como em Sangue Vienense, Juventude Transbordante, Vinho, Mulheres e Canto, do mesmo compositor, o conjunto desenvolve todo o encanto e graça de suas criações. Da mesma forma, na Dança do Lagar, de Salmhofer.

O acompanhamento, ao piano, é de Martha Wiesenenthal.

AINDA CHOPIN

Tendo iniciado a série de concertos dedicados a Chopin com um recital de Magdalena Tagliaferro, a temporada oficial prosseguirá, apresentando outros pianistas, em homenagem à memória do grande músico polonês. Entre estes figura Witold Malcuzynsky, que o público carioca conhece bem, pois já esteve no Brasil, tendo obtido, não faz muito tempo, um grande sucesso, com a O.S.B., justamente ao interpretar um dos belos concertos para piano e orquestra de Chopin.

Cláudio Arrau, que passou pelo Rio, rapidamente, deu dois recitais nos quais revelou que a sua conhecida virtuosidade, valorizada pelo desenvolvimento da sua sensibilidade artística, permite-lhe oferecer interpretações seguras, demonstrando um talento amadurecido.

E Cláudio Arrau não deixou de incluir em seus recitais alguma coisa do compositor, cujo centenário será comemorado este ano, em renovada consagração à sua obra genial.



O pianista Witold Malcuzynsky, que virá ainda este ano, oferecendo vários concertos dedicados à obra de Chopin

ZEFERINA

A POPULARÍSSIMA

envia para todos os cantos do Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL, CALÇADOS GARANTIDOS, ANATÔMICOS E ELEGANTES DE SUA EXCLUSIVIDADE, POR PREÇOS ÍNFIMOS

ZEFERINA

AVENIDA AMAZONAS, 753
Fone: 2-3851 - Belo Horizonte

Modelo BALLET-ZEFERINA

A prova de grande durabilidade. Solado chispa de fogo,

borracha

leve maleabilíssima.

Vaqueta

marrom e

havana

De ns. 33 a

38 - Preço:

Cr\$ 129,00



Modelo WINDSOR

Distinção, nobreza e durabilidade. Fivela níquelada. Elegante Anabela de borracha. De ns. 33 a 44. Preço: Cr\$ 145,00

Modelo ANABELA

Garantia absoluta.

Vaquilhona, havaia

e marrom, solado de

borracha. De ns. 36

a 44. Preço de aba-

far: Cr\$ 129,00



Modelo NORMANDO

Impecável

vira fran-

cesa. Todo

feito à

mão, extra

leve, forma

anatômica.

salto de

borracha.

Preto e marrom. De

ns. 36 a 44. Preço:

Cr\$ 165,00



Modelo CASTELO

Ótimo para homens elegantes. Inteiro de sola de

borracha, fivela níquelada.



De ns. 36 a 44

Preço: Cr\$ 129,00

Modelo SIDNEY

Um calçado para todas as horas. Um calçado que todos que-

rem. In-

teiriço e

fortíssi-

ns. 36 a

44. Preço:

Cr\$ 100,00



E VAREJO
ATACADO

Compre pelo REEMBOLSO POSTAL na

ZEFERINA

"A POPULARÍSSIMA"

ACREDITAMOS REVENDEDORES

O nome "ZEFERINA" é uma garantia

Av. Amazonas, 753 - Belo Horizonte



resfriado...



Instantina



Se o resfriado
é a sua doença
INSTANTINA
é o seu remédio

Instantina

Corta os resfriados
e alivia as dores



Se o BAYER é bom

Industria-Comercial - S



O grande restaurador dos organismos DEBILITADOS, CLORÓTICOS, ANÊMICOS, DESNUTRIDOS. Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA

GRANADO

Preparado com hemoglobina pura retirada do SANGUE DE BOVINOS.

ANGELO SANTUCCI

TINTAS PARA IMPRESSÃO

DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO DAS TINTAS DA

SUN. CHEMICAL CORPORATION — NEW YORK

RUA DO SENADO, 10 — Tel. 22-4869

SOCIEDADE ANÔNIMA

MARVIN

Fundição e laminação de metais e depósitos de ferro, aço e metais — Fábricas de pregos, parafusos, porcas, dobradiças, fios, cabos de aço e de cobre, tachas, rebites e arestas de ferro, cobre e latão — Canos de chumbo e chumbo em lençol, fita e fios COBRE E LATÃO EM LINGOTES, VERGALHÕES, ARAMES, CHAPAS E TIRAS

Fone 30-3800

End. telegráfico MARVIN — Rio Avenida dos Democráticos, 207 RIO DE JANEIRO



VARIZES E HEMORRÓIDAS

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO



42-R. CARIÓCA, 42-Rio de Janeiro Tel. 22-1745

PERRONI, LIMA & CIA.

Publicidade para a Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS

GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613 2º andar — Sala 217

CRUCIFICADA

(Continuação da pág. 86)

dentro em breve estávamos levados a estado de inefável repouso. Acariciei-o e ficamos quietos, os dois, em meio do mais profundo silêncio.

Ele declarou que se sentia bem. Parecia que estava curado, ou em véspera disso. Jorge também estava sedento de amor, dos afagos de quem o amasse com fervor como eu o amava. E me abraçou quase a chorar:

— Oh! Leonor... minha Leonor adorada!

Seus beijos, seus abraços me pareciam sobrenaturais. Eu me sentia num paraíso. Eu era amada por ele. E coisa estranha: — naquele momento eu muito me recordei de minha mãe. Porque a havia odiado tão irrazoavelmente durante tanto tempo? Por que havia procedido como eu mesma o fiz aquela noite. A diferença era que o seu pecado havia sido pago com a morte, e quanto ao meu... O meu não era pecado. Eu havia devolvido a esperança a um homem. Seguramente, nada poderia sofrer por isso.

No dia seguinte vi que começavam os meus sofrimentos quando Humberto Vinhel me mostrou um jornal que trazia a notícia da candidatura de Jorge para deputado por sua cidade natal.

— Faz tempo que comecei a investigar sua vida, senhorita Bruno. Não é você a mulher que convém a um político. Sua origem é algo turbada. Espero que não queira arruinar o futuro de Jorge.

Inclinei a cabeça sem responder. Ardia em meus olhos as lágrimas contidas até ao momento em que falei com Jorge a um chamado seu, convidando-me para jantarmos juntos. Depois, me disse:

— É hora de nos separarmos.

E assim o fiz, com o coração dilacerado, como sucedera com minha mãe, vinte e três anos antes...

O melhor lugar para ficar, era mesmo a minha cidade natal. E aí me conservei. Despedi-me do meu antigo chefe e procurei trabalho em um bairro distante.

No começo me inquietei muito; mas, quando, um mês depois, soube que ia ser mãe comecei a aceitar o inevitável. Cada dia que se passava, mais minha vida coplava a de minha desventurada mãe, aquela a quem odiava sem tê-la conhecido. Só uma coisa teria que ser diferente: — eu não devia morrer. Não morreria para não deixar que meu filho se criasse com ódio como sucedera comigo. Passaram-se penosos meses de trabalho e solidão. Em meados de setembro tive que renunciar a meu trabalho. Com sacrifício paguei antecipadamente ao médico e à maternidade, temendo que chegasse o dia de dar ao mundo um filho e não tivesse dinheiro para satisfazer as despesas. Felizmente tinha feito alguma economia e pude suportar com sobriedade espartana as últimas semanas e guardar um pouco de dinheiro para depois.

Quando saí da maternidade com minha filha, aluguei um misero quarto mobiliado em Tacubaya. Era um cômodo muito barato e eu não comia mais que uma vez por dia. Mas, mesmo assim, economizando desesperadamente, tudo se acabou, antes que minha filha, a quem batizara com o nome de Georgina, completasse dois meses.

Tive que recorrer ao crédito no modesto armazém, onde sempre comprei a dinheiro. No princípio achei que não seria difícil encontrar trabalho que me proporcionasse manter minha filha ao meu lado. Porém, eu ainda estava muito fraca, sem forças para lutar.

A dona do armazém me olhou desconfiada quando lhe pedi que me vendesse alguma coisa a crédito, para comer.

— E quando pensa em pagar-me? Não conheço o seu espólio...

Olhava com menosprezo minhas mãos descarnadas.

— Está internado em um hospital. Quando sair, tudo será normalizado. Prometo pagar-lhe dentro de uma semana. Terá dinheiro, até lá.

MINHA JANGADA DE BAMBU

Um romance de amor, de renúncia, de paixão através da história divertida de uma criança.

Folclore do nordeste, com o carnaval e o seu entrudo dos começos do século, as pastoris, as "sentinelas" aos mortos.



O DUÉLO ENTRE UM MAÇON E O CLERO LOCAL, A PLUTOCRACIA DOS PODEROSOS, AS INGENUIDADES DOS HUMILDES.

MINHA JANGADA DE BAMBU DE RENATO DE ALENCAR

É UM LIVRO QUE DEVE SER LIDO POR TODOS

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO RIO E DOS ESTADOS

PREÇO: CR.\$ 25,00

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A'

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 • LAPA • RIO DE JANEIRO



O TAMANHO DO SEU BUSTO

é 2 ou 3 vezes a medida do seu pescoço?

Verifique as proporções do seu busto: tome a medida do seu pescoço, multiplique-a por 2,72 e obterá o tamanho padrão do seu busto, para a perfeita harmonia de toda a sua figura. Para os seios pequenos ou flácidos, HORMO-VIVOS n.º 1; para os seios excessivamente desenvolvidos, HORMO-VIVOS n.º 2. Inofensivo à saúde e de absoluta confiança, HORMO-VIVOS é encontrado nas boas farmácias e perfumarias. Para maiores detalhes, mande seu nome e endereço para a Caixa Postal, 3871 Rio de Janeiro, ou então remeta, para o mesmo endereço, o cupon abaixo, devidamente preenchido.

Nome BUSTO PERFEITO COM

Rua Hormo Vivos

Cidade Estado



COMO APRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing, Samba, Tango, Rumba e Fox, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando a senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, professor do Clube Militar da Força Pública de S. Paulo

Preço Cr\$ 41,00

A venda nas livrarias e casas de músicas do Rio e S. Paulo Pedidos pelo Reembolso Postal com o autor CAIXA POSTAL 649 — S. PAULO

Um Belo Presente

O Album de "A CENA"

Um rico brinde de A CENA MUDA aos seus leitores; um presente especial para as férias do meio do ano com 100 páginas.

Retratos dos grandes artistas da tela, do rádio, do teatro, da música em páginas inteiras, muitas delas coloridas, com biografias no verso.

A história do cinema em diversos países do mundo.

Mande desde já reservar o seu exemplar.

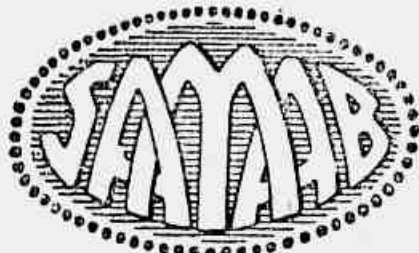
O maravilhoso album será vendido em todos os postos de venda de revistas do Brasil ao preço de Cr\$ 20,00. Estará à venda em todo o Brasil no fim deste mês.

Pedidos pelo reembolso postal ou mediante vale do Correio à

Cia. Editora Americana

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio

Papel para jornais e revistas em bobinas e fardos — Importação direta — Fornecimento de "stock"



FORNECEDORA

DESTA REVISTA

PROTEÇÃO MAIS SEGURA

PARA A SUA MERCADORIA

É uma das razões que recomendam as caixas de papelão ondulado

"CAMPINAS"

Consultem a

S. A. MERCANTIL ANGLO-BRASILEIRA

RUA DA CANDELÁRIA, 9 — 6º ANDAR — SALA 604

Agentes no Distrito Federal, circunvizinhanças, Juiz de Fora e Estados do Litoral exceto São Paulo

Fabricantes: RIBEIRO, GERIN & CIA. LTDA. — Fábrica de Papéis e Papelão "Campinas" — CAMPINAS

Tinja seu CABELO com

ORF-LÉNE Líquido

É um produto do AMÉRICO

CASAMENTOS — CERTIDÕES — CARTEIRAS, ETC.

Carteira de identidade, certidões de nascimento, folha corrida, petições militares, bons antecedentes, legislação e permanência de estrangeiros no País, registro de diplomas, registro de marcas e patentes, análises bromatológicas, naturalizações, títulos declaratórios, inventários, passaportes, procurações, organização e regularização de firmas comerciais, escritas avulsas e atrasadas. Prefeitura, Recebedoria, ligação de luz, gás, telefone, etc. — Procurar J. SIQUEIRA, à Avenida Marechal Floriano, 13-1º andar (antiga rua Larga) — Telefone: 23-3840 — Atende chamados diariamente

Com visível má vontade, a vendedora me deu o crédito necessário. Tinha eu então chegado ao limite de minha resistência. Não via diante de mim, mais que um caminho.

No dia seguinte vesti minha pequenina Georgina com o seu único vestidinho. Parecia uma rechonchuda bonequinha de terracota, com a tez morena de sua mãe e uns olhos grandes de infinita candura.

Uma nova secretária me recebeu naquele escritório que me era tão familiar. Seu ar puro e grave fez-me recordar de mim mesma, um ano antes. Esperei meia hora, até que a porta se abriu e apareceu Humberto Vinhel.

— Oh! Que surpresa! E como ficou mais ingra, senhorita Bruno!

Imediatamente olhou para Georgina em meus braços. A pequenita parece que ercebeu, e abriu os seus olhos claros, a sorrir inocentemente. Não podia negar o egrêdo de sua origem, proclamado eloquentemente pela cor, seus cabelos, os raios vivos de Jorge, estampados em seu rosto.

— Preciso de quinhentos pesos.

— Oh! Sim!

— É um empréstimo. Estou certa de que o senhor não me negará. É coisa pouca.

— Chantagem! — disse ele em voz baixa, fazendo um gesto de ódio.

Era uma calúnia dele; mas podia eu fingir que dizia a verdade e obter o dinheiro de que tanto precisava enquanto encontrava trabalho. Houve uma pausa. Voltou-se para a secretária e lhe ordenou:

— Faça-me um cheque.

— Quero dinheiro em moeda — disse eu secamente.

Nesse instante se abriu a porta e Jorge entrou.

Fitamo-nos em silêncio; depois se aproximou lentamente. Seus olhos iluminados pela compreensão se fixaram por momentos em os meus. Depois se voltou para seu mano e perguntou:

— De que se trata?

— A senhorita Bruno que está experimentando uma chantagem.

— É verdade, Leonor?

— Sim, é verdade — respondi eu com a cabeça erguida.

Jorge suspirou e eu olhei seu irmão que sorria com ares de desprezo. Vi Jorge, que um dia me amara, e me pareceu que a terra se abria sob meus pés e para mim se abriam abismos de dor como jamais imaginara.

— Manda que saia tua secretária — disse Jorge com voz imperiosa.

A jovem ergueu-se e saiu silenciosamente.

— É minha esta criatura, Leonor?

— É uma menina... É nossa, Jorge.

— Por que te foste sem avisar-me?

Eu não podia falar. Olhei com rancor a Humberto. Jorge não deixou de notar

— Compreendo, Leonor. E agora o erro já não tem remédio. Ignorava isto.

Esperite dia e noite, semanas e meses sem ter notícias tuas. Julguei que estivesses arrependida, que tivesses ódio a mim... E agora...

Humberto, com as mãos nos bolsos sorria desdenhosamente. Georgina ameaçou chorar, com um ligeiro gemido. Jorge prosseguiu:

— Nada mais podemos fazer, Leonor. Pensei que não mais te veria! Ontem, à tarde, casei-me no civil com uma antiga amiga. Sábado próximo será a cerimônia religiosa.

Ouvindo isto, nada mais desejava do que fugir para bem longe, onde pudesse chorar até esgotar-se em prantos toda a minha infinita amargura. Que esperanças me restariam agora?

Dois anos se passaram. Para evitar maledicências e tentações, mudei-me para outra cidade. Jorge me garante uma pensão generosa para o sustento de minha filha. Só, em minha solidão, trabalhando longos dias e amargas noites, compadece-me por uns e condenada por outros, penso em minha mãe.

Tu, mãe, que não me vês, que também amaste um dia; perdôa a esta filha o ódio insensato que lhe brotou no coração ainda inexperiente, e que foi preciso deixar arrastar-se pelo oceano da adversidade e de um amor funesto, desolada, abandonada e cheia de tristezas para compreender tua debilidade e o teu pecado... Perdôa-me, pois eu também fui crucificada na mesma cruz em que tu morreste.

TENHA O MAIS FELIZ ANIVERSÁRIO, GANHANDO... WALT DISNEY



Filmes em "Tecnicolor Infantil": Pato Donald, Branca de Neve e os Sete Anões, Pinocchio, Camondongo Mickey, Dumbo, etc., a Cr\$ 6,00 (seis cruzeiros) por rôlo, especialmente criados para serem projetados no SENSACIONAL CINE MOVICOR ELÉTRICO, que com 3 filmes em cores custam apenas COMPLETO Cr\$ 280,00

Completo com 10

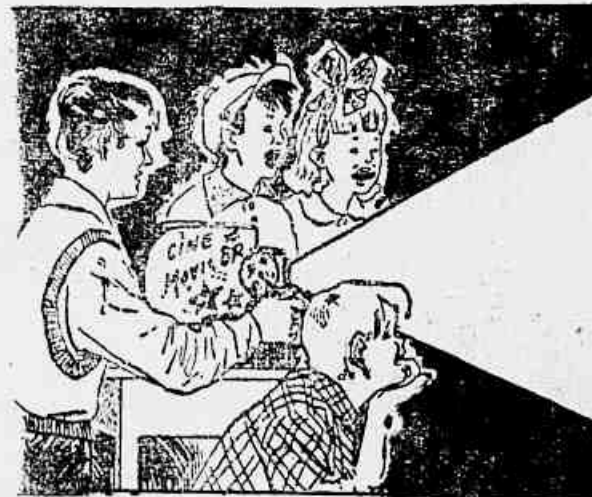
filmes diferentes:

Cr\$ 325,00

Completo com 40

filmes diferentes:

Cr\$ 500,00



Funciona com qualquer lâmpada e corrente, projeta até 2x2 metros, em paredes claras ou telas. Os filmes são sem perigo e absolutamente ININFAMAVEIS. Seu manejo é tão fácil que um menino de 4 anos pode movimentá-lo sozinho

Preencha o cupão abaixo e terá o prazer de receber urgentemente o seu Cine Movicor

Sr. Diretor de "Cine Movicor" — Rua do Carmo, 6 — S. 906 — Rio de Janeiro — Remeta Cine Movicor Modelo A.

Nome

Enderço

Cidade Estado

Importante: Recebendo a mais, grãtis, o filme "Pancho e a mula manca", uma oferta da REVISTA DA SEMANA.

REMETEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL SEM OUTRAS DESPESAS



CASPA!
CABELOS
BRANCOS!

use
LOÇÃO XAMBU

CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS
VOLTAM A SUA COR NATURAL.
ELIMINA A CASPA - ÊXITO GARANTIDO.

LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas n° 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

JOANA D'ARC

(Continuação da pág. 87)

Em Rheims, no dia seguinte, Charles, vestido com os trajes que poria na cerimônia da coroação, estava fazendo um ensaio do ritual, com o Arcebispo de Rheims, quando Tremouille surgiu.

— Oh, sois vós, então, que sereis coroado! — exclamou Tremouille, fingindo-se assombrado. Pelas ruas, parece que é a coroação da Donzela! Ele estava tratando de ferir a validade, bem conhecida, de Charles. Se a guerra continuar, ela é que reinará na França! E' uma rapariga ambiciosa e sem escrúpulos. Já tem mais força do que vós, eu e Burgandy juntos! Temo por vós.

Você teme por você próprio, retorquiu-lhe o príncipe. E por boas razões.

— Está bem, então — disse Tremouille, como se o caso não o interessasse. Direi ao mensageiro de Burgandy que regresse. E, olhando de lado o Delfim: Burgandy pede uma trégua.

— Uma trégua? — redarguiu o Príncipe, avidamente. Quanto quererá ele pagar?

Charles, com corações de ouro se Vossa Alteza...

...a contemporizar. Não de nenhuma res-
posta. E depois de um momento: Não
me pressa.

A decisão de Charles tivesse sido dife-
rente, as populares leitas a Joana D'Arc
nos bastos, as estranhas. Gritavam, em toda a parte:
Joana! Joana! Joana! São Denis! Joana! O Delfim
chamou Tremouille de parte, e disse-lhe, baixinho: Diga
ao mensageiro que o recebo.

— Não há ninguém mais feliz do que eu, disse Joana,
ajoelhando-se diante do novo Rei Carlos. Porque vivi
para assistir à coroação do meu Rei!

E feliz ela se achava, naquela noite, quando foi ver
seu pai, o qual tinha vindo a Rheims, e sentia por ela
um orgulho mais do que justificado, agora. Contente,
Joana disse-lhe: Mas ainda temos que expulsar o in-
imigo de Paris. Marcharemos amanhã para Paris. O
Rei prometeu-nos um exército!

VII

Foi uma promessa que o novo Rei não cumpriu. Di-
vertia-se na sua corte, enquanto Joana e os capitães
d'armas esperavam, ansiosos. Finalmente a Donzela foi
procurá-lo, em companhia de Alencon, e pediu-lhe uma
audiência. Magestade, há semanas que esperamos por
vossas ordens, perto de Paris. Devíamos ter atacado,
quando estávamos no ardor da vitória. Mas não é tar-
de. Vinde conosco, e conquistaremos Paris!

Então somente foi que o Rei confessou a verdade.
Não pense em tal, porque negociamos uma trégua com
Burgandy. Ao dizer tal, Charles evitou os olhos límpidos
da Donzela.

A voz de Alencon soou forte, cheia de amargura. Ele
nos vendeu, Joana! Traiu-nos!

— Por dinheiro? Joana não cria seus próprios ouvidos.
Não é possível! Mas, vendo a expressão dos olhos do Rei,
Joana acrescentou: "Então é verdade! Eu também te-
nho horror à guerra, mas não teremos paz, enquanto
nossa terra não for livre!

Alencon deu um passo à frente, decidido. Sabeis que
tremos a Paris, com ou sem ordens!

Charles respondeu-lhe de maneira que não deixava
mais dúvidas sobre a sua traição: Não, meu caro Primo,
absolutamente! Darei ordens imediatas para a dissolu-
ção das tropas! E todas as ordens de comando serão
expedidas por mim, diretamente! Dirigindo-se a Joana:
Você também fará como ordeno. Ficará na corte, até
que tenha permissão para sair!

Completamente acobardada pelo golpe, Joana incli-
nou a cabeça e, com Alencon, saiu da sala.

VIII

Naquela noite, Joana se despediu dos Capitães de
guerra que tão fielmente haviam servido à sua causa.
A pobre Donzela tinha a morte no coração. Porque era,
praticamente, prisioneira de Charles. Que faria ela?
Ir agora contra seu Rei? O Capitão La Hire chamou
Charles de "Rei desprezível", acrescentando: — A gente
às vezes pensa que Deus podia estar enganado!

— Não, Deus não se engana — replicou Joana. — E'
esse o Rei que Deus escolheu. Ficarei com ele, até que
termine a trégua.

— A trégua talvez nunca mais termine — observou
Alencon.

Então replicou Joana — tirarei minha couraça
branca, e nunca mais irei à frente dos Seus exércitos!

Entretanto, Joana ainda o fez, uma vez mais, vestida
com o uniforme de um simples soldado. Cheia de an-
gústia, ela havia pedido inspiração aos Santos, mas estes
permaneceram mudos, desta vez. Não queria perma-
necer na corte corrupta de Charles, enquanto a cidade
de Compeigne estava cercada pelo inimigo.

— Temos que salvar Compeigne, como salvamos Or-
leans — murmurou Joana — e que os Santos me digam
se estamos errados...

Joana não ouviu as vozes e decidiu marchar para

Compeigne, com um bando de fiéis seguidores. Mas,
cercada pela cavalaria de Burgandy, foi feita prisio-
neira e levada para o castelo de João de Luxemburgo.

Pouco depois, acompanhado por uma escolta de sol-
dados ingleses, apareceu no castelo o Bispo de Beau-
vais, o qual comprou a prisioneira, de Luxemburgo,
por dez mil libras, para que os ingleses ficassem com
a cativa, ao mesmo tempo reservando-se o direito de
julgá-la como hereje e feiticeira.

— E' claro — motejou o terrível João de Luxemburgo
— que derrotar os ingleses foi uma imperdoável he-
resia! Para não dizer nada do fato de ter a campônia
tirado do meu bom Bispo o seu bispado, eh?

Quando Joana entrou na sala e viu o monte de ouro,
exultou, dizendo: — O meu Rei mandou o meu res-
gate! — Mas reconheceu com horror o seu engano, vendo
os soldados ingleses e o bispo de Beauvais. — Os in-
gleses! Não o meu Rei!

Luxemburgo fez um gesto, para os soldados. — Le-
vai-a! E' vossa!

IX

O julgamento de Joana foi um odioso simulacro de
justiça. Apesar das suas súplicas, para ser julgada pela
Igreja em Roma, ser posta numa prisão eclesiástica, onde
seria guardada por mulheres, ela foi lançada numa
prisão de criminosas comuns, onde era guardada por
homens brutos e onde o alimento era intragável.

Dias após, Joana foi interrogada impiedosamente, até
que finalmente as perguntas infundáveis se tornaram
palavras sem sentido que se chocavam contra o seu cé-
rebro meio paralizado. Todavia, ela respondia, respon-
dia... Mas a verdade das suas respostas e a profundidade
da sua fé eram motivos de condenação e de zombarias.

Joana falou aos seus inquisidores sobre as Vozes que
ouvira. E isso foi o bastante para que a declarassem
hereje. Cauchon exclamou: — Ela já admitiu o su-
ficiente para se condenar! O que ela disse dava para
levar à fogueira todas as mulheres da Europa!

Joana encarou seu algoz, com uma face lívida, má-
cara viva de torturas e sofrimentos, tonta de sono e
débil pela fome. — Eu venho à vossa presença meio
enlouquecida com os máus tratos que sofro em minha
cela, sem descanso, dia e noite...

Seu tormento era tão horrível que o próprio inqui-
sitor pediu que ela admitisse sua heresia, que confes-
sasse serem diabólicas as Vozes que tinha ouvido. Só
assim ela poderia ser perdoada pela Igreja, poupada
à fogueira.

Mas a Donzela não admitiu tal, até o dia em que foi,
afinal, acusada publicamente — por heresia e feitiçaria.
As Vozes eram divinas, insistia ela. Após a leitura da
acusação, o clérigo falou: — Mais uma vez, pedimos
que negue a sua influência demoníaca e que se sub-
meta à Igreja. E' a sua última oportunidade. Se se
recusar, será queimada viva. — E acrescentou:
— Abjure!

Alquebrantada, Joana murmurou: — Quer quer dizer
"abjure"?

— Terá que assinar este documento, declarando que
renuncia à influência das Vozes; que voltará a vestir
roupas de mulher; que se submete à Igreja. Então,
a Igreja a perdoará.

Debilidada pelas doenças e pelo sofrimento, semi-
paralisada pelas torturas morais e físicas, Joana tomou
o documento. Suas palavras mal se ouviam. — Já não
sei mais o que é a verdade. Dai-me as roupas que devo
vestir. Deixai-me só. Não creio mais nas minhas
Vozes...

— Agora, já está assinado — declarou o clérigo, to-
mando o documento. — Cuidado, não mude de opinião,
porque a penalidade é severa.

Padre Messieu, que sempre estivera ao lado de Joana,
bondosamente a consolou. — Está salva, Joana. A
Igreja a aceita como penitente.

A Donzela simplesmente respondeu, indiferente: —
Que me deixem descansar, agora.

(Continua na pág. 88)

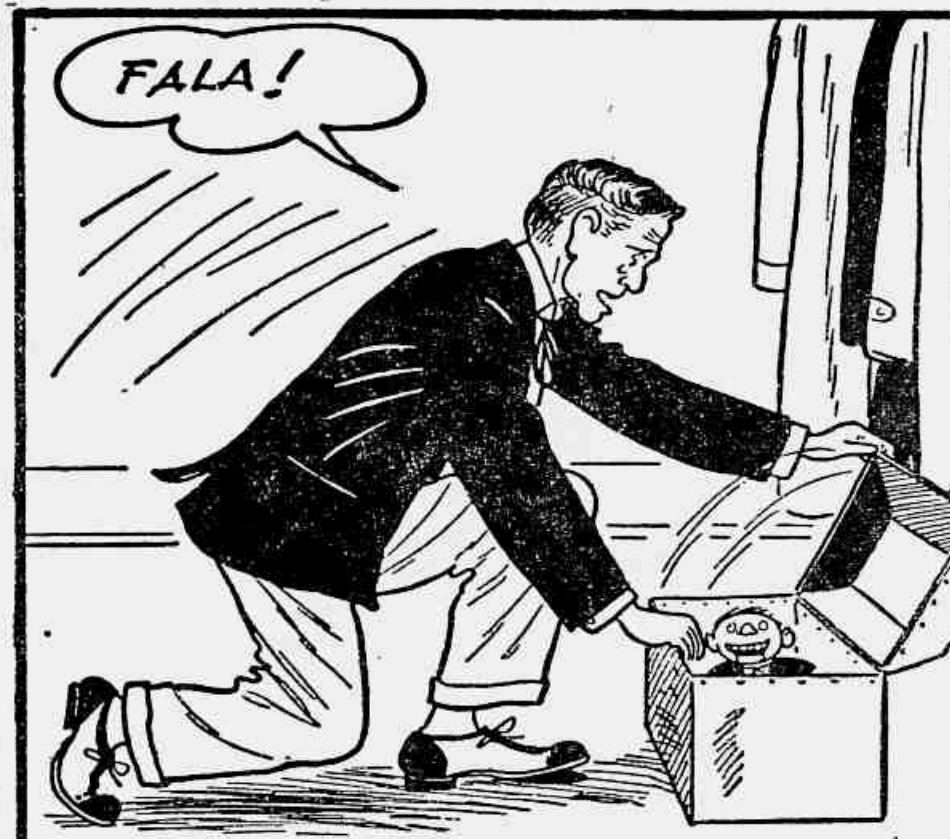


ACIDO URICO
REUMATISMO
ARTRITISMO
GOTA

LYTOPHAN

Nº 10 A MULHER SCARLET INVISIVEL

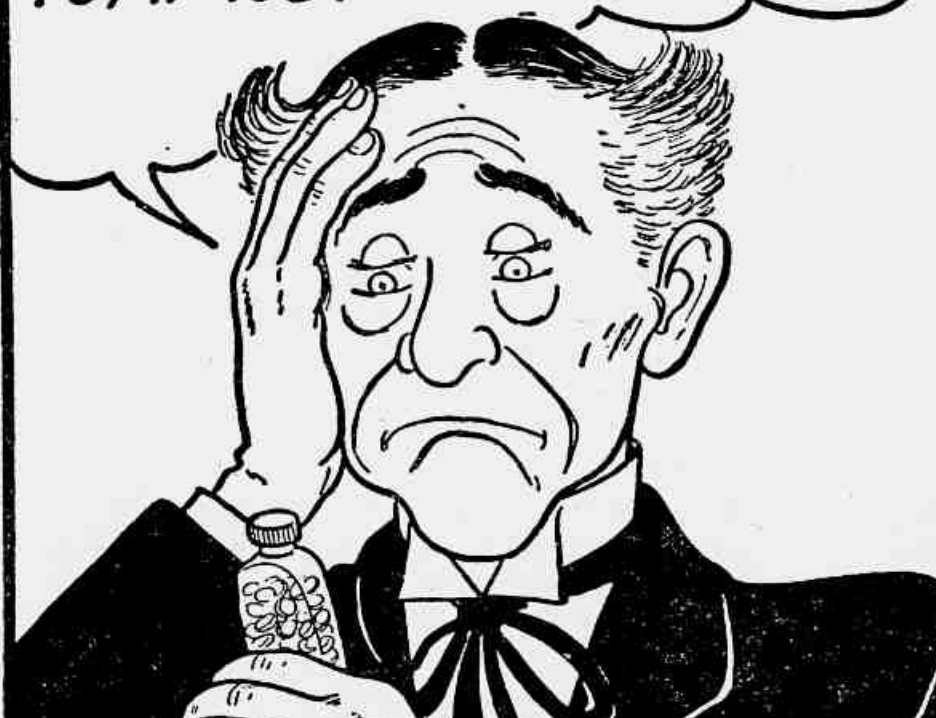
POR RUSSELL STAMM



A REACÇÃO DE MR. EQUIVICO
CONVENCE SCARLET QUE HA'
ALGO ERRADO.



PRECISO ACALMAR-ME.
TOMAREI UM SEDATIVO.



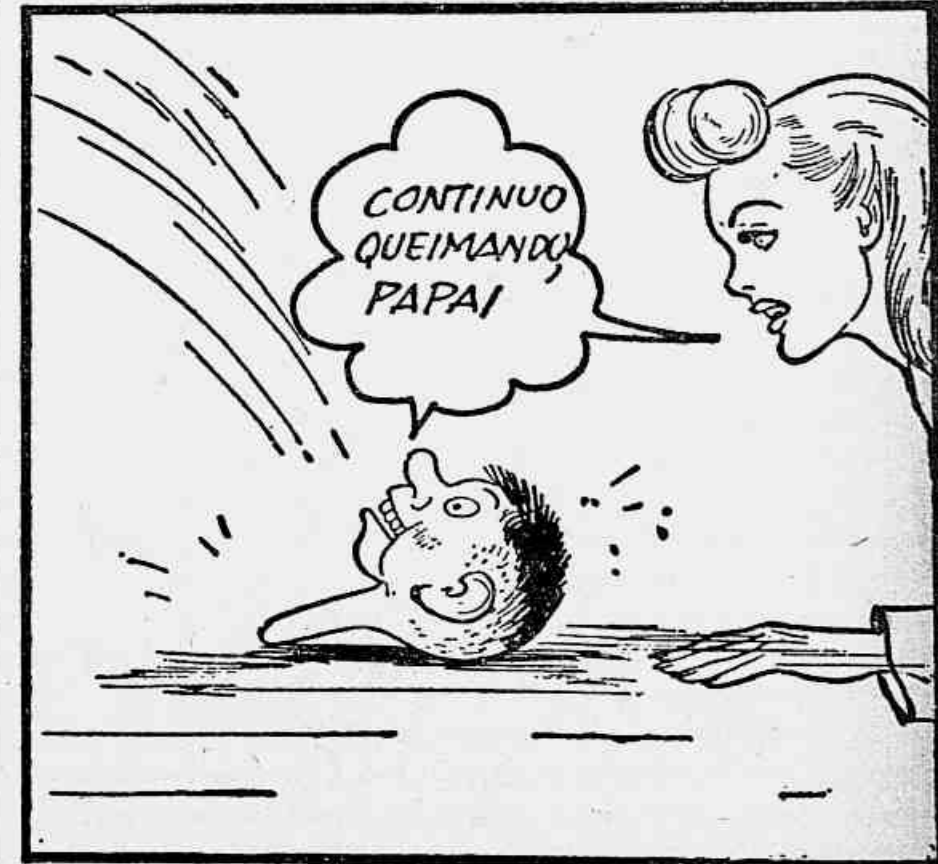
TOMEI DEMAIS...
MAS DOMINEI
MEUS NERVOS...



SCARLET ESPERA O EFEITO DO SEDATIVO...



SINTO-ME TODO
QUEBRADO COMO
SE TIVESSE SIDO
ATROPELADO!



o MUNDO manca e a MULA Murcha

DIREÇÃO DO CONDE DE SALAMALEQUES • PAGINA DE AGITAÇÃO ATONITAS • BONECOS DE RAFAEL
ARTE • MANHA DIVERSOS



REPBARTDEITUU

Eu, abaixo assinado, o Barão do Buteco, descendente em linhas graciosamente curvas do Barão de Agharracofres, em meu nome e no do meu amigo e parente Sr. Conde de Salamaleques, que Deus guarde, venho declarar que o Bolo de aniversário que oferecemos neste momento solene a nossa querida REVISTA DA SEMANA pela passagem do seu feliz repbartdeituiu, está pago, com raras exceções dos ovos que muito trabalho nos deram para conseguí-los e só o fizemos porque ainda temos energia para suportar sustos e dar umas carreiras.

O Sr. Conde de Salamaleques, que não pôde vir assinar estas saudações cordiais, porque há duas semanas está impossibilitado de sair de casa, pela roupa de a tinburaria ainda não ter mandado o fato, ou vice-versa. Mas temos fé em Deus que na hora de devorar o bolo ele virá nem que seja embolado numa barrica.

Barão do Buteco

ÚLTIMA HORA! — O "pinima", não tendo podido comprar 49 velas, colocou uma bomba no bolo, como uma homenagem às festas de S. João. Arredem que o estouro é feio!



Lindas jovens da sociedade bahiana encarnam as avozinhas elegantes. Talvez superando-as...

QUATRO SÉCULOS NUMA TARDE

POR PEDRO CALMON
(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

Especial para a REVISTA DA SEMANA

O "Cortêjo histórico", em que culminaram as festas comemorativas do 4.º centenário da Bahia, teve o retumbante êxito, que todos sabemos, por vários motivos evidentes. O sentimento cívico do povo, que nele se reviu, a vibração intelectual que lhe comunicou um governo zeloso das tradições pátrias, o ambiente emocional de uma cidade que se convence de sua gloriosa antiguidade, a perícia de um artista, Chianca de Garcia, o entusiasmo de um prefeito, Wanderley Pinho, o quadro urbano — ajustada moldura para esse espetáculo retrospectivo — em cujas linhas antigas palpitam as grandes lembranças da nacionalidade.

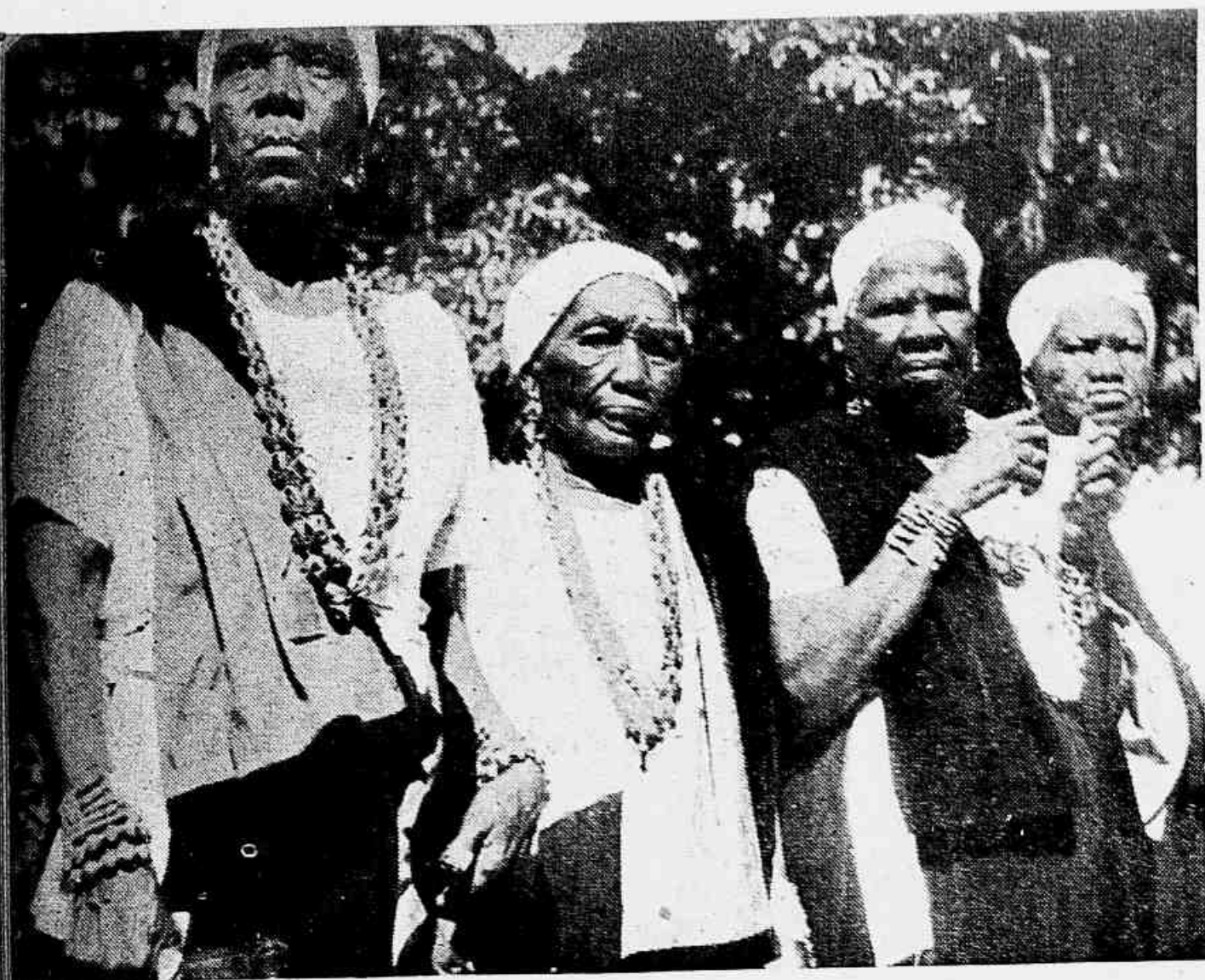
O essencial, não era representar uma pantomima, po-

rém reviver a evolução das épocas na sua verdade pitoresca, ou seja, vestindo-as, ou as revestindo, com o traje próprio, a curiosidade humana do herói típico, o elegante traço da moda, que a caracterizou, ou a sua forte fisionomia simbólica. Este foi o desfile: quatro séculos

em marcha. Vivos, reais, solenes. Quatro séculos postos na rua em passo de parada, para um lento passeio de figuras evocativas em que a história do país caminhava como uma procissão, por seu pé, feita milagrosamente sorriso, graça, ênfase, beleza e harmonia. Desde o princípio, isto é, desde o casal lendário de que descende a sociedade bahiana, um Caramuru romântico e uma gentil Paraguassu, e capitães, e marinheiros das naus portuguesas com as roupas multicolores da corte de D. João III. Rapazes e senhorinhas tomaram a si essa interpretação. Deram-lhe o prestígio da sinceridade, a importância de sua alegria jovial e simples, ufanos de personificarem os antepassados, cujo romance enche de



A esquerda: Na sua cadeira de arruar, autêntica e solene, a dama setecentista tinha uma dignidade diferente: parecia um ídolo. A direita: O automóvel de 1900, a maravilhosa máquina da família Lanat, a relíquia que rodou, com um garbo arquejante de carros... prehistórico, e todavia ainda novo!



As baianas de verdade, com os colares e os braceletes de velho ouro, eram como as aias do passado, levando à pia do batismo a sinhá-pequenina... Neste caso, a sinhá-pequenina era a Bahia! Os heróis da guerra holandesa têm o garbo dos mosqueteiros do rei. Ao centro: Os generais da Independência apresentam-se com a severidade



própria dos chefes militares e o brilho do século romântico. A "vitória" leva triunfalmente a sociedade galante de 1870. Em baixo: Dir-se-ia que estamos em Versalhes e é Luiz XV quem comanda a festa! Desfilam os primeiros casais da terra



alegorias amáveis a sua imaginação: as damas "a Pompadour", os cavaleiros de espada à cinta, os avós da gente e da terra. Primeiro, a rudeza das origens bárbaras; em seguida, soldados e estandartes; depois, a galanteria roçagante e rica dos costumes finos; e a sucessão dos vultos clássicos entre fulgurações d'armas, fanfarras triunfais e velhas viaturas...

Pela vestimenta se conhece o gradual enriquecimento da cidade, que começou de arco e flexa, com os índices arrebanhados pela palavra mansa do missionário, e logo resplandecia em luxuosos aparatos. Num carro manue- lino Tomé de Sousa e mestre Luís Dias, o arquiteto, estudavam sobre uma planta a construção da Bahia. Igrejas brancas e guaritas de fortaleza ocupavam uma colina verde: a apoteose da metrópole católica, com os seus florões barrocos coroando o presépio arcáico. A revoada das bandeiras lusas se seguiam as cenas da guerra holandesa. Mulheres de negro, em grupos rít- mico, significavam o luto da queda e da ocupação da cidade pelo invasor: tinham o ar dramático da derrota. Vinham atrás delas os loiros guerreiros desse período tenebroso e, em cerrado pelotão de cores flamejantes, outro grupo, em contraste com aquele, de mulheres tra- jadas de encarnado, bracejando o contentamento da vitória. Exprimiam estas os júbilos da restauração: quando foi retomada ao estrangeiro a cidade-mártir. O século XVII passa com a inteligência, a majestade, o vigor de seus retratos inconfundíveis. Vê-se a mitra do bispo D. Marcos Teixeira-se entre os alabardeiros que vão à batalha; num púlpito áureo o padre Antônio Vieira profere o sermão estentóricio de defesa do Brasil; avançam com as suas largas saias de brocado d'ouro, tal como as pintou Velasquez, as damas do tempo de Luís XIV; e a ombros de escravos as "serpentinhas" lem- bram a saída da missa, nos dias suntuosos em que havia Te Deum na Sé e D. Francisca de Sande, com as fidalgas suas vizinhas, iam ali ouvir o discurso sutil do pré- gador. O século XVIII apresenta-se com as suas cla- ras ou róseas diferenças: dançarinos, aveludado, mu- sical. Inaugura-o um esplêndido arauto de cabeleira e casaca de seda, em cuja pégada anda de espadim, tri- corno e luneta, refulgente de luxo e pompa, como um príncipe de painel de azulejo, que acabasse de saltar duma parede de sacristia para esse cortêjo ao sol tropical — o senhor marquês de Angeja, vice-rei do Brasil. Chegam as senhocras do seu florido tempo com a indumentária transbordante que se usava em Lisboa de D. João V: vestidos formidáveis com cintilações de pedraria; os altos penteados; o apertado corpete, rea- çando o talhe esguio; e deliciosamente leves como as duquesinhas de Watteau. Um par de namorados — que podia ter ensaiado o seu namôro teatral num recanto de Versalhes, sob o benevolente olhar de Luís XV — deslumbra a multidão com a sua mímica feliz. O que o século XVIII tem de facieiro, fútil e brilhante, mos- tra-se nesse par amoroso em que ele é todo enlêvo, e ela, fingindo indiferença, tóda dignidade e frieza. Jura- ríamos ser uma história eterna de galanteio e gentileza, surpreendida ali pela emoção do artista; ou uma aula pública de boas maneiras... Como era diferente então a cortesia! Logo, porém, a severidade da religião nos traz a beata soror Vitória da Encarnação, áspera freira do convento do Destêrro, cuja santidade correu mundo. E gravemente vêm os quatro condenados da Inconfi- dência bahiana, de mãos atadas e túnica patibular. Exi- bem o sacrifício dos precursores. São os obscuros Tira- dentes sem epopéia e sem monumento, os esquecidos filhos do povo que morreram pela liberdade. O século desta — o auri-verde século XIX — irrompe com os uniformes azuis dos generais. Os guerreiros da Inde- pendência, os caudilhos de 1822, os voluntários de 2 de Julho. A pé, com a sua farda original, graciosa, bela e altiva, passa sob aplausos a mulher-soldado: Maria Quitéria. Outra freira desperta o entusiasmo da multi- dão: é a sublime soror Joana Angélica. A cavalgata dos "encourados do Pedrão" — vaqueiros vestidos dos pés à cabeça de couro cru, montando galhardamente os seus nervosos cavalos da "caatinga" — espalha o eco das cargas históricas. Esvoaçam estandartes. São as cores florais da Pátria-menina: as visagens poéticas da Eman- cipação nacional. Rufam tambôres. Aproximam-se ou- tros soldados. Têm os reluzentes uniformes do Impé- rio. O pelotão dos zuavos bahianos é admirável de garbo e esplendor. Os pretos vigorosos, metidos nas bomba- chas vermelhas, de gôrra argelina e jalecos bordados, lembravam os recrutas da guerra do Paraguai, românti- camente fardados, como irmãos d'armas de Garibaldi. Há um instante em que o comovido silêncio é mais elo- quente do que as palmas calorosas: quando desfilam, carregadas pelos "voluntários da pátria", esfarrapadas bandeiras da Campanha, relíquias chamuscadas e des- fiadas de tantos combates, que as tropas de Argôlo e Sergi depositaram outrora nas sacristias das Igrejas. Sente-se que é a glória que passava com a sua escolta de rutilantes baionetas. A glória presente, ressuscitada.



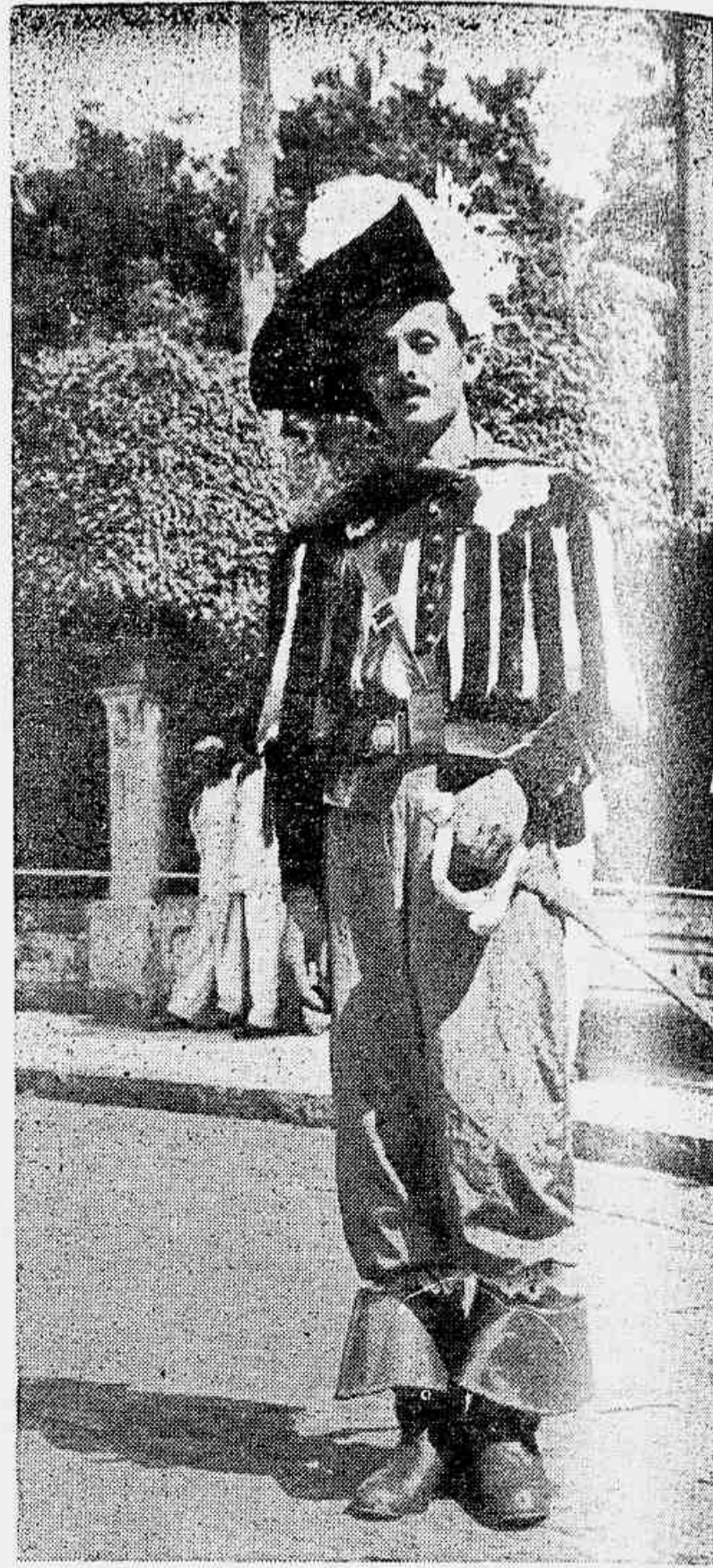
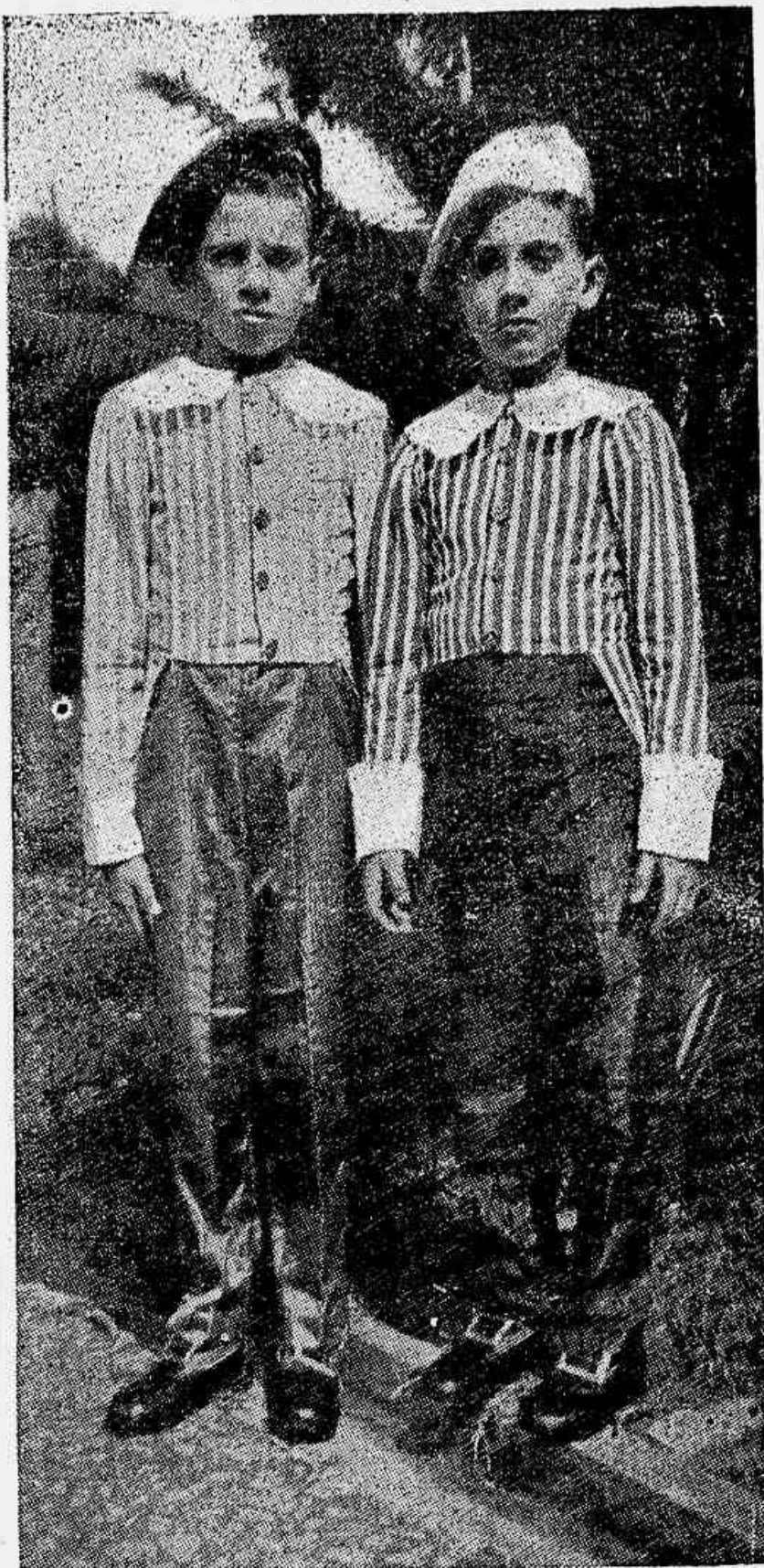
A esquerda: Como nos salões do "old South", na Quinta da Boa Vista ou nas Tulherias, o século XIX era solene e gracioso. A direita: O Sr. Marquês vice-rei precisava da sombra elegante do guarda-sol: era um potentado oriental



A esquerda: As marquesinhas do século XVII lembram quadros de Velasquez. A direita: O século XVIII vinha com um passo lento, de minueto



A esquerda: A graça austera da crinoline... É o século XIX. A direita: Com a majestade de uma época de esplendor e luxo, desfila a dama do século XVIII



Da esquerda para a direita: Eram assim os estadistas do Império. Os pagens de gorra e gibão bicolor anunciam o século XVII. Os homens que derrotaram Nassau tinham a altivez de guerreiros clássicos: era em 1638...



Os pretos carregadores que levavam aos ombros as cadeirinhas douradas, são os descendentes de uma vigorosa raça: a raça de Henrique Dias

provocante, a que serviam de préstito, para o confronto amável, damas dos dois Reinados, carruagens do seu tempo, uma deliciosa amostra do que era a sociedade de nossos avós. Rodam as traquitanas. Um automóvel de 1900 resfolega e avança com assombro geral, parecendo ainda mais remoto do que as caleças e os coches. Essa máquina maravilhosa anuncia o fim de uma época, em que as crinolines, o lirismo, a pompa imperial tinham um delicado ar de baile. Nos seus carros de apoteose, Castro Alves, a poesia, e Rui Barbosa, a oratória, encarnam — primorosamente representados por seus "sósias" — esse período de poema, debate, ideal, sonho e equilíbrio. Dão ao cortejo um remate espiritual digno e alto. De fato fecham a parada dos quatro séculos as "bahianas" de chale a tiracolo, turbante, saia rodada, chinela sonora, braços cobertos de ouro, autênticas, desembaraçadas, alegres, bahianas de verdade, lá do recôncavo, dos solares, da baixa dos Sapateiros, do Bonfim, bahianas da tradição, da atualidade, de sempre, tão confiadas, no seu passo firme, tão modestas, na sua roupa de mucamas ricas, tão risonhas, na sua energia e na sua graça, que pareciam as áias do passado levando em procissão à pia do batismo a sinhá pequenina... A sinhá pequenina — era a quadri-secular Bahia de todos os Santos. E delas também!



Nesta fisionomia de pai João se reflete a vigorosa personalidade do homem negro. É o veterano dos carregadores



Grande sortimento de
TAPETES

franceses

inglês

tchecos

orientais

portuguêses e

nacionais

recebidos diretamente das fábricas



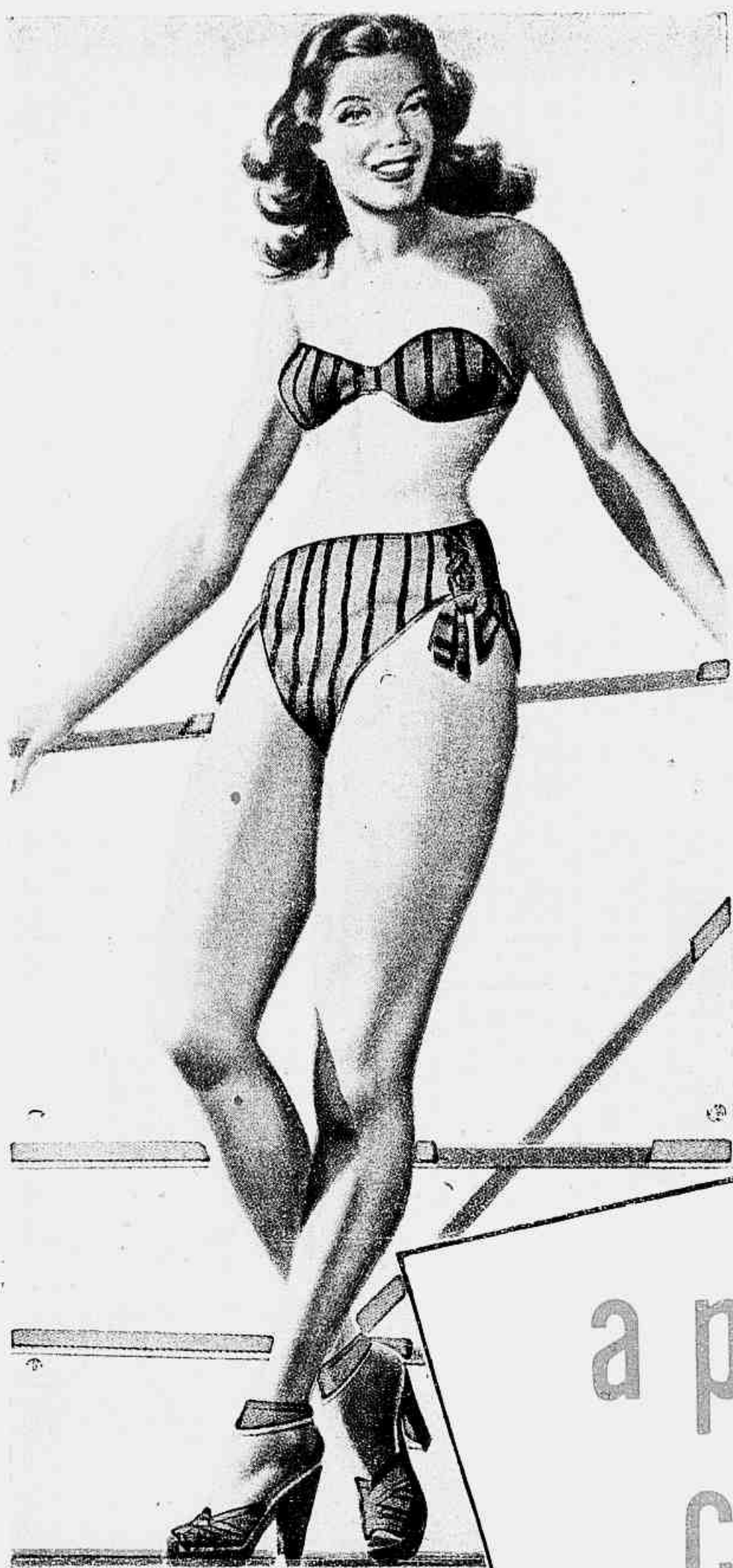
VENDA
ESPECIAL
DE

TAPETES

• PASSADEIRAS •



65 • CARIOCA • 67



o estilo dos maillots
modifica-se...



...mas
a preferência pelos
cigarros Continental
permanece

Há mais de 15 anos

Continental é o cigarro de qualidade mais
vendido em todo o Brasil



Lisos ou com ponteira

Sim — o tamanho dos maillots torna-se cada vez mais reduzido... porém a popularidade dos cigarros Continental permanece inalterada. Continental é o cigarro que soube manter **uniforme** a sua suprema

qualidade. Hoje, Continental é melhor do que nunca — e um público cada vez mais numeroso dá sua preferência a Continental — o cigarro de qualidade mais vendido no Brasil.

Cigarros

Continental

— uma preferência nacional

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**